



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS – ESTUDOS LITERÁRIOS**

ALEX SANTANA COSTA

**A TRAJETÓRIA DE FRANZ KELLER-LEUZINGER E A CIRCULAÇÃO E
RECEPÇÃO DE *VOM AMAZONAS UND MADEIRA***

**BELÉM – PA
2025**

ALEX SANTANA COSTA

**A TRAJETÓRIA DE FRANZ KELLER-LEUZINGER E A CIRCULAÇÃO E
RECEPÇÃO DE *VOM AMAZONAS UND MADEIRA***

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Estudos Literários. Linha de pesquisa: Literatura: interpretação, circulação e recepção.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Augusti.

BELÉM – PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

C837t Costa, Alex Santana.
A Trajetória de Franz Keller-Leuzinger e a Circulação e
Recepção de Vom Amazonas und Madeira / Alex Santana
Costa. — 2025.
302 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Valéria Augusti
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Belém, 2025.

1. Franz Keller-Leuzinger. 2. Vom Amazonas und
Madeira. 3. Críticas Decolonial e Pós-colonial. 4.
História Cultural Francesa. 5. Circulação e Recepção. I.
Título.


CDD 809.9332

ALEX SANTANA COSTA


**A TRAJETÓRIA DE FRANZ KELLER-LEUZINGER E A CIRCULAÇÃO E
RECEPÇÃO DE *VOM AMAZONAS UND MADEIRA***

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Estudos Literários. Linha de pesquisa: Literatura: interpretação, circulação e recepção.


Aprovada em Belém, **25 de agosto de 2025**.

Documento assinado digitalmente
 **VALERIA AUGUSTI**
Data: 29/08/2025 17:40:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Valéria Augusti
Presidente da Banca (PPGL/UFPA)

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO PEREIRA SMITH JUNIOR**
Data: 01/09/2025 15:16:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Francisco Pereira Smith Júnior
Examinador Interno (PPGARTES/UFPA)

Documento assinado digitalmente
 **NELSON RODRIGUES SANJAD**
Data: 30/08/2025 12:56:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad
Examinador Interno (PPHIST/UFPA)

Documento assinado digitalmente
 **HELIO RODRIGUES DA ROCHA**
Data: 01/09/2025 19:58:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Hélio Rodrigues da Rocha
Examinador Externo (UNIR)

Documento assinado digitalmente
 **MIGUEL NENEVE**
Data: 01/09/2025 17:43:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Miguel Nenevé
Examinador Externo (PPGMEL/UNIR)

Por tudo que representam para mim e pelo forte laço que nos une e nos reúne em cada momento, **DEDICO** esta tese a vocês, **MINHA FAMÍLIA:**

Minha esposa Luciana da Sulidade; meus pais Doralice e Daniel; meus irmãos Durcival e Anderson; minhas irmãs Dulcicléia, Lidiane e Daniele; minhas sobrinhas Isabelle, Julia e Fernanda; meus sobrinhos Reginaldo Junior, Gustavo, Guilherme, Douglas e Arthur; minhas cunhadas Leonora e Taise; meus cunhados Reginaldo e Efraim e aos meus lindos bebês pets Roxette, Cyndi Lopes, MacGyver e Charlotte Brown.

AGRADECIMENTOS

Ao excelso Deus, que, na Sua onisciência, ouviu-me e me fez acreditar que – apesar das adversidades e indefinições causadas pelo período pandêmico da Covid-19 – aquele era o momento para enfim iniciar o doutorado. Na Sua onipresença, segurou minhas mãos, ergueu-me inúmeras vezes e me fortaleceu física e mentalmente para lidar com toda a sorte de obstáculos científicos, acadêmicos e outros tantos comuns na vida dos seres humanos reais que não negociam sua honestidade, dignidade e ideais. Com Ele e por Ele, entendo que a missão está cumprida, assim como o sonho se concretiza e de cabeça erguida saio mais convicto de que nunca fui só um discurso e muito mais forte do que quando entrei;

À minha amada esposa Luciana da Sulidade Lopes, por ser uma rocha firme, um oásis, uma sombra de castanheira, uma fiel amiga, uma psicóloga sem arrouço e por me assustar com cada sorriso e gargalhada nos meus momentos de concentração profunda, aproveitando o ensejo para me trazer algo para comer ou beber, com uma massagem rápida nos ombros, um beijo na bochecha direita e um “boa noite, baby, vai dar tudo certo”, antes de ir sozinha para cama. Ich liebe dich!

À minha mamãe Doralice e ao meu paizão Daniel sempre “oniscientes e onipresentes” e pelos momentos divertidos durante as visitas nas madrugadas, quando comíamos quitutes variados, caminhávamos pelas ruas do condomínio e ríamos até dos nossos próprios infortúnios;

Ao meu irmão Val, exemplo de luta e superação, pelo grande apoio em momentos extremamente importantes;

Às minhas irmãs Dulcicléia, Lidiane e Daniele pelo carinho, palavras de incentivo e assistência à minha esposa e bebês pets quando precisei morar em Belém para realizar os estágios de docência;

Ao meu irmão Anderson pelos embates políticos hilários no whatsapp;

Às minhas queridas cunhada Leonora e sobrinha Isabelle por torcer por mim e por celebrar comigo cada etapa vencida na trajetória do doutorado e também pelos presentes pontuais que me foram extremamente úteis;

À minha orientadora, Profa. Dra. Valéria Augusti, pela aprovação na entrevista do processo seletivo, pela paciência, incentivo, valiosas orientações presenciais e remotas, cuidado e hospitalidade quando da ocasião dos estágios presenciais de docência na UFPA, Campus de Belém;

Ao Prof. Dr. Miguel Nenevé, por minha inserção no universo da pesquisa científica por meio dos estudos pós-coloniais desde a iniciação científica e pelas preciosas orientações ao longo de décadas;

Ao Prof. Dr. Hélio Rocha pela partilha de conhecimento, relatos de viagem traduzidos e por ter me apresentado Franz Keller-Leuzinger e sua obra, que se tornaram objetos de pesquisa desta tese;

Aos membros da banca de qualificação: Dr. Hélio Rocha e Dr. Nelson Sanjad pelas significativas contribuições com a melhoria desta tese;

Aos membros da banca de defesa: Dr. Francisco Smith, Dr. Hélio Rocha, Dr. Miguel Nenevé e Dr. Nelson Sanjad pelo aceite em participar da banca e pelas contribuições relevantes à versão final do texto desta tese;

À Profa. Dra. Ana Porto por ter me aceitado no estágio de docência da sua disciplina Literatura Portuguesa Moderna e por todo o aprendizado proporcionado durante o estágio;

À Universidade Federal do Pará.

À coordenação, aos professores e técnicos do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPA);

Às agências de fomento de pesquisa, embora minha pesquisa não tenha contado com financiamento;

À professora doutora Germana Sales e aos professores doutores Carlos Henrique, Luis Heleno Montoril e Valdiney Valente pelo aprendizado proporcionado por meio de suas disciplinas;

Aos meus amigos e às minhas amigas da graduação em Letras Inglês: Gorette Soares, Marcilene Mclean, Tereza Cruz, Josy Monteiro 22K, Alan Polenis (o Mestre dos Magos), Marcelo Zaboetzki e Katiuscia (os observadores), com os quais me comunico e me divirto praticamente todos os dias no grupo de whatsapp “Fuleragi das Letras”. Vocês foram extremamente importantes durante todo o período do doutorado. Nossas constantes interações sobretudo antifascistas e antirracistas, rindo até dos infortúnios da vida e dos “desmotivacionais matinais”, tornaram tudo muito mais leve.

Ao meu amigo “imaginário” Gilnei Royer, que vez ou outra sai do zap e me faz visitas surpresas, trazendo saltenha, café e uma boa conversa sobre temas aleatórios;

Às minhas amigas Girlane Brito, Maênia Mendes, Angélica Barbosa e Paula Stolerman e ao amigo Antenor Alves por tornarem o ambiente de trabalho mais humano, descontraído e feliz;

À minha amiga Querla Mota pela partilha de conhecimento, parceria científica, incentivo e grande apoio desde a inscrição no processo seletivo do doutorado;

Ao meu primo Robson Farias pelo apoio tecnológico;

À Tassiane dos Santos pela hospitalidade em Belém e conversas sobre pesquisa, eventos científicos e Normas da ABNT;

À Dona Iara Morsch pela torcida e empréstimo dos dicionários de espanhol para o teste de proficiência;

Ao meu outro amigo “imaginário”, Dr. Rosalvo Stachiw, pelas conversas diversas no whatsapp e por me convidar para eventos muito chiques com quitutes saborosos;

Aos discentes das disciplinas Fundamentos da Teoria Literária e Literatura Portuguesa Moderna, para os quais também lecionei durante o estágio de docência;

Aos excelentes profissionais de saúde Ana Pante, Diego Zambrana, Emily Francielly, Guilherme Pintan, Paulo Vasconcelos, Varínea Soliz, Vinicius Lerand e Vladimir Garcia;

Aos meus avôs Francisco Souza de Aquino (1914-2006, in memoriam) e Estevão Julião da Costa (1925-2021, in memoriam), pelas conversas e histórias narradas sobre a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, ciclos da borracha, do ouro e lendas amazônicas.

Na atual situação das coisas, os filhos da floresta estão em vantagem, e muito raramente recebem o que merecem por seus assassinatos, mas talvez daqui a vinte ou trinta anos a sorte mude de lado e, então, acontecerá o que sempre se passa quando a raça branca e a vermelha se confrontam. Cada árvore machadada pelos colonos será como o martelar de um prego no caixão de um selvagem, pois cada golpe de machado os afastará cada vez mais de sua fonte de sobrevivência — os rios e suas áreas de caça. Enfim, quando os apitos sibilantes das locomotivas ecoarem por entre as clareiras, e os portentosos vapores singrarem os rios, será o fim de uma era.

Franz Keller-Leuzinger (2021).

O imperialismo deixa para trás germes de podridão que devemos detectar e remover clinicamente da nossa terra, mas também das nossas mentes.

Frantz Fanon (1963).

RESUMO

COSTA, Alex Santana. **A trajetória de Franz Keller-Leuzinger e a circulação e recepção de *Vom Amazonas und Madeira***. Orientadora: Valéria Augusti. UFPA. 2025. Tese.

Esta tese vislumbra analisar, a partir da perspectiva teórico-crítica de escritores do pós-colonialismo e do decolonialismo, tais como Bhabha (2010), Césaire (2010), Fanon (1961; 1963), Memmi (2007), Mannoni (1964), Said (1990; 2011), Quijano (2009) e outros, as representações simbólicas tecidas pelo engenheiro e desenhista alemão Franz Keller-Leuzinger a respeito dos povos indígenas de múltiplas regiões do Império do Brasil, com predomínio de grupos amazônicos do Vale do rio Madeira. Para tanto, investigamos, com base nos pressupostos teóricos de Bourdieu (1996; 2001), a trajetória profissional do autor, visando a compreender sua inserção no contexto brasileiro e estrangeiro, mapeando as instituições nas quais atuou e os grupos sociais com os quais se relacionou. Ademais, com o aporte de teóricos da história do livro e da leitura, como Roger Chartier (1998, 2003 e 2006), Michel de Certeau (1998) e Robert Darnton (1990), investigou-se como se deu a circulação de *Vom Amazonas und Madeira* nos mercados editoriais brasileiro e estrangeiro, bem como sua recepção crítica dentro e fora do Brasil, ao longo do século XIX. No que concerne à circulação do referido relato de viagem, os resultados demonstram que sua divulgação ocorreu não apenas enquanto obra completa, no formato códex, mas também de maneira fragmentada, por meio da publicação de ilustrações e excertos em periódicos e livros nacionais e estrangeiros como *Jornal do Commercio* (1874), *Revista Ilustração Brasileira* (1876), *O Vulgarizador* (1877), *Le Tour du Monde* (1874), *Revue des Deux Mondes* (1875), *Globus* (1874; 1875; 1879; 1885), *Petermanns* (1874), *Zeitschrift Für Ethnologie* (1875) e *The Academy* (1875). Quanto à história editorial, a primeira edição da obra circulou freneticamente pelos grandes centros culturais e industriais da época, ganhando quatro edições em inglês no intervalo de um ano após sua publicação em língua alemã. Os resultados da pesquisa indicam ainda a ausência de reimpressões da obra de Keller ao longo do século XX. Entretanto, no século XXI, registrou-se o maior número de publicações de edições impressas, sendo quatro delas em língua alemã, sete em inglês e apenas uma em língua portuguesa. No tocante à recepção crítica, a obra foi interpretada de maneira distinta a depender do contexto. No Brasil, foi vista como símbolo de progresso nacional, ao passo que, na Europa, sob uma ótica etnográfica e expansionista. Por sua vez, nos Estados Unidos, a obra foi lida com viés pragmático. Foi destacado ainda o valor estético de suas gravuras e a relevância das informações técnicas, embora também tenha enfrentado críticas relativas à sua estrutura narrativa e às traduções, vindo a ser posteriormente analisada pela historiografia como produto do colonialismo oitocentista. Com relação aos povos indígenas, a análise traz à tona a dicotomia presente no discurso de Keller, que, embora reconheça a diversidade étnica e sociolinguística dessas populações, reafirma concepções estereotipadas a seu respeito.

Palavras-chave: Franz Keller-Leuzinger. *Vom Amazonas und Madeira*. Críticas Decolonial e Pós-colonial. História Cultural Francesa. Circulação. Recepção.

ABSTRACT

COSTA, Alex Santana. **The trajectory of Franz Keller-Leuzinger and the circulation and reception of *Vom Amazonas und Madeira***. Supervisor: Valéria Augusti. UFPA. 2025. Thesis.

This thesis aims to analyse, from the theoretical-critical perspective of postcolonial and decolonial writers such as Bhabha (2010), Césaire (2010), Fanon (1961; 1963), Memmi (2007), Mannoni (1964), Said (1990; 2011), Quijano (2009) and others, the symbolic representations woven by German engineer and draftsman Franz Keller-Leuzinger regarding the indigenous peoples of multiple regions of the Brazilian Empire, with a predominance of Amazonian groups from the Madeira River Valley. To this end, based on the theoretical assumptions of Bourdieu (1996; 2001), we investigated Keller's professional trajectory, seeking to understand how the author inserted himself into the Brazilian and foreign context, mapping the institutions in which he worked and the social groups with which he interacted. Furthermore, with the support of theoretical assumptions from writers on the history of books and reading, such as Roger Chartier (1998, 2003 and 2006), Michel de Certeau (1998) and Robert Darnton (1990), we investigated how *Vom Amazonas und Madeira* circulated in the Brazilian and foreign publishing markets, as well as its critical reception inside and outside Brazil throughout the 19th century. As for the circulation of this travelogue, the results show that it was published not only as a complete work, in codex format, but also in fragments, with the publication of its illustrations and some of its excerpts in national and foreign periodicals and books such as *Jornal do Commercio* (1874), *Revista Ilustração Brasileira* (1876), *O Vulgarizador* (1877), *Le Tour du Monde* (1874), *Revue des Deux Mondes* (1875), *Globus* (1874; 1875; 1879; 1885), *Petermanns* (1874), *Zeitschrift Für Ethnologie* (1875) and *The Academy* (1875). In terms of publishing history, the first edition of the work circulated rapidly through the major cultural and industrial centres of the time, with four editions in English published within a year of its publication in German. The research results also indicate that there were no printed editions of Keller's work published during the 20th century. However, in the 21st century, there has been a greater number of printed editions of the work, four of which are in German, seven in English, and only one in Portuguese. Regarding critical reception, the work has been interpreted differently depending on the context. In Brazil, it was interpreted as a symbol of national progress, while in Europe, it was viewed from an ethnographic and expansionist perspective. In the United States, the work was read with a pragmatic bias. The aesthetic value of the engravings and technical information was also highlighted, but the work also faced criticism regarding its narrative structure and translations, and was later analysed by historiography as a product of nineteenth-century colonialism. With regard to indigenous peoples, the analysis highlights the dichotomy in Keller's discourse, which, although it mentions the ethnic and sociolinguistic diversity of these peoples, ends up reaffirming stereotypical conceptions about them.

Keywords: Franz Keller-Leuzinger. *Vom Amazonas und Madeira*. Decolonial and Postcolonial Criticism. French Cultural History. Circulation. Reception.

RESUMEN

COSTA, Alex Santana. **La trayectoria de Franz Keller-Leuzinger y la circulación y recepción de *Vom Amazonas und Madeira***. Directora: Valéria Augusti. UFPA. 2025. Tesis.

Esta tesis pretende analizar, desde la perspectiva teórico-crítica de escritores del poscolonialismo y el descolonialismo, como Bhabha (2010), Cesaire (2010), Fanon (1961; 1963), Memmi (2007), Mannoni (1964), Said (1990; 2011), Quijano (2009) y otros, las representaciones simbólicas tejidas por el ingeniero y dibujante alemán Franz Keller-Leuzinger sobre los pueblos indígenas de múltiples regiones del Imperio de Brasil, con predominio de los grupos amazónicos del valle del río Madeira. Para ello, investigamos, basándonos en los supuestos teóricos de Bourdieu (1996; 2001), la trayectoria profesional de Keller, con el fin de comprender cómo se insertó el autor en el contexto brasileño y extranjero, mapeando las instituciones en las que actuó y los grupos sociales con los que se relacionó. Además, con el respaldo de los supuestos teóricos de escritores de la historia del libro y la lectura, como Roger Chartier (1998, 2003 y 2006), Michel de Certeau (1998) y Robert Darnton (1990), se investigó cómo se produjo la circulación de *Vom Amazonas und Madeira* en los mercados editoriales brasileños y extranjeros, así como su recepción crítica dentro y fuera de Brasil a lo largo del siglo XIX. En cuanto a la circulación del mencionado relato de viaje, los resultados demuestran que se publicó no solo como obra completa, en formato códice, sino también en fragmentos, con la publicación de sus ilustraciones y algunos de sus extractos en periódicos y libros nacionales y extranjeros como *Jornal do Commercio* (1874), *Revista Ilustração Brasileira* (1876), *O Vulgarizador* (1877), *Le Tour du Monde* (1874), *Revue des Deux Mondes* (1875), *Globus* (1874; 1875; 1879; 1885), *Petermanns* (1874), *Zeitschrift Für Ethnologie* (1875) y *The Academy* (1875). En cuanto a la historia editorial, la primera edición de la obra circuló frenéticamente por los grandes centros culturales e industriales de la época, y se publicaron cuatro ediciones en inglés en el plazo de un año tras su publicación en alemán. Los resultados de la investigación también indican que no se publicó ninguna edición impresa de la obra de Keller durante el siglo XX. Sin embargo, en el siglo XXI se produjo el mayor número de publicaciones impresas de la obra, cuatro de ellas en alemán, siete en inglés y solo una en portugués. En cuanto a la recepción crítica, la obra fue interpretada de manera diferente según el contexto. En Brasil, se interpretó como un símbolo del progreso nacional, mientras que en Europa se interpretó desde una perspectiva etnográfica y expansionista. Por su parte, en Estados Unidos, la obra se leyó con un sesgo pragmático. También se destacó el valor estético de los grabados y la información técnica, pero la obra también fue objeto de críticas por su estructura narrativa y sus traducciones, y posteriormente fue analizada por la historiografía como un producto del colonialismo del siglo XIX. En relación con los pueblos indígenas, el análisis pone de manifiesto la dicotomía del discurso de Keller, que, aunque menciona la diversidad étnica y sociolingüística de esos pueblos, acaba reafirmando concepciones estereotipadas sobre ellos.

Palabras clave: Franz Keller-Leuzinger. *Vom Amazonas und Madeira*. Críticas decolonial y poscolonial. Historia cultural francesa. Circulación. Recepción.

ZUSAMMENFASSUNG

COSTA, Alex Santana. **Der Werdegang Franz Keller-Leuzingers sowie Zirkulation und Rezeption des *Vom Amazonas und Madeira***. Betreuerin: Valéria Augusti. UFPA. 2025. Dissertation.

Diese Arbeit befasst sich mit der Analyse aus der theoretisch-kritischen Perspektive von Autoren des Postkolonialismus und Dekolonialismus wie Bhabha (2010), Cesaire (2010), Fanon (1961; 1963), Memmi (2007), Mannoni (1964), Said (1990; 2011), Quijano (2009) und anderen die symbolischen Darstellungen des deutschen Ingenieurs und Zeichners Franz Keller-Leuzinger über die indigenen Völker verschiedener Regionen des brasilianischen Kaiserreichs, vor allem der Amazonas-Gruppen aus dem Madeira-Tal, zu analysieren. Zu diesem Zweck untersuchten wir auf der Grundlage der theoretischen Annahmen von Bourdieu (1996; 2001) den beruflichen Werdegang von Keller. Darüber hinaus haben uns Autoren, die sich mit der Geschichte des Buches und des Lesens befassen, wie Chartier (1998, 2003 und 2006), de Certeau (1998) und Darnton (1990), dabei geholfen, die Verbreitung des Werks auf dem brasilianischen und ausländischen Buchmarkt sowie seine kritische Rezeption innerhalb und außerhalb Brasiliens zu untersuchen. Die Ergebnisse zur Verbreitung von *Vom Amazonas und Madeira* zeigen, dass dieses Werk als Gesamtwerk im Codex-Format, aber auch in Fragmenten veröffentlicht wurde, wobei seine Illustrationen und einige Auszüge in nationalen und internationalen Zeitschriften und Büchern wie *Jornal do Commercio* (1874), *Revista Ilustração Brasileira* (1876), *O Vulgarizador* (1877), *Le Tour du Monde* (1874), *Revue des Deux Mondes* (1875), *Globus* (1874; 1875; 1879; 1885), *Petermanns* (1874), *Zeitschrift Für Ethnologie* (1875) und *The Academy* (1875). Was die Verlagsgeschichte betrifft, so verbreitete sich die erste Ausgabe des Werks rasend schnell in den großen Kultur- und Industriezentren der damaligen Zeit und erschien innerhalb eines Jahres nach seiner Veröffentlichung in deutscher Sprache in vier englischen Ausgaben. Die Forschungsergebnisse zeigen auch, dass es im 20. Jahrhundert keine gedruckte Ausgabe von Kellers Werk gab. Im 21. Jahrhundert gab es jedoch die meisten Veröffentlichungen von gedruckten Ausgaben des Werks, davon vier in deutscher Sprache, sieben in englischer Sprache und nur eine in portugiesischer Sprache. Was die kritische Rezeption betrifft, so wurde das Werk je nach Kontext unterschiedlich interpretiert. In Brasilien wurde es als Symbol für den nationalen Fortschritt interpretiert, während es in Europa aus ethnografischer und expansionistischer Sicht betrachtet wurde. In den Vereinigten Staaten hingegen wurde das Werk mit einer pragmatischen Tendenz gelesen. Der ästhetische Wert der Stiche und technischen Informationen wurde hervorgehoben, aber das Werk wurde auch wegen seiner narrativen Struktur und Übersetzungen kritisiert und später von der Geschichtsschreibung als Produkt des Kolonialismus des 19. Jahrhunderts analysiert. In Bezug auf die indigenen Völker bringt die Analyse die Dichotomie in Kellers Diskurs zum Vorschein, der zwar die ethnische und soziolinguistische Vielfalt dieser Völker erwähnt, aber letztendlich stereotype Vorstellungen über sie bekräftigt.

Schlüsselwörter: Franz Keller-Leuzinger. *Vom Amazonas und Madeira*. Postkoloniale und dekoloniale Kritik. Französische Kulturgeschichte. Zirkulation. Rezeption.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Foto de Franz Keller-Leuzinger	48
Figura 2. Mapa da Confederação Germânica (1815-1866).....	53
Figura 3. Notícia sobre o periódico O Emigrado Alemão.....	55
Figura 4. Notícia sobre a contratação de José Keller para abrir estradas	59
Figura 5. Francisco Keller como ajudante de seu pai em projetos de pontes.	61
Figura 6. Notícia sobre a apresentação do relatório da exploração do rio Ivaí pelos Keller.	65
Figura 7. Notícia sobre a contratação dos Keller para levantamento e impressão da carta corográfica do Paraná.	66
Figura 8. Notícia sobre os Keller e demais tripulantes da expedição ao rio Iguaçu. .	67
Figura 9. Capa da edição 19 de 1889 da Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro.	77
Figura 10. Casa Leuzinger, na esquina da R. Direita com a rua do Ouvidor (1865). 80	
Figura 11. Assinatura de Franz Keller-Leuzinger.	81
Figura 12. Capa do catálogo, acervo FBN.	85
Figura 13. Aquarela de Franz Keller, tirada em 6 de março de 1868 no Lago Janeiro.	86
Figura 14. Aquarela de Franz Keller, tirada em abril de 1868 no Lago de Puraque-Coára.	87
Figura 15. Império Alemão - 1871-1918 (II Reich).	92
Figura 16. Resultados ethnographicos e archeologicos da Exploração do Rio Madeira: empreendida por ordem do Governo Imperial pelos engenheiros José e Franc ^o Keller, 1869 – Desenho a aquarela, Desenho técnico, 31,9 x 48,4 cm.	94
Figura 17. Majólica: Peça em porcelana tipo ânfora.	97
Figura 18. Majólica, com base em desenhos do professor Keller-Leuzinger para a empresa Tritschler & Cie (Stuttgart), executados por Glatz em Villingen (Floresta Negra)	102
Figura 19. Cerâmica indígena Marajoara.	103
Figura 20. Dayaks, caçadores de cabeças.	105
Figura 21. Folha de rosto da coletânea "Explorations made in the valley of the river Madeira, from 1749 to 1868", organizada por Church (1875).	116

Figura 22. Folha de rosto da edição inglesa do Relatório da Exploração do rio Madeira (1873).....	119
Figura 23. Capa da 1ª edição alemã de Vom Amazonas und Madeira (1874).....	124
Figura 24. Folha de rosto da 1ª edição alemã de Vom Amazonas und Madeira (1874)	125
Figura 25. Folha de rosto da 1ª edição inglesa (1874), pela Chapman and Hall.....	129
Figura 26. Folha de rosto da 1ª edição estadunidense da obra de Keller (1874), pela D. Appleton and Company.	130
Figura 27. Folha de rosto da 2ª edição inglesa (1875), pela Chapman and Hall.....	131
Figura 28. Folha de rosto da 2ª edição estadunidense da obra de Keller (1875), pela Lippincott.....	133
Figura 29. Folha de rosto da edição brasileira da obra de Keller (2021).....	141
Figura 30. Mapa desenhado por Franz Keller-Leuzinger reproduzindo o percurso de sua viagem do RJ ao rio Madeira.....	143
Figura 31. Os picos enrugados da Serra dos Órgão.....	150
Figura 32. Entrada da baía do Rio de Janeiro, vista do Corcovado.....	150
Figura 33. Margem assoreada do rio Madeira, com palmeiras javari semissubmersas.	151
Figura 34. Pôr do sol no rio Madeira, Porto Velho-RO.....	151
Figura 35. Preparativos para a caça de jacarés.....	152
Figura 36. Toujours perdrix!.....	152
Figura 37. Capa da 1ª edição do Jornal O Vulgarizador (1877).....	155
Figura 38. Nosso primeiro encontro com os Índios Caripunas.....	155
Figura 39. Urna funerária dos índios Manáos (Igaçaba).....	157
Figura 40. Menção à The Amazon and Madeira nos Anais da BN (1880).....	158
Figura 41. Menção a excerto etnográfico de The Amazon and Madeira Rivers nos Anais da BN (1880).....	159
Figura 42. Excerto da Parte I do artigo na Ilustração Brasileira.....	164
Figura 43. Excerto da Parte I do artigo no Le Tour du Monde.....	164
Figura 44. Excerto da Parte II do artigo na Ilustração Brasileira.....	164
Figura 45. Excerto da Parte II do artigo no Le Tour du Monde.....	164
Figura 46. Matando um jacaré.....	171
Figura 47. Jangada nas ondas.....	171
Figura 48. Embaúba (Cecropia) com bromélias.....	185

Figura 49. Retrato de um jovem índio Caripuna.....	185
Figura 50. Capitão Pay, cacique dos Kaiowás.	195
Figura 51. Capitão Vei-Bang, cacique dos Coroados.....	195
Figura 52. Preparo da borracha.	198
Figura 53. Índios Caripunas com anta abatida.	201
Figura 54. Floresta submersa.....	204
Figura 55. Pirarucu (Sudis gigas).....	204
Figura 56. Figuras entalhadas nos rochedos do rio Madeira.....	235
Figura 57. Local de descanso à sombra de um gigante da floresta.	237
Figura 58. O café-da-manhã de nossos remadores.	238
Figura 59. Índio Mojo de Trinidad.....	240
Figura 60. Mariano, dos Mojos de Trinidad.	240
Figura 61. Instrumentos de catequese de índios usados pela Companhia de Jesus.	243
Figura 62. Jarra com tampa Knorr e Cálice de vidro com suportes de estanho	283
Figura 63. Cesta de licores	283
Figura 64. Vaso com pé de bronze	284
Figura 65. Vaso com pé de bronze	284
Figura 66. Taça dupla em majólica com cravação em prata, banhada parcialmente de ouro	285
Figura 67. Xícara de marfim para uso com kit de costura; o dedal é colocado sobre o botão da tampa	285
Figura 68. Museu da Memória Rondoniense, antigo Palácio do Governo em Porto Velho-RO.....	288

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Quantitativo geral de edições impressas de Vom Amazonas und Madeira (XIX-XXI).....	144
Quadro 2 – Quantitativo de desenhos por capítulo de Vom Amazonas und Madeira publicados no Le Tour du Monde.	165
Quadro 3 – Relação nominal de desenhos de Vom Amazonas und Madeira publicados no Le Tour du Monde.	165
Quadro 4 – Desenhos de Keller no Le Tour du Monde (1874) x Ilustração Brasileira (1876).....	166
Quadro 5. Ensaio nos volumes de 1865-1869 do Relatório da Agricultura oficial.	275
Quadro 6. Dois artigos no livro publicado pelo presidente André Augusto de Pádua Fleury.	276
Quadro 7. Mapas, plantas e desenhos elaborados por Franz Keller.....	276

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Menções a Franz Keller-Leuzinger e à Vom Amazonas und Madeira nos periódicos brasileiros do século XIX (1855-1900).	147
---	-----

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

AFS	Associação Filantrópica Suíça
EFMM	Estrada de Ferro Madeira-Mamoré
IPB	Instituto Politécnico Brasileiro
JSTOR	Journal Storage
MACOP	Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas
MEFMM	Museu Estrada de Ferro Madeira-Mamoré
UFPA	Universidade Federal do Pará
ZfE	Zeitschrift für Ethnologie

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1	PIERRE BOURDIEU: NOÇÕES TEÓRICAS SOBRE <i>HABITUS</i> , CAMPO, CAPITAL E TRAJETÓRIA.....	24
2.2	HISTÓRIA CULTURAL FRANCESA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	30
2.3	PÓS-COLONIALISMO E DECOLONIALISMO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 35	
3	TRAJETÓRIA DE FRANZ KELLER-LEUZINGER (1835-1890)	48
3.1	DO GRÃO-DUCADO DE BADEN AO RIO DE JANEIRO: O CONTEXTO DA VINDA DE FRANZ KELLER AO BRASIL	50
3.2	A TRAJETÓRIA DE FRANZ KELLER NO CAMPO ARTÍSTICO: DA CASA LEUZINGER (RJ) AO CONTINENTE EUROPEU	78
4	CIRCULAÇÃO DA OBRA <i>VOM AMAZONAS UND MADEIRA</i> NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO E ESTRANGEIRO	114
4.1	DO RELATÓRIO AO RELATO: HISTÓRIA EDITORIAL DA OBRA <i>VOM AMAZONAS UND MADEIRA</i> NO SÉCULO XIX	124
4.2	HISTÓRIA EDITORIAL DE <i>VOM AMAZONAS UND MADEIRA</i> NOS SÉCULOS XX E XXI: NO UNIVERSO DA WEB	136
5	CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DE <i>VOM AMAZONAS UND MADEIRA</i> NO SÉCULO XIX	147
5.1	CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO NO IMPÉRIO DO BRASIL	147
5.2	CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO NO MERCADO EDITORIAL ESTRANGEIRO 162	
6	O RETRATO DO INDÍGENA PRECEDIDO DO RELATO DE FRANZ KELLER-LEUZINGER	210
6.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE O NARRADOR FRANZ KELLER E O ESTILO DO SEU RELATO DE VIAGEM.....	212

6.2 OS POVOS INDÍGENAS SOB A ÓTICA DE FRANZ KELLER: OPRESSÃO VS. RESISTÊNCIA	217
6.3 O INDÍGENA E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA AMAZÔNIA....	243
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	254
REFERÊNCIAS.....	259
APÊNDICE A – RELAÇÃO DE PERIÓDICOS CONSTANTES NA HEMEROTECA DIGITAL COM OCORRÊNCIAS SOBRE FRANZ KELLER-LEUZINGER, SUAS EXPEDIÇÕES E EDIÇÕES DE VOM AMAZONAS UND MADEIRA	271
APÊNDICE B – ACERVO COM AUTORIA ATRIBUÍDA A FRANZ KELLER-LEUZINGER.....	274
APÊNDICE C – IMIGRANTES KELLER TRABALHANDO NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX	281
APÊNDICE D – ALGUMAS CRIAÇÕES ARTÍSTICAS FEITAS COM BASE EM DESENHOS DE FRANZ KELLER CONSTANTES NO SEU NECROLÓGIO	283
APÊNDICE E – QUANTITATIVO DE DESENHOS POR ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS E CAPÍTULOS DA EDIÇÃO BRASILEIRA DE VOM AMAZONAS UND MADEIRA (Keller-Leuzinger, 2021).....	286
APÊNDICE F – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA PESQUISA REALIZADA NAS DEPENDÊNCIAS DO MUSEU DA MEMÓRIA RONDONIENSE	288
ANEXO A. CARTA DE FRANZ KELLER RESPONDENDO A GEORGE CHURCH SOBRE SUAS DÚVIDAS QUANTO AO RELATÓRIO DA EXPEDIÇÃO DOS KELLER AO RIO MADEIRA (CHURCH, 1875, P. 73-75)	289
ANEXO B. DECRETO Nº 3.749, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1866.	295
ANEXO C. CRONOLOGIA DA ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ REPRODUZIDA DO MURAL AFIXADO NA ENTRADA DO MUSEU ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ (MEFMM)	296
ANEXO D. VOCABULÁRIO DOS DIALETOS INDÍGENAS AINDA FALADOS NO DEPARTAMENTO DO RIO BENI – BOLÍVIA.....	301

1 INTRODUÇÃO

Há muito tempo a Amazônia tem despertado múltiplos olhares e atraído vasta gama de expedicionários, aventureiros curiosos, gananciosos, naturalistas e profissionais técnicos contratados por chefes de Estado para desenvolver estudos específicos sobre a região. A literatura sobre essa temática evidencia que esses “viajantes” têm apresentado aos seus leitores uma produção discursiva diversificada com representações ora de uma Amazônia edênica, ora de uma região mefistofélica. Orientados por sua cosmovisão eurocêntrica, os discursos dos autores de relatos de viagem e/ou prosa de ficção são matizados pelo sentimento de superioridade, preconceito e/ou exotismo que, embora naturalizados no seio da sociedade europeia oitocentista, tornaram-se objetos de estudo das críticas decolonial e pós-colonial a partir do século XX.

Nesse cenário, o desenhista e engenheiro alemão Franz Keller-Leuzinger realizou, na companhia de seu pai, uma expedição ao rio Madeira, em meados de 1867-1868, cujos resultados renderam um relatório técnico-científico, posteriormente utilizado no processo de edificação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) e um livro intitulado *Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise*¹, relato da aludida expedição, publicado em 1874. A circulação, recepção crítica e análise da obra serão apresentadas nas seções subsequentes desta tese.

O contato com Franz Keller e *Vom Amazonas* ocorreu em meados de 2020, quando o professor Hélio Rocha sugeriu uma pesquisa de doutorado para investigar em que contexto e sobre qual pretexto Keller, figura desconhecida por leitores comuns e pesquisadores porto-velhenses, empreendeu viagem da capital do império até o rio Madeira, passando pela região que hoje é Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. Portanto, à princípio, o elemento que motivou a escolha do objeto de pesquisa e do tema reside justamente no encobrimento de Franz Keller e de seu relato de viagem pela historiografia de Rondônia e da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). Entretanto, no exame de qualificação da tese discutiu-se que buscar a elucidação das causas desse apagamento histórico exigiria não apenas uma seção do trabalho, mas

¹ Do Amazonas ao Madeira: esboços e descrições do diário de uma viagem de exploração (Tradução livre).

todo ele. Considerando que tanto Franz Keller quanto sua obra fornecem vasto material histórico e etno-iconográfico sobretudo sobre a região amazônica e seus povos, fazendo-os ecoar dentro e fora do Império Brasileiro por meio da circulação e da recepção crítica de seu relato, a temática da EFMM passou a ocupar posição secundária na pesquisa.

Assim sendo, a presente investigação pretendeu analisar as representações simbólicas de Franz Keller-Leuzinger acerca dos povos indígenas de múltiplas regiões do Império do Brasil, com predomínio de grupos amazônicos do Vale do rio Madeira, bem como investigar o processo de produção, circulação e recepção do seu relato de viagem *Vom Amazonas und Madeira*. Para tanto, buscou, em um primeiro momento, investigar a trajetória profissional do engenheiro e desenhista alemão Franz Keller-Leuzinger, de forma a compreender como o autor se inseriu no contexto brasileiro e estrangeiro, mapeando as instituições nas quais atuou e os grupos sociais com os quais se relacionou. Em uma segunda etapa, pretendeu-se analisar, a partir da ótica da história cultural francesa, como se deu a circulação da obra *Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise* no mercado editorial brasileiro e estrangeiro, desde o século XIX, quando a primeira edição veio à público. Em um terceiro momento, a pesquisa se voltou para a recepção crítica da obra no Brasil e fora deste país, analisando sua repercussão entre críticos e leitores a partir da sua publicação até o final do século XIX. Por fim, pretendeu analisar o discurso do autor acerca dos povos indígenas que habitavam o Vale do rio Madeira e outras regiões do Império do Brasil oitocentista, sob a perspectiva das críticas pós-colonial e decolonial, de forma a discutir se a narrativa em questão, contribuiu ou não para a manutenção ou desconstrução de discursos colonizadores sobre a região, seus povos e seus aspectos socioeconômicos e culturais.

Com base no aparato teórico exposto, esta tese foi estruturada da seguinte forma: Seção I, na qual apresentaremos a trajetória profissional e de vida de Franz Keller-Leuzinger; Seção II, dedicada à investigação das edições da obra de Franz Keller nos séculos XIX, XX e XXI; Seção III, concernente à análise da sua circulação e recepção crítica no mercado editorial brasileiro e estrangeiro, no século XIX, sob a perspectiva teórica da história do livro e da leitura no âmbito da história cultural francesa; Seção IV, constando a análise pós-colonial e decolonial das representações tecidas por Franz Keller-Leuzinger a respeito de civilizações indígenas do Vale do rio Madeira de outros biomas brasileiros no século XIX.

Em termos metodológicos, esta pesquisa foi realizada consoante método bibliográfico, com ênfase na análise de fontes primárias, sobretudo artigos científicos publicados em periódicos especializados. O referencial teórico-crítico utilizado nas etapas de pesquisa, análise e (re)escrita foram os pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu (1996; 2001) concernentes aos conceitos de *habitus*, campo, capital e trajetória, para (re)construir a trajetória profissional e de vida do engenheiro e desenhista alemão Franz Keller-Leuzinger. Para tanto, foram realizadas pesquisas em periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e em outros acervos digitais nacionais e estrangeiros. Partiu-se da análise da condição de Keller-Leuzinger enquanto engenheiro no Brasil para chegar à análise da sua condição de desenhista na Europa e escritor neófito de um relato de viagem que decorre de uma expedição da qual participara como ajudante de engenheiro, com vistas a compreender os percursos que ele realiza entre os distintos campos nos quais atua e as conversões necessárias de capital cultural implicadas nesses movimentos, ressaltando o papel de sua trajetória profissional e de vida no que concerne a sua cosmovisão e representações sobre a Amazônia e outras regiões brasileiras. Ao longo da investigação acerca da trajetória de Keller, também será possível compreender como ele se vincula à história da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Representantes da história cultural francesa, como Roger Chartier (1998, 2003 e 2006), e autores como Michel de Certeau (1998) e Robert Darnton (1990) serviram de lastro para a investigação acerca das edições da obra de Franz Keller, sua circulação e recepção crítica no mercado editorial brasileiro e estrangeiro. Nesse caso, também foram realizadas pesquisas em acervos on-line de jornais brasileiros disponíveis na Hemeroteca Digital e em plataformas e bibliotecas digitais internacionais, analisando sua repercussão entre críticos e leitores a partir da sua publicação. O aporte teórico das críticas pós-colonial e decolonial serviram à análise da construção discursiva de Franz Keller-Leuzinger acerca dos indígenas. Saliencia-se que todas as informações coletadas a partir de fontes de pesquisa em línguas estrangeiras (alemão, espanhol, francês, inglês e neerlandês) foram traduzidas para a língua portuguesa com o apoio de dicionários e tradutores on-line. Este processo tradutório não constitui um objetivo específico da presente pesquisa, mas sim um importante procedimento metodológico, empregado como instrumento de acesso ao conteúdo dos dados em língua estrangeira coletados, e não como o objeto de análise em si. Assim, as citações e informações traduzidas foram integradas ao corpo do texto da tese sem uma

problematização específica concernente aos aspectos tradutológicos. Para assegurar ao leitor a possibilidade de consulta e conferência das fontes originais, estas foram devidamente disponibilizadas nas notas de rodapé.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PIERRE BOURDIEU: NOÇÕES TEÓRICAS SOBRE *HABITUS*, CAMPO, CAPITAL E TRAJETÓRIA

De acordo com os pesquisadores Rita Lima e Pedro Campos (Lima; Campos, 2015, p. 66-67), “Bourdieu (1987) faz referência a campos, no domínio da sociologia, associando-os ao que se nomeia comumente classes sociais, porém com a intenção de ampliar e avançar esse conceito de Karl Marx.” Acrescentam que, conforme expõe Bourdieu (1994), “as classes sociais são classes lógicas determinadas teoricamente pela delimitação de um conjunto de agentes que ocupam a mesma posição no espaço social.” O sociólogo francês contesta essa ideia, afirmando “que o espaço social é construído por diferentes tipos de capital – o econômico, o cultural, o social e o simbólico –, cuja distribuição resulta em um espaço estruturado por campos concebidos como mercados onde se confrontam tais capitais.” Portanto, para os autores, “na sociologia de Bourdieu, o campo é organizado por princípios como capital econômico e capital cultural, supondo lutas em seu interior, conforme posições sociais, *habitus* e práticas culturais dos agentes” (Lima; Campos, 2015, p. 70).

Quanto à noção de capital, Bourdieu (1979) acredita que ela presuma “primeiramente a abordagem econômica, devido à analogia com suas propriedades: acumulação por operações de investimento financeiro, transmissão por herança, o que permite aos agentes negociar rendimentos em diversos campos sociais.” Por outro lado, quando o sociólogo francês define capital cultural como aquilo que foi “acumulado por meio da aquisição de cultura”, ele acaba retomando os diferentes tipos de capital responsáveis por estruturar o espaço social, sendo eles: “o econômico (renda, patrimônio, bens materiais); o social (relações sociais do indivíduo, que refletem sociabilidade, como convites recíprocos e lazer); o simbólico (rituais, protocolos ligados à honra)”. Ademais, ao tratar da acumulação de capital, Bourdieu (1979) afirma que ela “se reverte em luta no espaço social, pois tem papel relevante em termos de reprodução social, principalmente na forma escolar, envolvendo lutas simbólicas, por meio das quais ocorre reconversão de capital econômico em capital cultural” (Lima; Campos, 2015, p. 67, grifo nosso).

Neste contexto, ainda sob uma perspectiva bourdiesiana, Lima e Campos (2015, p. 68) esclarecem que, ainda que possam estar situados no mesmo espaço

social, “os campos dos artistas, dos intelectuais, dos esportistas, por exemplo, teriam particularidades” e, assim, “poderiam se constituir em campo de lutas (simbólicas) ao utilizarem práticas culturais de acordo com seu *habitus*, influenciado principalmente por determinantes sociais”. Portanto, o *habitus* se estrutura “em relação com um campo (o campo científico supõe agentes dotados de um *habitus* diferente daquele dos que estão inseridos no campo político)”. Diante disto, embora Bourdieu enfatize “o conjunto de relações objetivas que une um agente aos outros nesse campo, ele considera também a dimensão simbólica.” Ademais, Lima e Campos ressaltam que, conforme asseguram Bourdieu e Wacquant (1992), “a relação entre *habitus* e campo é de condicionamento (o campo estrutura o *habitus*, produto da necessidade do campo) e de conhecimento ou de construção cognitiva (o *habitus* contribui para constituir o campo como mundo de significados)”.

Para elucidar a concepção bourdiesiana de *habitus*, Lima e Campos (2015, p.68, grifo nosso), acrescentam que:

Segundo Bourdieu (1979), o *habitus* é um sistema de disposições duráveis interiorizadas pelos indivíduos em suas condições objetivas de existência, o qual funciona como esquemas inconscientes de ação, de percepção e de reflexão. As aquisições mais duráveis provêm da socialização primária, na família, ela própria ocupando uma posição no espaço social. Mas o *habitus* não é fixo, pois se reestrutura de acordo com a trajetória social, implicando que práticas e representações não são totalmente determinadas (os agentes fazem escolhas) nem totalmente livres (as escolhas são orientadas pelo *habitus*).

Por fim, Lima e Campos (2015, p.69) salientam que, mesmo com “ênfase na dimensão social, é possível perceber, na obra de Bourdieu, que o conceito de *habitus* permite a articulação, e não a oposição, entre o individual e o social, ou entre as estruturas internas da subjetividade e as estruturas sociais externas”. Além disto, Bourdieu “define o *habitus* como “sistema adquirido de esquemas geradores” (BOURDIEU, 1980, p. 92) que torna possível a produção livre dos pensamentos, das percepções, das ações relacionadas às condições de sua produção”. Para ele, “a estrutura da qual o *habitus* é o produto governa a prática, não mecanicamente, mas por obrigações e limites atribuídos a suas invenções”.

De acordo com o pesquisador Marco Marinho (2017):

De modo sintético, em Bourdieu (2000), o *habitus* é representado enquanto “sistema de disposições duradouras”; tal conceituação chama a atenção para os comportamentos sociais passíveis de serem observados como recorrentes ao longo de um tempo e espaço, e assim produz o efeito “estrutura”, por meio da qual a sociedade se estabelece enquanto tal perante os indivíduos. O autor, a partir desse conceito, alerta o cientista social à detecção das “permanências sociais”, o que, na prática da pesquisa social, significa identificar tais regularidades notáveis pela observação do comportamento dos indivíduos frente às suas condições sociais de existência (Marinho, 2017, p. 28, grifo nosso).

Além disto, Marinho (2017, p. 28-29) apresenta a seguinte definição de *habitus* segundo Bourdieu: “[...] uma maneira de ser, um estado habitual (em especial do corpo) e, em particular, uma predisposição, uma tendência, uma propensão, uma inclinação” (2000, p. 163 – grifo nosso). Como Marinho prefere tratar, “tal *inclinação* ou *orientação* [...] representa o efeito das relações sociais passadas sobre a capacidade de ação realizada pelos indivíduos, no tempo presente e, como se imagina, no futuro”.

Assim, em Bourdieu:

o *habitus* apresenta-se enquanto uma espécie de mediador entre indivíduo e sociedade, o conceito busca captar as vias pelas quais esta última se torna depositada nas pessoas e o modo como se constituem as disposições duráveis ou “[...] capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente” (WACQUANT, 2007, p.36). Tal conceito evoca para si as marcas deixadas pela repetição cotidiana das práticas culturais ao longo do tempo como referências estruturantes do comportamento dos indivíduos em sociedade. Estes, em sociedade, relacionam-se ao caráter “transponível” do *habitus* ao longo do tempo, da dimensão contextual e situacional – onde e como ocorre essa transmissão dos comportamentos sociais duráveis – que explicita, como relevante, o contexto interacional no qual as experiências sociais são produzidas (Marinho, 2017, p. 29, grifo nosso).

Após essa breve explanação sobre os conceitos de *habitus*, campo e capital, serão expostas algumas considerações acerca de noção de “trajetória”. Para tanto, recorreremos novamente aos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu.

Para Marinho (2017), depreende-se das ideias supracitadas “que os percursos sociais tracejados por indivíduos assumem uma morfologia coerente com a ordem social vigente, seja afirmando-a, reproduzindo-a, negando-a; dificilmente seriam exóticos a ela, e”, uma vez sendo “distintos e distintivos, expressam determinadas

condições sociais”. Portanto, “situar o contexto no qual os indivíduos agem, ao longo do tempo, implica situá-los perante os seus círculos sociais de referência, localizados no espaço social, físico e simbólico”. Sob esta ótica, “a construção de trajetórias implica aprofundar a análise sobre as condições de existência em que se desenvolve o permanente processo de socialização e aculturação dos agentes sociais, e, no fundo, a sua própria produção enquanto agentes (Marinho, 2017, p. 29, grifo nosso).

Ao levantar a questão acerca “de que ponto de vista falar de trajetória?”, Sueli Kofes (2001, p. 23) observa que, para criticar a noção de história de vida e sua entrada “de contrabando” nas Ciências Sociais, Pierre Bourdieu analisa quais seriam os pressupostos principais desta abordagem. Um deles consiste na crença segundo a qual “a vida” constituiria um todo coerente e orientado, com seqüências cronológicas ordenadas. Para o autor, neste pressuposto haveria um postulado do sentido da existência (sentido entendido como significação e direção).

Acerca da problemática do discurso biográfico, Miguel Montagner (2007) expõe que:

Do ponto de vista de Bourdieu, há uma grande diferença entre seu conceito de biografia e a maneira como este é comumente empregado. Aqui é fundamental nos lembrarmos das advertências do autor (Bourdieu, Passeron *et al.*, 1968) a respeito do conceito de *história de vida* e deste tipo de teoria construída. A rigor, não existe, ainda que esta idéia seja extremamente atrativa e sedutora ao senso comum, uma seqüência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida de uma pessoa. Nossas vidas não são um projeto sartriano e não possuem um sentido teleológico. Os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevôo que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada *a posteriori* pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa (Montagner, 2007, p. 251-252, grifo nosso).

Para Bourdieu, a quebra da narrativa linear no romance moderno seria simultânea à crítica da visão da vida como existência dotada de sentido. Parafraseando Shakespeare, o teórico francês expõe que “Uma história contada por um idiota, uma história cheia de som e de fúria, mas vazia de sentido” (Kofes, 2001, p. 23-24).

Segundo Kofes, da citação de *Macbeth*, de Shakespeare, depreende-se que a história “bem construída” não pode prescindir das histórias contadas “por um idiota”.

Para a autora, Bourdieu quer chegar à “crítica metodológica ao conhecimento que parte das sensações singulares do sujeito e à proposição do *habitus* como unificador das representações e práticas”. Assim, a “noção de trajetória (série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente – ou mesmo grupo –, em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes) permitiria deslocar-se do sujeito”, bem como “situar acontecimentos biográficos em alocações e deslocamentos no espaço social. O nome próprio (que designa um agente específico, uma personalidade) teria que ser vinculado ao conjunto de outros agentes no campo considerado” (Kofes, 2001, p. 24).

Por sua vez, Montagner (2007, p.253) defende que a ideia central para a compreensão acerca da “proposta bourdieusiana de análise dos campos” é “precaver-nos contra a criação da *ilusão biográfica*, situando claramente os agentes sociais em seu grupo social, procurando narrar e delinear claramente a construção diacrônica da *trajetória* dos grupos nos diversos campos.”

Com vistas a pormenorizar o conceito de trajetória, “Bourdieu aponta que uma trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo”. Por sua vez, tal “objetivação resulta em uma trajetória, que diferentemente das biografias comuns, descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário (Bourdieu, 1996b)” (Montagner, 2007, p. 254-255, grifo do autor).

Portanto, parafraseando Bourdieu, Montagner (2007, p. 255, grifo do autor) observa que, a partir do momento em que o campo está em constante mudança, “a trajetória social é o movimento dentro de um campo de possíveis definido estruturalmente, mesmo que as estratégias e os movimentos individuais sejam ao acaso”. Do mesmo modo, “toda ‘trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus* e reconstitui a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos (Bourdieu, 1996a)”. Entretanto, “essa reconstituição parte do ponto de vista externo ao biografado, parte do ângulo de visão de quem reconstitui o campo como espaço social onde essa biografia se delinea”.

É importante mencionar que:

Evidentemente, se falamos de trajetória, ou de itinerário, estamos privilegiando o caminho, o percurso. Ela pode ser utilizada, sem o traçado conceitual que lhe dá Bourdieu, sem que o sentido e a perspectiva subjetiva sejam necessariamente descartados. Marc Augé, por exemplo, fala de itinerário e "Falar de itinerário, é falar de partida, de estada e de retorno, mesmo que se deva entender que há várias partidas, que a estada é também viagem e que o retomo não é jamais definitivo". Ou seja, o deslocamento objetivo implicaria sentidos subjetivos naquele que se desloca, naqueles relacionados a este deslocamento e naqueles que já foram inscritos no próprio deslocamento (Kofes, 2001, p.24-25, grifo nosso).

No entanto, Kofes esclarece que há outros complicadores, uma vez que diversos trabalhos que consideram a "história de vida um instrumento heurístico não lidam com uma noção de história como sentido (direção), embora pressuponham sim as possibilidades interpretativas de suas experiências pelos próprios agentes e não descartam estes sentidos" como sendo "vias de acesso compreensivo e explicativo". Dessa forma, para a autora, "os sujeitos sociais são em si mesmos entrecruzamentos de relações às quais estão ligados, quer pelos significados já dados a estas relações e que constituem os sujeitos enquanto pessoas sociais, quer pelos significados que eles agenciam e narram" (Kofes, 2001, p. 25).

Retomando o método biográfico, Kofes (2001, p. 26) explica que ele "pode ser encontrado de forma esparsa e constante nas Ciências Sociais (muitas vezes, histórias de vida aparecem apenas em anexos explicitando-se mais como dados ou ilustrações)", porém, "há momentos em que assume uma certa centralidade analítica".

Citando Crapanzano, Kofes afirma que a história de vida é "resultado de uma "complexa negociação de constituição do si mesmo" (a *complex self-constituting negotiation*)". Por outro lado, sob a perspectiva "do sujeito, a história de vida seria "um produto de uma arbitrária e peculiar busca do outro, o antropólogo" e, para este, a busca seria uma resposta ao informante". Esta dinâmica, para Kofes, seria como um "jogo, de buscas e desejos", que "governaria a história de vida e deveria ser levado em conta na avaliação do material que será transformado de produção oral em produção escrita". Portanto, considerando essa perspectiva, "Crapanzano não supõe a história com o sentido apontado por Bourdieu, mas não ignora nem descarta os sujeitos na constituição desta história". Contrariamente, ele "lida com esta dimensão subjetiva na medida em que considera tal história, primeiro, como resultado de um encontro, segundo, da escritura (Kofes, 2001, p. 26-27).

2.2 HISTÓRIA CULTURAL FRANCESA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Antes de explanar sobre a história cultural francesa, é interessante apresentar alguns aspectos da crítica literária denominada “Estética da Recepção” para demonstrar em que se difere da história cultural principalmente quanto aos conceitos de leitor.

Segundo Tragino (2013), Wolfgang Iser é o “cofundador da Estética da Recepção” juntamente com Hans Robert Jauss” e o responsável pela construção de “caminhos teóricos para se entender a leitura do texto literário”. O autor explica que, sob a ótica de Iser, “é necessário dar foco e estabelecer o tipo de interação que a obra mantém com o leitor durante a leitura. No primeiro, observa-se a preocupação com a recepção e, no segundo, com o efeito”. Conseqüentemente, “esse movimento permite a um autor, por exemplo, estabelecer um elo mais consistente com sua obra; sobretudo porque, conforme Iser declara, ela deve passar por um acentuado grau de exame no ato da leitura”. Além disso, o aludido teórico alemão “apresentou, dentre muitas teorias, a noção de leitor implícito”. Com relação a esta noção, Tragino explica que ela é compreendida por Iser “como uma referência de sistemas de textos, cujo pleno sentido se alcança pelo processo de atualização sobre ele realizado, ou seja, esse leitor é um “indicador” que aponta as marcas que o texto carrega”, por meio de suposições quanto às “suas informações, seus repertórios e seus valores comuns (vê-se aí um aspecto claro da Fenomenologia, corrente da Filosofia do século XX à qual o autor alemão se vinculou)” (Tragino, 2013, p. 25, grifo nosso).

A respeito de Roger Chartier, Tragino (2013) o descreve como um “historiador francês e professor do Collège de France”, que “propõe reflexões acerca dos usos do livro e das práticas de leitura” como “aspectos de seu trabalho que denotam sua preocupação em entender a cultura escrita da Europa moderna. Como caminho intelectual, ele primeiramente se apoiou nos ideais da Escola dos Annales² para formar sua metodologia de trabalho”. Em seguida, ao rever essa metodologia, Chartier “aproximou-se da História Cultural e estabeleceu seu campo de atuação científico: aspectos morfológicos e materiais da história do livro e da leitura”. Dentre essas

² De acordo com Barros (2012), os historiadores Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) foram os fundadores da Escola dos Annales, que nasceu durante a primeira metade do século XX [...] para Reis (2006), os historiadores dessa corrente compreenderam que as narrativas sobre o passado seriam interpretações e não a reconstrução integral do que teria acontecido (Guerner; Karpinski, 2023, p. 6).

contribuições, a que mais chama a atenção de Tragino é “a noção de protocolos de leitura: em correspondência ao leitor implícito de Iser, esses protocolos são pistas deixadas pelo autor e pelos demais agentes sobre como um texto ou objeto cultural deve ser lido, e sobre que leitor se espera para ele” (Tragino, 2013, p. 26, grifo nosso).

Acerca do “embate entre os dois teóricos sobre o leitor, a leitura, o livro e a literatura”, Tragino argumenta que, ao discutir a respeito das “apropriações dos textos e as práticas de leitura e revendo as correntes da crítica literária que se preocuparam com esses caminhos”, Roger Chartier “questiona o caráter universalizante da leitura proposto implicitamente pelas correntes recepcionais (*Rezeptionsästhetik e Reader-response theory*)³, uma vez que, “retirando a historicidade do leitor, elas não teriam observado os diferentes modos concretos e as circunstâncias dessa recepção textual (Chartier, 2012, p. 18)” (Tragino, 2013, p. 26, grifo nosso).

Por outro lado, ao retomar os “pontos-chave da teoria de Wolfgang Iser”, Tragino esclarece que é possível observar que já havia uma “preocupação com esse nivelamento da leitura: a antropologia literária (noção desenvolvida por Iser) conteria princípios de uma proposta analítica para rastrear essa concretude da leitura (literária, no caso)” e que, portanto, “haveria manifestações não universalizantes no contato entre texto e leitor (ISER, 1996b, p. 9)”. Ademais, “Chartier também aponta que nessa relação (entre uma abstração universal e uma materialidade específica) talvez fosse importante dar um passo além, um passo para uma complementação entre as duas formas”, sendo que, “por conta desse segundo ‘talvez’, acredito que, revisitando as ideias de Iser, é possível dar este passo” (Tragino, 2013, p. 26, grifo nosso).

Em suma, sob a perspectiva de Tragino, “o leitor, pensado por Wolfgang Iser e Roger Chartier como norteador das práticas de leitura (literária), está ligado às questões que acompanham o desenvolvimento da concepção de sujeito”. Observam-se, portanto, “nos percursos da Fenomenologia e da Escola dos Annales”, por um lado, “um sujeito traçado pela consciência e pela construção de mundo interna feita por esta (SOKOLOWSKI, 2004, p. 7) e, de outro, um sujeito histórico que mantém diálogo estreito com as ciências sociais a fim de investigar as estruturas históricas (BURKE, 1992, p. 5)” (Tragino, 2013, p. 26-27).

Para Tragino, é complexa essa “concepção de sujeito” de Iser e Chartier, que por “áreas com finalidades diversas, chegam à questão do leitor: o primeiro resgata a

³ Estética da recepção e teoria da resposta do leitor (tradução livre).

fenomenologia para pensar o fenômeno do ato de ler textos literários em função de um efeito estético que o leitor produz em sua consciência”; esse é o porquê de “sua teoria ser chamada de teoria do efeito estético (BORBA, 2004, p. 137)”. Por sua vez, Chartier, através de uma “terceira etapa de produção científica”, e “já tendo abandonado o método quantitativo da Escola dos Annales, valeu-se da História Cultural para investigar, como objetos culturais, ‘as práticas de leitura, do discurso, a circulação do texto e a história do livro e das bibliotecas’ (SILVA, 2010, p. 304)” (Tragino, 2013, p. 26-27).

No texto “História Cultural e Micro-história: uma relação historiográfica”, Júlia Leite Gregory expõe que a “história cultural passou por várias renovações historiográficas ao longo do tempo, sendo interpretada de diferentes maneiras desde o século XIX até a atualidade”. Acerca da sua última renovação, a autora relata que ocorrera “na década de 1970, quando se constituiu a nova história cultural, liderada por autores como Ginzburg, Chartier, Davis, Darnton e Burke” (Gregory, 2019, p. 275-276).

Para Gregory, “tudo pode ser objeto de estudo para a história cultural”, uma vez que “tudo diz respeito ao modo de agir e ser dos seres humanos”. Assim, a “qualidade do estudo não depende do objeto e sim, do modo como se trata o fenômeno histórico”. Portanto, o surgimento dessa “nova história cultural” foi uma espécie de “resposta ao estruturalismo e à história das mentalidades, que entendia a cultura como um terceiro nível de experiência histórica, sendo derivada do econômico e do social, concepção combatida pelos novos historiadores culturais” (Gregory, 2019, p. 276).

Por sua vez, Robert Darnton (1990, p.132) afirma que após um período de saturação com a teoria, os estudiosos de literatura redirecionaram seu foco para a investigação histórica. Conforme atestado por uma profusão recente de livros e artigos, “o novo historicismo” e “a nova história literária” constituem uma iniciativa de interromper os esforços de desconstrução e reafirmar os estudos literários sobre os alicerces de uma reavaliação do passado. Surge, então, a questão: “Mas qual passado?”. A antiga história literária segmentava a temporalidade em unidades demarcadas pelo advento de “grandes escritores e grandes livros – l’homme et l’oeuvre, segundo a clássica fórmula francesa”. Assim, o historiador contemporâneo, em contraste, deve operar com uma concepção mais abrangente de literatura, que incorpore homens e mulheres em todas as suas atividades relacionadas com a palavra.

Em seguida, Darnton esclarece que o engajamento popular com a palavra é vasto, manifestando-se em versinhos de mães, rimas de brincadeiras infantis, piadas entre adolescentes e insultos rituais. Embora alguns historiadores possam preferir relegar tais expressões à antropologia, o autor argumenta que, mesmo ao se focar na comunicação impressa, o conceito de literatura poderia ser expandido para incluir personagens cruciais, mas negligenciados – “trapeiros, fabricantes de papel, tipógrafos, carroceiros, livreiros, e até leitores”. A literatura canônica integra um complexo sistema de produção e distribuição de livros, mas a maioria dos indivíduos que o operacionalizou foi apagada pela história convencional, em um processo em que “Os grandes homens expeliram os homens médios, os intermediários”. Portanto, ao adotar o ponto de vista desses “agentes transmissores”, a história literária poderia ser revelada sob uma perspectiva completamente nova (Darnton, 1990, p. 132).

Barros (2005, p. 130-131) analisa detalhadamente “o campo de estudos da história cultural” desenvolvido por um grupo de historiadores franceses, cujos expoentes principais são Roger Chartier e Michel de Certeau. Segundo pontua, esses autores dialogam com o sociólogo Pierre Bourdieu, figura central para a articulação entre História Cultural e História Política. Por sua vez, Chartier e Certeau aprofundam a crítica às visões monolíticas da cultura, rejeitando a ideia de que relações culturais possam ser fixadas de maneira definitiva, como se fossem exclusivas de determinadas formas culturais ou grupos sociais. Michel de Certeau, em uma abordagem próxima ao que posteriormente será definido como “história antropológica”, explora a interpretação das normas culturais a partir do estudo do cotidiano (CERTEAU, 1980), enquanto Roger Chartier dedica-se a investigar as trocas entre cultura oral e escrita, demonstrando como indivíduos não alfabetizados podem se inserir na cultura letrada por meio de práticas como a leitura coletiva e a literatura de cordel, ou como conteúdos transmitidos oralmente são incorporados ao registro escrito.

Além disso, Barros (2005, p. 131) afirma que Roger Chartier contribui decisivamente para a História Cultural por meio “das noções complementares de ‘práticas’ e ‘representações’”. O autor esclarece que neste “horizonte teórico, a Cultura (ou as diversas formações culturais) poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre estes dois pólos”. Assim, no que se infere se tratar dos papéis a serem (inconscientemente) desempenhados pelo trinômio autor, editor e leitor, Barros explica que “tanto os objetos culturais seriam produzidos “entre práticas e

representações”, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos,” que poderiam corresponder, respectivamente, “aos ‘modos de fazer’ e aos ‘modos de ver’”.

Nesses trabalhos de catalogação, considera-se uma variedade de detalhes sobre os textos impressos: a data de publicação, o número de reimpressões, as cidades e editoras envolvidas, as variações entre edições, o uso cotidiano do texto, o perfil do público leitor, a qualidade do material utilizado e as estratégias editoriais empregadas, entre outros aspectos. Essa análise detalhada parte do princípio de que “a leitura não se resume a um ato intelectual abstrato, mas envolve o corpo, o espaço e as relações consigo mesmo e com os demais” (Chartier; Cavallo, 1998, p. 8). Quanto à história dos livros, Augusti (2019, p. 154) afirma que ela pode ser entendida como “uma história dos deslocamentos no espaço”. Assim, mapear e interpretar os diferentes caminhos que permitiram a circulação desses objetos pelo mundo continua sendo uma “tarefa que ocupou e ocupa a atenção de pesquisadores que se situam no campo da História Cultural”.

Chartier e Cavallo (1998, p.38, grifo nosso) simplificam o debate expondo que, “no interior dos territórios assim propostos aos seus percursos, os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas”. Convergindo com Michel de Certeau (1998), os autores explicam que “essa apropriação não se faz sem regras nem sem limites. Algumas provêm das estratégias usadas pelo próprio texto, que deseja produzir efeitos, ditar uma postura, obrigar o leitor”. Para Chartier e Cavallo, essas “estratégias” são como “armadilhas que lhe são preparadas e nas quais ele deve cair, sem nem mesmo dar-se conta”, porém, elas também “estão na proporção da inventividade rebelde que sempre se supõe existir sobre ele”. Ou seja, esse leitor “ingênuo”, que está suscetível a tropeçar nessas arapucas, é também capaz de atribuir a elas um outro significado, uma outra representação.

De acordo com Tragino (2013, p. 27-28), na obra *Do códice ao monitor* (1994), Chartier argumenta que a migração do texto impresso (códice) para o digital (monitor) reconduz o contato do leitor com a palavra, sugerindo uma ressignificação da experiência leitora. Enquanto o códice impõe uma estrutura fixa, o monitor oferece um texto fluido, maleável e aberto à intervenção. Nesse contexto, a tecnologia amplia a autonomia do leitor, permitindo que ele “manipule o texto de forma a interferir até mesmo na sua autoria”.

2.3 PÓS-COLONIALISMO E DECOLONIALISMO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Como denominação e com o significado de discurso anticolonial, o pós-colonial surgiu no final da década de 1970 e princípio de 1980, tendo a obra *Orientalism*, de Edward Said (SAID, 1979), como marco inicial. No entanto, alguns críticos creem que o pós-colonial tenha surgido na conhecida obra de Frantz Fanon, *The Wretched of the Earth* (FANON, 1961), sua teoria em *Orientalism*, e seu senso crítico em *The Empire Writes Back*, de Ashcroft, Griffiths e Tiffins (1989) (Begum, 2000: p. 17-18, tradução nossa).

A crítica pós-colonial busca descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais que marcam, necessariamente, a transição irregular da era dos impérios colonizadores para o momento da pós-independência ou da pós-colonização. De acordo com Thomas Bonnici, “a importância da teoria pós-colonial reside no fato de que o Ocidente jamais analisou suficientemente o problema do imperialismo”. Os autores tradicionais, por exemplo, ao definir o pós-colonialismo, utilizam o termo “colonial para descrever o período pré-independência e os termos “moderno ou “recente para assinalar o período após a emancipação política” (Bonnici, 2000, p. 32).

Ademais, Bonnici afirma que “se se aceita o pós-colonialismo como estratégia de leitura, existe a possibilidade de se descobrir posições semelhantes em outros textos canônicos.” Dessa forma, “essa possibilidade não se limita a textos britânicos. Ela se abre para outras literaturas que têm o passado colonial” (Bonnici, 2000, p. 45).

A releitura de textos colonizadores, sob a ótica da crítica pós-colonial, é considerada uma estratégia de descolonização, que pretendemos com esta pesquisa, uma vez que, por meio dessa crítica, “abrem-se dimensões novas capazes de renovar o nosso modo de analisar e interpretar o texto literário” (Bonnici, 2000, p. 46 – grifo nosso).

Aimé Césaire (2010), em sua obra *Discurso sobre o colonialismo*, expõe, quanto à diferenciação entre Colonização e Civilização, que colonizar não é o mesmo que evangelizar, “nem empreitada filantrópica, nem vontade de fazer retroceder as fronteiras da ignorância, da enfermidade, da tirania; nem a expansão de Deus, nem a extensão do Direito”. É, entretanto, um processo de exploração pela força, “com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial” (Césaire, 2010, p. 17).

O diferencial na obra de Césaire é o fato de ele não se limitar a expor exclusivamente as investidas coloniais europeias como simples fatos históricos descontextualizados. O referido autor procura trazer à tona a colonização praticada pela Europa sob um viés não apenas material, mas cultural, visto que muitas culturas, inclusive as amazônicas, vem sendo subjugadas, silenciadas e/ou exterminadas ao longo de séculos de colonização.

Césaire rechaça a falsa ideia construída pela Europa com relação aos povos taxados como inferiores e carentes de civilização. Para ele,

ninguém coloniza inocentemente, que tampouco ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização e, portanto, à força, já é uma civilização enferma, moralmente ferida, que irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, é que chama a seu Hitler, quero dizer, seu castigo” (Césaire, 2010, p. 26-27).

O aludido escritor enfatiza que a colonização tem "descivilizado" as potências capitalistas dominantes, contaminando-as com abordagens brutais e insensibilidade moral, empregadas no processo de conquista e gestão dos territórios de povos marginalizados. Acrescenta ainda que:

Entre colonizador e colonizado só há lugar para o trabalho forçado, para a intimidação, para a pressão, para a polícia, para o tributo, para o roubo, para a violação, para a cultura imposta, para o desprezo, para a desconfiança, para o silêncio dos cemitérios, para a presunção, para a grosseria, para as elites descerebradas, para as massas envilecidas (Césaire, 2010, p. 31).

Para subsidiar as lacunas presentes nessa arena de práticas e discursos conflituosos que Césaire propõe que não sejamos neutros, pois não há discurso neutro na prática da colonização e tampouco nas práticas pós-coloniais de descolonização.

Por sua vez, o escritor Edward Said, em sua obra *Orientalismo*, expõe que o “Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (Said, 1990, p. 15).

Essa modalidade de dominação, a que se refere Said, também pode ocorrer através da disseminação de relatos estereotipados acerca de povos e regiões de países subdesenvolvidos, cujas vozes são emudecidas para que o discurso do colonizador se sobressaia, conforme denuncia a escritora Mary Louise Pratt, em sua obra *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*:

A maior parte dos viajantes nos Andes viu, em primeira mão, cenas como a de mineiros indígenas vivendo até à morte certa, sob miséria inenarrável, nas minas geladas e envenenadas por mercúrio na Cordilheira. Uma contra-evidência como esta colocou um pequeno problema para o inerente olhar imperial. Alguém precisava apenas observar uma pessoa em repouso para ser testemunha, se assim o desejasse, do traço de ociosidade. Era preciso tão somente que se visse sujeira para que se constatasse a falta de asseio. Esse inerente poder discursivo é impermeável até que aqueles que são vistos sejam também ouvidos (Pratt, 1999, p.264).

Sob uma perspectiva psicológica, o escritor e psiquiatra Octave Mannoni, em sua obra *Prospero and Caliban: The Psychology of Colonization*, relata que

a rejeição do mundo está associada ao desejo de dominar, um desejo que é de origem infantil e que a adaptação social deixou de disciplinar. A razão do colonizador está relacionada a onde pretende chegar – se ele diz que foi um desejo de viajar ou o desejo de escapar de sua terra natal ou dos “antigos parapeitos”, ou se ele diz que só queria uma vida mais livre – não tem consequência alguma, qualquer que seja a variante oferecida, a verdadeira razão ainda é o que chamei de muito vagamente de vocação colonial (Mannoni, 1964, p.108 – tradução e grifo nossos).

É importante destacar que os diversos discursos elaborados pelo viajante expatriado a respeito de outras civilizações, muitas vezes retratadas por eles como sendo inferiores em comparação com a sua, podem estar relacionados (in)diretamente com o seu passado social, histórico e ideológico absorvidos no seu país de origem, constituindo em si uma vocação para dominar.

Esse expatriado, por vezes, não tenta compreender que, em terras diferentes da sua, é importante que separe sua memória da nostalgia, para que seus retratos acerca do “Outro” não se restrinjam a descrições preconceituosas, pois, como explica Jameela Begum, a “memória não está sempre no passado. Ela não é estática. I Por um lado, ela reflete um relacionamento profundo com o passado e, pelo outro, com o

presente. [...] Ela se torna cada vez mais crítica desde que se separe da nostalgia” (Begum, 2000, p. 15 - tradução nossa).

Contextualizando a discussão pós-colonial a uma das mais pesquisadas e (re)inventadas regiões do planeta, a pesquisadora Neide Gondim afirma que a Amazônia

desvenda e esconde a utopia do Novo Mundo. Desde o século XVI até o fim do século XX, quando já se anuncia o XXI, há muito de utopia no que se pensa e diz sobre a Amazônia. São muitos, em todo o mundo, que ainda sonham com a ilusão de que ali se escondem exotismos, deslumbramentos, maravilhas. Muito do que se diz sobre a Amazônia, em prosa e verso, nas mais diversas línguas, expressa a ilusão do outro mundo. Ocorre que a Amazônia tornou-se o emblema de uma utopia situada na natureza (Gondim, 1994, p. 139).

Com base no contexto apresentado, infere-se que é dever dos intelectuais amazônicos e/ou amazônidas o posicionamento crítico acerca dos discursos colonialistas disseminados sobre a Amazônia às audiências (inter)nacionais, com vistas à desconstrução da conhecida imagem de região exótica e retrógrada.

Em consonância com esse ponto de vista, o pesquisador Miguel Nenevé (2001) se surpreende com os “discursos produzidos por colegas da universidade, alunos da pós-graduação bem como paulistas a quem relatávamos o projeto acadêmico a ser realizado”. Observa que, “desde o primeiro momento, pela emergência de uma série de representações bastante negativas ou incongruentes a respeito da região. Tais representações mostravam-se carregadas de significados, baseados em imagens estereotipadas, caricaturais e fragmentadas sobre a Amazônia”. Retrata o que comumente podemos observar nos mais variados programas de televisão: discurso de muitos paulistas revelando que, sem sombra de dúvidas, desconhecem a “Região Norte do país, do ponto de vista da geografia, da cultura, do cotidiano, da história, enfim dos principais aspectos constitutivos dessa região brasileira” (Nenevé; Cooper; Proença, 2001, p. 71).

Ainda sob essa perspectiva, Nenevé esclarece que

Uma série de textos, reportagens, livros, artigos, filmes sobre a Amazônia aparecem na mídia. Em algumas ocasiões os seus autores são traídos por um discurso que revela a crença na superioridade do povo do “primeiro mundo” em relação aos povos da América do Sul, do Brasil e da Amazônia. O exótico, o estranho e o sensual também são bastante explorados pelos autores que revelam que vêm para o

Brasil, com uma bagagem de leitura sobre os perigos da selva Amazônica, portanto, com um conceito preestabelecido sobre esta região. Assim, embora observando “in loco”, vêem o que querem ver, escrevem sobre a Amazônia aquela verdade que querem divulgar ao mundo. [...] Quando os escritores mencionam as pessoas, as mencionam como pessoas de costumes estranhos, entes sujos, preguiçosos, sem iniciativa, que precisam da presença de pessoas “superiores” para elevar seu nível de vida (Nenevé; Cooper; Proença, 2001, p. 100).

Essa modalidade de discurso, estático e imperialista, de acordo com o crítico indo-britânico Hommi Bhabha, é a “herança cultural da escravidão ou do colonialismo” que “é posta *diante* da modernidade não para resolver suas diferenças históricas em uma nova totalidade, nem para renunciar a suas tradições”, mas “para introduzir um outro locus de inscrição e intervenção, um outro lugar de enunciação híbrido, ‘inadequado’, através daquela cisão temporal – ou entre-tempo” (Bhabha, 2010, p. 333-334).

Com o intuito de explicar e esclarecer os objetivos do discurso colonial, Bhabha acrescenta que o referido discurso “busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados mas avaliados antiteticamente”. Dessa forma, “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.” Observa ainda que “Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante)”, está se “referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma “nação sujeita”, apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade” (Bhabha, 2010, p. 111).

Para ser possível a compreensão acerca das diferentes facetas do processo de colonização, é importante atentarmos-nos àquela que não ocorre pela força: a psicológica, que é exercida sutilmente com todo o amor e devoção pelos “doutores, missionários e outros”, que “difícilmente podem ser considerados observadores desinteressados, devido ao fato de eles virem com a ideia de mudar, converter, civilizar” (Mannoni, 1964, p. 31 – tradução nossa).

Como exemplo de colonização psicológica, observemos a seguinte “representação” elaborada pela escritora guianense Pauline Melville (1999) na sua

obra *A história do Ventriloquo*, por meio do diálogo entre os colonizadores Rosa e Wormoal a respeito de alguns autóctones da República da Guiana:

Mas você próprio também contamina os índios, quando passa uns tempos com eles. (Rosa) / Receio que esteja certa. Nós tentamos apenas observar, mas só com nossa presença alteramos as coisas. [...] Nós, os europeus, temos acesso a todos os livros e documentos que faltam a eles. E o que faço com esse conhecimento? Torno-me um catedrático e enriqueço as culturas europeia e norte-americana com ele. (Wormoal – Rosa) / Você faz o conhecimento parecer uma nova forma de poder colonialista. (Rosa) / Mas é claro que sim. A informação é o novo ouro. Você, como pessoa versada no assunto, devia saber disso. Meu conhecimento sobre os índios é uma forma de possuí-los – admito. Nós lutamos pelo território intelectual. / Mas é melhor que roubar-lhes as terras, não é mesmo? (Wormoal – Rosa) (Melville, 1999, p. 77).

Pode-se afirmar que a colonização na Amazônia segue uma dinâmica semelhante, marcada pela proliferação de um "conhecimento" repleto de estereótipos sobre a região, enquanto as resistências discursivas não avançam na mesma proporção. Enquanto não for construído um contradiscurso anticolonial — com uma linguagem, narrativa e cosmovisão que desmontem as visões colonialistas —, esses discursos seguirão representando a Amazônia de maneira reducionista e carregada de preconceitos.

Esse discurso distorcido é recorrente nos relatos de viajantes sobre a Amazônia e precisa ser questionado e desmontado, um dos objetivos desta pesquisa. Afinal, como alerta Bhabha, "a existência de um nativo deficiente é necessária para a próxima mentira, e a próxima, e a próxima — 'O Horror! O Horror!'" (Bhabha, 2010, p. 197).

Segundo Neide Gondim, pesquisadora da Universidade Federal do Amazonas, em sua obra *A invenção da Amazônia*, a "Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante, escreve Euclides da Cunha. Ele mesmo, no entanto, deixou-se envolver pela "esfinge", extrapolando que, realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis" (Gondim, 1994, p. 139).

Para Edward Said, se o debate sobre o conhecimento do imperialismo se restringisse a questões metodológicas ou divergências acadêmicas na história cultural, poderíamos considerá-lo uma mera curiosidade intelectual. No entanto, trata-se de uma problemática profundamente enraizada nas dinâmicas globais de poder e nas relações entre nações. Os últimos anos testemunharam um ressurgimento intenso de identidades tribais e religiosas em escala global - fenômeno que não apenas

acompanhou, mas exacerbou conflitos políticos remanescentes do auge do imperialismo europeu, quando não diretamente originados por ele. Essas tensões se manifestam em disputas entre Estados, movimentos nacionalistas, grupos étnicos e entidades culturais, alimentando uma manipulação sistemática do discurso público (Said, 2011, p. 80).

O crítico palestino expõe que vivemos em um mundo marcado não apenas pela circulação de mercadorias, mas também e fundamentalmente pela produção e disseminação de representações. Estas, em seu processo contínuo de criação, circulação e interpretação, constituem a própria essência da cultura. Embora a teoria contemporânea tenha concedido centralidade ao problema da representação, raramente o situa em seu contexto político mais amplo - o contexto imperial. Observa-se uma falsa dicotomia: de um lado, uma esfera cultural idealizada, vista como espaço autônomo para especulações teóricas desinteressadas; de outro, uma esfera política reduzida ao embate bruto de interesses. Para o estudioso das humanidades - o crítico, o acadêmico - parece caber apenas o primeiro domínio, como se ambos fossem reinos separados. Essa percepção, no entanto, é enganosa: não apenas cultura e política estão profundamente relacionadas, como são, em última análise, dimensões indissociáveis de uma mesma realidade (Said, 2011, p. 109-110).

Said (2011, p. 142-143) esclarece que seu terceiro argumento destaca que projetos culturais como a ficção e a historiografia (com seu forte componente narrativo) fundamentam-se no poder de observação, registro e organização do sujeito autorizado – o ego central. Afirmar que esse sujeito escreve porque pode escrever remete não apenas à sociedade a que pertence, mas também à sua relação com o mundo exterior. A capacidade de representar, descrever e interpretar não está igualmente disponível a todos os membros de uma sociedade; além disso, o "o quê" e o "como" da representação, mesmo com certa liberdade individual, são delimitados por normas sociais. Recentemente, tornou-se evidente as restrições impostas à representação cultural de mulheres, assim como as pressões que distorcem a imagem de classes e raças marginalizadas. Em todos esses eixos – gênero, classe e raça –, a crítica tem destacado corretamente como as forças institucionais das sociedades ocidentais modernas moldam e limitam a representação dos grupos subordinados, reforçando sua posição inferior por meio do próprio ato de representá-los.

Discorrendo sobre os objetivos da sua obra *Cultura e Imperialismo*, Edward Said (2011) explica que se concentrou “nas disputas efetivas pelas terras e pelos

povos dessas terras”, com vistas a tentar “fazer uma espécie de exame geográfico da experiência histórica, tendo em mente a ideia de que a terra é, de fato, um único e mesmo mundo, onde praticamente não existem espaços vazios e inabitados”. Portanto, para o autor, “Assim como nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está totalmente ausente da luta pela geografia”. Trata-se de um explícito convite à luta e “Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também idéias, formas, imagens e representações (Said, 2011, p.39, grifo nosso).

De acordo com Said (2011, p. 171), a capacidade de representar o que está além das fronteiras metropolitanas — mesmo em diálogos informais — deriva do poder imperial, manifestando-se discursivamente na reorganização de dados “brutos” conforme as convenções narrativas e expositivas europeias. No caso francês, essa dinâmica se alinhava à lógica disciplinar. Tais representações não buscavam agradar ou persuadir públicos africanos, indígenas ou islâmicos; pelo contrário, frequentemente pressupunham seu silêncio. Assim, as artes e disciplinas europeias — literatura, pintura, história, relatos de viagem, sociologia, burocracia, filologia e teorias raciais — dependiam do poder imperial para inserir o mundo não europeu em seus quadros de representação, visando não apenas compreendê-lo, mas também controlá-lo e preservá-lo sob sua ótica.

Observa-se que, para críticos pós-colonialistas, o intento dos viajantes em seus relatos de viagem foi justificar e legitimar a colonização, pois reforçam a suposta existência de raças superiores (brancos europeus) e inferiores (indígenas, negros, “mestiços” etc), vistas como selvagens e bárbaras que, por meio de algum processo “civilizatório” instituído pelo europeu, ganham a possibilidade de redenção enquanto seres humanos e cristãos. Discorrendo exatamente acerca desse binômio “colonizador/colonizado”, o escritor tunisiano Albert Memmi (2007, p. 120) expõe que o colonizador justifica sua repressão e violência ao estereotipar o colonizado como “um retardado perverso, com maus instintos, ladrão, ligeiramente sádico” que precisa de “proteção”. Para o colonizador, a resistência do colonizado ao “progresso” e sua aparente aceitação da “miséria” comprovam a sua inferioridade e, assim, suas “necessidades” são negadas e validada a dominação.

Depreende-se do excerto de Memmi que essa representação do “colonizado” se refere a qualquer povo subalternizado pelo discurso de um “colonizador” que representa a perspectiva eurocêntrica de civilização e progresso. Entretanto, para

Joaze Bernardino e Ramón Grosfoguel (2016), embora a América Latina possua uma extensa trajetória colonial e tenha desenvolvido respostas aos impactos da colonização, “que podemos chamar de colonialidade, intelectuais dessa região não figuraram e não figuram no campo de estudos pós-coloniais”. Para ilustrar, os autores explicam que “Homi Bhabha, Edward Said e Gayatri Spivak – os nomes mais expressivos do campo acadêmico pós-colonial – não fazem nenhuma referência à América Latina nos seus estudos” (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016, p. 16).

Foi justamente devido ao silenciamento ou à omissão “da teoria pós-colonial às contribuições de intelectuais da América Latina [...] que se constituiu na virada do milênio” o Decolonial, “uma rede de investigação de intelectuais latino-americanos em torno da decolonialidade ou, como nomeia Arturo Escobar (2003), em torno de um programa de investigação modernidade/colonialidade” (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016, p. 16).

Ao evitar o paradoxal risco de colonização intelectual da teoria pós-colonial, a rede de pesquisadores da decolonialidade lançou outras bases e categorias interpretativas da realidade a partir das experiências da América Latina. Em outras palavras, com essa iniciativa, parafraseando Chakrabarty (2000), busca-se não somente provincializar a Europa, mas também toda e qualquer forma de conhecimento que se proponha a universalização, seja o pós-colonialismo seja a própria contribuição decolonial a partir da América Latina (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016, p. 16).

A partir do século XVI iniciou-se, portanto, a formação do eurocentrismo ou, como nomeia Coronil (1996), do ocidentalismo, entendido como o imaginário dominante do mundo moderno/colonial que permitiu legitimar a dominação e a exploração imperial. Com base nesse imaginário, o outro (sem religião certa, sem escrita, sem história, sem desenvolvimento, sem democracia) foi visto como atrasado em relação à Europa. Sob esse outro é que se exerceu o “mito da modernidade” em que a civilização moderna se autodescreveu como a mais desenvolvida e superior e, por isso, com a obrigação moral de desenvolver os primitivos, a despeito da vontade daqueles que são nomeados como primitivos e atrasados (Dussel, 2005). Esse imaginário dominante esteve presente nos discursos coloniais e posteriormente na constituição das humanidades e das ciências sociais. Essas não somente descreveram um mundo, como o “inventaram” ao efetuarem as classificações moderno/coloniais. Ao lado desse sistema de classificações dos povos do mundo

houve também um processo de dissimulação, esquecimento e silenciamento de outras formas de conhecimento que dinamizavam outros povos e sociedades (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016, p. 17-18).

De acordo com a tese central da obra *1492: O encobrimento do Outro – a origem do mito da modernidade*, do filósofo argentino Enrique Dussel, o ano de 1492 — marcado pela chegada de Colombo ao que seria mais tarde nominada América — simboliza o "nascimento" da Modernidade, ainda que sua formação tenha sido um processo gradual, comparável ao desenvolvimento de um feto. Dussel argumenta que a Modernidade teve suas raízes nas cidades medievais da Europa, ambientes de relativa autonomia e intensa inovação. Entretanto, sua consolidação só ocorreu quando a Europa estabeleceu uma relação de dominação com seu "Outro", submetendo-o, violentando-o e anulando sua diferença: foi através da autoprojeção como um "ego" colonizador, que se apropriou e negou a Alteridade, que a Modernidade se constituiu. Contudo, esse Outro não foi "descoberto" e reconhecido em sua singularidade, mas sim "en-coberto", assimilado a uma imagem que a Europa sempre carregou de si mesma. Desse modo, 1492 representa não apenas o marco do surgimento da Modernidade como conceito, mas também dá origem a um "mito fundador" pautado na violência e no apagamento sistemático das culturas não europeias (Dussel, 1993).

Por sua vez, o escritor argentino Walter Mignolo (2021), por meio do artigo intitulado "Desobediência Epistêmica, Pensamento Independente e Liberdade Decolonial", tece críticas contundentes à matriz colonial do poder, a qual considera um sistema global de dominação que classifica povos, saberes e regiões a partir de uma hierarquia racial e epistêmica imposta pelo Ocidente. Para tanto, Mignolo enxerga a "desobediência epistêmica" não como um gesto meramente acadêmico, mas um ato político essencial para a liberdade decolonial.

No contexto latino-americano, o referido conceito de desobediência opera como um instrumento intelectual para deslegitimar a narrativa ocidental que historicamente descreve a região como atrasada, subdesenvolvida e exótica, visando a interromper a lógica de dependência intelectual que força os latino-americanos a se autorrepresentarem mediante categorias e teorias importadas. Ao rejeitar esse quadro epistemológico hegemônico, a desobediência epistêmica possibilita que os latino-americanos construam seus próprios futuros, com base em histórias, lutas e cosmologias locais, distanciando-se do espelho distorcido do imperialismo epistêmico.

Em suma, Mignolo (2021) convoca os intelectuais da região a abandonarem a condição de objetos de estudo para assumirem, com coragem e desobediência, o lugar de sujeitos enunciadoreis de seu próprio destino, tecendo, assim, uma verdadeira libertação decolonial.

Ángel Rama (2008), um dos mais relevantes intelectuais uruguaios do século XX, assim como Mary Pratt (1999), também discorre sobre transculturação no contexto latino-americano. Rama tem Fernando Ortiz como aporte teórico e, em sua obra *Transculturación narrativa en América Latina*⁴, dentre outros apontamentos, questiona como se dão os processos de mudanças na narrativa da América Latina no século XX e como e quando a América Latina se tornou independente da Europa em relação ao literário.

De acordo com o antropólogo cubano Renato Ortiz, “a palavra *transculturação* expressa melhor as diferentes fases do processo de transição de uma cultura para outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura”, já que esse fenômeno não se limita simplesmente à assimilação de uma nova cultura. Na verdade, o processo também envolve “necessariamente a perda ou o desenraizamento de uma cultura anterior”, o que poderia ser visto como uma espécie de “desculturação parcial, e também significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser chamados de neoculturação” (Ortiz, *apud* Rama, 2008, p. 39, tradução nossa)⁵.

Salienta-se que desde o século XIX muitos escritores e críticos questionam a (ausência de) originalidade presente nos textos literários produzidos na e sobre a América Latina. O cerne desse questionamento é o desejo de tornar-se independente de uma cultura imposta pelo colonizador europeu com base em opressão e violência durante o processo de colonização. Segundo Ángel Rama (2008), a tão desejada originalidade pode ser obtida a partir do processo de transculturação, que é um processo pelo qual a escrita passa dos modelos europeus para um novo contexto sociocultural típico da América Latina, conforme segue:

⁴ Transculturação narrativa na América Latina (Tradução livre).

⁵ Original em espanhol: Fernando Ortiz lo razonó del siguiente modo: “Entendemos que el vocablo *transculturación* expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una cultura, [...] sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse *neoculturación*.”

O que costumava ser a linguagem dos personagens populares e dentro de um mesmo texto, se opunha à linguagem do escritor ou narrador, inverte sua posição hierárquica: em vez de ser a exceção e destacar o personagem sujeito ao escrutínio do escritor, torna-se a voz que narra, abrangendo todo o texto e ocupando a posição do narrador, expressando a sua visão de mundo. Mas ela não imita simplesmente um dialeto, mas usa formas sintáticas ou lexicais que lhe pertencem dentro de uma linguagem coloquial refinada, característica do espanhol americano em algumas áreas linguísticas do continente. A diferença entre esses dois comportamentos literários, ainda mais do que os linguísticos, pode ser observada na comparação entre dois excelentes contos: a "Dona Sanutos", da chilena Marta Brunet, última representante do regionalismo, e "Luvina", de Juan Rulfo, já uma representação dessa transculturação narrativa em andamento (Rama, 2008, p. 50, tradução e grifo nossos)⁶.

Ángel Rama (2008) demonstrou bastante interesse acerca do modo como alguns escritores latino-americanos rearticularam no âmbito da ficção os aspectos inerentes às tradições populares das regiões rurais da América Latina, criando a partir da fala dos habitantes do interior uma linguagem literária mais apropriada para expressar a visão de mundo engendrada por esses elementos culturais. O escritor mineiro Guimarães Rosa foi um dos autores estudados por Rama, salientando que os principais pontos da sua proposta poética convergem com o conceito de transculturação desenvolvido por Rama.

Em uma abordagem diacrônica, Pollyana Soares Rangel (2015, p. 13) joga luz sobre a fundamentação teórico-científica dos discursos que oscilam entre a crítica preconceituosa e o deslumbramento, tão presente nos relatos produzidos por viajantes e naturalistas. A esse respeito esclarece que surgiram duas correntes de pensamento racial antagônicas no século XIX: “o movimento abolicionista, (campanha) que colaborou para o fim da escravidão no continente americano, e o nascimento de teorias deterministas de cunho racial”.

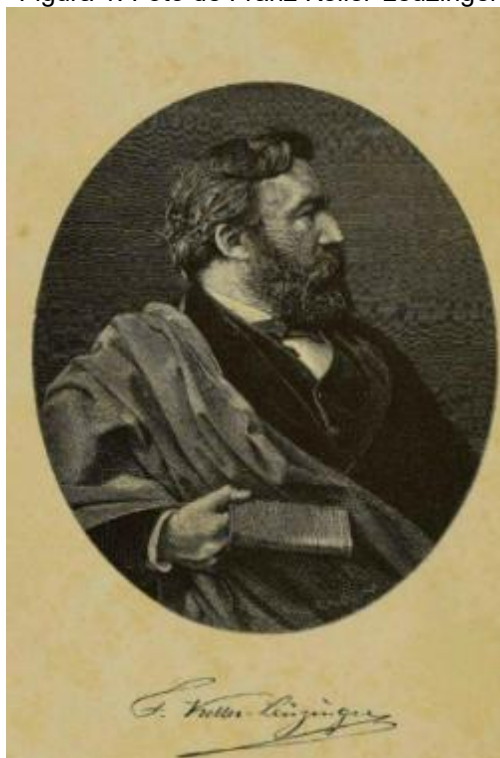
⁶ Original em espanhol: La que antes era la lengua de los personajes populares y dentro del mismo texto, se oponía a la lengua del escritor o del narrador, invierte su posición jerárquica: en vez de ser la excepción y de singularizar al personaje sometido al escudriñamiento del escritor, pasa a ser la voz que narra, abarca así la totalidad del texto y ocupa el puesto del narrador manifestando su visión del mundo. Pero no remeda simplemente un dialecto, sino que utiliza formas sintácticas o lexicales que le pertenecen dentro de una lengua coloquial esmerada, característica del español americano de alguna de las áreas lingüísticas del continente. La diferencia entre estos dos comportamientos literarios, aun más que lingüísticos, la da el cotejo entre dos excelentes cuentos: la “Dona Sanutos” de la chilena Marta Brunet, última representante del regionalismo, y “Luvina” de Juan Rulfo, ya representación de esta transculturación narrativa en curso.

A concepção de superioridade política e econômica dos europeus em decorrência de questões hereditárias e da crença no “meio físico favorável” emergiu a partir de uma matriz oriunda das ciências naturais. Sob essa ótica, os “europeus do norte eram melhores por terem um clima ideal”, ao passo que “os povos dos climas tropicais seriam aqueles considerados inferiores, incapazes e evoluir no meio político, social e econômico”. Quanto ao racismo, este “foi definido como ‘uma teoria pseudocientífica, mas racionalizada, postulando a inferioridade inata e permanente dos não brancos’, transformando-se numa formidável teoria” (Soares Rangel, 2015, p. 13).

3 TRAJETÓRIA DE FRANZ KELLER-LEUZINGER (1835-1890)

Nesta seção discorreremos sobre a trajetória profissional e de vida do engenheiro e desenhista alemão Franz Keller-Leuzinger, tendo como fonte privilegiada de pesquisa periódicos brasileiros e estrangeiros.

Figura 1. Foto de Franz Keller-Leuzinger



Fonte: Keller-Leuzinger (2021).

Longe de pretender interpretar a obra pela biografia do autor, intentou-se, com essa pesquisa, compreender a trajetória e as redes de sociabilidade que permitiram a Franz Keller desempenhar o papel de engenheiro em diversos empreendimentos relacionados a estudos de rios, planejamento e construção de pontes, rodovias, ferrovias, em províncias brasileiras e realizar seus trabalhos artísticos na Europa oitocentista. Tendo em vista a noção de trajetória de Pierre Bourdieu (1996; 2001), pretendeu-se investigar e compreender como Keller construiu e conduziu sua carreira de engenheiro e artista (desenhista) no Brasil e na Alemanha do século XIX.

Para esta seção, pautamo-nos nos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu (1996; 2001) concernentes aos conceitos de *habitus*, campo, capital cultural e trajetória. Partimos da análise da condição de Keller-Leuzinger enquanto

artista/desenhista na Europa para chegar à análise da sua condição de engenheiro no Brasil e escritor neófito de um relato de viagem que decorre de uma expedição da qual participou como engenheiro, com vistas a compreender os percursos que ele realiza entre os distintos campos nos quais atua e as conversões necessárias de capitais para viabilizar esses movimentos, ressaltando sua trajetória profissional e de vida. Também pretende-se discutir a retomada da vida artística no final de sua carreira, bem como as estratégias e ferramentas de que ele lançou mão para efetivar essa suposta transição.

Muito embora disponhamos de considerável quantitativo de informações publicadas sobre Frank Keller, não intentaremos construir sua trajetória em uma série cronológica, uma vez que para Bourdieu, a vida de uma pessoa não é constituída por uma sequência de acontecimentos e ocorrências com um sentido teleológico. Pelo contrário, visto que “os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevôo que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa” (Montagner, 2007, p. 251-252). Destarte, quando falamos de trajetória, estamos cientes de que apresentaremos vários fragmentos de trajetórias percorridas por Keller nos diversos campos sociais nos quais transitou. Não se pretende, também, produzir uma biografia que, alinhavando suas experiências, pretenda imprimir um único sentido a essa vida.

Para discutir aspectos da trajetória do engenheiro alemão desde sua infância no continente europeu, utilizaremos, dentre outras fontes, o necrológio⁷ de autoria de Leopold Eduard Gmelin (1847-1916)⁸ e um artigo científico da escritora suíça Barbara E. Messerli Bolliger (1991). Dado o gênero do texto, de caráter biográfico, escrito após a morte de Franz Keller e publicado em 1891, portanto, de natureza pública, é de se esperar que o texto de Gmelin seja de característica laudatória. Salienta-se que a

⁷ Gmelin (1891, p. 24-27).

⁸ Leopold Eduard Gmelin veio de uma famosa família alemã de acadêmicos. Ele era bisneto de Johann Friedrich Gmelin (1748-1804), professor de medicina em Göttingen, e neto de Leopold Gmelin (1788-1853), químico. Leopold Eduard Gmelin nasceu em 15 de dezembro de 1847 em Emmendingen, filho do Dr. Adolf Gmelin, um conselheiro. Em 1859, foi para Karlsruhe, onde frequentou a Faculdade Técnica de 1868 a 1872 e estudou arquitetura. Em 1870, participou da guerra contra a França e, em 1875, foi aprovado no exame estadual de engenharia estrutural. De 1875 a 1877, Gmelin estava ocupado com trabalhos de construção na Suíça, e presume-se que ele tenha entrado em contato com os ceramistas de Heimberg durante esse período. Também é possível que Leopold Gmelin, assim como Franz Keller-Leuzinger, tenha encomendado vasos para serem feitos a partir de seus desenhos. De 1877 a 1878, ele esteve em uma viagem de estudos pela Itália. Em 1878, lecionou na Escola de Artes e Ofícios de Karlsruhe e, em 1879, na Escola de Artes e Ofícios de Munique. Na Escola de Artes e Ofícios de Munique, Gmelin ensinou desenho de arquitetura, vasos e utensílios. (Messerli Bolliger, 1991, p.65, tradução e grifo nossos).

maior parte dos dados biográficos constantes no necrológio foi compilada a partir de informações fornecidas por Pauline Keller, irmã do falecido (Gmelin, 1891, p. 24)⁹.

3.1 DO GRÃO-DUCADO DE BADEN AO RIO DE JANEIRO: O CONTEXTO DA VINDA DE FRANZ KELLER AO BRASIL

Franz Keller nascido em Mannheim¹⁰, em 30 de agosto de 1835, era o filho mais velho de Joseph Keller, engenheiro do serviço público de Baden¹¹. Já nas primeiras páginas do necrológio, Gmelin exalta os supostos talentos artísticos de Franz Keller, que supõe terem sido “herdados de seu pai e cuidadosamente nutridos por seus pais”, tornando-se “evidentes em sua primeira infância como um desejo irresistível de desenhar.” Quando as folhas de papel acabavam, “as paredes, assim como o chão da sala de estar, serviam para suas primeiras conquistas no campo das artes do desenho” (Gmelin, 1891, p. 24, tradução nossa). Como se percebe nos excertos acima, o necrológio enaltece o morto, elaborando uma espécie de história de vida com um percurso linear, unidirecional e orientado para a autorrealização¹², que nesse caso é compreendida como realização de uma vocação artística.

Os pressupostos dessa concepção da história de vida como um projeto coerente e orientado já se manifesta nas primeiras páginas, quando Gmelin afirma que os talentos artísticos significativos de Keller teriam sido herdados de seu pai e cuidadosamente nutridos por eles, tornando-se evidentes desde sua primeira infância, quando teria manifestado um desejo irresistível de desenhar. A ênfase na ‘predestinação’ do artista é enfatizada, como se desde a mais tenra infância o sentido da existência narrada ali estivesse inscrito.

⁹ Original em alemão: Der größte Theil der biographischen Daten wurde nach Mittheilungen der Schwester des Verstorbenen zusammengestellt.

¹⁰ No Grão-Ducado de Baden, território germânico.

¹¹ Em 1806, Baden, governado por Charles Frederick, ajudou a França na destruição final do Sacro Império Romano e, como resultado, foi elevado a Grão-Ducado e tornou-se parte da Confederação do Reno de Napoleão. Em 1811, Charles Frederick morreu e foi sucedido por seu neto, Charles, que era casado com a filha adotiva de Napoleão. [...] Entre 1850 e 1866, Baden foi um consistente defensor da Áustria; e na Guerra Austro-Prussiana de 1866, enfrentou tropas prussianas. No entanto, o grão-duque Frederico foi forçado por seu gabinete a acabar com a guerra e estabelecer aliança com a Prússia. Quando a Prússia venceu a guerra, eles anexaram o território e começaram o processo de unificação da Alemanha. Disponível em: <https://www.dcstamps.com/the-grand-duchy-of-baden/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

¹² Cf. Bourdieu, P. A ilusão biográfica.

Todo o restante da trajetória escolar de Keller, aos olhos do biógrafo, se faz sem qualquer desvio ou tropeço capaz de tirá-lo de seu destino. Na escola primária e na escola politécnica de Karlsruhe, para onde a família se mudou mais tarde e onde ele se formou como engenheiro, afirma Gmelin, ele logo ficou conhecido como o melhor desenhista, assim como seu irmão mais novo, Ferdinand, mais tarde (Gmelin, 1891, p. 24, tradução e grifo nossos)¹³.

Não obstante a ênfase do necrológio acerca dos talentos do artista, o que se revela em parte significativa de sua trajetória profissional são as atividades como engenheiro, como bem observa Barbara M. Bolliger. De acordo com a autora, em 1841, a família Keller se muda para Karlsruhe, onde Joseph Keller assume o cargo de inspetor de engenharia hidráulica e rodoviária. Franz Keller frequenta o Liceu em Karlsruhe e depois a Escola Politécnica”. Terminados os estudos e obtido o título de engenheiro, Franz Keller acompanha o pai ao Brasil em 1855, justamente “para lá trabalhar a serviço do governo imperial, junto com inúmeros outros técnicos alemães e ingleses, na melhoria das vias de trânsito existentes e no planejamento e construção de novas estradas, ferrovias, regulação elétrica e linhas telegráficas”¹⁴ (Messerli Bolliger, 1991, p. 54, tradução nossa)¹⁵.

¹³ Original em alemão: Franz Keller war am 30. August 1835 zu Mannheim geboren als ältester Sohn des im badischen Staatsdienste stehenden Ingenieurs Joseph Keller. Seine bedeutenden künstlerischen Anlagen, vom Vater ererbt und von beiden Eltern sorgsam gepflegt, zeigten sich schon in frühester Kindheit in einem unwiderstehlichen Drange zum Zeichnen. Kein Bleistift, kein Stückchen Kreide oder Kohle waren sicher vor ihm und Wände wie Stubenböden mußten für seine ersten Leistungen auf dem Gebiet der zeichnenden Künste herhalten, wenn ihm das reichlich gespendete Papier ausging. Auf dem Gymnasium und dem Polytechnikum zu Karlsruhe, wohin später die familie übersiedelte und wo er sich zum Ingenieur ausbildete, war er bald, wie später sein jüngerer Bruder Ferdinand, als der beste Zeichner bekannt.

¹⁴ Allgemeine deutsche Biographie. B. Duncker & Humblot. Berlin, 1971. Neudruck der 1. Auflage von 1906. Bd. 51. S. 106.

¹⁵ Original em alemão: 1841 übersiedelte die Familie nach Karlsruhe, wo Joseph Keller das Amt eines Strassen- und Wasserbauinspektors übernahm. Franz Leuzinger besuchte in Karlsruhe das Lizeum und anschliessend die politechnische Schule. Nach dem Abschluss seiner Studien und Erlangen des Titels eines Ingenieurs, begleitete Franz Keller im Jahre 1855 seinen Vater nach Brasilien, «um dort im Auftrage der kaiserlichen Regierung gemeinschaftlich mit zahlreichen anderen deutschen und englischen Technikern an der Verbesserung der schon vorhandenen Verkehrswege und an der Planung und Ausführung neuer Strassen, Eisenbahnen, Stromregulirungen und Telegraphenlinien zu arbeiten».

No que concerne à vinda de Keller ao Brasil, Gmelin (1891, p. 24, tradução nossa)¹⁶ afirma que o convite¹⁷ recebido pelo pai dele em 1855, convite este para construir estradas no interior, realizar pesquisas, etc, fora algo que influenciara decisivamente a vida de Franz Keller. Na época, explica Gmelin, “ele tinha então vinte anos de idade, havia acabado de concluir seus estudos e, com a força de sua alma ardente, aproveitou a oportunidade para se juntar a seu pai em sua viagem aos trópicos”, que acabou oferecendo à “sua imaginação excitável o mais rico alimento e aos seus talentos artísticos a possibilidade de livre desenvolvimento”. Como se percebe, Gmelin se esforça para produzir uma coerência para a trajetória artística de Keller, valorizando a produção das aquarelas e desenhos “feitos com caneta e tinta em cartas testemunham a forte impressão que o novo mundo causou nele quando pisou no solo da América do Sul, no Rio de Janeiro” e desprezando o caráter nada artístico da empreitada dele e do pai pelas províncias do Brasil império, uma vez que foram contratados para dirigir a construção das primeiras ferrovias brasileiras, abrir estradas, construir pontes e não para produzir arte, conforme se verá mais adiante.

É importante esclarecer que algumas incongruências acerca da nacionalidade dos Keller se devem ao fato de àquela época não existir o Estado Alemão unificado. Conforme observa Bentivoglio (2014 p. 48, grifo nosso): Desde a “queda de Napoleão e da Restauração em 1815 até 1857 existiu a Confederação Germânica¹⁸, unidade política “formada por 39 Estados independentes e cujas decisões eram compartilhadas por Prússia e Áustria, sob a hegemonia desta última”.

O historiador Dante Fonseca (2017 p. 77, grifo nosso) considera que Franz e Joseph Keller eram “engenheiros austríacos”, ao passo que o engenheiro estadunidense coronel George Church (1875) os chamava de “prussianos”. Todavia, em uma carta¹⁹ respondendo ao coronel Church sobre alguns dados técnicos e

¹⁶ Original em alemão: Don entscheidendem Einfluß auf sein ganzes späteres Leben war ein Ruf nach Brasilien, welchen sein Vater (1855) erhielt, um Straßen in's Innere zu bauen, Vermessungen vorzunehmen u. f. w. Er war damals zwanzig Jahre alt, hatte soeben seine Studien vollendet, und mit der rollen Kraft seiner feurigen Seele ergriff er die Gelegenheit, als Gehilfe seines Vaters die Reise in die Tropenwelt mitzumachen, welche seiner erregbaren Phantasie die reichste Nahrung und seinen künstlerischen Anlagen die Möglichkeit freier Entfaltung bot. Zahlreiche Aquarelle und Federzeichnungen in Briefen geben lebendiges Zeugniß von dem gewaltigen Eindruck, den ihm die neue Welt machte, welche sich ihm aufthat, als er den Boden Südamerika's in Rio de Janeiro betrat.

¹⁷ Como não foi localizado qualquer documento que comprove esse “convite/chamado”, infere-se que ou fora algo informal ou “idealizado” por Gmelin para que Franz Keller não fosse visto como mais um migrante desesperado saindo de seu país para tentar a sorte em terras brasileiras.

¹⁸ Deutscher Bund (Em língua alemã).

¹⁹ Disponível no anexo desta tese.

dúvidas acerca do relatório da expedição dos Keller ao rio Madeira, o próprio Franz Keller esclarece que “nem meu pai nem eu somos prussianos, mas autênticos alemães”²⁰ (Church, 1875, p. 75, tradução e grifo nossos).

Além da Prússia, Áustria e dos Estados independentes, havia a Suíça que, embora não fizesse parte da Confederação Germânica, era fronteira ao Grão-Ducado de Baden (terra natal de Franz Keller) e germanófona, conforme se observa no mapa a seguir. Por tal motivo, a recepção crítica de Franz Keller lhe atribui as mais diversas nacionalidades, ora considerando-o alemão, ora austríaco, ora prussiano e ora suíço. Em 1855, momento em que Keller chega no Brasil, a “Alemanha” ainda não havia se constituído enquanto Estado-nação.



²⁰ Original em inglês: I thank you for the review that you have kindly sent me; and as to your article, so ably expressed, I have nothing to remark, except that neither my father nor I are Prussians, but thorough Germans.

²¹ Disponível em: <https://selosdobrasilfilatelia.blogspot.com/2017/10/os-estados-da-confederacao-germanica.html>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Dito isto, é importante assinalar em que contexto Keller chega ao Brasil. O pesquisador Stefan Rinke (2014, p. 3) afirma que “na segunda metade do século XIX houve uma saída em massa de alemães que deixavam a Alemanha rumo ao Brasil”, a maioria deles fixando residência no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. A princípio, esses alemães constituíram colônias em regiões pouco desenvolvidas, trabalhando como fazendeiros para, posteriormente, nelas criarem centros urbanos com características industriais.

É interessante destacar as considerações de Rinke (2014) acerca do perfil econômico e sociocultural de parcela desses emigrantes alemães: “somado à migração em massa, houve um fluxo contínuo de membros das elites que vinham para a América do Sul por determinado tempo ou decidiam aqui permanecer”. Acrescenta que “esses especialistas, comerciantes, banqueiros, jornalistas, oficiais do Exército, entre outros, não vinham em grupos numerosos, mas, em termos qualitativos, exerceram uma importante influência sobre as elites brasileiras”. Destaca-se, ainda, que “o conhecimento e o capital que detinham foram os principais pilares que lhes conferiram poder” (Rinke, 2014, p. 3, grifo nosso).

Em 1850, o periódico *O Guanabara*²² transcreve²³ artigo da “*Gazetta de Augsburg*²⁴ de 8 de fevereiro do corrente anno”. Tomando para análise alguns excertos do aludido texto “Colonização”, vale destacar seu início, uma vez que discorre sobre uma reunião entre “alguns fazendeiros da província do Rio de Janeiro para mandar buscar à Alemanha colonos para as suas fazendas (O Guanabara, 1850, edição 1, p. 503, grifo nosso). Em seguida, o artigo relata que a emigração alemã ocorre “tanto em consequência de sua grande população, como de sua organização política”, sugerindo que algo estava ocorrendo no cenário sociopolítico e econômico do território alemão à época, fazendo com que milhares de habitantes deixassem “seus lares para procurarem além do grande oceano uma nova e hospitaleira pátria”. O texto apócrifo sob análise corrobora as afirmações de Rinke (2014) ao afirmar que entre os imigrantes havia “alguns abastados levando consigo capitais, outros pobres

²² O periódico era dirigido por Manuel de Araujo Porto-Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo. *O Guanabara: Revista Mensal Artística, Científica e Litteraria (RJ)*, ano 1850, edição 1, p.503-505. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700630/504>. Acesso em: 27 set. 2023.

²³ Não consta se fora também traduzido, mas tudo indica que sim, uma vez que foi publicado em língua portuguesa.

²⁴ A *Gazeta de Augsburg*, também chamada de *Augsburg Allgemeine Zeitung*, foi um importante jornal diário alemão fundado em 1798 e publicado até 29 de julho de 1929. Fonte: Wikipedia.

que não trazem consigo senão o vigor de seus membros e a vontade de o empregar para gozarem em paz e descanso os últimos dias de sua existência.” Ressalta, ainda, que esses emigrantes tinham por objetivo “melhorar de sorte, e importando-se pouco se com a sua saída fica prejudicada a terra que os viu nascer” (O Guanabara, 1850, edição 1, p. 503, grifo nosso).

De acordo com o texto, para evitar que os emigrantes alemães fossem vítimas da ganância de vis “especuladores de carne humana ou de escravos brancos”, “formaram-se na Alemanha sociedades que tendiam a protegê-los”. Tais sociedades, de “ilimitado patriotismo”, viam “o elemento germânico dominar o mundo”, e empenhavam-se em orientar os que as procuravam no sentido de saberem “onde devem ir, qual o futuro que podem esperar, e de que maneira e com que despesas farão a viagem” (O Guanabara, 1850, edição 1, p. 503).

Na mesma época em que alguns periódicos alemães alertavam a população sobre os supostos riscos da emigração, no Brasil, a Casa Leuzinger²⁵, iniciava, em 1853, a publicação do periódico semanal “O Emigrado Alemão – Órgão para a colonização, Literatura, Ciências e Política²⁶”, conforme noticiado pelo periódico *Jornal do Commercio*:

Figura 3. Notícia sobre o periódico O Emigrado Alemão.



Fonte: *Jornal do Commercio*, 18 de junho de 1853, edição 168, p. 6, última coluna.

No dia 28 de julho de 1853, o *Jornal do Commercio (RJ)* publica carta escrita em alemão pelo Dr. Roberto Lallemand²⁷ sobre o periódico "O Emigrado Alemão". Na

²⁵ A casa Leuzinger, sediada na cidade do Rio de Janeiro, teve como proprietário o suíço Georges Leuzinger, que se tornou sogro de Franz Keller, em 1867. Trataremos do assunto posteriormente.

²⁶ O anúncio do primeiro número do periódico, publicado em 18 de junho de 1853, esclarece a respeito das condições de acesso aos próximos números: era necessário fazer uma assinatura, com duração de seis meses, na sede da Casa Leuzinger. Em 1965, os *Anais da Biblioteca Nacional* publicam, à p. 51 da edição 85, uma citação ao periódico *O Emigrado Alemão*. Ano I (nº 3); 2 jul. 1853. Rio de Janeiro, impresso pela “Typ. De Georges Leuzinger”, cujo redator era o Dr. Mauricio Kiechbach.

²⁷ **Robert Avé Lallemand** nasceu em Luebeck, Alemanha, formou-se em medicina na Universidade de Kiel em 1837, veio para o Rio de Janeiro no ano seguinte e tornou-se médico da enfermaria dos estrangeiros da Santa Casa de Misericórdia. Durante a epidemia de febre amarela, no verão de 1849-50, clinicou no lazareto da ilha de Bom Jesus e no Nossa Senhora do Livramento. Atendeu no hospício D. Pedro II e foi membro correspondente das Sociedades Médicas da Suécia, Prússia e Saxônia,

carta, claramente norteadas pelas discussões raciais do século XIX, Lallemand enaltece os alemães, afirmando que seriam bons e honrados. A seu ver, as “tribos louras” (formadas pelos colonos alemães) seriam desbravadoras, razão pela qual “se apoderarão dos mais remotos continentes”, inclusive dos “Estados livres da América do Norte”, que, mesmo distantes da Europa, os tornariam seus cidadãos. Não obstante tais qualidades, de seu ponto de vista os imigrantes alemães no Brasil eram tratados escravos por fazendeiros que desejavam reduzi-los a uma posição mais servil” (Jornal do Commercio, 1853, edição 202, p. 2, quarta coluna, grifo nosso). Tendo isto em vista, Lallemand exorta o governo brasileiro a aconselhar e proteger os imigrantes alemães, evitando que fossem vítimas de atravessadores e dando-lhes terras a serem cultivadas.

Giralda Seyferth, em artigo intitulado “As identidades dos imigrantes e o *melting pot*²⁸ nacional”, relata que a “colônia Itajahy (cujo núcleo inicial deu origem à cidade de Brusque) foi planejada pelo governo provincial e fundada em agosto de 1860 por um grupo de imigrantes alemães na margem esquerda do rio Itajaí-mirim”. Além disto, Seyferth esclarece que, na “região colonial do Itajaí-mirim, por exemplo, duas grandes linhas coloniais receberam várias levas de imigrantes oriundos de um mesmo distrito do Grão Ducado de Baden”, que, salienta-se, é o estado soberano onde está localizada a cidade de Mannheim, local de nascimento de Franz Keller, “permitindo, ao longo do tempo, uma identificação étnica e social da *comunidade* camponesa ali formada (Seyferth, 2000, p. 156, grifo nosso).

No que concerne à história da imigração europeia organizada²⁹ para o Brasil, Gisele Sanglard (2003, p. 174) explica que “ela está diretamente relacionada à instalação da Corte portuguesa no país e às medidas restritivas ao tráfico negreiro”. A autora esclarece que a criação da colônia de Nova Friburgo, em 1819, foi a primeira experiência levada a cabo pela Coroa portuguesa no Brasil, “nas cercanias da capital, e que recebeu cerca de um milhão de colonos suíços católicos.” A ela sucedeu-se a colônia de Petrópolis, formada por alemães” que, de acordo com Norton Ribeiro, Ricardo Amorim e Vera Abad, colonizaram as terras referentes a cidade de Petrópolis

cavaleiro da Ordem Imperial de Cristo do Brasil e comendador da Ordem Imperial de São Estanislau da Rússia (Anpuh, 2005, grifo nosso).

²⁸ Fusão de culturas (Tradução livre).

²⁹ Pelo contexto, observa-se que foi uma colonização planejada pela Coroa Portuguesa no Brasil.

em 29 de junho 1820 (Ribeiro; Amorim; Abad, [2021], on-line)³⁰; ou seja, trinta e cinco anos antes da chegada de Franz Keller ao Brasil.

Por volta de 1850, cinco anos antes da chegada de Franz Keller ao Brasil, “mais de três mil colonos já viviam em Petrópolis” (Ribeiro; Amorim; Abad, [2021], on-line). Vários deles trabalhavam como lenhadores e serralheiros, desenvolvendo trabalhos em madeira e ferro. Outros produziam laticínios e se dedicavam ao cultivo de frutas e verduras para hotéis e pensões, além de produzirem pães, bolos e biscoitos que se tornaram famosos. Outros, ainda, “se dedicavam à criação de porcos, para produção dos tradicionais embutidos e defumados”, contribuindo para a formação de pequenas indústrias (Ribeiro; Amorim; Abad, [2021], on-line).

Acerca da imigração de Nova Friburgo, Sanglard (2003, p. 177, grifo nosso) relata que “uma grande publicidade tomou conta da Suíça à época da arregimentação e da partida dos colonos, tendo nos jornais o seu principal veículo”. Porém, “outras formas de divulgação foram empregadas, como canções populares compostas para atrair partícipes para a empresa migratória” (Süssekind, 1990, apud Sanglad, 2003, p. 180)”. Nos primeiros anos dessa colonização criou-se a Caixa de Socorro para Nova Friburgo e a Sociedade Filantrópica, organizações estas de caráter beneficente (Sanglard, 2003, p. 180, grifo nosso). Da primeira delas, que em 1839 reunia 68 membros contribuintes, fazia parte o fotógrafo e tipógrafo Georges Leuzinger”, que viria a ser o sogro de Franz Keller (AFS, on-line, grifo nosso)³¹.

Investigando a presença de imigrantes com o sobrenome Keller no Rio de Janeiro, descobriu-se que já se encontravam na região antes da chegada de Franz

³⁰ Associados titulares do Instituto Histórico de Petrópolis.

³¹ AFS. Associação Filantrópica Suíça. 200 anos de história. Disponível em: <https://www.filantropicasuica.org.br/200-anos-de-historia>. Acesso em: 02 ago. 2022.

Keller e de seu pai³², trabalhando como joalheiros, sapateiros, lavradores etc.³³ Esse sobrenome também está associado a sociedades filantrópicas³⁴ e a um círculo de leitura suíço³⁵, ambos instalados no Rio de Janeiro. Tais informações acerca de indivíduos com esse sobrenome na cidade do Rio de Janeiro evidenciam o fato de os Keller fazerem parte desse processo migratório envolvendo a capital do Império e suas cercanias.

Resta saber em que condições Franz Keller e seu pai chegam e se instalam na cidade. Cezar Karpinski (2011, p. 42-43) afirma que, “diplomados pela Escola Técnica de Carlsburg³⁶ – Alemanha, José e Francisco Keller foram contratados pelo Governo Imperial em 1853, ano provável de sua chegada ao Império”. Não obstante, notícia publicada no periódico *Diário do Rio de Janeiro* faz crer que Franz Keller e Joseph Keller, seu pai, chegaram à capital do Império no dia 27 de dezembro de 1855, vindos do Havre, na galera francesa *Dom Pedro II (Diário do Rio de Janeiro, ano 1855, edição B00081, p. 6, última coluna, grifo nosso)*.

A respeito de sua inserção profissional no Brasil, Priscila Pasetto de Almeida (2011)³⁷ acrescenta que teriam sido convidados por D. Pedro II “para dirigir a

³² A pesquisa foi realizada no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. No que concerne ao mencionado *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, Aline Limeira explica que se trata de uma obra de propriedade dos irmãos Henrique e Eduardo Laemmert que, por meio dos “anúncios que fazia circular, realizava uma espécie de radiografia dos espaços públicos e privados da Corte Imperial e Província do Rio de Janeiro”. A obra, publicada anualmente desde 1844, “com capa dura e contando mais de mil páginas cada exemplar”, também era conhecida por “Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Corte” ou “simplesmente, Almanak Laemmert, como ficou mais conhecida.” Esse almanaque anunciava “uma infinidade e variedade de temas, organizados por capítulos, destacados em um Índice Alfabético, com o qual a obra se inicia (Limeira, 2007, p.18). Consta na capa da 5ª edição do Almanak Laemmert, publicada em 1848, organizada e redigida por seu fundador, Eduardo Laemmert, que ele era “Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa”, “Membro Correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro” e “Consul de sua alteza real o Grão-Duque de Baden”. Ou seja, ele era originário do ducado onde se localizava, no século XIX, a cidade de nascimento de Franz Keller. O que não só justifica as 102 ocorrências do sobrenome “Keller” nas edições do aludido almanaque disponíveis na hemeroteca digital, mas também significa que, em 1844, já havia muitos imigrantes dessa região alemã na Província do Rio de Janeiro e dentre eles muitos com sobrenome “Keller”, conforme pode ser observado no quadro intitulado “Imigrantes Keller trabalhando na Província do Rio de Janeiro no século XIX” (APÊNDICE C).

³³ Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/educacao-particular-publicidade-almanak-laemmert>. Acesso em: 10 jun. 2023.

³⁴ *Almanak Administrativo*, edição 16, ano 1859, p. 470. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/13729>. Acesso em: 10 abr. 2022.

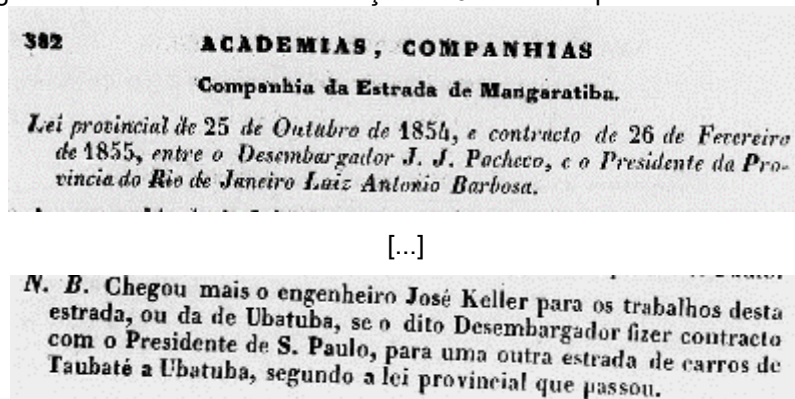
³⁵ Ano 1877, edição 34, p.563. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/313394x/42188>. Acesso em: 10 abr. 2022.

³⁶ Franz Keller foi diplomado engenheiro pela Escola Politécnica de Karlsruhe/Carlsruhe.

³⁷ Priscila Pasetto de Almeida organizou o “Catálogo da Exposição Itinerante” intitulado “Povos Indígenas no Norte do Paraná” Disponível em: <https://sites.uel.br/museu/wp-content/uploads/2023/06/Catalogo-da-exposicao-Povos-Indigenas-no-Norte-do-Parana.pdf>. Acesso em: 30 set. 2024.

construção das primeiras ferrovias” no império brasileiro³⁸. Fato é que em meados de 1856, o *Almanak Administrativo* (1856, edição 13, p. 420) noticia a possível contratação de José (Joseph) Keller para a edificação da estrada de Mangaratiba ou da de Ubatuba caso o desembargador J.J. Pacheco firme contrato com o Presidente da Província de São Paulo. Vejamos:

Figura 4. Notícia sobre a contratação de José Keller para abrir estradas³⁹



Fonte: *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ)*, ano 1856, edição 13, p. 420.

Observa-se que o nome do filho não é mencionado, de forma que o pai deveria estar à frente. Isso em 1856; ou seja, Joseph e Franz Keller chegam ao Brasil em 27 de dezembro de 1855 e, no ano seguinte, o pai é cogitado para participar da construção da estrada de Taubaté a Ubatuba. A hipótese de contratação faz crer que eles saem da Europa com uma “promessa de emprego” ou até mesmo um pré-contrato com a Companhia União e Indústria.

Embora a notícia não mencione Franz Keller, provavelmente ele atuaria como ajudante do pai, conforme notícia divulgada no periódico carioca *Correio Mercantil*, de 21 de abril de 1856. De acordo com a notícia, seu pai, o engenheiro Joseph Keller e um ajudante não nominado receberam por trabalhos realizados na ratificação de plantas para a estrada de Petrópolis ao Paraibuna. Tais trabalhos, ordenados pela “presidência” – provavelmente a presidência da Província do Rio de Janeiro –, incluíam também “preparar e submeter a despacho a conta e documentos das

³⁸ No entanto, a autora reproduz o lapso comum de outros estudiosos dos Keller ao mencionar que seriam irmãos. Verificam-se importantes deslizes relacionados ao grau de parentesco entre ambos, que é de filho e pai, bem como sobre a data de chegada ao Brasil que se deu em 1855 e não 1853.

³⁹ N.B. é a abreviatura de “nota bene”, que significa “nota bem” ou “observe bem”.

despesas feitas com a obra da ponte do rio Paraíba” (*Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal (RJ)*, ano 1856, edição 110, p. 2).

Em 12 de junho de 1856, o *Correio Mercantil*⁴⁰ publica um artigo no qual anuncia a chegada do arquiteto Theodor Marx, formado na mesma instituição onde Franz Keller concluiu o curso de engenharia, e de outros profissionais – um geômetra, um carpinteiro e um pedreiro – que estariam apenas de passagem. O tom do artigo é de celebração e boas-vindas aos “batedores de Baden”, que teriam se animado a virem para o Brasil após terem conhecimento do tratamento dispensado aos Keller. O artigo interessa não apenas por fazer menção à família de Franz Keller, mas também pelo que sugere em relação ao capital cultural do recém chegado, o qual, de acordo com o periódico, teria os mais honrosos certificados de sua inteligência e atividade. Como se pode perceber, para os redatores da imprensa local, a vinda desses profissionais interessava pela sua qualificação, o que parece visível no comentário acerca do morro de Santa Tereza, onde, esperava-se, seria “retalhado em ruas”, ou seja, a ‘bela montanha’ seria transformada em uma cidade campestre com chalés suíços.

Em 24 de agosto de 1857, o *Relatorio da Companhia Uniao e Industria*⁴¹ informa ter ocorrido a rescisão de um contrato de prestação de serviço da Companhia com engenheiros franceses, que foram substituídos por Joseph Keller⁴² e por Antonio Maria de Oliveira Bulhões, do Imperial Corpo de Engenheiros⁴³. A respeito do primeiro, o comendador Mariano Procópio, cafeicultor e fundador da empresa, assinala que Joseph Keller fora contratado em razão da sua “capacidade [...] abonada pelos trabalhos executados na Europa sob sua direcção” (Relatório da Companhia União Indústria (RJ), 1857, p. 20). Ele não menciona a atuação do engenheiro alemão na

⁴⁰ *Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal (RJ) - 1848 a 1868*, 12 de junho de 1856, edição 162, p.1, terceira coluna. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/217280/11972>. Acesso em: 2023.

⁴¹ A Companhia União e Indústria era uma empresa brasileira, fundada em 1853, que tinha como objetivo construir e manter estradas entre as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro. A empresa foi 1853, por iniciativa do cafeicultor Mariano Procópio Ferreira Lage. Cf: <https://www2.uff.br/historia/files/2020/04/Henrique-Silveira-Gomes-O-trabalho-escravo-na-companhia-união-indústria.pdf>.

⁴² Joseph von Keller, Joseph Keller ou José Keller foi cartógrafo, desenhista e engenheiro diplomado pela Universidade de Karlsruhe, e foi inspetor de estrada do Grão Ducado de Baden. Suas aquarelas fizeram parte da exposição História do Brasil, da Biblioteca Nacional, em 1881. Disponível em: <http://www.artesnaweb.com.br/index.php?pagina=home&abrir=arte&acervo=2110>. Acesso em: 29 fev. 2020 (Fasolato, 2020, p. 32).

⁴³ Trata-se de Antonio Maria de Oliveira Bulhões (1826-1900), brasileiro, do Imperial Corpo de Engenheiros (Fasolato, 2020, p. 32).

empreitada realizada no ano anterior em Petrópolis e Paraibuna, mas esclarece o papel de Franz (Francisco) Keller e de Carlos Keller, como ajudantes:

Figura 5. Francisco Keller como ajudante de seu pai em projetos de pontes.

O Sr. José Keller como engenheiro, seu filho o Sr. Francisco Keller e o Sr. Carlos Keller como ajudantes, desde que entraram para o serviço da Companhia, tem estado occupados especialmente em estudos de terrenos entre a ponte do Parahybuna e a villa da Parahyba do Sul e pelo lado das Tres Barras até a margem do Piabanha.
Além desses estudos, varios projectos de pontes que se estão executando, tem sido confeccionados pelo engenheiro, Sr. Keller.

Fonte: *Relatório da Companhia União Indústria (RJ) - 1855 a 1880*, ano 1857, edição 1, p. 20-21, grifo nosso.

É importante assinalar que os excertos supracitados são de autoria do então diretor-presidente da Companhia União e Indústria, o comendador Mariano Procópio Ferreira Lage, que, por meio de uma concessão imperial, via decreto nº 1.031 de 7 de agosto de 1852, criou a referida Companhia, “que visava a construção e manutenção da Rodovia que liga Juiz de Fora à Petrópolis (Rodovia União Indústria) e também a de outras rodovias na região da Zona da Mata” (Gomes, 2018, p. 3).

A respeito do desempenho do pai e “dos filhos” nesse projeto, o comendador afirma que estariam suportando “o rigor da estação chuvosa e quente nas margens do Paraíba e do Piabanha, sujeitando-se a privações que nem sempre podem ser removidas quando o local dos trabalhos dista longe dos centros de recursos” (Relatório da Companhia União Indústria (RJ), 1857, p. 20-21).

Segundo Fasolato (2020), nessa empreitada Joseph Keller “contou com seus filhos Franz Keller (1835-1890)⁴⁴ e Carlos Keller⁴⁵ como ajudantes”. O autor acrescenta que Joseph “há pouco tempo já prestava serviços para realização de projetos da estrada, inclusive da ponte sobre o Rio Paraíba, a serviço da Província do Rio de Janeiro⁴⁶”. Enquanto o engenheiro Bulhões ficou responsável pelas “obras na

⁴⁴ Adota o sobrenome Leuzinger ao se casar com Sabine Christine Leuzinger (1842-1915), filha do fotógrafo suíço Georg Leuzinger (1813-1892).

⁴⁵ Na tentativa de jogar luz sobre o grau de parentesco entre Carlos Keller, Joseph e Franz Keller, Andrea Wanderley (2021) lança algumas hipóteses envolvendo a relação entre Franz Keller e Albert Frisch, sobre a qual discorreremos no subtópico referente à trajetória de Keller no campo artístico: Sobrinho e primo? Filho e irmão? Ou seria o filho de Johann Nepomuk Keller, o engenheiro Carlos Keller (1839–1928), futuro reitor do Instituto de Tecnologia de Karlsruhe? Uma coincidência: o pai do fotógrafo Christophe Albert Frisch (1840–1918), tinha Nepomuk em seu sobrenome: chamava-se Johannes Nepomuk Frisch. Caso isso indique algum parentesco, Frisch e Franz Keller possivelmente já se conheciam antes de virem para o Brasil. (Wanderley, 2021, on-line).

⁴⁶ Correio Mercantil (RJ), 21/4/1856, ano XIII, ed. 110, p. 2.

primeira seção, de Petrópolis a Pedro do Rio”, os Keller, sob liderança de Joseph, atuaram no “trecho a partir daquele ponto até a Vila do Paraíba, Três Barras e a ponte do Paraibuna” (Fasolato, 2020, p. 32, grifo nosso).

Aproximadamente quatro anos após o início dos vários serviços prestados à companhia do comendador Mariano Procópio, no dia 30 de abril de 1861, Joseph Keller apresenta a ele “um relatório sobre o estado da estrada entre a ponte do Paraíba e Juiz de Fora (*Relatório da Companhia União Indústria*, 15 de junho de 1861)”. Diante disso, o Ministério da Agricultura⁴⁷ expede “a ordem para o pagamento dos engenheiros Joseph e Franz Keller pela exploração do rio Paraíba”. A notícia é publicada pela imprensa carioca com base no *Boletim do Expediente do Governo: Ministério do Império*, em novembro de 1861 e junho de 1862; e pelo *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal*, no dia 7 de abril de 1862 (Wanderley, 2021, on-line, grifo nosso). Em de junho de 1862, o Boletim do Expediente do Governo: Ministerio do Imperio (RJ) - publica um comunicado do Ministério da Agricultura ao vice-presidente da Província do Rio de Janeiro, declarando o recebimento do “seu officio de 3 de Maio findo, que acompanhou o relatório e plantas que lhe apresentaram os engenheiros Francisco Keller e José Keller acerca da navegação do rio Parahyba desde S. José do Campo-Bello até à ponte do Ypiranga...”.

No dia 17 de setembro de 1862, os *Annaes da Assembléa Legislativa Provincial do Rio de Janeiro* noticia que “os habéis engenheiros estrangeiros Francisco Keller e José Keller” são encarregados da melhoria da navegação do “rio Parahyba entre Campos e a ponte do Ypiranga” para embarcações de maior porte, fato importante para uma nação que, à época, praticamente não dispunha de estradas e nem ferrovias. Em 16 de março de 1863, o periódico *Correio Mercantil* (RJ) comunica que foi solicitada ao Ministério da Fazenda a quantia de 9:800\$ (nove mil reis) para pagamento de valores atrasados, correspondentes ao período de 31 de março de 1862 a 31 de outubro de 1862, aos “engenheiros Keller pai e filho, encarregados dos trabalhos de estudo e exame para a conalisação [sic] do rio Parahyba”. No dia 24 de maio de 1863, esse mesmo periódico publica um “Expediente da Secretaria do Governo” da Província do Rio de Janeiro, por meio do qual a referida secretaria acusa

⁴⁷ A Companhia União e Indústria firmou diversos contratos com os governos Imperial e das províncias ao longo da sua existência (Fasolato, 2020, p.32). Por isso, embora a serviço da referida Companhia, os Keller recebem do Ministério da Agricultura (Macop) os proventos pelo cumprimento de uma etapa dessa empreitada.

o recebimento de um aviso, datado de 20 de maio daquele ano, dando conhecimento da expedição de ordem de pagamento aos engenheiros Joseph e Franz Keller, referente às quantias a que têm direito, pelos estudos e exames concernentes à canalização do rio Paraíba. Em 9 de junho de 1863, o periódico *Correio Mercantil* publica um outro “Expediente da Secretaria do Governo” da Província do Rio de Janeiro por meio do qual comunica ao Ministério da agricultura ter recebido seu aviso, datado de 5 de junho daquele ano, informando ter encarregado Joseph e Franz Keller “de prosseguirem na exploração do rio Parahyba”. Em notícia de 1865, o Almanak Administrativo divulga que “Foram publicadas notícias sobre o relatório elaborado pelos engenheiros Keller sobre a navegabilidade do rio Paraíba.” Ademais, é noticiado que os Keller haviam concluído a expedição ao Paraíba e que, portanto, estavam recebendo “a incumbencia de fazerem a exploração do rio Pomba – na província de Minas Geraes”.

Corroborando a mencionada notícia do Almanak, Karpinski afirma que, de acordo com Maria Nicolas, sem informar uma data específica, Franz Keller e Joseph Keller “foram agregados ao Ministério de Agricultura e iniciaram seus trabalhos com o levantamento dos rios Paraíba e Pombo, o que se tornaria a principal atividade destes engenheiros no Brasil, onde permaneceram até 1873”⁴⁸ (Karpinski, 2011, p. 42-43). Também esclarece que, “em 1865, quando já eram figuras destacadas no cenário nacional, os Keller chegaram à Província do Paraná a fim de promover a exploração dos rios paranaenses que pudessem servir de comunicação com a Província do Mato Grosso⁴⁹”. Ademais, relata que, segundo o relatório do vice-presidente Ermelino de Leão, Joseph e Franz Keller “iniciaram a maior expedição realizada no rio Iguaçu até então, com a presença de agrimensores, tradutores e remadores que levariam oito canoas rio abaixo, partindo de São José dos Pinhais até onde as águas permitissem” (Karpinski, 2011, p. 43).

Na edição de 1865, o *Almanak Administrativo*⁵⁰ faz menção aos engenheiros José e Francisco Keller como exploradores do rio Parahyba de “Campo-Bello até Pirahy” por incumbência do Ministério da Agricultura. Nessa mesma edição, consta que os Keller teriam se especializado nos estudos de rios, sendo a partir de então

⁴⁸ NICOLAS, Maria. Sertanistas do Paraná: os esquecidos. [Curitiba]: Assembléia Legislativa, 1981, p.115 (Nota do autor).

⁴⁹ MARTINS, Romário. História do Paraná. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995, p.114 (Nota do autor).

⁵⁰ *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ)*, ano 1865, edição 22, p.1318.

encarregados de estudar o rio Ivaí, com o intuito de conectar a Província do Mato Grosso ao litoral do Paraná (*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ)⁵¹, 1865, edição 22, p. 1383)⁵².

Em matéria publicada no *Jornal de Recife*, em 22 de novembro de 1865, a navegabilidade do Ivaí, até então considerada um mito, parece garantida pela atuação dos Keller à frente do projeto conduzido pelo Ministério da Agricultura. Do ponto de vista do autor do artigo, deporiam a favor dos engenheiros “os luminosos trabalhos que em idênticas comissões eles têm oferecido ao governo central, a cuja confiança sabem corresponder” (*Jornal do Recife*, 22 de novembro de 1865, p. 1).

Não obstante a data de publicação da notícia, Franz Keller parece ter se integrado à expedição de Ivaí no ano anterior: “Franz Keller chegou a Santos na companhia de um *criado*⁵³, no vapor *Dom Affonso*, procedente de Santa Catarina com escalas” e “Integrou-se à Expedição do Avaí⁵⁴ [sic], quando produziu aquarelas da região” (Wanderley, 2021, on-line).⁵⁵

A replicação da notícia acerca desses projetos hidrográficos pelos mais diversos periódicos do país evidencia a importância deles para a integração das regiões do país por meio da navegação. Daí a necessidade de se alargar ou aprofundar o leito do rio, ou mesmo de colocar fim às cachoeiras que impediam a navegação. De acordo com Lêda Lovato (1974): “As explorações oficiais, na segunda metade do século XIX, tiveram muitas vezes o propósito de realizar estudos preliminares para a implantação de vias de comunicação em direção a partes longínquas ou dificilmente acessíveis do sertão interior. Esta preocupação é perceptivelmente estimulada após a guerra do Paraguai, com relação aos territórios matogrossenses e suas fronteiras e, após a década de 1870, a partes da bacia Amazônica como a região do Alto Madeira e seus afluentes (Lovato, 1974, p. 6).

⁵¹ Em 04 de janeiro de 1865, o *Correio Paulistano* (SP) ratifica a notícia de que José e Francisco Keller haviam sido encarregados do estudo do “rio Ivahy.” (*Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal* (RJ), ano 1864, edição 121, p.3) Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/24093>. Acesso em: 10 ago. 2022.

⁵² *Correio Paulistano* (SP), ano 1865, edição 2586, p.1, segunda coluna. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_02/599. Acesso em: 10 ago. 2022.

⁵³ Como era comum no século XIX, o criado não é nominado.

⁵⁴ Lapso de escrita da Brasileira Fotográfica, pois o nome do rio é Ivahy/Ivaí.

⁵⁵ A notícia de sua chegada a Santos não menciona a presença de Joseph Keller na mesma embarcação, de forma que não é possível saber se ele permanecera no Paraná ou se ainda não fora para lá, o que é pouco provável, já que até então desempenhara o papel de engenheiro chefe das expedições.

Já no início do ano de 1866, “foram publicadas notícias sobre o relatório elaborado pelos engenheiros Keller sobre a navegabilidade do rio Ivahy (*Correio Mercantil*, 16 de janeiro de 1866, penúltima coluna)” (Wanderley, 2021, on-line). Conforme essa publicação, o relatório enfatiza a relação entre as características topológicas do terreno e a possibilidade de sua ocupação por atividades agrícolas; ou seja, trata-se de discutir a navegabilidade dos rios ou de encontrar soluções para ela, garantindo o avanço das populações em regiões consideradas “bravias”, ou denominadas como “sertões”, terminologia utilizada àquela época para designar a suposta “ausência” de ocupação humana.

Figura 6. Notícia sobre a apresentação do relatório da exploração do rio Ivaí pelos Keller.

Agora mesmo acabão os engenheiros Kellers de apresentar seu relatório da exploração do rio Ivahy ; 22 leguas acima de sua foz, immediatamente abaixo da ultima corredeira, chamada do —Ferro,— podem estabelecer-se colonias onde a agricultura terá de prosperar, e a salubridade apresenta as melhores condições. Até ao referido logar podem sem difficuldade subir vapores de roças.

Para a fundação de outros estabelecimentos agrícolas (dizem os engenheiros) offerece o curso medio do rio logares numerosos em uma extensão de 30 leguas de terras excellentes.

Concluiremos esta parte com a transcrição dos dous seguintes periodos dos Srs. Kellers :

Fonte: *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ)*⁵⁶, ano 1866, edição 16, p. 1, penúltima coluna.

Acerca do que motivou o Império do Brasil a custear o estudo desses rios, Lovato observa que “a descoberta de jazidas de minério de ferro em Mato Grosso (Waehneltdt, 1864: 193) e a Guerra do Paraguai tornaram mais urgentes os levantamentos dos rios da bacia do Paraná.” Dessa forma, “os Keller”, que haviam sido “designados inicialmente para explorar o Ivaí, receberam durante os trabalhos, instruções do Presidente da Província do Paraná, para estenderem a exploração aos rios Tibagi, Paranapanema e Iguaçu (Rel. Pres. da Prov. do Paraná, 1866)”. Quanto às explorações realizadas por Franz e Joseph Keller, Lovato diz que “foram oficiais, com objetivos políticos e econômicos.” Acrescenta a autora que o Ministro da Agricultura recomendou aos engenheiros Keller os seguintes trabalhos além dos inerentes à sua especialidade: “juntarão a este roteiro uma descrição das tribus

⁵⁶ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/25736>. Acesso em: 11 ago. 2022.

selvagens que encontrarem, designação dos logares que habitam, e mais informações que possam colher...” Ademais, o referido ministro solicitou que os Keller deveriam indicar “os lugares mais apropriados à fundação de colonias agrícolas, militares e aldeamentos de índios” (Relatório do Pres. do Paraná, 1865 - citando o Ministro)” (Lovato, 1974, p. 7.).

Para Lovato, essas recomendações dariam um caráter inédito ao relatório sobre os rios Tibagi e Paranapanema e os indígenas da região: “Com a exploração do Ivahy fomos juntamente encarregados de examinar os estados da Colonia Thereza e de designar as tribus selvagens que encontrássemos; é matéria diversa que teremos a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.”. (Rel. do Pres. Paraná, 1866)”” (Lovato, 1974, p. 7).

No dia 28 de março de 1866, o periódico *Dezenove de Dezembro (PR)* noticia que Joseph e Franz Keller foram contratados pelo governo do Paraná para a realização do levantamento e da impressão da carta corográfica daquela província (Wanderley, 2021, on-line). Além disso, a notícia destaca os “preparativos para a exploração do rio Iguassú” que, conforme noticiado em julho de 1866 nesse mesmo jornal⁵⁷ teria sido iniciada com a partida dos Keller de Curitiba em direção àquele rio.

Figura 7. Notícia sobre a contratação dos Keller para levantamento e impressão da carta corográfica do Paraná.

Já estão promptas seis canoas, e feitos outros preparativos para a exploração do rio Iguassú, desde as visinhanças de S. José dos Pinhaes até sua confluencia no Paraná; mas havendo-se esgotado a verba destinada á obras publicas geraes e auxilio ás provinciaes, representei ao Sr. ministro da agricultura, solicitando para aquelle serviço, um credito de mais quinze contos de réis (15:000\$000).
Contractei com os engenheiros José e Francisco Keller por tres contos e quinhentos mil réis (3:500\$000) o levantamento, e impressão da carta corographica da provincia, da qual entregarão elles cincoenta exemplares lithographados.

Fonte: *Dezenove de Dezembro (PR)*, ano 1866, edição 671, p. 1, primeira coluna.

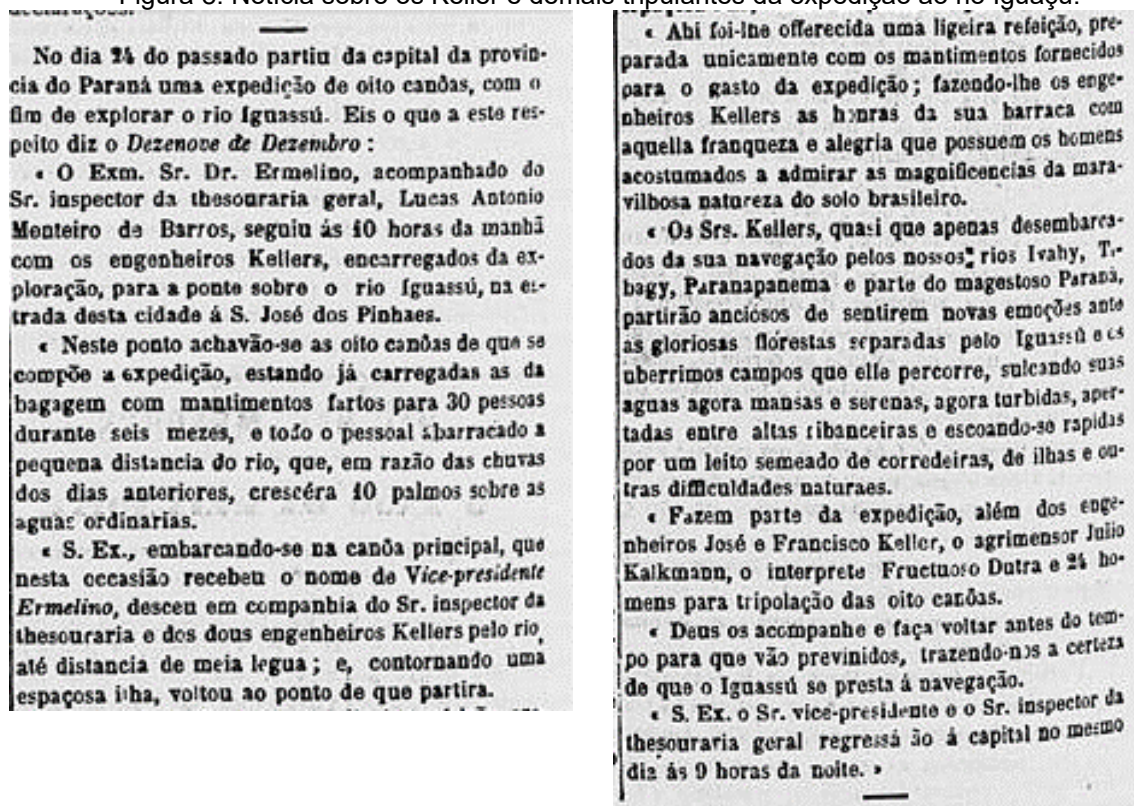
É importante salientar que talvez o levantamento e a impressão de 50 exemplares litografados da carta corográfica não signifique que os Keller foram os responsáveis pela elaboração desse documento, tendo em vista que, ao empreender

⁵⁷ *Dezenove de Dezembro (PR)*, ano 1866, edição 699, p.2, penúltima e última colunas. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/416398/4398>. Acesso em: 11 ago. 2022.

pesquisa sobre o tema, verificamos que, segundo consta na Biblioteca Nacional Digital do Chile⁵⁸ e na Biblioteca Nacional da França (BnF Gallica)⁵⁹, a referida carta corográfica foi organizada pelo tenente-coronel Antônio P. de F. Mendes Anta e desenhada por Luiz Pedro Lecor, em 1866.

Em edição de 30 de julho de 1866, o *Correio Mercantil* informa que o agrimensor Julio Kalkman e o intérprete Fructuoso Antonio de Moraes Dutra, além de 24 tripulantes das oito canoas da expedição, também faziam parte do grupo responsável por explorar o rio Iguaçu (Wanderley, 2021, on-line). Vejamos:

Figura 8. Notícia sobre os Keller e demais tripulantes da expedição ao rio Iguaçu.



Fonte: *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ)*, ano 1866, edição 209, p. 2, última coluna.

Nessa notícia, alguns cenários são reproduzidos pelo narrador ao leitor metropolitano sob um olhar euro-imperialista, por meio do qual a população local, incluindo os autóctones, são inominados e apagados, para dar lugar à descrição dos colonizadores e ao exotismo de paisagens supostamente vazias que os deslumbram e intentam justificar e legitimar a colonização, no caso, através dos empreendimentos

⁵⁸ Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/631/w3-article-650963.html>. Acesso em: 10 set. 2024.

⁵⁹ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8491341t#>. Acesso em: 10 set. 2024.

expansionistas da metrópole. Observa-se que os nominados tripulantes chegam ao local da partida e se deparam com 30 canoas prontas, mas não é informado quem as preparou. Decerto que fora a população local, indígenas, que conhecem os rios e provavelmente atuariam como remadores durante todo o percurso. Mary Louise Pratt (1999, p. 115) analisa as estratégias narrativas de viajantes e exploradores:

Neste ponto, a separação textual de paisagens e pessoas, de relatos sobre habitantes e relatos sobre seus habitats, atende a sua lógica. O olhar aperfeiçoador europeu apresenta habitats de subsistência como paisagens “vazias”, significativas apenas em termos de um futuro capitalista e de seu potencial para a produção de excedentes comercializáveis. Do ponto de vista de seus habitantes, obviamente, estes mesmos espaços são vivenciados de maneira intensamente humanizada, saturada de história local e significado, onde plantas, criaturas e formações geográficas têm nomes, usos, funções simbólicas, histórias, papéis nas estruturas de conhecimento indígena.

Na notícia sob análise, Joseph e Franz Keller ocupam a posição de admiradores da natureza brasileira que eles estão prestes a modificar e destruir por meio das obras que planejaram executar no projeto disponibilizado às autoridades brasileiras. O narrador descreve a natureza e a concebe como provocadora de emoções nesses estrangeiros. Obviamente que os Keller não corroboram essa perspectiva, uma vez que, para eles, a natureza é um obstáculo a ser vencido para o avanço do “projeto civilizatório” que eles e quem os contratou têm em mente.

Karpinski (2011) afirma que as fontes de pesquisa sobre o rio Iguaçu tendem a menosprezar o fator humano para que o discurso riquíssimo sobre a natureza ocupe o primeiro plano. O autor também discorre a respeito da expedição dos Keller ao referido rio, com enfoque nos discursos e representações sobre ele e seu entorno:

Se, por um lado, essas fontes não trazem detalhes sobre o fator humano, em contrapartida, as descrições sobre o rio e o “mundo natural” ao qual este se insere são riquíssimas. A expedição dos engenheiros José e Francisco Keller (1866) e a viagem de Taunay (1886) são documentos preciosos para se perceber a construção da paisagem subsumida num discurso que constrói inúmeras representações sobre o rio Iguaçu e sobre a própria Província do Paraná. Essas duas viagens são descritas e interpretadas ainda no primeiro capítulo, pois densificam as discussões sobre as características físicas do Iguaçu e até onde ele viabilizaria o sonho paranaense de uma unificação territorial através da utópica crença na navegação leste-oeste em suas águas (Karpinski, 2011, p. 16, grifo nosso).

Karpinski (2011, p. 42) salienta que a solicitação de André Augusto de Pádua Fleury promoveria no rio Iguaçu a maior expedição exploratória que se tem notícia no Século XIX”. Para tanto, o Macop do Governo Imperial nomeou os engenheiros alemães Francisco (Franz) Keller e José (Joseph) Keller para realizar “estudos hidrográficos desta importante via fluvial”⁶⁰.

Toda a experiência acumulada pelos Keller, principalmente no que concerne à realização de estudos e levantamentos de rios ao longo de anos, decerto acabou pesando favoravelmente a eles quando o Império do Brasil se viu intensamente pressionado por muitos países, em especial, os Estados Unidos da América, para permitir o acesso à navegação do rio Amazonas e seus afluentes. Dom Pedro II, imperador do Brasil, cedeu à pressão e autorizou, por meio do Decreto nº 3.749, de 7 de dezembro de 1866 (ANEXO B), a abertura dos rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Madeira, Negro e São Francisco à navegação dos navios mercantes de todas as nações a partir de 7 de setembro de 1867 (Decreto nº 3.749, 1866⁶¹). Seis meses antes, no dia 27 de março de 1867, ele já havia assinado o Tratado de Ayacucho com a Bolívia, com vistas a definir os limites e selar a paz e a amizade entre aquele país e o Império do Brasil (Vergara, 2013).

Devido à referida cessão, as fronteiras brasileiras ficaram mais expostas e Dom Pedro II se viu compelido a integrar a região amazônica ao restante do país, melhorando a comunicação com a província de Mato Grosso e a república da Bolívia, a partir, também, da construção de uma ferrovia. Para tanto, o imperador, que já havia contratado anteriormente os serviços técnicos dos engenheiros alemães Joseph Keller e Franz Keller para viabilizar obras em outras províncias do império, decidiu contratá-los para realizar uma expedição na Amazônia. A missão principal desta empreitada consistia em elaborar estimativas de custos para a construção de uma ferrovia ao longo dos rios Madeira-Mamoré, para a realização de obras de canalização e construção de planos inclinados entre as cachoeiras de Santo Antônio e Guajará-Mirim, cujas propostas seriam disponibilizadas em relatório técnico ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (MACOP) do império brasileiro (Vergara, 2013, p. 86).

⁶⁰ PARANÁ. Fala dirigida à Assembléa Legislativa Provincial do Parana à 15 de fevereiro de 1866 pelo presidente André Augusto de Pádua Fleury... Op.cit., p.60-61 (Karpinski, 2011, p. 42).

⁶¹ Decreto *ipsis litteris* disponível no anexo 5 desta tese.

Corroborando o exposto, de acordo com a Brasileira Fotográfica, Franz e Joseph Keller foram encarregados de explorar o rio Madeira em sua parte encachoeirada, “desde Santo Antonio até a barra do rio Mamoré, e de elaborar os projetos mais apropriados para o melhoramento dessa importante via de comunicação com a província de Mato Grosso e a república da Bolívia” (Wanderley, 2021, on-line). A contratação da comitiva foi oficializada por meio de uma portaria do governo imperial, datada de 10 de outubro de 1867 (Diário de Belém: Folha Política, Noticiosa e Commercial (PA), ano 1869, edição 230, p. 1).

No dia 15 de novembro de 1867, o jornal *Diário do Povo (RJ)*⁶² informa que a comitiva que partira da cidade do Rio de Janeiro com destino à Província do Pará era composta pelo engenheiro José Keller, sua filha Pauline Keller, Francisco Keller e sua esposa Sabine, filha do livreiro Georges Leuzinger, o fotógrafo Albert Frisch, que seguiu com os engenheiros só até Manaus, pois era contratado por Georges Leuzinger para realizar fotografias da região para seu ateliê, e um criado, cujo nome não é mencionado. Também estava no pacote *Paraná* o engenheiro José Manoel da Silva, integrante da expedição. É importante ressaltar que tanto a esposa quanto a irmã de Franz Keller não participaram da expedição; elas retornaram de Belém para o Rio de Janeiro⁶³.

De acordo com a edição 104 do periódico *Amasonas (AM)*⁶⁴, datada de 30 de maio de 1868, são “concedidas às irmãs⁶⁵ Sabine Leuzinger-Keller e a Pauline Keller concessão de *passagens de Estado* em embarcação da Companhia do Amazonas, de Manaus a Belém do Pará com as despesas pagas pelo Ministério da Agricultura”. Elas acompanham Joseph e Franz Keller, “recomendados pelo governo do Amazonas ao comandante do Forte Príncipe da Beira, no Mato Grosso, para onde iriam com o

⁶² *Diário do Povo: Político, Litterario, Noticioso e Commercial (RJ)*, ano 1867, edição 64, p.3, primeira coluna. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/367737/247>. Acesso em: 11 ago. 2022.

⁶³ Notícia similar a essa do Diário do Povo é publicada pelo Jornal do Commercio (RJ), no dia 15 de novembro de 1867, informando que “Francisco Keller e sua família”, dentre outros passageiros, partem para o Pará, no vapor *Paraná*. *Jornal do Commercio (RJ) – 1860 a 1869*, ano 1867, edição 318, p.1, quarta coluna. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/364568_05/12885. Acesso em: 12 ago. 2022. No dia seguinte, 16 de novembro de 1867, o Jornal do Commercio (RJ) publica um texto curto por meio do qual “o engenheiro civil José Manoel da Silva, encarregado pelo governo imperial de auxiliar os engenheiros Keller na exploração do rio Madeira”, despede-se formalmente dos colegas que compunham a comitiva de exploração daquele rio. *Jornal do Commercio (RJ) – 1860 a 1869*, ano 1867, edição 319, p.2, terceira coluna. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/364568_05/12890. Acesso em: 12 ago. 2022.

⁶⁴ Ano 1868, edição 104, p.2, segunda e terceiras colunas. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/164992/286>. Acesso em: 11 ago. 2022.

⁶⁵ Veremos posteriormente que elas não são irmãs, como relata a Brasileira Fotográfica, mas sim cunhadas.

objetivo de explorar o Rio Madeira, conforme comissão do governo brasileiro” (Wanderley, 2021, on-line). Nessa mesma edição, também são notificados sobre a chegada dos Keller para a expedição ao rio Madeira o “inspector da thesouraria de fazenda”, um “agente da companhia do Amazonas” e o “subdelegado de policia do districto de Borba”.

Por sua vez, Frank Kohl esclarece que Keller-Leuzinger faz referência a apenas três membros da expedição ao rio Madeira:

Além de seu pai, Joseph, a equipe incluía o engenheiro brasileiro em ascensão José Manoel da Silva e O. v. Sch., um jovem alemão "levado à América por seu espírito inquieto".⁶⁶ Este último já havia participado de uma das viagens anteriores de Keller e acompanhou a expedição como um assistente polivalente, atuando como "fabricante de velas, carpinteiro de navios, apertador de canhões e outros ajudantes nas pesquisas"⁶⁷ (Kohl, 2012, p. 140, tradução e grifo nossos)⁶⁸.

Para dissipar as controvérsias envolvendo a “participação” de Sabine Keller e Pauline Keller na comitiva de exploração do rio Madeira, vejamos o excerto constante em nota da apresentação da tradução referente à edição brasileira da obra de Keller intitulada *Os Rios Amazonas e Madeira*, por meio do qual o tradutor Adriano Feitosa menciona algumas informações já publicadas em jornais da época e expostas nesta seção, bem como traz alguns esclarecimentos:

Analisando registros de movimentação portuária em periódicos contemporâneos à expedição, surpreendemo-nos ao descobrir que Franz e Joseph viajaram ao Pará e ao Amazonas acompanhados das senhoritas Sabine Keller, esposa de Franz, e Pauline Keller, irmã de Franz – ambas com nomes aportuguesados para “Sabina” e “Paulina” –, inicialmente fazendo-nos cogitar se não teriam acompanhado toda a extensão da jornada, o que não seria incomum, porém pouco frequente, a exemplo da célebre Elizabeth Agassiz, que acompanhara o marido Louis Agassiz em expedição prévia, e a quem devemos os registros meticulosos dos acontecimentos daquela expedição. Todavia, encontramos em edição do periódico “Amazonas”, Ano II, N.º

⁶⁶ Zu den Expeditionsmitgliedern siehe Keller-Leuzinger: Vom Amazonas und Madeira, S. 28-29; ähnlich äußert er sich auch in dem Artikel: [Keller-Leuzinger]: Franz Keller's Aufnahmen in Süd-Amerika, S. 412. (Nota do autor).

⁶⁷ Keller-Leuzinger: Vom Amazonas und Madeira, S. 29. Bei dem nur mit dem Kürzel „O. v. Sch.“ genannten Mitarbeiter handelte es sich um den Baron Oscar von Schweitzer. In den 1870er Jahren. (Nota do autor).

⁶⁸ Original em alemão: Neben seinem Vater Joseph gehörte dem Team der angehende brasilianische Ingenieur José Manoel da Silva und O. v. Sch., ein junger Deutscher, „den sein ruheloser Geist nach Amerika getrieben“ hatte, an. Letzterer war bereits an einer voraus-gegangenen Reise Kellers beteiligt gewesen und begleitete die Expedition als universell einsetzbare Hilfskraft und fungierte als „Segelmacher, Schiffszimmermann, Büchsenspanner und weiterer Gehülfe bei den Vermessungen“.

104, p. 2, de 30 de maio de 1868, despacho publicado com determinação para concessão de “passagens de Estado” a Sabine e Pauline em embarcação da Companhia do Amazonas, de Manaus a Belém do Pará, e, na mesma edição, despacho à Tesouraria da Fazenda para cobrir (às custas do Ministério da Agricultura) as despesas de Joseph e Franz, que em 25 de maio de 1868 requisitavam passagens em vapor de Manaus rumo a Serpa, de onde seguiriam até o rio Madeira. Em 26 de maio, são mencionados os engenheiros “que seguem em desempenho de sua comissão exploradora do Rio Madeira” “José Keller”, “Francisco Keller” e “José Manoel da Silva”, acompanhados de dois assistentes, a quem se concedem as passagens requisitadas no dia anterior. Em 27 de maio, noticia-se a partida da comissão, oficiando as autoridades de Serpa, Borba, Crato e Santo Antônio, no Amazonas, e o comandante do forte do Príncipe de Beira, no Mato Grosso, para prestarem apoio e auxílio na consecução de seus trabalhos. As senhoritas Sabine e Paulina retornam sozinhas ao Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1868, com desembarques registrados no periódico carioca “Correio Mercantil”, Ano XXV, N.º 170, p. 3, de 20 de junho de 1868. Franz e Joseph apenas retornariam ao Rio de Janeiro em 1869 (in Keller-Leuzinger, 2021, grifo nosso).

Em edição datada de 20 de junho de 1868, o periódico *Correio Mercantil (RJ)*⁶⁹ corrobora essa notícia de que “Sabine e Pauline chegaram ao Rio de Janeiro em 19 de junho, a bordo do paquete a vapor *Guará*” (Wanderley, 2021, on-line).

Segundo Kohl, o próprio Franz Keller “mencionou em um pequeno artigo que sua esposa e irmã haviam viajado com ele para a região amazônica.” Porém, elas “acompanharam o grupo de expedição até Manaus no final de 1867, onde permaneceram por quase cinco meses, e só voltaram ao Rio de Janeiro em abril de 1868, quando os homens também partiram para a expedição”, sob a justificativa de que “a viagem no rio Madeira, no desconfortável Canot, cercado por uma horda de índios semisselvagens, era apenas para homens”.⁷⁰ Ademais, essa “viagem de Sabine Keller para a região amazônica é também documentada por correspondência. Em 25 de fevereiro de 1868, o casal Keller enviou um cartão de Manaus com saudações de noivado para a irmã de Sabine, Eugenie”⁷¹ (Kohl, 2012, p. 141, tradução

⁶⁹ *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal*, ano 1868, edição 170, p.3, penúltima e última colunas.

⁷⁰ Keller-Leuzinger: *Aufnahmen in Südamerika*, S. 413 (Nota do autor).

⁷¹ Dem von Sabine Keller geschriebenen Text ist eine kleine Tuschzeichnung von Franz Keller beigefügt. Das Original befindet sich in einem Album aus dem Umfeld der Familie Leuzinger (IMS, Rio de Janeiro). Eine Reproduktion des Briefes in: IMS: Georges Leuzinger, S. 21 (Nota do autor).

e grifo nossos)⁷². Kohl acrescenta que Sabine e Franz Keller viveram juntos “em Karlsruhe desde o início da década de 1870”⁷³ (Kohl, 2012, p. 89, tradução nossa).

Retomando a cronologia da expedição, a notícia acerca da contratação dos Keller pelo Macop do império brasileiro para realizar o estudo do rio Madeira foi sendo disseminada repetidamente em periódicos de várias províncias, evidenciando a importância da expedição para a sociedade da época, principalmente para as províncias do norte do país.

Muito embora Wanderley (2021, on-line) afirme que a expedição à Amazônia liderada pelos Keller chegou a Belém em 1º de dezembro e seguiu para Manaus, onde aportou no dia 10 do mesmo mês, conforme noticiado pela edição 281 do *Jornal do Pará*, de 11 de dezembro de 1867, na obra *Os rios Amazonas e Madeira*, Franz Keller (2021) afirma que a chegada à capital paraense ocorrera em novembro de 1867, conforme segue:

Em novembro de 1867, chegamos à cidade de Belém do Pará, na foz do rio Pará. O porto estava cheio de navios de todas as nações, dentre os quais a corveta brasileira Niterói. As torres das igrejas e os torreões dos conventos, e no horizonte distante a Ilha das Onças, tornam muito agradável a vista, embora a ausência de elevações mais altas faça com que a memória remeta às paisagens planas e achatadas dos Países Baixos. O comércio nesta cidade cresceu rapidamente desde 1850 devido ao aperfeiçoamento das comunicações por toda a bacia do rio Amazonas, que se estende desde esta localidade até as cordilheiras, a Oeste (Keller-Leuzinger, 2021, p. 62, grifo nosso).

Para contextualizar a expedição dos Keller ao rio Madeira, é interessante ressaltar que outros expedicionários e fotógrafos importantes vinham atuando na Amazônia durante o século XIX. No período de 1865 a 1866, por exemplo, Agassiz comandou a Comissão Thayer, uma viagem do Rio de Janeiro à Amazônia, “que deu origem ao livro *A journey in Brazil*, editado em Boston, em 1868”. Também fez parte dessa comissão o geólogo canadense-americano “Charles Frederick Hartt (1840-

⁷² Original em alemão: Er erwähnte in einem kurzen Artikel, dass seine Frau und seine Schwester mit in das Amazonasgebiet gereist waren. Die beiden Frauen begleiteten die Expeditionsgruppe am Ende des Jahres 1867 bis nach Manaus, wo sie sich fast fünf Monate aufhielten, und reisten erst im April 1868 nach Rio de Janeiro zurück, als auch die Männer zu ihrer eigentlichen Expedition aufbrachen, „denn die weitere Reise auf dem Madeira im unbequemen Canot, umgeben von einer Horde halbwilder Indianer, war eben doch nur für Männer“. Die Reise von Sabine Keller ins Amazonasgebiet ist darüber hinaus durch Briefwechsel belegt. Am 25. Februar 1868 schickte das Ehepaar Keller aus Manaus eine Karte mit Verlobungsgrüßen an Sabines Schwester Eugenie.

⁷³ Original em alemão: Sabine Leuzinger hatte 1867 den Mannheimer Ingenieur Franz Keller geheiratet, mit dem sie seit Anfang der 1870er Jahre in Karlsruhe lebte.

1878), o futuro chefe da Comissão Geológica do Império (1875 – 1878), integrada pelo fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923) (Wanderley, 2021, on-line).

A viagem de exploração dos Keller ao rio Madeira foi iniciada em abril de 1868, partindo de Manaus-AM. A comitiva passa cerca de sete meses realizando estudos técnico-científicos na região do Vale do rio Madeira, até as cidades de Exaltación e Trinidad, na República da Bolívia, pois Keller-Leuzinger (2021, p. 129) relata que em 19 de outubro de 1868, “já era mais do que hora de nossa partida!” de Exaltación rumo a Manaus, visto que as os ventos ferozes prenunciavam o início da estação chuvosa e, portanto, se a comitiva se deparasse “com ela na região das corredeiras, certamente sofreríamos atraso na marcha com o risco das febres intermitentes”.

Após finalizarem essa missão financiada pelo Macop, os Keller chegam em Manaus, em novembro de 1868, onde, segundo Franz Keller, são calorosamente recepcionados “por amigos e conhecidos”, devido ao fato “de que alguns dias antes os jornais haviam noticiado com plena certeza que um de nós havia sido morto e devorado pelos Caripunas” (2021, p. 129-130). Salienta-se que os detalhes dessa viagem de ida e volta da comitiva dos Keller ao rio Madeira serão apresentados e analisados nas seções subsequentes desta tese.

Na capital da Província do Amazonas, os engenheiros alemães se encontram com o governador do Amazonas, José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó (1832 – 1906). A pedido do primeiro, os engenheiros deveriam fazer o levantamento de parte da planta do Rio Negro e da cidade de Manaus. Não obstante, devido “à falta de remeiros, o trabalho do Rio Negro não pode ser realizado. Foi feito então um projeto e orçamento para a reconstrução de uma ponte manauara que estava em ruínas” (Wanderley, 2021, on-line).

O periódico *Amasonas (AM)*⁷⁴, em edição datada de em 05 de janeiro de 1869, publica um ofício emitido pela presidência da Província do Amazonas no dia 09 de dezembro de 1868, em nome do seu representante legal o tenente-coronel João Wilkens de Mattos, acusando o recebimento dos três ofícios que os Keller e o engenheiro José Manoel da Silva enviaram a respeito dos objetos em seu poder que foram adquiridos para a expedição. Segundo também lhes é informado, os aludidos objetos, incluindo uma canoa e outra embarcação menor adquirida por eles na Bolívia,

⁷⁴ Ano 1869, edição 140, p.1, primeira e segunda colunas. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/164992/417>. Acesso em: 20 ago. 2022.

seriam recebidos pela tesouraria da fazenda e reutilizados por outros profissionais em outras comissões. Ademais, o documento expõe que serão disponibilizadas a eles as passagens fluviais para que partam de Manaus a Belém no dia seguinte – 10 de dezembro de 1868 –, bem como o transporte do excesso de suas bagagens em até duas toneladas.

Entretanto, essas datas comunicadas pelo periódico *Amazonas* não conferem com as informadas por Franz Keller no capítulo II de *Vom Amazonas und Madeira*. Segundo esclarece, foi no dia “14 de novembro de 1868” que eles voltaram “em segurança ao Pará no mesmo vapor Belém que nos levava a Manaus. Em 4 de janeiro de 1869, um pouco mais queimados pelo sol e enfraquecidos pelas febres⁷⁵, retornamos ao Rio de Janeiro, de onde havíamos partido há 14 meses” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 130, grifo nosso). Conforme noticiado pelo *Diário do Rio de Janeiro (RJ)*⁷⁶, no dia 5 de janeiro de 1869, Franz Keller, seu pai e o engenheiro José Manoel da Silva chegam à capital do império brasileiro no dia anterior, no paquete Paraná⁷⁷.

De volta ao Rio de Janeiro, em janeiro de 1869, Joseph e Franz Keller entregam ao Ministério da Agricultura o relatório final da expedição à Amazônia, redigido em língua portuguesa, com o título “Relatório da Exploração do Rio Madeira na parte compreendida entre a cachoeira de Santo Antônio e a barra do Mamoré”, assinando seus nomes de forma aportuguesada: José Keller e Francisco Keller.⁷⁸

Ressalta-se que a expedição ao rio Madeira vislumbrava realizar um estudo para melhorar a navegação no rio Madeira e viabilizar a construção de uma ferrovia ao longo desse rio. Resultou daí o primeiro estudo que daria as bases à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, apelidada de “ferrovia do diabo”. O fato de Franz Keller e seu pai terem conduzido a mencionada expedição à Amazônia

⁷⁵ Franz Keller estava com malária (ZOUEN, 2016).

⁷⁶ Ano 1869, edição 5, p.3, quinta coluna. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/094170_02/23854. Acesso em: 16 ago. 2022.

⁷⁷ Com o fim da expedição dos Keller ao rio Madeira, alguns periódicos brasileiros noticiaram a autorização da venda de objetos fornecidos a eles para subsidiar suas expedições em território nacional. No dia 06 de outubro de 1870, o Jornal do Recife (PE) publica uma autorização do Ministério da Agricultura para o presidente da Província de Pernambuco “mandar vender em hasta publica os objetos fornecidos aos engenheiros José e Francisco Keller, para exploração de diversos rios na mesma província. Ano 1870, edição 227, p.1, segunda coluna. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/705110/5930>. Acesso em: 15 ago. 2022.

⁷⁸ Muito embora a Brasileira Iconográfica (2021, on-line) mencione que o referido relatório “sempre citado nos trabalhos posteriores sobre a ferrovia.” constatamos que mesmo em estudos sobre a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) os Keller acabam sendo apagados da história dessa ferrovia, conforme tentaremos demonstrar mais adiante.

contribuiu para que ganhassem prestígio social, como o comprova sua participação como sócios correspondentes do Instituto Politécnico Brasileiro (IPB)⁷⁹.

De acordo com Pedro Marinho, pesquisador no Museu de Astronomia e Ciências Afins e Professor no PPGH da Unirio, o Instituto Politécnico Brasileiro (IPB) foi fundado em 1862, no Rio de Janeiro, e “congregou os mais importantes engenheiros daquele período, sendo palco de acaloradas discussões sobre temas afeitos à engenharia e à Ciência de um modo geral”. Esse instituto, conforme o pesquisador, exercia influência em decisões associadas à construção de portos, ferrovias, distribuição de águas e saneamento (Marinho, 2020, p. 129). Marinho ressalta que o instituto era uma espécie de “clube de notáveis”, cuja fundação teve por objetivo diferenciá-la das demais instituições da época, restringindo seu acesso “àqueles que compartilhavam do “estudo e a difusão dos conhecimentos teóricos e práticos dos diferentes ramos da engenharia, e das artes acessórias”” (Marinho, 2020, p. 145-146).

Desde a nomeação dos Keller, é possível encontrar referências a sua presença constante nas reuniões do instituto, conforme registaram as edições da Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ) no período compreendido entre 1869 e 1889⁸⁰.

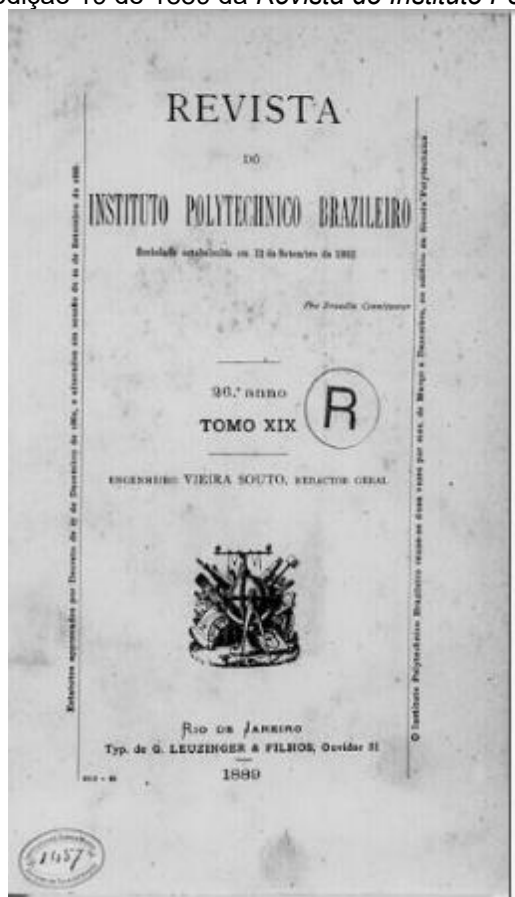
⁷⁹ No dia 24 de setembro de 1869, o *Jornal do Commercio (RJ)* noticia que Francisco Keller participou de uma sessão do “Instituto Politecnico Brasileiro”, no dia 14 de setembro de 1869, bem como proferiu um discurso. Ano 1869, edição 265, p.1, segunda coluna. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/364568_05/16199. Acesso em: 10 set. 2022.

⁸⁰ A edição 1 da Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ), datada de 1869, lista Francisco Keller e José Keller como “sócios correspondentes” na relação de sócios do “Instituto Polytechnico Brasileiro”, o que lhes garante mais um capital simbólico. À página 32 da supramencionada edição 1 da Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ), assim como a edição 265, de 24/09/1869, do *Jornal do Commercio (RJ)*, é mencionada a “Sessão de 14/09/1869” do IPB, sob a presidência interina do Sr. Dr. Xavier de Brito e com a presença de Francisco Keller. Ressalta-se que, à página 33 da aludida edição da Revista do IPB, está registrado que Francisco Keller e o Sr. L. Saldanha da Gama discursaram na Sessão do dia 14 de setembro daquele ano. Em fevereiro de 1874, a Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ) informa que, durante a seção de 14 de junho de 1870 do IPB, sob a presidência de Sua Alteza real o Sr. Conde d’Eu, houve uma votação para admissão de dois sócios do Instituto. O Dr. José Manuel da Silva (J. M. da Silva), engenheiro que ajudou Franz Keller e seu pai na expedição ao Madeira comunica aos membros do Instituto Politécnico que Franz Keller “se retirou temporariamente para a Europa” e que, de lá, “oferece seus serviços ao instituto.” Salienta-se que, à p.13 dessa mesma edição da referida Revista constam os nomes de Francisco Keller e José Keller como “sócios correspondentes” na relação de sócios do IPB. Igualmente, a edição 3 da Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ), de outubro de 1876, também menciona os nomes de Francisco Keller e José Keller no âmbito de “sócios correspondentes” do IPB. Treze anos mais tarde, a aludida Revista continua listando o filho na relação de sócios daquele Instituto, ao passo que o nome de José Keller não é mais mencionado, devido ao seu falecimento em 1877.

Ano 1869, edição 1, p.20. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/334774/425>. Acesso em: 03 Set. 2022; Ano 1869, edição 1, p.32. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/334774/437>. Acesso em: 04 set. 2022; Ano 1869, edição 265, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/16199. Acesso em: 04 set. 2022; Ano 1869, edição 1, p.33. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/334774/438>. Acesso em: 04 Set. 2022; Ano 1874, edição 3, p.24-25. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/334774/604>. Acesso em: 05

Percebe-se, portanto, que os engenheiros participam por décadas como sócios-correspondentes de uma instituição de grande prestígio na área em que vinham atuando no Brasil, o que significava, por certo, significativo prestígio e reconhecimento não apenas dos serviços prestados ao Império, como também reconhecimento de seu capital cultural e simbólico conforme o entende Pierre Bourdieu (1996; 2001). Concomitantemente ao prestígio e respeitabilidade social, essa participação significava transitar em ambientes frequentados por pessoas influentes e, por consequência, ter acesso a informações privilegiadas a respeito de novos empreendimentos do império brasileiro.

Figura 9. Capa da edição 19 de 1889 da *Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro*.



Fonte: Uma produção da empresa de George Leuzinger. *Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ)*, ano 1889, edição 19, capa.

set. 2022; Ano 1874, edição 3, p.13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/334774/591>. Acesso em: 04 set. 2022; Ano 1876, edição 3, p.177. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/334774/1856>. Acesso em: 04 set. 2022; Ano 1889, edição 19, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/334774/4866>. Acesso em: 03 set. 2022.

Periódicos brasileiros oitocentistas também costumavam noticiar as constantes visitas de Franz Keller ao Paço Imperial, seja na companhia de sua esposa Sabine e/ou com seu pai Joseph, para cumprimentar “Suas Magestades e Alteza Imperiaes”⁸¹.

Depreende-se das notícias publicadas nas edições dos periódicos supracitados, tanto sobre o IPB quanto acerca das visitas ao Paço Imperial, que não é forçoso sugerir que Franz Keller-Leuzinger aparentemente chegou a gozar de mais prestígio que seu pai, Joseph Keller, pois está desacompanhado deste na grande maioria das notícias inerentes às visitas feitas ao Paço Imperial, bem como na maioria das concernentes às relações de sócios correspondentes do IPB. O motivo poderia ser o sobrenome famoso (Leuzinger)? Ou talvez Joseph Keller tenha simplesmente optado por uma vida social mais discreta, longe dos holofotes, diferente de seu filho, que ainda vislumbrava reconhecimento, fama e poder longe da sombra do pai na sua carreira no âmbito da engenharia.

Conforme observado, no Brasil, Franz Keller exerceu o ofício de (ajudante de) engenheiro no período de 1856 a 1869, por meio de prestação de serviços a companhias e a um ministério vinculados ao Império do Brasil, uma vez que não foram localizadas nas fontes de pesquisa atividades remuneradas que ele tenha executado para o IPB ou por influência deste.

3.2 A TRAJETÓRIA DE FRANZ KELLER NO CAMPO ARTÍSTICO: DA CASA LEUZINGER (RJ) AO CONTINENTE EUROPEU

Ressalta-se que Franz Keller chega ao Brasil como engenheiro formado e desenhista. Durante sua trajetória profissional no âmbito da engenharia, praticamente toda ela em solo brasileiro, ele também colocava em prática suas habilidades como desenhista, ilustrando a fauna, a flora, os povos originários e outras populações com

⁸¹ De acordo o Diário do Rio de Janeiro, as visitas de Keller ocorreram em 14/09/1869 Ano 1869, edição 251, p.1, primeira coluna; Ano 1869, edição 286, p.1, primeira coluna; Ano 1869, edição 329, p.1, primeira coluna; Ano 1869, edição 336, p.1, primeira coluna; Ano 1869, edição 351, p.1, primeira coluna; Ano 1870, edição 147, p.1, segunda e terceira colunas. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/094170_02/25905. Acesso em: 10 set. 2022. O Jornal do Recife (PE) noticia que Keller-Leuzinger visitou o Paço no período de 25/08/1869 a 1º/09/1869.

as quais entrava em contato. Quando se viu sem oportunidades para atuar como engenheiro, logo após o término da exploração ao rio Madeira, em 1869, Keller inicia uma trajetória profissional no campo artístico.

No necrológio de Keller, Leopold Gmelin (1891) discorre sucintamente sobre como se deu essa transição. Para ele, “as tarefas de engenheiro, mais específicas na Europa, pouco atraíam Franz Keller, acostumado a grandes tarefas, para que ele pudesse decidir continuar na profissão que havia aprendido na escola”. Nesse momento, era muito mais forte “a vontade de exercer com determinação seus talentos artísticos, que já haviam dominado a produção da magnífica obra⁸² mencionada anteriormente.” Assim, “Keller não resiste mais e se volta para as artes e o artesanato – seu ‘cavalo de pau’”, como ele o chamava – com todo o seu entusiasmo”. A decisão teria sido subsidiada por “seu amor pelo trabalho, combinado com a compreensão das exigências do material e da técnica”, que permitiram “que ele obtivesse sucesso também nesse campo, inserindo-o entre os homens que tiveram a sorte de ter um papel de destaque na ascensão das artes e do artesanato alemão na década de 1870” (Gmelin, 1891, p.24-25)⁸³.

É importante esclarecer que antes disso, Keller já havia se aproximado e se relacionado com profissionais da área do desenho, litografia, tipografia, xilogravura e fotografia na Casa Leuzinger, propriedade de seu sogro, o suíço Georges Leuzinger.

⁸² *Vom Amazonas und Madeira*, com 68 desenhos elaborados pelo próprio Keller.

⁸³ Original em alemão: Die in Europa fleiner zugeschnittenen Aufgaben des Ingenieurs boten für den an große Aufgaben gewöhnten Franz Keller zu wenig Reiz, als daß er sich hätte entschließen können, den schulmäßig erlernten Beruf weiter auszuüben; um so mächtiger trat jetzt der Drang nach entschiedener Bethätigung seiner künstlerischen Anlagen, der schon die Herausgabe des genannten Prachtwerks, beherrscht hatte, hervor. Keller widerstand ihm auch nicht länger, sondern wandte sich mit allem Eifer dem Kunstgewerbe-seinem Steckenpferde", wie er es nannte - zu; die Liebe zur Sache, verbunden mit einem verständnißvollen Eingehen anf die forderungen des Materials und der Technik ließen ihn auch auf diesem Gebiet Erfolge erringen, welche ihn in die Reihe derjenigen Männer stellen, denen es beschieden war, an der Hebung des deutschen Kunsthandwerks in den 70er Jahren in hervorragender Weise theil zu nehmen.

Figura 10. Casa Leuzinger, na esquina da R. Direita com a rua do Ouvidor (1865).



Fonte: Filantrópica Suíça⁸⁴.

De acordo com Tavares e Gomes (2022, p. 98), a trajetória de Georges Leuzinger “constitui um capítulo importante da história da circulação de imagens no país e do desenvolvimento tecnológico no meio impresso do Brasil do século XIX.” Leuzinger chega ao Brasil em 1832. Em 1840 ingressa no mercado de edição, a princípio adquirindo uma papelaria e oficina de encadernação denominada “Ao Livro Encarnado” e situada na rua do Ouvidor, ou seja, no coração da então capital do Império. Ao longo do tempo, o empresário suíço vai “ampliando os negócios” e, em meados da década de 1850, abre “oficinas de estamperia, xilogravura e gravura em talho doce e litografia. Na década seguinte, o ateliê fotográfico” (Tavares; Gomes, 2022, p. 98, grifo nosso).

A variedade de atividades oferecidas nas oficinas, o conhecimento especializado e o refinamento técnico, associados à comercialização de materiais “de papelaria, estampas, gravuras, fotografias e equipamentos fotográficos”, foram fatores que fizeram da Casa Leuzinger, localizada em um endereço privilegiado da cidade, uma “referência obrigatória da vida cultural brasileira na segunda metade do século XIX”⁸⁵, como destacou o pesquisador Pedro Vasquez. Em seus projetos, “Leuzinger contou, de diferentes formas, com a colaboração de artistas de origem germânica, os quais passaram também a integrar a história da Casa e de sua relevância no âmbito das artes gráficas do Brasil” (Tavares; Gomes, 2022, p. 98-99).

⁸⁴ Disponível em: <https://www.filantropicasuica.org.br/200-anos-de-historia>. Acesso em: 31 jul. 2023.

⁸⁵ Ver, entre outros, Irgart Grützmann, “Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso de Karl von Koseritz”, *História Unisinos*, 11/1 (2007), 123-133; Alberto Luiz Schneider, “O Brasil de Silvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX”, *Projeto História*, 42 (2011), 163-183; e Tiago Lemes Pantuzzi, “O *allematismo* em Recife e a primeira recepção de Nietzsche no Brasil”, *Cadernos Nietzsche*, 40/1 (2019), 160-192.

Em “Três criadores de imagens nos trópicos: Georg Leuzinger, Albert Frisch e Franz Keller⁸⁶”, Frank Stephan Kohl afirma que Gilberto Ferrez reiterou em suas publicações a tese de que “Leuzinger trouxe Franz Keller de Mannheim, Alemanha” e que, por meio de contrato, “Keller lançou o trabalho da empresa em fotografia e que seu assistente era Marc Ferrez. É quase certo que, algum tempo depois, Ferrez se tornou o fotógrafo-chefe da empresa antes de sair para abrir seu próprio negócio de fotografia”⁸⁷ (Kohl, 2012, p. 81, tradução e grifo nossos)⁸⁸.

Tendo em vista que Franz Keller chega ao Brasil em dezembro de 1855, já atuando como engenheiro ajudante de seu pai no ano seguinte, essa hipótese de que Georges Leuzinger o trouxera da Alemanha ao Rio de Janeiro, para trabalhar na Casa Leuzinger e somente após uma década assumir o setor de fotografia da empresa, é questionada por alguns estudiosos do engenheiro e desenhista alemão.

Segundo o portal da Brasiliana Iconográfica (2021, on-line), Franz Keller assume a direção do departamento fotográfico da Casa Leuzinger em meados de 1860 e, anos depois, casa-se com a filha primogênita do proprietário daquela empresa, Sabine Christine Leuzinger (1842-1915)⁸⁹. O casamento de Franz Keller com Sabine parece ter sido importante para o engenheiro alemão, a ponto de ele adotar o sobrenome da esposa, cujo pai contava com grande prestígio social no Rio de Janeiro da época.

Figura 11. Assinatura de Franz Keller-Leuzinger⁹⁰.



Fonte: Keller-Leuzinger (1874).

⁸⁶ Original em alemão: Drei Bildermacher in den Tropen: Georg Leuzinger, Albert Frisch und Franz Keller.

⁸⁷ Ferrez: Photography in Brazil, S. 46. (Nota do autor).

⁸⁸ Original em inglês: “It is known that, early on, Leuzinger brought Franz Keller from Mannheim, Germany, under contract, that Keller launched the firm’s work in photography, and that his assistant was Marc Ferrez. It is almost certain that, some time later, Ferrez became the company’s chief photographer before leaving to open his own photographic business”.

⁸⁹ Na verdade, esse casamento ocorre em 1867, antes da viagem de Keller à Amazônia, conforme exposto no subtópico anterior. Com o matrimônio, Franz Keller adota o sobrenome da esposa e passa a assinar Franz Keller-Leuzinger. Apesar de ser a primogênita de um importante empresário e esposa de Keller, Sabine é figura praticamente emudecida e apagada. Quando mencionada, aparece em notícias que envolvem ou seu esposo, ou alguma expedição da qual ele participa, ou seu pai e/ou a casa de fotografia dele. O próprio Franz Keller não faz qualquer menção a ela na sua mais importante obra, *Vom Amazonas und Madeira*, conforme já exposto anteriormente.

⁹⁰ Este é o único registro que encontramos do sobrenome “Leuzinger” escrito com o trema na semivogal “ü”. Nem mesmo na grafia do sobrenome do seu sogro (Georges Leuzinger), do qual herdou o

Para Andrea Wanderley (2021), a participação de Franz Keller como diretor de fotografia da empresa de Georges Leuzinger, criada em 1865, parece-lhe questionável por falta de fontes que o comprovem:

[...] a participação de Franz Keller como diretor do ateliê fotográfico de Leuzinger é questionável e, na verdade, até hoje não foi comprovada. Além disso, na década de 1860, como já mencionado, Franz fez diversas viagens pelo Brasil com seu pai explorando rios do país sob contrato do governo imperial, o que tornaria difícil a possibilidade dele dirigir o estabelecimento fotográfico de seu sogro (Wanderley, 2021, on-line).

A família de Marc Ferrez já possuía vínculo de amizade com Georges Leuzinger antes da chegada de Ferrez à Casa Leuzinger. Em artigo intitulado “Marc Ferrez (1843-1923). Fotógrafo, artista e empresário no Brasil do século XIX⁹¹”, a escritora Margrit Prussat (2015) afirma que Ferrez teria se aperfeiçoado na fotografia com vários fotógrafos, inclusive Franz Keller, nas oficinas de Georges Leuzinger:

Em 1863, Ferrez retornou ao Rio de Janeiro e iniciou seu treinamento como fotógrafo na influente editora e oficina de litografia Casa Leuzinger. Foi lá que ele conheceu vários outros fotógrafos de destaque no Brasil, como Franz Keller, Paul Théodore Robin, Revert Henry Klumb e Théophile Auguste Stahl. Desde o início, Ferrez passou a fazer parte de uma rede informal de fotógrafos brasileiros do século XIX, ilustrada por inúmeras colaborações entre estúdios fotográficos (Kossoy 2002; Vasquez 1990). Os temas das fotografias também revelam como os fotógrafos frequentemente se referiam uns aos outros e adotavam as ideias uns dos outros (Burgi/Kohl 2005)⁹² (Prussat, 2015, p.16, tradução nossa).

sobrenome ao casar-se com sua filha, há o mencionado sinal gráfico, o que nos leva a conjecturar que o suposto “trema” seja, na verdade, um símbolo maçônico. Salienta-se que, na versão em língua portuguesa de *Vom Amazonas und Madeira* – intitulada *Os rios Amazonas e Madeira* – e nos textos alusivos a ela, há o mesmo sinal diacrítico no referido sobrenome, porém na vogal “e” (Lëuzinger), fato intrigante, haja vista que na língua alemã o trema (*umlaut*) é utilizado apenas nas vogais “ä”, “ö” e na semivogal “ü”.

⁹¹ Original em inglês: Marc Ferrez (1843-1923). Photographer, artist and entrepreneur in 19th century Brazil.

⁹² Original em inglês: In 1863 Ferrez returned to Rio de Janeiro and started his training as a photographer at the influential publishing house and lithography workshop Casa Leuzinger. It was here that he met a number of Brazil's other outstanding photographers, such as Franz Keller, Paul Théodore Robin, Revert Henry Klumb and Théophile Auguste Stahl. From the outset, Ferrez thus became part of a loose network of 19th century Brazilian photographers, illustrated by numerous collaborations between photo studios (Kossoy 2002; Vasquez 1990). The subjects of the photographs also reveal how the photographers frequently referenced each other and adopted each other's ideas (Burgi/Kohl 2005).

É importante acrescentar que há inúmeras controvérsias por parte dos pesquisadores quanto à atuação de Keller na Casa Leuzinger; uma delas é a de que ele teria sido sócio de seu sogro nessa empresa, mas com o nome de “Keller & Leuzinger”. Acerca disto, Frank Kohl esclarece que os filhos do fotógrafo Albert Frisch “não apenas escreveram errado o nome do proprietário da empresa”, grafando “Leuzinger” ao invés de “Leuzinger”, “mas também erroneamente fizeram de Franz Keller um sócio”⁹³ (Kohl, 2012, p.97, tradução nossa). Mais adiante, Kohl explica que “a Casa Leuzinger é mencionada como “Lithographische Anstalt und Steindruckerei des Schweizers Keller Leuzinger”⁹⁴ ou como “Firma Keller & Leuzinger”, indicando lacunas nas informações e erros por parte dos filhos de Frisch⁹⁵ (Kohl, 2012, p. 112, tradução nossa).

Corroboramos a perspectiva de Kohl de que tal sociedade entre Keller e seu sogro nunca existiu e que a suspeita levantada pelos filhos de Frisch não passou de um lapso, que pode ser esclarecido pelo pesquisador Jaime Larry Benchimol (2003, p. 17) quando afirma que Franz Keller⁹⁶, no período de 1858 a 1860, foi sócio de um empresário suíço chamado Gustav Lutz em uma “casa de importação de ‘fazendas secas’⁹⁷ e exportação de gêneros agrícolas”, cujo nome era Keller, Lutz & Cia, fundada por Lutz, “na rua do Sabão, 44A (*Almanak Laemmert*, 1859, pp. 479, 543, 562)”. Em 1861, a relação entre Keller e Gustav Lutz se deteriora⁹⁸ e a sociedade entre ambos acaba, quando a referida empresa “entra em liquidação” (Benchimol, 2003, p. 17).

⁹³ Original em alemão: Frischs Söhne haben nicht allein den Namen des Firmeninhabers falsch geschrieben, sondern auch irrümlicherweise Franz Keller zum Teilhaber gemacht. Zitat aus dem Album „Brasilien“, S. 3.

⁹⁴ Estabelecimento litográfico e fábrica de impressão litográfica do suíço Keller Leuzinger (Tradução livre).

⁹⁵ Original em alemão: Außerdem wird die Casa Leuzinger als „Lithographische Anstalt und Steindruckerei des Schweizers Keller Leuzinger“ oder als „Firma Keller & Leuzinger“ bezeichnet und weist so auf Informationslücken und Fehler bei Frischs Söhnen hin.

⁹⁶ Nesta citação de Benchimol (2003), o sócio de Gustav Lutz é “um suíço chamado Keller”.

⁹⁷ Os lojistas de secos operavam nos negócios varejistas, negociando maiormente as ditas “fazendas secas”, um aglomerado de mercadorias, cujo volume maior era os tecidos e panos, mas também copos, garfos, colher, facas, camisas, bermudas, meias, ceroulas, parafusos, tesouras etc (Jesus, 2023, p. 138).

⁹⁸ A Keller, Lutz & Cia. entrou em liquidação em 3.10.1861 (Arquivo Nacional, Documentos referentes ao Ofício de Notas da Comarca da Capital, liv. 237, ff. 75-V, data 3.10.1861, Rolo: 010.22-79). No *Almanak Laemmert* (pp. 497, 512, 549), correspondente aos anos de 1865 e 1866, consta apenas a firma Lutz & C. como Negociantes estrangeiros de Importação e Exportação, nesta última atividade associada a J. R. Dietiker. A firma era apresentada, também, como de Consignatários e casas de comissões de generos de Importação e Exportação e Armazens de Fazendas seccas de importação, por atacado. Em 4.4.1872, a Lutz e companhia adquiriu o controle dos ativos da Empresa Industrial de poços tubulares instantâneos, pertencente a Gustavo Adolpho Wierffbain, engenheiro civil, natural d'Allemanha e residente no Império do Brasil. Arquivo Nacional, Documentos referentes à Junta Comercial do Rio de Janeiro: 1872 liv. 648, Reg. 11424 G6, firma Lutz e Cia. (nota do autor)

Segundo Wanderley (2021, on-line), na viagem à Amazônia, quando Frisch pegou carona com a comitiva dos Keller, ele produziu uma série pioneira “de 98 fotografias com os primeiros registros que chegaram até nós de índios brasileiros da região, além de aspectos de fauna e flora e de barqueiros de origem boliviana, que atuavam como comerciantes itinerantes nos rios amazônicos”. Acrescenta que, “segundo o livro de Ernesto Senna, *O velho commercio do Rio de Janeiro*, a expedição fotográfica de Frisch à Amazônia foi fruto de uma solicitação feita pelo suíço Louis Agassiz (1807 – 1873) a Leuzinger⁹⁹. A seguir, trechos da mencionada obra de Senna:

Satisfazendo ao pedido de Agassiz, fez Leuzinger tirar vistas até Tabatinga, na fronteira do Amazonas com a República do Peru, vistas que serviram não só para os trabalhos científicos daquele sábio, como também para ilustrações europeias. Quando o engenheiro Keller foi em comissão explorar os rios Madeira e Mamoré, Georges Leuzinger mandou um fotógrafo da casa acompanhar a expedição, que trouxe depois daquelas incomparáveis regiões grande cópia de clichês, da flora, da fauna, de paisagens, e fotografias de silvícolas e de suas tabas, aldeamentos, instrumentos, armas, etc. Estas coleções, de grande valor para estudos etnográficos, eram muito interessantes sob qualquer ponto de vista e muito procuradas por viajantes estrangeiros (Wanderley, 2021, on-line).

No artigo intitulado “Albert Frisch and the first images of the Amazon to go around the world”¹⁰⁰, Frank Kohl (2015, p.28, tradução nossa)¹⁰¹ esclarece que em outubro de 1867, enquanto Keller-Leuzinger e sua equipe desceram o rio Madeira, um dos mais importantes afluentes do Amazonas, após longa parada em Manaus, o sogro de Keller aproveitou a oportunidade para enviar o fotógrafo Frisch para empreender uma expedição fotográfica na região amazônica.

Segundo noticiado pelo periódico *Pedro II (CE)*¹⁰², em 24 de novembro de 1868, “O fotógrafo Frisch retornou ao sul do Brasil, a bordo do vapor *Cruzeiro do Sul*”. Ademais, em 1869, as imagens que Frisch produziu “durante a expedição pela Amazônia começaram a ser comercializadas a partir de um catálogo publicado pela

⁹⁹ O editor suíço Georges Leuzinger, sogro de Franz Keller.

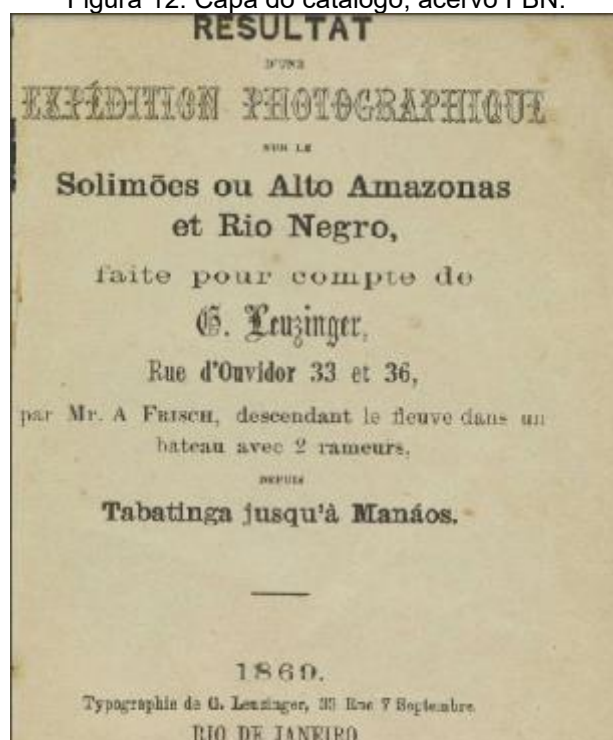
¹⁰⁰ Albert Frisch e as primeiras imagens da Amazônia que deram a volta ao mundo (Tradução livre).

¹⁰¹ Original em inglês: In October 1867, the Brazilian government commissioned Leuzinger’s son-in-law, Franz Keller-Leuzinger, to embark on a surveying expedition of the Rio Madeira, one of the Amazon’s most important tributaries. Leuzinger used the opportunity to dispatch Frisch on a photographic expedition of the Amazon region. While Keller-Leuzinger and his team set off down the Rio Madeira after a long stop in Manaus, Frisch travelled to the Upper Amazon as far as the Brazilian military outpost Tabatinga, where he began his photographic expedition.

¹⁰² Ano 1868, edição 250, p.2, última coluna.

Casa Leuzinger, *Resultat d'une expédition phographique sur le Solimões ou Alto Amazonas et Rio Negro*¹⁰³ (Wanderley, 2021, on-line). Com tais publicações sem dúvida alguma, a Casa Leuzinger participou “in loco da construção e circulação do olhar europeu sobre o Brasil” (Tavares; Gomes, 2022, p. 99).

Figura 12. Capa do catálogo, acervo FBN.



Fonte: Wanderley (2021, on-line).

Além de atividades oficiais inerentes à expedição ao rio Madeira, Franz Keller também produziu vários desenhos e aquarelas em sua estada de vários meses em Manaus, acompanhado de sua esposa.¹⁰⁴ Em 6 de março de 1868, produz o “desenho ‘Memórias do Lago Janeiro’, no qual um barco a remo flutua em uma paisagem de floresta inundada.” Em 22 de março de 1868, aniversário de Sabine Keller, produz outro desenho “que mostra uma paisagem ribeirinha tropical com um índio”, no qual “Franz Keller registrou em uma nota manuscrita: ‘Para minha querida

¹⁰³ *Resultados de uma expedição fotográfica no Solimões ou Alto Amazonas e Rio Negro* (tradução livre). Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon856986/icon856986.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

¹⁰⁴ In der Nationalbibliothek von Rio de Janeiro befindet sich ein Konvolut mit Aquarellen von Franz Keller, die zwischen 1867 und 1868 im Amazonasgebiet entstanden sind. (Nota do autor).

esposa em memória do aniversário passado às margens do Rio Negro"¹⁰⁵ (Kohl, 2012, p. 141, tradução nossa)¹⁰⁶.

Figura 13. Aquarela de Franz Keller, tirada em 6 de março de 1868 no Lago Janeiro.



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, reprodução de: Revista de História da Biblioteca Nacional 5/2009, p. 76.¹⁰⁷

Atrás dos dois remadores sentados na parte dianteira do barco, um casal pode ser reconhecido sob a proteção de um teto semicircular. Embora as características faciais não tenham sido definidas, as duas pessoas podem ser facilmente identificadas como Franz e Sabine Keller¹⁰⁸ (Kohl, 2012, p. 142, tradução nossa).

Na mesma página em que consta a fotografia de Franz Keller e sua esposa, Kohl (2012, p. 142) reproduz uma outra aquarela do engenheiro alemão “tirada em abril de 1868 no Lago de Puraque-Coára”, que se tratava de uma memória da viagem que ambos fizeram à Província do Amazonas:

¹⁰⁵ In den Stamm eines zentral im Bild platzierten Baumes hatte Keller eine Messerschnitzerei gezeichnet, die ebenfalls Ort und Datum angibt: „MANAOS XXII MART: MDCCCLXVIII“. (Nota do autor).

¹⁰⁶ Original em alemão: Franz Keller hatte während des mehrmonatigen Aufenthaltes in Manaus außerdem einige Zeichnungen und Aquarelle angefertigt, die überwiegend auf gemeinsamen Ausflügen mit seiner Frau entstanden waren und ebenfalls deren Anwesenheit im Amazonasgebiet belegen. Am 6. März 1868 entstand beispielsweise die Zeichnung „Erinnerungen an den Lago January“, auf der ein Ruderboot in einer überschwemmten Waldlandschaft treibt. In einer anderen Zeichnung, die am 22. März 1868, dem Geburtstag von Sabine Keller, entstanden war und die eine tropische Uferlandschaft mit einem Indianer zeigt, hat Franz Keller in einer handschriftlichen Notiz vermerkt: „Meiner Lieben Frau zur Erinnerung an den am Ufer des Rio Negro verlebten Geburtstag“.

¹⁰⁷ Original em alemão: Aquarell von Franz Keller, aufgenommen am 6. März 1868 am Lago January. (Nationalbibliothek Rio de Janeiro), Reproduktion aus: Revista de Historia da Biblioteca Nacional 5/2009, S. 76.

¹⁰⁸ Original em alemão: Hinter den beiden im vorderen Bootsteil sitzenden Ruderern kann man im Schutz eines halbrunden Daches ein Paar erkennen. Obwohl die Gesichtszüge nicht ausgearbeitet sind, lassen sich die beiden Personen unschwer als Franz und Sabine Keller identifizieren.

Figura 14. Aquarela de Franz Keller, tirada em abril de 1868 no Lago de Puraque-Coára.



Fonte: A versão original encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Reprodução de: [Catálogo] “Amazônia Brasileira”. Rio de Janeiro 1969, p. 78.¹⁰⁹
 A nota manuscrita diz: “Sítio no Lago de Puraque-Coára. Em memória de nossa viagem ao Amazonas, 1-3 de abril de 1868”¹¹⁰ (Kohl, 2012, p. 142).

Para Frank Kohl, “Keller usou a viagem oficial de negócios como uma oportunidade para fazer uma viagem de lua de mel à bacia amazônica com sua esposa”, pois não era possível iniciar a expedição ao rio Madeira no período das chuvas (Kohl, 2012, p. 143, tradução nossa). Justamente “em uma dessas excursões, foi tirada uma fotografia mostrando o casal, o pai e a irmã de Keller em frente a um cenário de selva às margens de um rio ou lago. (livro ilustrado II. 101)”¹¹¹. O autor não disponibiliza essa fotografia, mas afirma que “as pessoas retratadas são Sabine e Franz Keller, seu pai e uma de suas irmãs”. Acrescenta, ainda, que se trata de uma “fotografia do patrimônio de Franz Keller-Leuzinger”¹¹², cuja autoria “é atribuída a Albert Frisch” (Kohl, 2012, p. 143, tradução nossa)¹¹³.

Frisch se torna mais conhecido justamente pelo trabalho que realizou na expedição dos Keller à Amazônia. Antes disso, em meados de 1861, ele deixa o

¹⁰⁹ Original em alemão: Aquarell von Franz Keller, aufgenommen im April 1868 am Lago de *Puraque-Coára*. (Original in Nationalbibliothek Rio de Janeiro), Reproduktion aus: [Katalog] „Amazônia Brasileira.” Rio de Janeiro 1969, S. 78.

¹¹⁰ Original em alemão: Die handschriftliche Anmerkung lautet: „Sitio am Lago de Puraque-Coára. Zur Erinnerung an unsere Fahrt auf dem Amazonas, den 1.-3. April 1868“.

¹¹¹ Die Amazonasfotografien von Albert Frisch sind im Teil II „Produktion und Konfektion der Amazonasfotografien“ im Bildband abgedruckt. Im Folgenden sind an den jeweiligen Textstellen die entsprechenden Bildnummern aus dem Bildband in Klammern angegeben. (Nota do autor).

¹¹² Ein zweiter Abzug dieser Aufnahme findet sich in einem Album aus dem Familienumfeld Leuzinger, das sich im Archiv des IMS in Rio de Janeiro befindet. (Nota do autor).

¹¹³ Original em alemão: Keller hat die offizielle Dienstreise als Gelegenheit genutzt, um mit seiner Frau eine Hochzeits-reise ins Amazonasbecken zu unternehmen. Da der Beginn der Expedition auf das Ende der Regenzeit verschoben worden war, blieb dem frisch verheirateten Paar und seinen Begleitern genügend freie Zeit für Ausflüge in die nähere Umgebung von Manaus. Auf einem dieser Aus-flüge entstand auch eine Fotografie, die das Hochzeitspaar sowie Kellers Vater und Schwester vor einer Urwaldkulisse an einem Fluss- oder See-Ufer zeigt. (Bildband II. 101) Die abgebildeten Personen sind Sabine und Franz Keller, sein Vater und eine seiner Schwestern. Die Aufnahme aus dem Nachlass von Franz Keller-Leuzinger wird Albert Frisch zugeschrieben.

continente europeu e dirige-se “para a Argentina, onde veio a aprender fotografia, mudando-se para o Rio de Janeiro entre os anos de 1864 e 1865. Nesse mesmo período, ele passou também a integrar a Casa Leuzinger, mais especificamente o setor de fotografia”, em meio às “mudanças tecnológicas pelas quais o campo passava” (Tavares; Gomes, 2022, p. 103). Na ocasião da viagem à Amazônia, “tanto ele quanto Franz Keller responsabilizaram-se por fazer registros das aldeias que encontraram, bem como da fauna e da flora ali existentes, contribuindo para o maior reconhecimento daquele território”. Para tanto, “Frisch valeu-se para isso da fotografia e Keller dos desenhos, sobretudo” (Tavares; Gomes, 2022, p. 103).

Tavares e Gomes (2022, p. 105) acrescentam que “ainda há muito por pesquisar sobre a relação de Keller com a fotografia e o contexto em que seu trabalho foi incluído no álbum de fotogravuras lançado pela renomada Casa Leuzinger”, haja vista que “seu nome aparece também de forma tímida em publicações sobre fotógrafos no Brasil do século XIX, diferente do que ocorre com Frisch e suas fotografias da Amazônia realizadas para a Casa Leuzinger”.

A despeito de tais considerações, há dúvidas acerca da atividade fotográfica de Keller na empresa de seu sogro. Mesmo durante sua estada no Brasil e sua carreira subsequente, Keller é qualificado como desenhista, pintor e ilustrador (Kohl, 2012, p.131, tradução nossa)¹¹⁴. Para elucidar a atuação de Franz Keller como fotógrafo, Kohl esclarece o seguinte:

Até o momento, sabe-se que apenas quatro fotografias foram atribuídas a Franz Keller. Essas fotografias mostram estudos de paisagens com várias plantas tropicais no parque da Quinta da Boavista, o parque do palácio imperial no Rio de Janeiro. As fotografias são rotuladas com várias anotações manuscritas, incluindo a abreviação do nome "F.K.". Pedro Vasquez então atribuiu essas fotografias a Franz Keller.¹¹⁵ Em contraste com as fotos de Leuzinger, cuidadosamente compostas e tecnicamente limpas, as quatro fotografias, com seus inúmeros borrões e falta de composição, parecem fotos amadoras. No entanto, uma comparação das legendas é ainda mais clara contra a autoria de Franz Keller. A assinatura do nome "F.K." não corresponde às assinaturas conhecidas de Franz, mas às de seu irmão mais novo, Ferdinand, que também passou um

¹¹⁴ Original em alemão: Ein weiteres Argument, das sich gegen Kellers fotografische Aktivität im Unternehmen seines Schwiegervaters ins Feld führen lässt, leitet sich aus seiner künstlerischen Entwicklung ab. Schon während seines Aufenthaltes in Brasilien und bei seiner nachfolgenden Karriere trat Keller als Zeichner, Maler und Illustrator in Erscheinung.

¹¹⁵ O pequeno conjunto de quatro gravações está na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Três das quatro fotografias e um pequeno texto em: Karp Vasquez: Fotógrafos alemães do século XIX no Brasil, pp. 76-79. (Nota do autor).

tempo no Brasil entre 1858 e 1862 e voltou do Rio de Janeiro para Karlsruhe no ano em que essas fotografias foram tiradas¹¹⁶. Portanto, parece mais provável que essas fotografias tenham sido tiradas ou encomendadas por Ferdinand Keller para ter uma referência visual para outros trabalhos gráficos na Europa. Em nenhuma circunstância, entretanto, essas fotografias são adequadas para fornecer prova inequívoca da atividade fotográfica de Franz Keller (Kohl, 2012, p. 130, tradução e grifo nossos)¹¹⁷.

Com base em novas fontes de pesquisa, Kohl expõe que “foi possível provar que Franz Keller não era o responsável pela oficina fotográfica de seu sogro. Em vez disso, foi possível provar de forma plausível que Albert Frisch era o funcionário do empresário suíço responsável pelas fotografias (Kohl, 2012, p. 207, tradução nossa)¹¹⁸.

Kohl esclarece ainda que “Franz Keller-Leuzinger usou as fotografias de Frisch como base para integrar as suas próprias experiências nos trópicos”. Ademais, “quanto às representações fisionômicas das pessoas retratadas, Keller seguiu atentamente os originais fotográficos” de Frisch, porém, “criou um ambiente tropical à sua volta, conforme pode ser observado na escolha dos detalhes das imagens e na edição dos fundos” (Kohl, 2012, p. 195, tradução nossa)¹¹⁹.

Mesmo comprovando que Franz Keller não atuou profissionalmente como fotógrafo e muito menos gerenciou o setor de fotografia da Casa Leuzinger, Frank

¹¹⁶ Friedrich W. Gärtner: Ferdinand Keller. Karlsruhe 1912, S. 14. (Nota do autor).

¹¹⁷ Original em alemão: Bislang sind lediglich vier Fotografien bekannt, die Franz Keller zugeordnet worden sind. Diese Fotos zeigen Landschaftsstudien mit verschiedenen tropischen Pflanzen in der Parkanlage der *Quinta da Boavista*, dem Park des kaiserlichen Palastes in Rio de Janeiro. Die Fotografien sind mit einigen handschriftlichen Anmerkungen versehen, zu denen auch das Namenskürzel „F.K.“ gehört. Pedro Vasquez schrieb diese Aufnahmen daraufhin Franz Keller zu.⁴⁵¹ Im Unterschied zu den sorgfältig komponierten und technisch sauber ausgeführten Aufnahmen aus dem Hause Leuzinger wirken die vier Fotografien mit ihren zahlreichen Unschärfen und fehlendem Bildaufbau wie Amateuraufnahmen. Noch deutlicher gegen die Autorenschaft von Franz Keller spricht aber ein Vergleich der Bildunterschriften. Die Namenssignatur „F.K.“ entspricht nicht den von Franz bekannten Signaturen, sondern denen seines jüngeren Bruders Ferdinand, der sich zwischen 1858 und 1862 ebenfalls in Brasilien aufgehalten hatte und im Jahr der Entstehung dieser Aufnahmen, von Rio de Janeiro zurück nach Karlsruhe reiste.⁴⁵² Es scheint somit eher wahrscheinlich, dass diese Fotografien von Ferdinand Keller angefertigt oder bestellt worden waren, um für weitere zeichnerische Arbeiten in Europa über eine visuelle Referenz zu verfügen. In keinem Falle aber sind diese Aufnahmen geeignet, einen eindeutigen Beweis für die fotografische Tätigkeit von Franz Keller zu liefern.

¹¹⁸ Original em alemão: Auf der Grundlage der neuen Quellen konnte nachgewiesen werden, dass Franz Keller nicht die Leitung der fotografischen Werkstatt seines Schwiegervaters innehatte. Vielmehr ließ sich plausibel nachweisen, dass Albert Frisch der für die fotografischen Aufnahmen verantwortliche Mitarbeiter des Schweizer Unternehmers war.

¹¹⁹ Original em alemão: Franz Keller-Leuzinger hat die Fotografien Frischs als Grundlage benutzt, in die er seine eigenen Tropenerfahrungen integrierte. Er hat sich bei den physiognomischen Darstellungen der porträtierten Personen eng an die fotografischen Vorlagen gehalten, und um diese herum ein tropisches Umfeld geschaffen, wie die Wahl der Bildausschnitte und die Bearbeitung der Hintergründe erkennen lassen.

Kohl o insere no rol das “pessoas envolvidas na produção e distribuição das fotografias amazônicas”, juntamente com seu sogro, “Georg Leuzinger” e “Albert Frisch”. Segundo Kohl, para poder reconstruir as biografias deles, foi necessário coletar, durante muitos anos de pesquisa, “várias fontes até então desconhecidas e inexploradas, especialmente do círculo familiar”. Por fim, Kohl ressalta que “esses documentos possibilitaram a reconstrução, com base em fontes, da carreira e do trabalho de fotógrafos profissionais no início do último terço do século XIX no Brasil imperial” (Kohl, 2012, p. 207, tradução nossa)¹²⁰.

Finalizada a viagem de exploração do rio Madeira, quando Keller transitava entre o Instituto Polytechnico Brasileiro (IPB) e o Paço Imperial, o *Jornal do Commercio (RJ)*¹²¹, em 29 de abril de 1869, publica uma nota de agradecimento da família Leuzinger às “pessoas de sua amizade que tiveram a caridade de acompanhar os restos mortais” de Gabriella Leuzinger¹²², filha de George Leuzinger, sogro de Franz Keller, que não só estava presente no funeral, ocorrido no dia 23 de abril daquele ano, mas também fez o retrato de perfil da filha de Leuzinger na urna funerária, conforme afirma Wanderley (2021, on-line, grifo nosso). Em meados de junho do ano seguinte, Keller-Leuzinger e Sabine vão para a Alemanha, e já no mês seguinte é iniciada a Guerra Franco-Prussiana, em 19 de julho de 1870¹²³, que, conforme veremos a seguir, foi um marco para a unificação da Alemanha.

Segundo Leandro Ricon (2017, p. 145), “em 1866, Áustria e Prússia ainda permaneciam como os dois principais centros de poder político no interior da Confederação Germânica”. No entanto, devido à “interferência prussiana em Holstein¹²⁴, a Áustria iniciou “uma ofensiva militar contra a Prússia, visando sanar os permanentes embates acerca da supremacia militar, política e econômica na Germânia”. Entretanto, para Ricon, essas duas potências também disputavam a decisão sobre “qual modelo de unificação possível seria realizado: a *großdeutsch*¹²⁵,

¹²⁰ Original em alemão: Zur Rekonstruktion der Biografien der an der Produktion und Distribution der Amazonas-fotografien beteiligten Akteure, Georg Leuzinger, Albert Frisch und Franz Keller(-Leuzinger) waren nach langjährigen Recherchen einige bislang unbekannte und unerschlossene Quellen, vor allem aus dem Umfeld der Familien erhoben worden. Diese Dokumente ermöglichten die quellenbasierte Rekonstruktion der Karriere und der Arbeit von Berufsfotografen zum Beginn des letzten Drittels des 19. Jahrhunderts im kaiserlichen Brasilien.

¹²¹ Ano 1869, edição 118, p. 7, última coluna.

¹²² Gabrielle Marie (1853-1869) (Wanderley, 2021, on-line).

¹²³ Disponível em: <https://www.napoleon.org/en/history-of-the-two-empires/articles/the-ems-dispatch-the-telegram-that-started-the-franco-prussian-war/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

¹²⁴ Ducado que se uniu à coroa dinamarquesa no século XV.

¹²⁵ Grande Alemanha (Tradução livre).

defendida pela Áustria; e a *kleindeutsch*¹²⁶, defendida pela Prússia através de seu primeiro-ministro¹²⁷, Otto von Bismarck. Ao término do conflito militar, “a Prússia dissolveu a Confederação Germânica através do Tratado de Praga e formou sua própria união de territórios: A Confederação Germânica do Norte¹²⁸”. Por sua vez, “a Áustria, enfraquecida, perdeu o apoio dos antigos membros da Confederação, realizando sua unificação de forma forçada e conseguindo garantir, apenas com muita dificuldade outros territórios conquistados¹²⁹” (Ricon, 2017, p. 145-146).

Depois de períodos de instabilidade militar e política interna, como a Guerra dos Ducados e a Guerra Austro-Prussiana, viria o momento crucial para a formação de uma Alemanha unificada: a Guerra Franco-Prussiana. Com a estabilização da situação política e militar interna e aproveitando a instabilidade da França, a Prússia rapidamente derrotou os franceses. Como resultado, em janeiro de 1871, seu rei foi proclamado Imperador, marcando a fundação do II Reich¹³⁰. No entanto, essa nova formação imperial era diferente da anterior: a Alemanha emergiu como uma grande potência, com cerca de 40 milhões de habitantes, crescimento econômico e industrial significativo, e a capacidade de harmonizar diversas ideologias políticas, além de evitar conflitos sociais. Assim, vinte e cinco principados e cidades livres formaram o novo império alemão sob presidência do rei prussiano como Imperador hereditário e Bismarck como primeiro ministro, em 1871 (Ricon, 2017).

¹²⁶ Pequena Alemanha (Tradução livre).

¹²⁷ BOND, Brian. "The Austro-Prussian War, 1866," **History Today**. Ano: 16. V.8, 1966, pp 538–546 (nota do autor).

¹²⁸ Norddeutscher Bund. Cf.: HOZIER, H. M. **The Seven Weeks' War: the Austro-Prussian Conflict of 1866**. LEONAU, 2012 (nota do autor).

¹²⁹ A Áustria perdeu o Ducado disputado de Holstein para Prússia e a região da Venécia (atuais Vêneto, Údine, Pordenone, Gorizia e Trieste) para a Itália, aliada indireta da Prússia. Assim, conseguiu manter apenas os territórios da Hungria. Cf.: WAWRO, G. The Austro-Prussian War: Austria's War with Prussia and Italy in 1866. Cambridge: CUP, 1997 (nota do autor).

¹³⁰ O I Reich durou de 843 até 1806, o II Reich durou de 1871 até 1918 e o terceiro, coincidente com o regime nazista, prolongou-se de 1933 a 1945 (nota do autor).

Figura 15. Império Alemão - 1871-1918 (II Reich).



Fonte: Guia do estudante¹³¹.

Considerando esse contexto de uma Alemanha unificada e despontando como potência econômica e industrial, cria-se um cenário positivo para Franz Keller tentar se estabelecer como engenheiro. No entanto, o que as fontes de pesquisa revelam é que, em julho do ano seguinte (1872), ele já “estava na Suíça”, enquanto seu pai, Joseph Keller, “ainda se encontrava no Brasil” (Wanderley, 2021, on-line), conforme pode ser comprovado pela notícia do dia 7 de abril de 1872 publicada pelo *Jornal do Commercio (RJ)*¹³², na qual consta a chegada de Joseph Keller a Santos em 6 de abril daquele ano, no “Vapor Alice”.

A pesquisadora Barbara Bolliger (1991) apresenta algumas informações acerca das viagens realizadas por Franz Keller no Brasil e para a Europa, bem como sobre sua atuação enquanto engenheiro e desenhista. Segundo ela, nos idos de 1867 a 1868, Franz e Joseph “participaram de uma expedição com o objetivo de encontrar a rota mais conveniente entre o Brasil e a Bolívia. Concluída a expedição, foi redigido um relatório e o pai regressou à Alemanha, onde se dedicou à pintura até à sua morte, em 1877.” Por sua vez, “Franz Keller-Leuzinger ficou um tempo no Brasil e depois voltou para Karlsruhe. A data exata de seu retorno não é conhecida, mas deve ter

¹³¹ Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/curso-enem/unificacao-da-alemanha-e-da-italia-o-surgimento-de-novas-forcas>. Acesso em: 03 Mar. 2025.

¹³² Ano 1872, edição 97, p.1, sétima coluna. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/364568_06/4523. Acesso em: 10 Out. 2022.

ocorrido antes de 1874¹³³”, uma vez que, “depois de seu retorno, publicou o diário de viagem ilustrado *Vom Amazonas und Madeira* (Stuttgart, 1874)”¹³⁴ de Keller-Leuzinger durante sua estada no Brasil, em parte em colaboração com seu pai,” além de “numerosos trabalhos científicos, que não foram todos publicados” (Messerli Bolliger, 1991, p. 54, tradução nossa)¹³⁵.

Para Bolliger, “é possível inferir que Keller-Leuzinger já se interessava por questões artísticas e históricas da arte nessa época e estava lidando com elas.” Isto porque, segundo a autora, “ele desenhou planos de ruínas. Várias dessas folhas são conhecidas, como, por exemplo, “Rio Ivahy: Ruínas de Villa-Rica do Espírito Santo (1 folha, 1865) e Rio Paranapanema: Planta das ruínas da redução jesuítica de S. Ignacio (1 folha, 1865)¹³⁶.” Ademais, “durante esse período, ele também desenvolveu interesses etnográficos, que escreveu em “Resultados ethnographicos e archeologicos da exploração do rio Madeira”¹³⁷ (Messerli Bolliger, 1991, p. 54, tradução nossa)¹³⁸.

¹³³ Conforme exposto anteriormente, ele retorna à Alemanha em meados de junho de 1870.

¹³⁴ Die keramische Industrie in Baden, in: Illustrierte Kunstgewerbliche Zeitschrift für Innen-Dekoration. 4. Jahrgang. November-Heft. Darmstadt, 1893. S. 175.

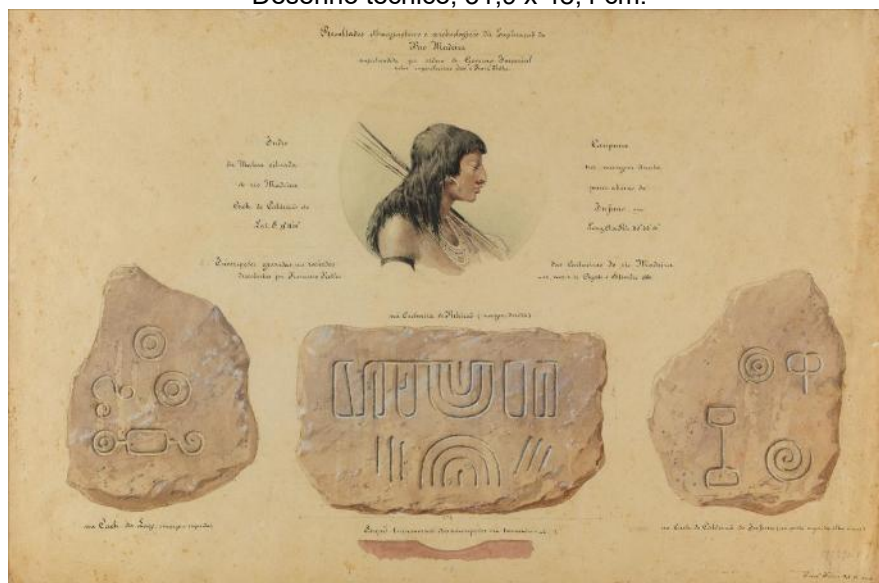
¹³⁵ Original em alemão: In den Jahren 1867 bis 1868 nahmen Vater und Sohn an einer Expedition teil, welche zum Ziel hatte, den bequemsten Verbindungsweg zwischen Brasilien und Bolivien zu finden. Nach Beendigung der Expedition wurde ein Bericht verfasst, und der Vater kehrte nach Deutschland zurück, wo er sich bis zu seinem Tode im Jahre 1877 der Malerei widmete. Franz Keller-Leuzinger verblieb noch eine gewisse Zeit in Brasilien und kehrte dann nach Karlsruhe zurück. Das genaue Datum seiner Rückkehr ist nicht bekannt, doch dürfte dies vor dem Jahre 1874 geschehen sein, denn er «veröffentlichte nach seiner Rückkehr die illustrierte Reisebeschreibung *Vom Amazonas und Madeira* (Stuttgart, 1874)»³⁶⁷ Während seiner Zeit in Brasilien entstanden von Keller-Leuzinger, teils in Zusammenarbeit mit seinem Vater, zahlreiche wissenschaftliche Arbeiten, welche aber nicht alle veröffentlicht wurden.

¹³⁶ Allgemeine deutsche Biographie, (vgl. Anm. 346). S. 108.

¹³⁷ Allgemeine deutsche Biographie, (vgl. Anm. 346). S. 108.

¹³⁸ Original em alemão: Als sicher kann angenommen werden, dass Keller-Leuzinger schon in dieser Zeit Interesse an künstlerischen und kunsthistorischen Fragen hatte und sich mit ihnen beschäftigte. Er zeichnete Pläne von Ruinen. Verschiedene solche Blätter sind bekannt, z. B. «Rio Ivahy: Ruínas de Villa-Rica do Espírito Santo (1 Blatt, 1865) und Rio Paranapanema: Planta das ruínas da redução jesuítica de S. Ignacio (1 Blatt, 1865)».³⁴⁸ Während dieser Zeit entwickelte er auch ethnographische Interessen, die er in «*Resultados ethnographicos e archeologicos da exploração do rio Madeira*»³⁴⁹ niederschrieb.

Figura 16. Resultados ethnographicos e archeologicos da Exploração do Rio Madeira: empreendida por ordem do Governo Imperial pelos engenheiros José e Franc^o Keller, 1869 – Desenho a aquarela, Desenho técnico, 31,9 x 48,4 cm.



Fonte: Acervo FBN¹³⁹.

É importante esclarecer que, apesar de essa suposta obra de Keller intitulada “Resultados ethnographicos e archeologicos da exploração do rio Madeira” ser mencionada por alguns pesquisadores e portais eletrônicos nacionais e estrangeiros, estes se restringem ou a trazer à tona apenas a ilustração supracitada constando o rosto de um indígena Caripuna e alguns registros rupestres ou a afirmar que Franz Keller também desenvolveu estudos etnográficos no Brasil, não apresentando informações precisas quanto ao gênero, dados editoriais e o acesso à referida “obra”.

No ano de 1873, Franz Keller retorna da Suíça “à Alemanha para tratar da saúde”, conforme explicitado na edição 3 da *Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ)*, datada de fevereiro de 1874, “fixando residência na cidade alemã de Karlsruhe. De acordo com o pesquisador Frank Kohl (2012), Franz contraíra malária no Amazonas e por essa razão “não pode aceitar o convite do coronel americano George Earl Church (1835-1910) para participar da construção da ferrovia Madeira-Mamoré, que utilizou os dados levantados pelos Keller naquela região”. Acrescenta-se que “Church havia recebido do governo brasileiro a concessão para a construção da ferrovia. Porém, por diversos motivos, a serem elucidados na próxima seção desta tese, Church não concluiu o empreendimento” (Wanderley, 2021, on-line).

¹³⁹ Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiana/handle/20.500.12156.1/3622>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Sob a perspectiva de Bolliger (1991, p. 52, tradução nossa), nos idos de 1873/74, o engenheiro Franz Keller-Leuzinger e o comerciante de louças de Thun, Friedrich Wunderlich, eram “duas personalidades que se destacaram como promotores da indústria de cerâmica” de Heimberg. Keller “entrou em contato com os ceramistas Christian Eyer e Gottfried Tschanz, forneceu-lhes desenhos de modelos e também atuou como cliente”¹⁴⁰. Acrescenta que, segundo “Karl Huber..., o engenheiro Franz Keller-Leuzinger, de Karlsruhe, ajudou a sanar a falta de compreensão artística de Heimberg, durante sua estadia naquela cidade “no final do outono de 1874”. Para Huber, “Somente o homem certo, o artista sensível, poderia trazer uma melhoria duradoura, e isso foi encontrado na pessoa do engenheiro Franz Keller-Leuzinger, de Karlsruhe”¹⁴¹ (Messerli Bolliger, 1991, p. 52, tradução nossa).

No final do outono de 1874, além de fornecer desenhos personalizados aos artesãos de Heimberg, Keller “montou uma oficina de cerâmica adequada, forneceu um professor de desenho, ensinou pessoalmente e, graças à sua energia, teve um efeito extraordinariamente revigorante sobre os artesãos que estavam fazendo ‘louças parisienses’”¹⁴² (Messerli Bolliger, 1991, p. 52, tradução nossa)¹⁴³.

Acerca desses desenhos de Franz Keller fornecidos aos ceramistas suíços de Heimberg, o professor Leopold Eduard Gmelin (1891), no necrológio de Keller, já havia ressaltado que os estudos etnográficos empreendidos pelo engenheiro alemão haviam influenciado suas criações artísticas, após seu retorno ao continente europeu, nos idos de 1870, para atuar como artista e designer, conforme segue:

Os muitos estudos etnográficos que Keller realizou naquela época e também mais tarde lhe proporcionaram muita inspiração para suas criações artísticas, ainda que talvez ele tenha alimentado esperanças um pouco exageradas em relação à sua usabilidade artística; para

¹⁴⁰ Original em alemão: In den Jahren 1873/74 findet man gleich zwei Persönlichkeiten, welche sich als Förderer der keramischen Industrie hervortaten, nämlich den Ingenieur Franz Keller-Leuzinger und den Thuner Geschirrhändler Friedrich Wunderlich. Der letztere setzte sich mit den Hafnern Christian Eyer und Gottfried Tschanz in Verbindung, lieferte ihnen Vorbildzeichnungen und trat gleichzeitig als Auftraggeber auf.

¹⁴¹ Original em alemão: Diesem Mangel an Kunstverständnis half gemäss Karl Huber der Karlsruher Ingenieur Franz Keller-Leuzinger ab, welcher sich im Spätherbst 1874 in Heimberg aufhielt. «Der richtige Mann, der feinfühlig Künstler allein konnte aber eine dauernde Hebung herbeiführen, und dieser fand sich in der Person des Ingenieurs Franz Keller-Leuzinger aus Karlsruhe.

¹⁴² Karl Huber. (vgl. Anm. 110). S. 279.

¹⁴³ Original em alemão: Er kam im Spätherbst 1874 nach dem Heimberg, lieferte den Hafnern geeignete Zeichnungen, legte eine ordentliche Schlämmerei an, stellte einen Zeichnungslehrer zur Verfügung, unterrichtete persönlich und wirkte durch seine Energie ausserordentlich belebend auf die Hafner, die «Pariser Geschirr» herstellten».

seus desenhos de cerâmica, ele extraiu muitos motivos¹⁴⁴ da fonte original de povos incultos¹⁴⁵. A simplicidade e a grandiosidade, inerente a muitos dos produtos de uma tradição decorativa ingênua, exerciam uma atração muito especial em sua imaginação, e seus muitos anos de contato com tribos, que ainda estavam em um nível cultural inferior, ensinaram-no a reconhecer o valor decorativo até mesmo dos temas mais discretos que haviam surgido para uma finalidade específica; esse reconhecimento permitiu que ele alcançasse a tão admirada maturidade em todos os seus designs artísticos e industriais, que sempre faziam jus ao material a ser utilizado (Gmelin, 1891, p. 25, tradução e grifo nossos)¹⁴⁶.

Complementando o supracitado excerto de Gmelin, com relação ao estudo que os Keller também deveriam fazer das civilizações indígenas (tribos selvagens) no decorrer da exploração do rio Ivaí, a pesquisadora Inês Parellada expõe que:

Em 1866, Keller (1974:17) descreveu a cerâmica Coroadó, observada em grupos do rio Tibagi, no Paraná: “As panellas de barro bem cozido tem uma forma geral menos elegante de que as dos Cayoás, porém distinguem-se por um polido ou verniz durável de cõr preta que sabem dar-lhes pela fricção com as folhas do palmito. Às vezes mostrarão ao lado exterior ornamentos do mesmo estylo como são os dos curús” (Inês Parellada, 2008, p. 106, grifo nosso).

Com base nos excertos de Gmelin (1891) e Inês Parellada (2008), fica subentendido que durante as empreitadas no Brasil, Franz Keller tenha acumulado conhecimentos sobre engenharia, relevo, vegetação, hidrografia, fauna, civilizações indígenas e sua vasta manifestação cultural, que influenciaram e inspiraram a produção artística de Keller, uma vez que seus desenhos foram convertidos em artesanato cerâmico (majólica¹⁴⁷) pelos artesãos/oleiros/ceramistas de Heimberg.

¹⁴⁴ MOTIVO é uma representação geométrica, geralmente complexa, que só aparece uma ou duas vezes, tornando-se um tema único (Dicionário de Termos Arqueológicos). Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/galeria-de-fotos/1-projeto-mapeamento-do-reconcavo/detail/6-engelho-ponta?tmpl=component>. Acesso em: 28 fev. 2025.

¹⁴⁵ Pelo contexto, Gmelin está se referindo a povos indígenas.

¹⁴⁶ Original em alemão: Die vielfachen ethnographischen Studien, welche Keller damals und auch späterhin machte, haben ihm manche Anregung zu kunstgewerblichen Gebilden gegeben, wenn er auch vielleicht etwas zu weitgehende Hoffnungen in Bezug auf die künstlerische Verwerthbarkeit derselben gehegt hat; für seine keramischen Entwürfe hat er manches Motiv aus dieser ursprünglichen Quelle unkultivirter Völker geschöpft. Das Einfach. Große, was vielen der Erzeugnisse einer naiven Schmuck- fucht eigen ist, übte auf seine Phantasie eine ganz besondere An ziehungskraft aus, und der langjährige Umgang mit Volksstämmen, welche noch auf niederer Kulturstufe stehen, lehrte ihn den dekorativen Werth auch der unscheinbarsten, dem Zweck entsprungenen Motive zu erkennen; diese Erkenntniß befähigte ihn dann bei allen feinen kunst gewerblichen Entwürfen zu der oft bewunderten Dielseitigkeit, welche stets dem zu verwendenden Material volle Gerechtigkeit widerfahren ließ.

¹⁴⁷ Tipo de cerâmica italiana originária da tradição hispano-mourisca, conhecida por suas cores vibrantes. Introduzida na Itália por meio da Ilha de Majorca, de onde deriva seu nome, há registros de sua produção desde o século 15 em cidades como Faenza, Urbino, Florença e Savona. Estabeleceu-

Salienta-se que, para Gmelin, o contato de Keller com o artesanato dos povos indígenas agregou conhecimento e maturidade à sua produção artística e industrial, fato que justifica o diferencial que ele acaba levando à produção de cerâmica de Heimberg mencionado por Bolliger (1991).

Figura 17. Majólica: Peça em porcelana tipo ânfora.



Fonte: Portal do Palácio Piratini, Porto Alegre-RS¹⁴⁸

Também no necrológio de Keller, Gmelin afirma que, na obra *Vom Amazonas und Madeira*, Keller “descreve o artesanato dos indígenas – trabalhos em vime, pinturas, vasos, esculturas, etc. – com um capricho que só ocorre na esteira de uma observação norteada pelo mais profundo interesse” (Gmelin, 1891, p. 25, tradução nossa)¹⁴⁹.

Investigando a edição em língua portuguesa da referida obra de Keller para tentar subsidiar a afirmação de Gmelin (1891) acerca da relação entre o artesanato indígena e a produção artística de Keller, foi observado que ele tece poucos

se como o estilo de cerâmica característica do Renascimento. Vem sendo produzida por séculos como parte da tradição artística de diversas cidades italianas. Disponível em: <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/majolicas>. Acesso em: 03 set. 2024.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/anfora-609f958b6e803>. Acesso em: 10 out. 2024.

¹⁴⁹ Original em alemão: In dem genannten Werk vom Amazonas und Madeira" beschreibt er Arbeiten der Indianer - flechtwerke, Bemalungen, Gefäßze, Schnitzereien 2c. – mit einer Sorgfalt, wie sie nur im Gefolge einer vom tiefsten Intereffe geleiteten Beobachtung auftritt.

comentários sobre cerâmicas e outros artesanatos indígenas com os quais teve algum contato; todos eles constam no capítulo VI, intitulado “As tribos selvagens do vale do rio Madeira”. Embora o título sugira que no capítulo serão apresentadas apenas as populações daquela localidade, Keller acaba trazendo à tona povos indígenas de outras regiões do império brasileiro.

Segundo Keller-Leuzinger (2021, p. 243-244, grifo nosso), em Cerrito, uma colina às margens do rio Mamoré, próxima à antiga Missão de Exaltación, “com o tempo as cheias desenterraram, além de pesados xerimbitás de pedra¹⁵⁰, muitos fragmentos de vasilhames de cerâmica ornamentados em seu interior por simples linhas onduladas”. Depreende-se do trecho em destaque que as peças artesanais encontradas não despertam em Keller algum sentimento especial. Ao contrário, elas são decoradas modestamente.

Acerca dos xerimbitás¹⁵¹ de pedra, Franz Keller esclarece que há também alguns “feitos de resina” por “uma tribo em particular”, provavelmente por grupos Tupi, uma vez que ocuparam um maior espaço territorial se comparados a outros povos originários. Essa hipótese é levantada por Keller porque Cerrito, onde encontraram xerimbitás, fica “a 300 milhas geográficas de distância” para a Província do Paraná, onde também foram encontrados anteriormente exemplares da dita peça artesanal. Todavia, nem todos os membros daquela etnia “usavam os xerimbitás de quartzo, mas apenas os chefes e os pajés, que até hoje se gabam do tamanho de seus adereços”. Como exemplo, Keller menciona que “um dos Kaiowás de Santo Inácio”, na Província do Paraná, contou-lhe certa vez “que alguns homens santos viviam no interior das florestas, distinguíveis dos outros mortais pelo extraordinário tamanho de seus xerimbitás” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 244).

Para Keller, os “múltiplos fragmentos de cerâmica achados no Cerrito, evidentemente um antigo assentamento ou cemitério indígena” podem ser justificados por um suposto costume dos mais antigos “de quebrar as urnas funerárias no momento do enterro, como nossos próprios ancestrais faziam em tempos pré-

¹⁵⁰ Um desses exemplares, que me foi gentilmente apresentado pelo Sr. Cardozo, encontra-se agora na altamente interessante coleção etnográfica do Sr. Blackmore, em Salisbury. Que muitos outros sigam o exemplo desse Mecenas das Artes e Ciências, que não só coleciona e preserva resquícios históricos e pré-históricos de Salisbury e proximidades, como também busca dar guarida a toda a história do desenvolvimento humano (Keller-Leuzinger, 2021, p. 244).

¹⁵¹ É um cilindro de cerca de 12 a 15 centímetros de comprimento, feito de uma resina amarelada e transparente da árvore jataí (ou jatobá) que é moldada dentro de um fino tubo de bambu. Ao fim do processo, é polida, afiada e atarraxada como adereço ao lábio inferior (Keller-Leuzinger, 2021, p. 243).

históricos”. Por fim, sem empolgação com o que vê, o desenhista alemão afirma que “em nenhum Aldeamento indígena atual, onde as mulheres até hoje ainda cozem vasilhames de cerâmica como aqueles de tempos imemoriais (mas onde muitos ritos certamente caíram em desuso)”, nunca tinha avistado um acúmulo tão grande de “potes quebrados” como em Cerrito (Keller-Leuzinger, 2021, p. 244).

Ainda na tentativa de buscar elementos contundentes que corroborem a afirmativa de Gmelin (1891) quanto à produção artística de Keller-Leuzinger ter sido influenciada pelo artesanato de povos indígenas com os quais teve contato durante as expedições a serviço do império brasileiro, selecionamos os seguintes excertos de um de seus textos publicados na *Globus: Illustrierte Zeitschrift für Länder – und Völkerkunde*¹⁵², em 1885:

O estilo e os povos. O professor Franz Keller-Leuzinger escreve em uma carta particular: “O senhor comenta que um certo estilo ornamental/decorativo original se desenvolveu entre os Maoris, os índios do noroeste da América, etc., e que estamos nos esforçando em vão para encontrar um estilo análogo para nós. Mas esses povos têm exatamente o que é necessário para isso e o que nos falta hoje! Um estilo artístico só pode se desenvolver de maneira peculiar onde toda a cultura se desenvolveu por conta própria e onde não há possibilidade de influências externas terem um impacto muito grande, especialmente um impacto fundamentalmente transformador. Se o Japão continuar no ritmo de europeização que estamos assumindo agora, daqui a cem anos haverá apenas leves resquícios do que hoje chamamos de estilo japonês (Globus, 1885, v. 47, n. 3, p. 48, tradução nossa)¹⁵³.

O discurso de Keller no excerto supracitado parece inspirado nas concepções românticas da arte, uma vez que, além de ressaltar a originalidade no estilo decorativo dos Maoris¹⁵⁴, enfatiza a ausência de influências externas significativas, sugerindo

¹⁵² *Globus: Revista ilustrada de Corografia e Etnologia* (ano 1885, vol. XLVII, nº 3). Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=01BNAAYAAJ&pg=GBS.PA48>. Acesso em: 29 jan. 2025.

¹⁵³ Texto original em alemão: Der Stil und die Völker. Professor Franz Keller-Leuzinger schreibt in einem Privatbriefe: „Sie bemerken, daß bei den Maoris, den Indianern Nordwestamerikas u .s.w. sich ein gewisser originaler Ornamentstil herausgebildet habe, den für uns in analoger Weise zu finden wir uns vergeblich bemühen. Aber jene Völker haben ja gerade das, was dazu nöthig ist und was uns heute abgeht! Ein Kunststil kann sich nur da eigenartig entwickeln, wo überhaupt die ganze Kultur sich aus sich selbst heraus weiter bildete und wo für Einflüsse von außen her keine allzu große, besonders keine fundamental umgestaltende Einwirkung möglich ist. Wenn Japan in dem jetzt angenommenen Tempo der Europäisierung weiter geht, so werden in hundert Jahren nur schwache Reste von dem übrig sein, was wir jetzt japanischen Stil nennen.

¹⁵⁴ Povos nativos da Nova Zelândia, na Oceania.

impacto dos contatos interculturais como uma influência negativa sobre outros povos e culturas por meio do processo imperialista de europeização.

Trazendo a discussão para o contexto brasileiro, que muito nos interessa, Keller-Leuzinger, afirma que, no Brasil, “as tribos indígenas que entraram em contato mais próximo com os brancos, nas missões em questão, e receberam ferramentas melhores, não só não produziram armas, implementos, tecidos etc. melhores do que antes, mas piores.” Por fim, o desenhista alemão enfatiza que os europeus são “cosmopolitas demais hoje em dia para conseguir inventar algo novo e único nesse campo. Nossa arte, assim como nossa outra cultura intelectual, é baseada na antiguidade clássica e no Renascimento, e assim deve permanecer” (Globus, 1885, v. 47, n. 3, p. 48, tradução e grifo nossos)¹⁵⁵.

À época dessa publicação na *Globus*, Franz Keller já havia criado desenhos para a produção de majólicas pelos ceramistas suíços e trabalhava também como ilustrador. Nesse cenário cosmopolita, que, segundo Keller, dificultaria a existência de originalidade na produção artística europeia, depreende-se que ele inova a cerâmica suíça mesclando a produção de um artesanato cerâmico de estilo renascentista (majólica) com a originalidade dos motivos da arte de povos indígenas do novo mundo.

O artesanato produzido pelos artesãos de Heimberg a partir dos desenhos de Keller parece ter sido bem recebido na “Exposição de Artes e Artesanato de Munique¹⁵⁶”, ocorrida em 1876, sobre a qual Gmelin (1891) conta alguns detalhes no necrológio de Keller:

Enquanto os preparativos para a Exposição de Artes e Artesanato de Munique de 1876 estavam se aproximando do fim, uma das caixas entregues ao Glaspalaste¹⁵⁷ foi desempacotada por um funcionário excessivamente zeloso antes que o nome do remetente pudesse ser revelado; o conteúdo, que consistia em uma série de vasos de cerâmica originalmente pintados e esmaltados, causou imediatamente um grande alvoroço entre os artistas encarregados da instalação dos objetos, o que só foi intensificado pela escuridão mística na qual o expositor desses objetos permaneceu envolto nas semanas seguintes. O homem que se apresentou com tanto sucesso

¹⁵⁵ Original em alemão: Ich selbst habe in Brasilien erlebt, wie Indianerstämme, die in den betreffenden Missionen in nähere Berührung mit Weißen gekommen waren und bessere Werkzeuge in die Hand bekommen hatten, nicht nur keine besseren Erzeugnisse an Waffen, Geräthen, Geweben u.s.w. lieferten wie früher, sondern schlechtere. Wir Europäer sind heute viel zu kosmopolitisch durchsäuert, um etwas Neues, Eigenartiges auf diesem Gebiete erfinden zu können. Unsere Kunst beruht, wie unsere anderweitige Geisteskultur, auf dem klassischen Alterthum und der Renaissance, und dabei muß es bleiben”.

¹⁵⁶ Original em alemão: Münchner Kunst und Kunstgewerbe-Ausstellung (Gmelin, 1891, p. 24).

¹⁵⁷ Palácio de Vidro (Tradução livre).

ao cenário artístico de Munique foi Franz Keller-Lenzinger; até então quase completamente desconhecido nesses círculos, ele havia conquistado o reconhecimento de artistas como Gedon e outros por meio desses produtos de sua poderosa imaginação artística (Gmelin, 1891, p. 24, tradução e grifo nossos)¹⁵⁸.

Em meio à atmosfera de suspense relatada por Gmelin entorno da identidade do até então desconhecido “criador” das cerâmicas, Franz Keller, observa-se que a originalidade não estava no formato das peças, mas na maneira como foram pintadas e esmaltadas, o que corrobora a tese de Gmelin à qual intentamos consubstanciar. É importante salientar que as cerâmicas eram confeccionadas e pintadas/decoradas por dois tipos de profissionais. Franz Keller convencia até mesmo “os ceramistas de temperamento mais difícil sobre a viabilidade da nova produção de louças”, bem como “nunca se cansava de produzir novos padrões e incentivar os pintores (os “Usmacherinnen”), em cujas “mãos” estava a decoração dos vasos, oferecendo-lhes recompensas” (Gmelin, 1891, p. 25, tradução nossa)¹⁵⁹.

Embora não seja objetivo específico desta tese, intentou-se ratificar a afirmação feita por Leopoldo Gmelin a respeito de Keller ter se inspirado no artesanato de “povos incultos/selvagens” para compor seus projetos artísticos, haja vista ser algo inusitado constar no necrológio de um falecido “colonizador europeu” que não só houve essa apropriação cultural, mas que também lhe rendera reconhecimento e ganhos financeiros.

Entretanto, tendo em vista que seria necessário empreender uma pesquisa profunda, principalmente em fontes arqueológicas, para investigar se a referida afirmação de Gmelin é verossímil, convém levar em consideração que ele, na pior das hipóteses, possa ter chegado a essa conclusão com base em elementos plausíveis ou por meio de conversas com o próprio Franz Keller, uma vez que, segundo Gmelin

¹⁵⁸ Original em alemão: Während die Vorbereitungen zu der Münchner Kunst - und Kunstgewerbe-Ausstellung des Jahres 1876 ihrem Ab. schluß entgegeneilten, war eine der im Glaspalaste eingelieferten Kisten von einem übereifrigen Bediensteten ausgepackt worden, ehe der Name des Absenders festgestellt worden war; der Inhalt, bestehend aus einer Reihe originell bemalter und glafirter Thongefäße, erregte sofort bei den mit der Aufstellung der Gegenstände betrauten Künstlern großes Aufsehen, welches durch das mystische Dunkel, in das der Aussteller dieser Gegenstände während der nächsten Wochen gehüllt blieb, nur noch gesteigert wurde. Der Mann, welcher sich hiermit so erfolgreich auf dem Boden des Münchener Kunstgewerbes einführte, war Franz Keller-Lenzinger; bis dahin in diesen Kreisen fast völlig unbekannt, hatte sich derselbe durch diese Erzeugnisse seiner kraftvollen Künstlerphantasie die Anerkennung von Künstlern wie Gedon u. A. im Sturme erobert.

¹⁵⁹ Original em alemão: Keller verstand es auch, die schwer zugänglichen Hafner von der Einträglichkeit der neuen Geschirrfabrikation zu überzeugen und wurde nicht müde, immer neue Muster zu fertigen und die Malerinnen, (die Usmacherinnen) in deren "Händen die Dekoration der Gefäße lag, durch Belohnungen anzuspornen.

(1891, p. 25, tradução nossa), “as informações sobre a atividade de Keller no campo da fabricação de majólica suíça são baseadas principalmente em cartas do falecido ao autor (primavera de 1885)¹⁶⁰”.

A ilustração a seguir, constante no necrológio em tela, traz algumas majólicas produzidas por Glatz, em Villingen, a partir de desenhos de Franz Keller. A imagem em preto e branco dificulta a visualização dos detalhes da pintura dos desenhos e traços das peças para tentar comparar, ao menos superficialmente, com algumas cerâmicas produzidas por indígenas Marajoara.

Figura 18. Majólica, com base em desenhos do professor Keller-Leuzinger para a empresa Tritschler & Cie (Stuttgart), executados por Glatz em Villingen (Floresta Negra)¹⁶¹



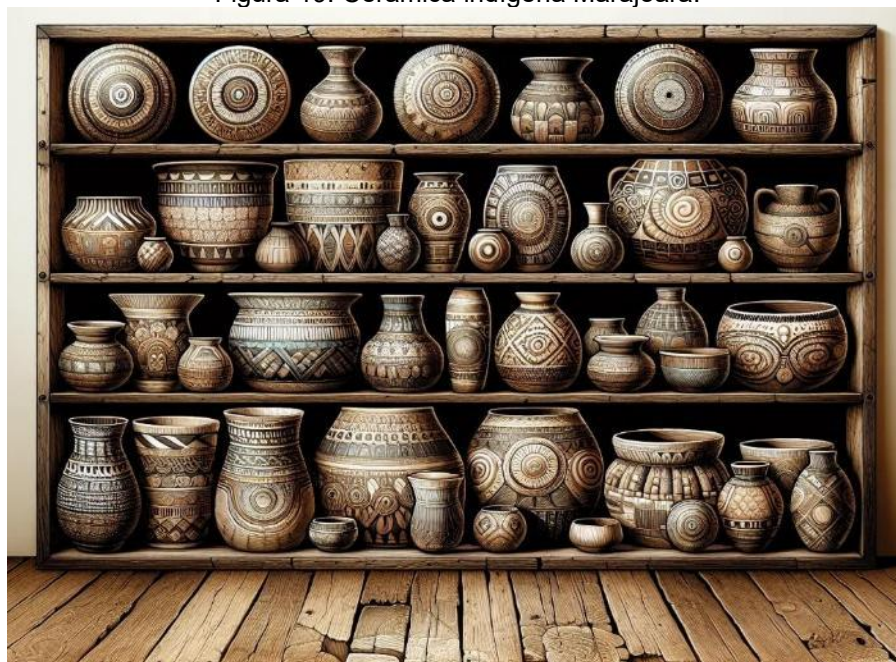
Fonte: Necrológio de Franz Keller-Leuzinger (Gmelin, 1891, p. 24).

Sob um olhar superficial, é possível notar alguma semelhança no formato entre as peças acima e as produzidas por indígenas marajoaras, logo abaixo:

¹⁶⁰ Original em alemão: Die folgenden Angaben über die Thätigkeit Keller's auf dem Gebiet der Schweizerischen Majolikafabrikation beruhen 3. Th. auf brieflichen Mittheilungen des Verstorbenen an den Verfasser (Frühjahr 1885).

¹⁶¹ Majoliken, nach Entwürfen von Prof. Keller-Leuzinger für die Firma Tritschler & Cie. (Stuttgart), ausgeführt von Glatz in Villingen (Schwarzwald) (Gmelin, 1891, p. 24).

Figura 19. Cerâmica indígena Marajoara.



Fonte: Palavra Encantada (2024, on-line)¹⁶²

De acordo com Gmelin, Keller “fez poucas alterações na técnica antiga em si, que o atraía particularmente por causa de sua simplicidade e originalidade”. No entanto, ele “sabia como obter efeitos verdadeiramente artísticos com esses meios primitivos”, e este era, “acima de tudo, seu mérito incontestável e, ao mesmo tempo, a razão pela qual suas obras em majólica, conforme dito anteriormente, causaram uma sensação tão significativa na exposição de 1876” (Gmelin, 1891, p. 25, tradução nossa)¹⁶³.

Gmelin ressalta que, “por mais importante e marcante que tenha sido o trabalho de Keller no campo da cerâmica, ele era versátil e ativo demais para se contentar apenas com isso”. Para o autor do necrológio, Keller “colocou no papel quase tão rapidamente quanto concebeu e coloriu com grande habilidade” um quantitativo incontável de “desenhos para vidro¹⁶⁴, bronzes, trabalhos em ferro, gravuras, utensílios de marfim, móveis, bordados, vasos cerimoniais, tecidos de linho etc”.

¹⁶² Disponível em: <https://www.palavraencantada.com.br/arte-ceramica-indigena-tradicao-e-modernidade/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

¹⁶³ Original em alemão: An der alten Technik selbst, welche ihm wegen ihrer Einfachheit und Ursprünglichkeit besonders zusagte, änderte er wenig, er hat es aber verstanden, mit diesen primitiven Mitteln wahrhaft künstlerische Wirkungen zu erzielen. Darin liegt vor Allem sein unantastbares Verdienst und zugleich der Grund, weshalb seine Majoliken - wie eingangs geschildert auf der Ausstellung des Jahres 1876 so be- rechtigtes Aufsehen erregten.

¹⁶⁴ Também foi frequentemente projetado para a Tritschler & Cie; também para a fábrica de vidro de van Houten (Bonn).

Quanto às ilustrações que adornam o necrológio, disponíveis no “APÊNDICE D” desta tese, Gmelin esclarece que “algumas das quais, infelizmente, tiveram de ser produzidas a partir de desenhos originais danificados, a maioria em tamanho bastante reduzido, dão apenas uma imagem tênue de sua rica atividade e de sua habilidosa representação¹⁶⁵ (Gmelin, 1891, p. 26, tradução nossa)¹⁶⁶.

Em meados de 1874, “Franz Keller-Leuzinger permaneceu em Heimberg”, Suíça, “por um curto período e deve ter aproveitado a oportunidade para se familiarizar com os ceramistas daquela cidade. Posteriormente, ele foi indicado para dirigir a escola de bordado artístico fundada pela Grã-Duquesa de Baden”, tendo ocupado esse cargo por dois anos. “Em 1876, ele ocupou um cargo semelhante em Hamburgo e, em 1879, finalmente foi trabalhar em Stuttgart, onde se dedicou à produção de ilustrações artisticamente valiosas para os livreiros locais”. Para a autora, a melhor realização de Franz Keller “nesse campo foram as ilustrações para “Naturgeschichte des Menschen”¹⁶⁷, de Friedrich v. Hellwald”¹⁶⁸ (Messerli Bolliger, 1991, p. 54, tradução nossa)¹⁶⁹.

Observa-se que Keller, após muitos anos fora da Europa, estava procurando um campo de atuação profissional, submetendo-se a desempenhar funções pouco prestigiosas, como, por exemplo, a de diretor de uma escola de bordado no ducado de sua cidade natal e em Hamburgo, o que nos leva a inferir que, àquela altura, seu foco era conseguir uma fonte de renda estável para custear suas despesas. Não obstante, provavelmente sob a influência e/ou indicação da família da esposa, que pertencia ao ramo editorial há décadas, cujo sobrenome Leuzinger ele carrega desde

¹⁶⁵ Os clichês são do instituto de arte do Dr. E. Albert & Cie.

¹⁶⁶ Original em alemão: So wichtig und epochemachend Keller's Thätigkeit auf keramischem Gebiet auch war), so war er doch zu vielseitig veranlagt und zu raftlos thätig, als daß er sich damit allein begnügt hätte; zahllos find seine Entwürfe für Gläser), Bronzen, Schmiedearbeiten, Gravirungen, Elfenbeingeräthe, Möbel, Stickereien, Prunkgefäße, Leinwebereien 1c., die er fast so rasch wie er sie erdacht auch auf's Papier brachte und mit großer fertigkeit in farben setzte. Die diesen Lebensabriß schmückenden Abbildungen, welche zum Theil leider nach schadhaften Originalzeichnungen, meist in starker Verkleinerung, hergestellt werden mußten, geben nur ein schwaches Bild seiner reichen Thätigkeit und seiner Gewandtheit der Darstellung).

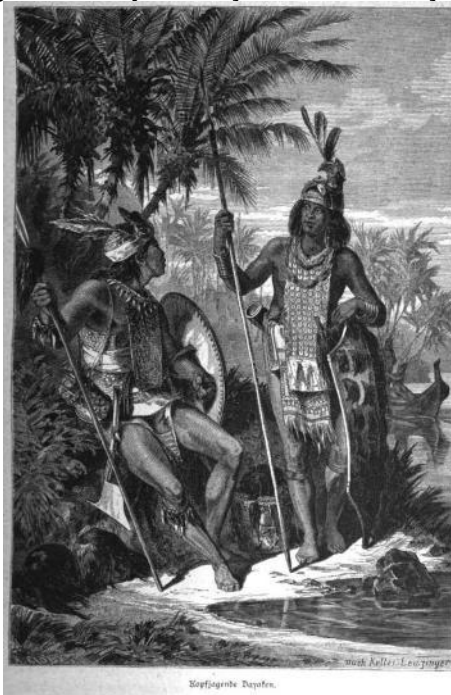
¹⁶⁷ História natural do homem (Tradução livre).

¹⁶⁸ Allgemeine deutsche Biographie, (vgl. Anm. 346). S. 107. (Nota da autora).

¹⁶⁹ Original em alemão: Im Herbst 1874 hielt sich Franz Keller-Leuzinger für kurze Zeit in Heimberg auf, und dort muss er die Gelegenheit genutzt haben, um mit Heimberger Töpfern Bekanntschaft zu schliessen. In der Folge wurde Keller-Leuzinger mit der Leitung der von der Grossherzogin von Baden gegründeten Schule für Kunststickerei beauftragt, eine Stellung, die er während zweier Jahre innehatte. 1876 findet man ihn in ähnlicher Stellung in Hamburg, und 1879 schliesslich ist er in Stuttgart tätig, «wo er sich namentlich der Herstellung von künstlerisch werthvollen Illustrationen für die dortigen Verlagsbuchhändler widmete. Als seine beste Leistung auf diesem Gebiete gelten seine Abbildungen zu Friedrich v. Hellwald's <Naturgeschichte des Menschen>».

1867, Keller entra para o mundo da edição e passa a produzir ilustrações para livreiros. Segue abaixo uma das várias ilustrações que Keller fez para a obra *História Natural do Homem*, de Hellwald:

Figura 20. Dayaks, caçadores de cabeças¹⁷⁰.



Fonte: Hellwald (1880-84, p. 3, tradução nossa)

Frank Kohl também discorre sobre os destinos de Franz Keller nesse período exposto por Bolliger (1991), trazendo alguns acréscimos:

Em 1876, Franz Keller-Leuzinger também começou a trabalhar como professor no campo da educação artística e artesanal. Durante um ano e meio, ele trabalhou no "Arts and Crafts Institute for Girls and Women" (Instituto de Artes e Artesanato para Meninas e Mulheres) em Karlsruhe. Na primavera de 1878, mudou-se para Hamburgo, para a "Verein für Förderung weiblicher Erwerbthätigkeit" (Associação para a Promoção do Emprego Feminino Remunerado), onde também trabalhou por apenas um ano (Kohl, 2012, p.136, tradução nossa)¹⁷¹.

Como não conseguia retornar ao Brasil como engenheiro, Keller continuou com seus trabalhos artísticos na Europa e, em 1878, vivenciou uma verdadeira "luta de

¹⁷⁰ Título original em alemão: *Kopfjagende Dayaken*.

¹⁷¹ Original em alemão: 1876 nahm Franz Keller-Leuzinger zusätzlich eine Tätigkeit als Lehrer im Bereich der Kunstgewerblichen Ausbildung auf. Anderthalb Jahre lang war er in Karlsruhe an der „kunstgewerblichen Anstalt für Mädchen und Frauen“ tätig. Im Frühjahr 1878 wechselte er nach Hamburg zum „Verein für Förderung weiblicher Erwerbthätigkeit“, wo er ebenfalls nur ein Jahr tätig war.

braço” entre o conselho municipal de Heimberg e o Conselho do Governo Superior do Cantão de Berna, que parecia procrastinar quanto à contratação de Franz Keller como professor da escola de desenho a ser criada naquele município.

Barbara Bolliger (1991, p.53) esclarece que, embora os ceramistas de Heimberg acreditassem “que sua proposta para um professor de desenho seria aprovada em Berna sem ressalvas e que tudo seria apoiado financeiramente, eles estavam enganados.” Logo chegou a “resposta da Diretoria de Assuntos Internos” e ela “foi muito clara”¹⁷², conforme segue:

"Concordo com a presente solicitação no sentido de que uma escola de desenho deva ser estabelecida em Heimberg, mas gostaria de ver o assunto estruturado no sentido de uma associação e, para esse fim, convido o solicitante a envidar todos os esforços para criá-la, na medida do possível, ou a resolver isso com suas próprias mãos e elaborar os regulamentos. Não conheço o Sr. Keller proposto e, portanto, não me permito fazer julgamentos sobre ele"¹⁷³ (Messerli Bolliger, 1991, p. 53, tradução e grifo nossos)¹⁷⁴.

Além disto, Messerli Bolliger (1991, p.53-54, tradução e grifo nossos) afirma que:

Assim, os Heimbergers foram informados de que eles mesmos deveriam dar os primeiros passos com relação à escola de desenho e fornecer as estruturas necessárias. Nenhum julgamento foi feito sobre a pessoa de Franz Keller-Leuzinger, mas as palavras cautelosas indicam que as autoridades não estavam totalmente confortáveis com a combinação de professor de desenho e cliente do setor de cerâmica¹⁷⁵.

Após essa resposta comedida de 30 de agosto de 1878 à sua carta entusiasmada, o zelo dos ceramistas de Heimberg diminuiu consideravelmente e a questão da escola de desenho em Heimberg não foi mais levada adiante até 1883. O que é interessante nesse contexto, entretanto, é a pessoa de Franz Keller-Leuzinger, que

¹⁷² Original em alemão: Glaubten nun die Heimberger Töpfer, ihr Vorschlag für einen Zeichnungslehrer würde in Bern kommentarlos gutgeheissen und das Ganze erst noch finanziell unterstützt, so täuschten sie sich. Die Antwort der Direktion des Innern liess nicht lange auf sich warten und fiel klar aus.

¹⁷³ Staatsarchiv des Kantons Bern. BBIV: 1116, C715. Brief vom 30. August 1878.

¹⁷⁴ Original em alemão: «Ich bin nun mit dem vorliegenden Antrage in dem Sinne einverstanden, dass in Heimberg eine Zeichnungsschule errichtet werde, möchte aber die Sache im Sinne einer Vereinigung organisiert wissen und zu diesem Zweck den Antragsteller einladen, beförderlichst eine Vereinigung anzustreben oder diese selbst an die Hand zu nehmen und das Reglement aufzustellen. Den vorgeschlagenen Herrn Keller kenne ich nicht, und ich erlaube mir deshalb über denselben kein Urteil».

¹⁷⁵ Original em alemão: Damit wurde den Heimbergern gesagt, dass sie selbst in bezug auf die Zeichnungsschule die ersten Schritte zu unternehmen und die notwendigen Strukturen bereitzustellen hätten. Zur Person von Franz Keller-Leuzinger wurde kein Urteil abgegeben, doch die vorsichtige Formulierung deutet an, dass der Obrigkeit die Verbindung von Zeichnungslehrer und Auftraggeber für die keramische Industrie nicht ganz geheuer war.

conseguiu persuadir os Heimbergers a fazer um apelo ao conselho do governo cantonal acerca da questão não muito popular da escola de desenho¹⁷⁶.

É importante mencionar que “mesmo que a escola de desenho de Heimberg não tenha dado muito certo no início, o povo de Heimberg não queria mais exercer seu ofício de ceramista totalmente sem instrução.” Consequentemente, “nos meses de verão de 1878, 1879 e 1880, foram realizados cursos de desenho, “conduzidos pelo professor da escola local e apoiados financeiramente pela prefeitura, pela loja de majólica Keller-Leuzinger e pelos mestres ceramistas¹⁷⁷” (Messerli Bolliger, 1991, p. 57, tradução e grifo nossos).

A partir do exposto por Barbara Bolliger, infere-se que o poder público deve ter percebido que o interesse de Franz Keller em ministrar aulas de desenho para aqueles ceramistas não vislumbrava apenas o aprendizado deles, mas sim conduzi-los à produção de cerâmicas de seu exclusivo interesse para comercialização. Para tanto, a prefeitura de Heimberg contrata outro professor, ao passo que Keller atua como patrocinador. Corroborando isso, a própria autora afirma que Keller-Leuzinger intentava melhorar o ganho financeiro através da venda das majólicas criadas a partir de seus desenhos:

Na segunda metade do século XIX, as tentativas de criar desenhos decorativos na Suíça foram intensas - como mostram os dois exemplos da fábrica de cerâmica Ziegler em Schaffhausen e da região de cerâmica Heimberg-Steffisburg-Thun - e foram mesmo polêmicas no caso de Heimberg. Parece importante que as pessoas que se esforçaram por moldar e decorar a cerâmica também ganhem contornos e se tornem personalidades com base neste trabalho. Jakob Ziegler-Pellis e Franz Keller-Leuzinger esperavam que o melhoramento das formas e decorações das cerâmicas conduzisse, entre outras coisas, a um aumento das vendas e, por conseguinte, também a ganhos financeiros¹⁷⁸ (Messerli Bolliger, 1991, p. 78, tradução e grifo nossos).

¹⁷⁶ Original em alemão: Nach dieser reservierten Antwort vom 30. August 1878 auf ihr begeistertes Schreiben erlahmte der Eifer der Heimberger Töpfer gewaltig, und die Angelegenheit der Zeichnungsschule in Heimberg wurde bis zum Jahre 1883 nicht weiter verfolgt. Was nun aber in diesem Zusammenhang interessiert, ist die Person von Franz Keller-Leuzinger, welcher die Heimberger sogar dahin zu bringen vermochte, in der nicht sehr beliebten Angelegenheit der Zeichnungsschule einen Vorstoss beim Regierungsrat zu unternehmen.

¹⁷⁷ Staatsarchiv des Kantons Bern. BBIV: 1117. Brief von Friedrich Stegmann, Grossrat, an die Direktion des Innern des Kantons Bern, datiert 14. August 1883.

¹⁷⁸ Original em alemão: Die Bemühungen um den dekorativen Entwurf in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts in der Schweiz waren – wie anhand der beiden Beispiele Tonwarenfabrik Ziegler in Schaffhausen und Töpfereigebiet Heimberg-Steffisburg-Thun gezeigt - intensiv und wurden gar im Falle von Heimberg polemisch geführt. Wichtig scheint, dass anhand der vorliegenden Arbeit auch die

Para Bolliger, “Franz Keller-Leuzinger não ficou isento de controvérsias em Heimberg”, pois, “um artigo publicado no *Neue Zürcher Zeitung* de 24 de agosto de 1878” causou uma verdadeira polêmica, uma vez que atribuiu inteiramente a ele o sucesso que deveria ter sido compartilhado com os “três ceramistas de Heimberg, Eyer, Küenzi e Schenk-Trachsel, na Exposição Mundial” (Messerli Bolliger, 1991, p. 54, tradução nossa)¹⁷⁹.

Acerca dessa polêmica, Gmelin explica que “os pequenos ceramistas domésticos valorizavam mais seus próprios méritos do que a atividade intelectual do criador de seus produtos” e que, por isso, “não conseguiram perceber que a medalha concedida a Keller, como expositor naquela época, era totalmente devida a ele”, pois seus produtos foram confeccionados a partir dos desenhos feitos por Keller, que “chegam a centenas” (Gmelin, 1891, p. 25-26, tradução nossa)¹⁸⁰.

Franz Keller recebeu a Medalha de Arte e Ciência do Rei de Württemberg; uma medalha semelhante lhe foi concedida em 1878, pelo Grão-Duque de Baden e, posteriormente, pelo Rei da Baviera, como reconhecimento à extraordinária inspiração artística que ele proporcionou em todas as direções (Gmelin, 1891, p. 26, tradução nossa)¹⁸¹.

Constata-se que, nos idos de 1880, concomitantemente com o ofício de desenhista e comerciante de majólicas, “Franz Keller-Leuzinger também trabalhava regularmente como ilustrador” (Kohl, 2012). No entanto, conforme acrescenta Frank Kohl, em 1882, o desenhista alemão “utilizou novamente as fotografias da Amazônia de Albert Frisch como modelo para o design de ilustrações de livros sem a devida citação e crédito a Frisch.” O autor afirma que “as referidas ilustrações foram baseadas

Menschen, die sich um die Form und das Dekor von Keramik bemühten, Konturen annehmen und zu Persönlichkeiten werden. Jakob Ziegler-Pellis und Franz Keller-Leuzinger erwarteten durch eine Verbesserung der Formen und Dekore der Keramik u. a. einen entsprechend grösseren Absatz und damit auch einen finanziellen Gewinn.

¹⁷⁹ Original em alemão: Die Person von Franz Keller-Leuzinger war in Heimberg nicht unumstritten. Eine eigentliche Polemik löste ein Artikel in der Neuen Zürcher Zeitung vom 24. August 1878 aus, in welchem der Verdienst um den Erfolg an der Weltausstellung der drei Heimberger Töpfer Eyer, Küenzi und Schenk-Trachsel ganz Franz Keller-Leuzinger zugeschrieben wurde.

¹⁸⁰ Original em alemão: Daß die ihm als Aussteller damals zu Theil gewordene Medaille auch mit vollem Recht ihm gebührte, das Fonnten freilich die kleinlichen Haustöpfer nicht einsehen, welche ihr eigenes Verdienst höher anschlugen als die geistige Thätigkeit des Urhebers ihrer Erzeugnisse. Und doch zählen die von Keller für die heimberger Töpfer gefertigten Zeichnungen in die Hunderte.

¹⁸¹ Original em alemão: Als Anerkennung für die außerordentliche künstlerische Anregung, welche er hier nach allen Seiten hin gab, erhielt er vom König von Württemberg die Medaille für Kunst und Wissenschaft; eine gleiche Medaille wurde ihm schon 1878 vom Großherzog von Baden und später vom König von Bayern verliehen.

em fotografias”, esclarecendo que “as quatro ilustrações baseadas nas fotografias de Frisch podem ser encontradas na visão geral étnico-científica popular publicada por Friedrich Hellwald a partir de 1882”¹⁸² (Kohl, 2012, p. 193, tradução nossa)¹⁸³.

Em notícia datada de 29 de maio de 1886, o *Jornal do Commercio (RJ)*¹⁸⁴ afirma que “Franz Keller-Leuzinger e sua mulher” estavam na Alemanha, chegando ao Rio de Janeiro vindos de Bremen, no “Paquete alemão *Berlin*”, com escala na Bahia. Conforme se infere das seguintes explanações de Frank Kohl (2012), Keller estava retornando ao Brasil como contratado da Associação Colonial Alemã para atuar na questão de assentamentos de emigrados alemães.

No período de “1880 a 1886, Keller-Leuzinger morou em Stuttgart, trabalhou como ilustrador independente e viajou várias vezes ‘para Paris, Londres, Nova Iorque, Espanha, Portugal e Itália.’”¹⁸⁵ Ainda em 1886, “ele viajou novamente ao Brasil ‘em nome da Associação Colonial Alemã’ para investigar o assentamento de emigrantes alemães nas províncias do sul.”¹⁸⁶ Após retornarem do Brasil, Keller e sua esposa Sabine mudaram-se “para Munique, onde Franz Keller-Leuzinger, que havia adoecido com um problema cardíaco após sua mais recente viagem ao Brasil, faleceu em 19 de julho de 1890, aos 55 anos de idade”¹⁸⁷ (Kohl, 2012, p. 136, tradução e grifo nossos)¹⁸⁸.

Com relação a sua atuação como autor/escritor, além de *Vom Amazonas und Madeira*, publicado em 1874, logo depois do seu retorno à Alemanha, Franz Keller “publicou vários artigos, em sua maioria curtos e menos significativos, sobre suas explorações e experiências nos periódicos *Ausland*, *Globus*, *Petermann's*

¹⁸² Friedrich von Hellwald: *Naturgeschichte des Menschen*. 2 Bände. Stuttgart 1882 und 1885. (Nota do autor).

¹⁸³ Original em alemão: 1882 nutzte Franz Keller-Leuzinger, der inzwischen regelmäßig als Illustrationszeichner arbeitete, erneut Amazonasfotografien von Albert Frisch als Vorlage für die Gestaltung von Buchillustrationen. Und erneut gab er nicht den Namen des Amazonasfotografen an. Immerhin aber ist angegeben, dass den Illustrationen fotografische Vorlagen zugrunde lagen. Die vier auf Frischs Fotografien basierenden Illustrationen finden sich in der ab 1882 von Friedrich Hellwald publizierten populärwissenschaftlichen völkerkundlichen Überblicksdarstellung.

¹⁸⁴ Ano 1886, edição 148, p.6, última coluna. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/364568_07/15369. Acesso em: 20 set. 2022.

¹⁸⁵ L.G.: *Nekrolog Franz Keller-Leuzinger*, S. 27 (Nota do autor).

¹⁸⁶ *Ibid.* (Nota do autor).

¹⁸⁷ *Ibid.* (Nota do autor).

¹⁸⁸ Original em alemão: Von 1880 bis 1886 lebte Keller-Leuzinger in Stuttgart, arbeitete als unabhängiger Illustrator und unternahm mehrere Reisen „nach Paris, London, New-York, Spanien, Portugal, Italien“. 1886 reiste er im „Auftrag des deutschen Kolonialvereins“ nochmals nach Brasilien, um in den südlichen Provinzen die Ansiedlung deutscher Auswanderer zu prüfen. Nach seiner Rückkehr aus Brasilien zog das Ehepaar Keller-Leuzinger nach München, wo der nach seiner zweiten Brasilienreise an einem Herzleiden erkrankte Franz Keller-Leuzinger am 19. Juli 1890 im Alter von 55 Jahren starb.

Mitteilungen, Natur, Gegenwart e Vom Fels zum Meer”¹⁸⁹ (Hantzsch, 1906, p. 108, tradução nossa). Alguns desses textos serão analisados na próxima seção desta tese, ocasião em que trataremos da circulação e recepção do mencionado relato de viagem de Keller.

Por sua vez, Frank Kohl esclarece que “o próprio Franz Keller havia escrito um pequeno ensaio em 1873, no qual relatava os projetos que havia realizado no Brasil”, intitulado “As fotografias de Franz Keller na América do Sul e a ferrovia ao longo do rio Madeira” (Kohl, 2012, p. 122, tradução nossa)¹⁹⁰. Demais textos e outras produções com autoria atribuída a Franz Keller estão relacionados no “APÊNDICE B” desta tese.

Ao discorrer sobre Franz Keller “autor, ilustrador e professor”, Frank Kohl afirma que “Keller-Leuzinger, de 35 anos, desistiu de sua carreira como engenheiro quando retornou à Alemanha.” Acrescenta que o engenheiro alemão “trabalhou artisticamente em vários projetos até sua morte em 1890”. Mas que, “seu amplo interesse e habilidade artesanal fizeram com que ele se sentisse à vontade como desenhista, ilustrador, autor e professor”¹⁹¹ (Kohl, 2012, p. 133, tradução e grifo nossos).

Keller-Leuzinger exerce a profissão de engenheiro em solo brasileiro e, provavelmente por falta de oportunidades logo após a empreitada no rio Madeira, decide se retirar dessa área para transitar no campo artístico, retornando à Europa. O conhecimento adquirido com os artesanatos e cerâmicas através do contato com algumas civilizações indígenas durante as expedições que por aqui realizou parece ter-lhe servido de inspiração para as atividades subsequentes.

Insta salientar que talvez Keller tenha apenas tentado se retirar do Brasil e não do campo da engenharia, quando saiu deste país rumo à Alemanha e concomitantemente à Suíça. Entretanto, nossas fontes de pesquisa sugerem que nestes dois países europeus ele não conseguiu atuar profissionalmente como

¹⁸⁹ Original em alemão: Außerdem veröffentlichte K. verschiedene meist kurze und wenig bedeutende Aufsätze über seine Forschungen und Erlebnisse in den Zeitschriften Ausland, Globus, Petermann's Mitteilungen, Natur, Gegenwart und Vom Fels zum Meer.

¹⁹⁰ Original em alemão: Franz Keller hatte 1873 selbst einen kurzen Aufsatz verfasst, in dem er über die von ihm in Brasilien durchgeführten Projekte berichtet. [Franz Keller]: Franz Keller's Aufnahmen in Süd-Amerika und die Eisenbahn längs des Madeira-Stromes.

¹⁹¹ Original em alemão: Seine Ingenieurslaufbahn hatte der 35-jährige Keller-Leuzinger mit der Rückkehr nach Deutschland aufgegeben. Stattdessen betätigte er sich künstlerisch bis zu seinem Tod im Jahre 1890 in verschiedenen Projekten. Sein umfassendes Interesse und kunstgewerbliches Engagement ließen ihn gleichermaßen als Zeichner, Illustrator, aber auch als Autor und Lehrer auftreten.

engenheiro, tendo de recorrer a trabalhos artísticos na indústria de cerâmica, como desenhista/projetista, e no mercado editorial, realizando atividades diversas, como fonte de renda e de sustento para si e sua esposa.

Mesmo desempenhando o ofício no campo artístico no continente Europeu, Keller pretendia retomar sua carreira de engenheiro, provavelmente mais rentável e/ou mais prestigiosa à época, haja vista que ele estava disposto a largar tudo e retornar ao Brasil. No entanto, segundo Vergara (2013, p. 82), seus planos foram frustrados, pois, em 1876, ele se prevalece da passagem de D. Pedro II pela Alemanha para escrever-lhe uma carta, na qual constam planos e projetos nada modestos, que o animavam a retornar ao Brasil. Acerca desses projetos, a autora ressalta que Franz Keller “pleiteava receber o monopólio para a exploração do sal no Paraná, bem como se oferecia como intermediário na venda de pólvora alemã para o Império, e expressava sua intenção de voltar ao Brasil como engenheiro”, haja vista que, na Alemanha, ele “vivia apenas de seus trabalhos artísticos” (Vergara, 2013, p. 82, grifo nosso). Nota-se um tom pejorativo da autora, pois, ao afirmar que Keller “vivia de trabalhos artísticos”, na sua terra natal, cria no imaginário do leitor a figura de um vendedor autônomo, que vende “sua arte” em praça pública.

Na carta a Dom Pedro II, reproduzida por Vergara (2013, p. 83), Keller nitidamente se reporta ao imperador como um prestador de serviços pedindo emprego:

Voltando desse modo outra vez as belas praias da Terra de Santa Cruz, isto é, acompanhando em pessoa um carregamento de pólvora e se necessário fosse de armamento ao Rio de Janeiro. V. M. I. dignasse talvez de encarregar-me outra vez com trabalhos técnicos como antigamente.
Me seja permitido, afora os trabalhos de exploração dos rios, alinhamento de estradas e caminhos de ferro e o levantamento de mapas geográficos, citar a elaboração de projetos de abastecimento da capital com água potável, que dia a dia fica mais urgente¹⁹².

A partir da análise dessa carta, Vergara (2013, p. 83) constata que as “ambições empresariais” de Keller “rivalizavam com as científicas, mas ele claramente se via como um homem de ciência e queria ver seu nome ao lado dos demais cientistas como o geólogo americano Charles F. Hartt (1840-1878)”, o que justifica

¹⁹² Carta de Franz Keller-Leuzinger a D. Pedro II, 29 de julho de 1876. Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional (nota da autora).

nossa hipótese de que seu apreço pela engenharia em detrimento da atividade artística não vislumbrava apenas a questão financeira (capital econômico), mas também o capital simbólico que intentava acumular pelo prestígio e notoriedade.

A negativa implícita de D. Pedro II ganha um contorno intrigante, uma vez que Franz Keller havia realizado com sucesso vários empreendimentos pelo vasto território brasileiro. Porém, talvez a sombra do pai, que só falecera um ano depois, em 1877, e a alcunha de ser seu “ajudante” tenham contribuído com a indiferença do imperador. Não se pode descartar a hipótese de, àquela altura, a decisão de D. Pedro estar talvez motivada pela questão do abandono da obra de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré pela empresa britânica *Public Works*, dois anos antes (1874), que só seria retomada em 1877, sendo que tal construção baseou-se no relatório técnico produzido por Franz Keller e seu pai, disponibilizado ao governo imperial em meados de 1869. Ou seja, D. Pedro poderia estar receoso ou insatisfeito com o último trabalho realizado pelos Keller, que fora justamente a viagem de exploração do rio Madeira para, dentre outros estudos, verificar a possibilidade de construção de uma linha férrea ao longo daquele rio.

Mesmo assim, depreende-se das fontes e da historiografia em geral que “José e Francisco Keller obtiveram muita fama entre os governantes do império, pois, sob as ordens do governo imperial, realizaram vários estudos com o intuito de viabilizar algumas vias de comunicação no Brasil do Século XVIII”¹⁹³ (Karpinski, 2011, p. 42).

A forma inovadora com que realizavam seus levantamentos geográficos na época e a utilização de métodos e técnicas diferenciadas fizeram com que os estudos dos Keller se tornassem baluartes de modernidade e eficácia” (Karpinski, 2011, p. 43). Sob uma perspectiva bourdieusiana, podemos salientar que se trata de uma reconversão de capital cultural em capital simbólico, visto que, pelo conhecimento técnico, eles foram muito rapidamente introduzidos no aparelho do estado imperial por meio da incorporação ao ministério da agricultura.

As múltiplas atividades que Keller-Leuzinger desempenhou durante seus 55 anos de vida dificulta-lhe atribuir uma profissão clara. “Viktor Hantzsch o descreve como ‘engenheiro, pintor e desenhista pesquisador’¹⁹⁴. Outras atividades de Keller-Leuzinger como artesão e empresário também foram identificadas.” Entretanto, é

¹⁹³ Acreditamos que fora um lapso grafar “Século XVIII”, uma vez que os Keller sequer haviam nascido no século em questão.

¹⁹⁴ Hantzsch: Franz Keller-Leuzinger, S. 106. (Nota do autor).

importante enfatizar que “não foram encontradas evidências das atividades de Keller-Leuzinger como fotógrafo ou como gerente da oficina fotográfica de seu sogro (Georges Leuzinger), conforme descrito nos inúmeros relatos da história fotográfica brasileira” (Kohl, 2012, p. 136, tradução e grifo nossos)¹⁹⁵.

Em sua obra *Deutsche Kuenstler in Lateinamerika, Maler und Naturforscher des 19. Jahrhunderts illustriren einen Kontinent*¹⁹⁶, a escritora Renate Löschner (1978) afirma que Franz Keller-Leuzinger (1835-1890) foi um multifacetado artista, explorador, escritor e engenheiro. Essa alcunha de explorador talvez tenha surgido entre os estudiosos de Keller a partir de uma tradução involuntária ou mesmo tendenciosa do título de sua obra, da língua alemã para a inglesa e desta para a portuguesa, substituindo o que deveria ser “... do diário de uma viagem de exploração¹⁹⁷” para “... de um caderno de notas de um explorador¹⁹⁸” e “... relatos de um explorador¹⁹⁹”.

É importante ressaltar que a expedição ao rio Madeira rendeu a Franz Keller não apenas o relatório da exploração daquele rio, disponibilizado ao Macop do império brasileiro, em 1869, mas também o livro *Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise*²⁰⁰, relato da aludida expedição, publicado em 1874, cuja circulação, recepção crítica e análise serão apresentadas nas seções subsequentes desta tese, nas quais observaremos um Franz Keller-Leuzinger engenheiro e autor de um relato de viagem ilustrado com 68 desenhos de sua autoria, que traz à tona suas representações de europeu acerca da complexa região Amazônica, seus habitantes, fauna, flora, relevo e hidrografia durante a segunda metade do século XIX, em pleno reinado de Dom Pedro II.

¹⁹⁵ Original em alemão: Die Vielzahl der Aktivitäten Keller-Leuzingers während seines 55-jährigen Lebens lässt keine eindeutige Berufsbezeichnung zu. So tituliert ihn Viktor Hantzsch als „Ingenieur, Maler und Forschungszeichner“. Daneben sind weitere Tätigkeiten Keller-Leuzingers als Kunstgewerbler und Geschäftsmann ermittelt worden. Für eine Aktivität als Fotograf oder für die Leitung der Officina photographica seines Schwiegervaters aber, wie sie in den zahlreichen Darstellungen zur brasilianischen Fotografiengeschichte geschildert werden, ließen sich keine Belege finden.

¹⁹⁶ *Artistas Alemães na América Latina: pintores e naturalistas do século XIX ilustram um continente.* (Tradução livre).

¹⁹⁷ ... aus dem Tagebuche einer Explorationsreise (Trecho final do título da obra em alemão).

¹⁹⁸ ... from the note-book of an explorer (Trecho final do título da obra em inglês).

¹⁹⁹ Trecho final do título da edição da obra em língua portuguesa.

²⁰⁰ *Do Amazonas ao Madeira: esboços e descrições do diário de uma viagem de exploração* (Tradução livre).

4 CIRCULAÇÃO DA OBRA *VOM AMAZONAS UND MADEIRA* NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO E ESTRANGEIRO

Nesta seção, partiremos dos pressupostos teóricos dos historiadores do livro e da leitura²⁰¹ com o intuito de investigar a história editorial da obra *Vom Amazonas und Madeira: skizzen und beschreibungen aus dem tagebuche einer explorationsreise*, de Franz Keller-Leuzinger.

Pretende-se analisar a circulação da edição original em língua alemã e de suas traduções no mercado editorial brasileiro e estrangeiro no século XIX. Concomitantemente se intenta investigar a recepção crítica da obra no Brasil e fora do país, no século XIX²⁰². A obra sob análise, reitera-se, é o relato de viagem ao Rio Madeira, decorrente da expedição da qual Franz Keller-Leuzinger participou como ajudante de seu pai, o engenheiro Joseph Keller.

Conforme exposto na seção anterior, após a expedição, Joseph Keller e Franz Keller, pai e filho, escrevem, em língua portuguesa, o “Relatório da Exploração do Madeira na parte compreendida entre a cachoeira de Santo Antônio e a barra do Mamoré” e o entregam em maio de 1869 ao Ministério que os contratou. Esse relatório é publicado no interior do *Relatório anual do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas relativo ao ano de 1868* (Kohl, 2012, p. 247). Tratava-se, por conseguinte, de um texto de caráter técnico, entregue ao governo brasileiro após a prestação de um serviço, razão pela qual está inserido em um outro relatório como uma espécie de prestação de contas, provavelmente destinado a leitores que se interessassem pelas iniciativas governamentais ou precisassem delas para o seu trabalho.

²⁰¹ Partiremos da produção historiográfica de Roger Chartier (1998, 2003 e 2006), Michel de Certeau (1998) e Robert Darnton (1990).

²⁰² Para tanto, a pesquisa se valeu de acervos on-line de jornais brasileiros disponíveis na hemeroteca digital, do Catálogo Global WorldCat. Trata-se de um catálogo virtual que, por meio de sua ferramenta de busca, oferece acesso ao acervo de várias bibliotecas físicas do mundo, desde livros, artigos de periódicos, documentos impressos e digitais etc. Realizamos a pesquisa nessa plataforma nos exercícios de 2022 a 2024. e de plataformas e bibliotecas digitais internacionais, analisando a circulação e repercussão da obra entre críticos e leitores a partir da sua publicação. O WorldCat é uma rede de dados de serviços e coleções de bibliotecas mais abrangente do mundo. No ano fiscal de 2014, o WorldCat cresceu com mais 18,7 milhões de registros e 100,3 milhões de entradas. Os dados do WorldCat servem de base para uma gama de serviços da OCLC e de parceiros, levando à eficiência no gerenciamento de bibliotecas, aprimorando as descobertas de coleções de bibliotecas e aumentando a visibilidade das bibliotecas na internet. (OCLC, on-line). Disponível em: <https://www.oclc.org/pt-americalatina/annual-report/2014/worldcat.html>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em 1870, o mencionado relatório da exploração do Madeira teve uma segunda edição, em língua espanhola, publicada pela editora boliviana *Imprenta de la Union Americana*, de César Sevilla, em La Paz, com o título “Exploración del Rio Madera en la parte comprendida entre la cachuela de San Antonio y la embocadura del Mamoré”²⁰³. Na capa desse relatório consta que ele fora escrito “pelos engenheiros brasileiros José e Francisco Keller”²⁰⁴. Supõe-se que essa imprecisão acerca da nacionalidade dos Keller, que também fora cometida por Júlio Verne na obra *A Jangada*, decorre do fato de Franz e Joseph Keller terem escrito em língua portuguesa e seus nomes estarem aporuguesados.

A edição boliviana traz um prólogo apócrifo de uma página, provavelmente de autoria de César Sevilla. O prólogo enfatiza a importância de empreendimentos capazes de garantir a circulação de pessoas e das riquezas andinas pelo rio Madeira até o oceano Atlântico. A tônica colonizadora, atrelada à noção de progresso, é evidente quando o autor associa a possibilidade de transpor os obstáculos naturais com a “prosperidade e a civilização das populações transandinas”. Certo de que o relatório em espanhol agradaria os leitores bolivianos, o autor lamenta “não poder anexar o mapa das ‘Distâncias entre os diferentes pontos do percurso, medidas com o micrômetro’, que é mencionado a partir da página 33, pois não foi anexado ao referido Relatório” (Keller, 1870, grifo nosso)²⁰⁵. É importante ressaltar que esse mapa compõe apenas a 1ª edição alemã de *Vom Amazonas und madeira* e, portanto, também não consta na 1ª edição do relatório em epígrafe e tampouco em sua terceira edição, de 1873, referente à tradução para a língua inglesa realizada pelo engenheiro estadunidense George Earl Church. Com o título “Exploration of the River Madeira: Report of José and Francisco Keller”²⁰⁶, essa edição é publicada pela editora *Waterlow & Sons*, em Great Winchester Street, Londres. Em 1875, esse relatório ganha uma quarta edição no interior da coletânea intitulada *Explorations made in the valley of the*

²⁰³ Exploração do rio Madeira na parte compreendida entre a cachoeira de Santo Antônio e a foz do Mamoré (tradução livre). Disponível em: <https://archive.org/details/exploracindelr00kell/page/n7/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 15 set. 2023.

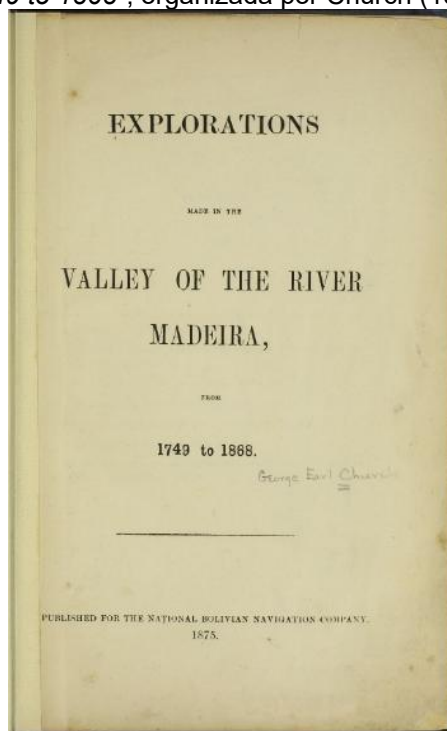
²⁰⁴ Original em espanhol: [...] por los ingenieros brasileiros José y Francisco Keller.

²⁰⁵ Original em espanhol: Desde luego la gran importancia para Bolivia es de todo punto incontestable. No hai una persona que no convenga en que la civilización y la prosperidad de estas poblaciones trasandinas tiene que penetrar por el oriente, como la luz del astro que nos vivifica. [...] Sentimos sí el no poder acompañar el mapa de las "Distancias entre los diferentes puntos del curso, medidas con el Micrómetro," que se registran desde la página 33 en adelante, por no haberse acompañado a dicha Memoria;

²⁰⁶ Exploração do rio Madeira: relatório de José e Francisco Keller (Tradução livre).

river Madeira, from 1749 to 1868. Organizada por Church, a coletânea, publicada em Londres pela *National Bolivian Navigation Company*, reúne textos de diversos autores acerca da exploração do rio Madeira²⁰⁷. Cabe observar que a coletânea conserva os dados editoriais das obras, pois é possível ver a folha de rosto da edição inglesa de 1873 do relatório dos Keller.

Figura 21. Folha de rosto da coletânea "*Explorations made in the valley of the river Madeira, from 1749 to 1868*", organizada por Church (1875).



Fonte: Church (1875).

Na introdução da coletânea²⁰⁸, George Church (1875, tradução nossa) explica as razões que o moveram a reunir a produção de diversos autores sobre essa região da Amazônia: “as cachoeiras e corredeiras do rio Madeira são a única barreira existente para o comércio entre as nações e o acesso direto às riquezas dos Andes. Muito embora afirme que interessaria tanto ao geógrafo quanto ao viajante, percebe-se que o público leitor imaginado para a coletânea seria aquele denominado por ele como “amante do progresso” e interessado em “desenvolver o intercâmbio comercial entre as nações”²⁰⁹. Da perspectiva de Church (1875) a Bolívia necessitava abrir uma

²⁰⁷ Explorações realizadas no vale do rio Madeira, de 1749 a 1868 (Tradução livre).

²⁰⁸ As páginas da introdução não são numeradas. A contagem de páginas se inicia no relatório dos Keller.

²⁰⁹ THE falls and rapids of the River Madeira, as the only barrier which exists between commercial nations and a direct access to the richest slope of the Andes, are worthy of the study of the geographer,

avenida comercial para o Atlântico, o que seria garantido pela transposição do Rio Madeira, uma vez que o país já havia firmado com o império brasileiro um “Tratado de Amizade, Limites, Navegação e Comércio, em 1867, também conhecido por Tratado de Ayacucho [...] um marco para o estabelecimento da fronteira” entre as duas nações (Vergara, 2010, p. 347). Church alega ter a intenção de “contribuir para o conhecimento daqueles que desejavam examinar imparcialmente as características geográficas e de engenharia do problema enfrentado pela Bolívia” (Church, 1875, tradução nossa)²¹⁰, razão pela qual teria coletado e traduzido os textos da coletânea, quais sejam: *Exploration of the River Madeira. Report to the Imperial Government of Brazil*²¹¹, 1870, by José and Francisco Keller; *Exploration of the Rivers and Lakes of the Department of the Beni, Bolivia, from 1844 to 1847*²¹², by José Agustin Palacios; *Paper on the Bolivian Rivers*²¹³, 1799, by Thaddeus Haenke; *The Rapids of the River Madeira*²¹⁴, 1874, by Lieut. Gibbon, U.S. Navy; *The Madeira and its Head Waters*²¹⁵, 1861, by General Quintin Quevedo; *New Fluvial Outlet for Bolivia*²¹⁶, 1868, by Ygnacio Arauz; *The Portuguese Exploring Expedition of 1749, from Pará to Mato Grosso, via the River Madeira*²¹⁷, 1826, by José Gonsalves da Fonseca.

Acerca das obras que constituem a coletânea, Church observa que são de diversas naturezas, algumas delas resultando viagens científicas, todas elas anteriores ao momento em que o governo da Bolívia o convida a assumir “a tarefa de construir uma ferrovia”, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), com o intuito de “conectar as 3.000 milhas de águas superiores navegáveis do Madeira com um ponto no rio inferior chamado Santo Antonio²¹⁸, acessível a navios a vapor marítimos” (Church, 1875, tradução nossa)²¹⁹.

the traveller, the lover of progress, and especially of those ambitious to develop commercial intercourse among nations. (Original em inglês).

²¹⁰ Original em inglês: With the hope of contributing to the knowledge of those who desire to impartially examine the geographical and engineering features of the problem Bolivia is endeavouring to solve, I have collected, translated, and caused to be translated the following works.

²¹¹ Exploração do rio Madeira. Relatório ao Governo Imperial do Brasil (Tradução livre).

²¹² Exploração de rios e lagos do Departamento de Beni, Bolívia, de 1844 a 1847 (Tradução livre).

²¹³ Artigo a respeito de rios bolivianos (Tradução livre).

²¹⁴ As corredeiras do rio Madeira (Tradução livre).

²¹⁵ O Madeira e suas cabeceiras (Tradução livre).

²¹⁶ Nova saída fluvial para a Bolívia (Tradução livre).

²¹⁷ A expedição exploratória portuguesa de 1749, do Pará ao Mato Grosso, via rio Madeira (Tradução livre).

²¹⁸ Local onde havia uma cachoeira homônima, que desapareceu com a construção da Usina hidrelétrica de Santo Antônio, concluída em meados de 2017.

²¹⁹ Original em inglês: These are the results of scientific and other voyages given to the world long previous to the time when the Government of Bolivia invited me to undertake the task of constructing a

Ainda na introdução da aludida coletânea, Church discorre sobre cada autor e sua respectiva obra. Em uma perspectiva cronológica, o primeiro relato que afirma ter encontrado dataria de 1742. O segundo, de 1844, cujo autor, José Augustin Palacios, teria sido contratado pelo governo boliviano com o intuito de “examinar o Departamento de Beni e explorar também as corredeiras do Madeira. A respeito do mesmo afirma que “seu relatório está repleto de informações valiosas” (Church, 1875, tradução nossa)²²⁰. Nove anos depois, afirma, o governo dos Estados Unidos demonstrou grande interesse no problema da abertura da Bolívia ao mundo comercial”, o que teria motivado o trabalho do tenente Gibbon no que concerne à exploração das cachoeiras do Madeira (Church, 1875, tradução nossa)²²¹. Em 1861, a Bolívia retoma as iniciativas de análises sobre a transposição do Madeira, enviando para lá o general boliviano Quintin Quevedo que “desceu as corredeiras do Madeira e ficou tão convencido de que essa era a saída natural do país que escreveu o panfleto” (Church, 1875, tradução nossa)²²². Em seguida, comenta o relatório dos Keller nos seguintes termos:

Os Srs. Keller ignoraram o fato de que, sem uma saída, as regiões ricas que eles descrevem dificilmente podem oferecer incentivos ao colono ou ao aumento da população. Em três anos, de 1.500 a 2.000 bolivianos desceram as corredeiras do Madeira para encontrar emprego nas margens do baixo Madeira, onde suas energias poderiam ser produtivas²²³ (Church, 1875, p. 71).

Interessa notar que George Church enfatiza o fato de os bolivianos saírem de

railway to connect the 3,000 miles of navigable upper waters of the Madeira with a point on the lower river called San Antonio, accessible to sea-going steamers.

²²⁰ Original em inglês: The first descent of the rapids of the Madeira of which I have found any account was made by a small party from Mato Grosso in 1742. [...] Next came Señor José Augustin Palacios, a Bolivian engineer of much talent and painstaking observation, who, in 1844, was instructed by his Government to examine the Beni Department and explore also the rapids of the Madeira. He did this as well as the feeble means at his command would permit. The result is herein published, and his report is replete with valuable information.

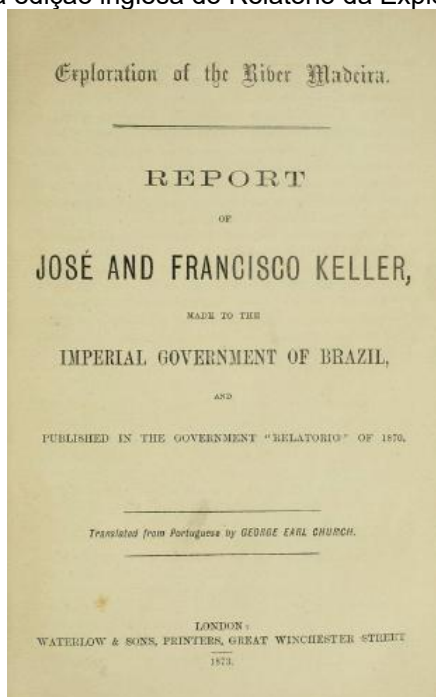
²²¹ Original em inglês: In 1853, the United States Government took a great interest in the problem of opening Bolivia to the commercial world. I have therefore thought it desirable to give extracts from the work of Lieut. Gibbon relative to his exploration of the falls of the Madeira.

²²² Original em inglês: In 1861, the celebrated General Quintin Quevedo of Bolivia descended the rapids of the Madeira, and became so convinced that this was the natural outlet of this country, that he wrote the pamphlet found in these pages, describing the falls of the great river and the best method of surmounting them.

²²³ Original em inglês: NOTE BY TRANSLATOR.— The Messrs. Keller overlooked the fact that without an outlet, the rich regions they describe can scarcely offer inducements to the settler or to increased population. Within three years, 1,500 to 2,000 Bolivians have descended the rapids of the Madeira to find employment on the banks of the lower river, where their energies might be productive.

seu país rumo ao baixo Madeira, ou seja, em território brasileiro. De sua perspectiva, tratava-se de colonizar a região e facilitar o escoamento de riquezas. É importante salientar que o engenheiro estadunidense se apropria do relatório dos Keller para iniciar o projeto de construção da EFMM. Inclusive, esse relatório abre a coletânea organizada por Church, que se encerra com uma carta (ANEXO A) – na qual Franz Keller busca esclarecer algumas dúvidas sobre determinadas informações do relatório²²⁴.

Figura 22. Folha de rosto da edição inglesa do Relatório da Exploração do rio Madeira (1873).



Fonte: Church (1875, p. 1).

Ao final da introdução, Church acrescenta que o objetivo dela é fornecer outras evidências além das suas “concernentes ao rio Madeira e ao rico país que ele drena, e chamar mais atenção para o vasto sistema de canais naturais que estão destinados a desempenhar um grande papel na história comercial e política da América do Sul” (Church, 1875, tradução nossa)²²⁵.

Como se pode notar, o relatório da expedição ao rio Madeira tem uma primeira circulação que é atrelada diretamente ao objetivo a que se destinava: servir como

²²⁴ Essas questões serão discutidas ao longo deste capítulo.

²²⁵ Original em inglês: The object of the present volume is to give in a compact form other evidence than my own relative to the river Madeira and the rich country which it drains, and to call greater attention to the vast system of natural canals which are destined to play a great role in the commercial and political history of South America.

sustentáculo para medidas governamentais de implementação da ferrovia Madeira-Mamoré na região. Em um segundo momento, ele passa a circular ao lado de um *corpus* de textos mais extenso, com o qual se pretende que dialogue, daí a publicação em uma coletânea cujo eixo principal é realmente a região. Nesse sentido, esse conjunto de textos pretende que um complemente o outro; ou seja, o relatório vai ser lido na relação com os demais que o acompanham. Não por acaso, a coletânea será organizada por Church, que trabalhara para o governo da Bolívia e que trabalhará também para o governo brasileiro.

Salienta-se que foi justamente esse relatório de exploração do rio Madeira (1869) que vinculou Franz e Joseph Keller à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. No entanto, ambos foram invisibilizados da história e dos livros de história dessa ferrovia. Seus nomes sequer constam na “Cronologia mais atual da EFMM” (Cf. ANEXO C), afixada em um mural logo na entrada do Museu Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (MEFMM), na cidade de Porto Velho-RO, o qual visitamos no dia 15 de junho de 2024, logo após a sua reabertura. Esse apagamento é um enigma que não intentaremos desvendar, mas apresentar algumas elocubrações com base em alguns dados inerentes à circulação e recepção crítica do aludido relatório.

A imprensa da Província do Pará ficou intrigada com o fato de os Keller terem realizado um estudo tão complexo do vale do rio Madeira em um curto intervalo de tempo e com uma equipe ínfima e, portanto, não se esquivou de tecer críticas contundentes ao trabalho da comitiva dos engenheiros alemães na viagem de exploração àquele rio. No dia 28 de dezembro de 1868, o *Diário de Belém (PA)*²²⁶ publica uma “carta particular” apócrifa oriunda de Manaus-AM, datada de 10 de dezembro de 1868, na qual constam, em alguns excertos, as perspectivas do autor sobre a viagem de exploração do rio Madeira pelos Keller.

O autor, provavelmente então presidente da Província do Amazonas, explica que a “Comissão Keller, que foi ao rio Madeira estudar o traço de uma estrada para Matto Grosso”, chegara a Manaus no Vapor Belém, decerto retornando da expedição àquele rio. Após uma dura crítica a Jacinto Pereira do Rego, ex-presidente daquela Província, que teria agido com “incúria e má vontade”, não providenciando “recursos oficiais” aos membros da referida comitiva, o autor da carta afirma que aquela “Comissão não fez mais do que sondar o rio e tomar a altura de alguns pontos,

²²⁶ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/222402/461>. Acesso em: 22 ago. 2022.

especialmente dos nossos limites com a Bolívia” (Diário de Belém (PA), 1868, edição 117, p. 1, quarta coluna, grifo nosso).

Sem mencionar a opinião dos Keller e qualquer documento que comprovasse o ocorrido, o autor, como um narrador onisciente, justifica que não seria possível que a comitiva, “sem soldados e sem gente”, explorasse o local, pois teriam de “caminhar muitas léguas em matos habitados por selvagens antropófagos”. Ao afirmar que o trabalho daqueles engenheiros se restringiu a verificar “apenas os varadouros por onde passam as canoas que descem pelo Madeira” e a facilitar o transporte delas e das cargas por pequenos trilhos a serem criados, o autor menospreza e coloca em xeque todo o trabalho técnico-científico que os Keller e sua comitiva afirmam terem realizado (Diário de Belém (PA), 1868, edição 117, p. 1, quarta coluna).

Por sua vez, em meados de 1888, a *Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ)*²²⁷ discorre sobre a “Navegação dos rios Madeira e Mamoré”, citando os engenheiros José Keller e Francisco Keller e o coronel George Church como encarregados da construção de uma estrada de ferro²²⁸ naquela região. Além de atrelar os Keller à construção da EFMM em meados de 1888, vinte anos após o término da expedição deles à Amazônia, a notícia expõe aos leitores que aquela ferrovia fora idealizada para disponibilizar à Bolívia o acesso ao Atlântico via foz do Amazonas para escoar seus produtos ao comércio exterior. No entanto, até a sua publicação, a ferrovia sob gerenciamento de George Church já havia padecido com a desistência de duas empreiteiras, quais sejam a britânica *Public Works*, em 1874, e a estadunidense *P. & T. Collins*, em 1879, abandonando as obras, conforme se observa na Cronologia da EFMM (Cf. ANEXO C). Devido a esses eventos, a notícia ressalta os sacrifícios, não só financeiros, mas principalmente humanos, decorrentes daquele empreendimento e que era importante cessar a construção da ferrovia para realizar novos estudos que comprovassem a “impossibilidade de realizar o melhoramento da via hydraulica, para uma navegação não interrompida do Madeira e de seus grandes afluentes superiores, taes como: o Beni, Madre de Dios, Mamoré e Guaporé” (*Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ)*, 1888, edição 18, p. 152).

Além disso, a notícia critica a insistência pela construção da estrada de ferro, sugerindo que na época em que os Keller “apresentaram o seu importante trabalho, a

²²⁷ Ano 1888, edição 18, p. 152-158. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/334774/4635>. Acesso em: 10 abr. 2023.

²²⁸ Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM).

questão não podia ter outra solução, mas hoje póde e deve ser resolvida por outro modo, porque dispomos de meios que facilitam a navegação nas secções encachoeiradas.” Por fim, “o que sustentamos é que cumpre estudar a questão ácerca da exiçibilidade da navegação, preferível á construção da projectada via-ferrea” (*Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro (RJ)*, 1888, edição 18, p. 153).

No início do apêndice de *Vom Amazonas und Madeira*, no qual, reitera-se, constam excertos do relatório em epígrafe, Franz Keller esclarece que “embora os resultados de nossa viagem sejam incompletos em vários aspectos, e nossos levantamentos muitas vezes apressados, isso não significa esvaziá-los de seus méritos”, que, para ele, se justifica, “principalmente se levado em conta que esta foi uma das mais recentes expedições nesta região após muitos anos” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 289).

Em seguida, Keller relata que procederá “com uma curta exposição dos resultados astronômicos, hidrogeográficos, hipsométricos e estatísticos obtidos” e, em tom de justificativa, apresenta ao leitor alguns fatores que contribuíram com a obtenção de dados insuficientes:

Dois cronômetros marinhos (da marca Poole, de Londres) tendo se mostrado defeituosos em Manaus, e prévias expedições nos convencendo de que esses instrumentos são muito delicados em tais viagens – não só pela dificuldade do transporte em terra, como também pelos solavancos e agitações nas barcas, o que rapidamente os desqualifica para averiguar a longitude –, optamos por basear nossos cálculos nas observações da distância lunar. Sempre realizando duas medições em ocasiões importantes, ainda que o método não tenha a mesma exatidão, conseguíamos manter com certeza e precisão nossa movimentação pela linha traçada.

As latitudes eram determinadas pela altitude do sol e pela observação das estrelas, cujas medições realizávamos sempre que parávamos para o descanso e, à noite, quando o céu limpo da estação seca facilitava nosso trabalho. Os instrumentos usados eram um excelente círculo de reflexão da marca Casella e dois outros sextantes com horizontes artificiais, o principal dos quais tinha um horizonte de mercúrio (Keller-Leuzinger, 2021, p. 289-290, grifo nosso).

Observa-se que, devido a defeitos em seus aparelhos específicos, Franz Keller precisa improvisar e se esforçar para obter os dados sobre longitude e latitude. Em seguida, acrescenta que eles não cogitavam realizar “Uma triangulação exata de toda a largura do rio, [...] mesmo se tivéssemos tempo, por não podermos instalar na densa floresta todo um aparato trigonométrico e em razão de nosso número reduzido”, bem

como porque “as preparações necessárias requereriam anos” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 290).

Provavelmente o fato de os resultados obtidos com a expedição ao Madeira serem incompletos e os levantamentos, em alguns momentos, efetuados de forma acelerada, possam ter motivado a crítica da época, principalmente dos engenheiros brasileiros, a descredibilizar o relatório daquela expedição. Entretanto, Keller-Leuzinger (2021, p. 290) acredita que estão cumpridos os principais objetivos da exploração, quais sejam: “comparar as projeções de despesas para a abertura de estradas ao longo das margens, a eventual canalização do rio e a retificação dos mapas geográficos da região”. Ademais, esclarece que “Nos resultados aqui obtidos, a licença concedida pelo governo do Brasil ao coronel George Earl Church poderá se basear e se concretizar” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 290).

A discussão sobre a circulação e recepção do aludido relatório que conecta os Keller à EFMM é importante porque, ressalta-se, *Vom Amazonas und Madeira* decorre da viagem que gerou o relatório, assim como acolhe em seu apêndice partes de seu conteúdo. Portanto, às críticas a esse importante documento também respingam no relato e, principalmente, no seu autor.

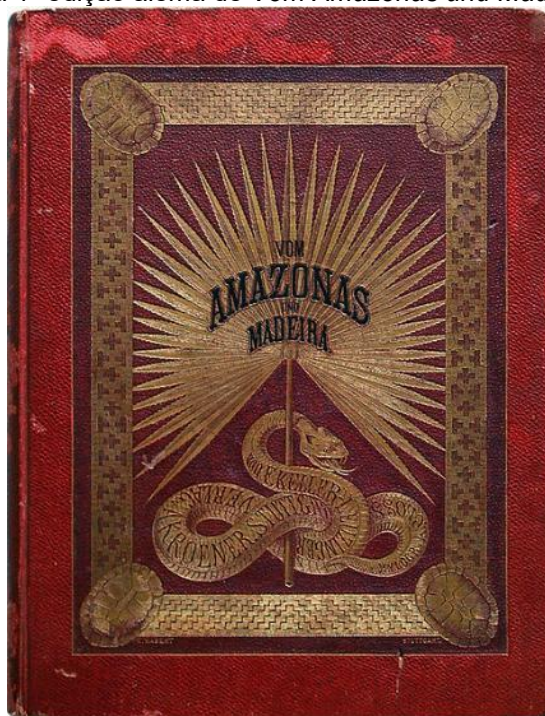
Apesar de não ser objetivo desta tese descobrir por quais razões se deu o apagamento dos Keller da história da “Ferrovia do Diabo”, a circulação do documento (traduzido do português para as línguas espanhola e inglesa), sua recepção crítica e da viagem de exploração que o fomentou, tanto no Brasil quanto no estrangeiro – conforme já exposto – deixam claro que o dito encobrimento desses engenheiros alemães é no mínimo intrigante.

Em suma, aquela que se pode chamar de primeira vida do relatório de Franz e José Keller está diretamente associada à produção de conhecimento de uma determinada região cujas características naturais eram interpretadas como um empecilho para a exploração e escoamento de riquezas também naturais pelos governos da Bolívia e do Brasil. Nesse sentido, o texto que se pretende de natureza técnica, produzido por engenheiros, se insere na lógica do processo de colonização da Amazônia brasileira e boliviana.

4.1 DO RELATÓRIO AO RELATO: HISTÓRIA EDITORIAL DA OBRA *VOM AMAZONAS UND MADEIRA* NO SÉCULO XIX

Cinco anos após a entrega do relatório técnico ao governo brasileiro, ou seja, em 1874, Franz Keller publica, pela editora Adolf Kröner²²⁹, o relato de viagem intitulado *Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise*²³⁰. Na folha de rosto da 1ª edição publicada pela editora “A. Kröner”, em Stuttgart, Alemanha, consta, logo abaixo do nome do autor – Franz Keller-Leuzinger –, que a obra “contém numerosas ilustrações gravadas em madeira a partir de esboços do próprio autor e executadas no estúdio xilográfico de A. Cloß”²³¹ (Keller-Leuzinger, 1874a). O prefácio, escrito por “F. Keller-Leuzinger” é datado de outubro de 1873, na cidade alemã de “Carlsruhe”.

Figura 23. Capa da 1ª edição alemã de *Vom Amazonas und Madeira* (1874).



Fonte: Keller-Leuzinger (1874a)

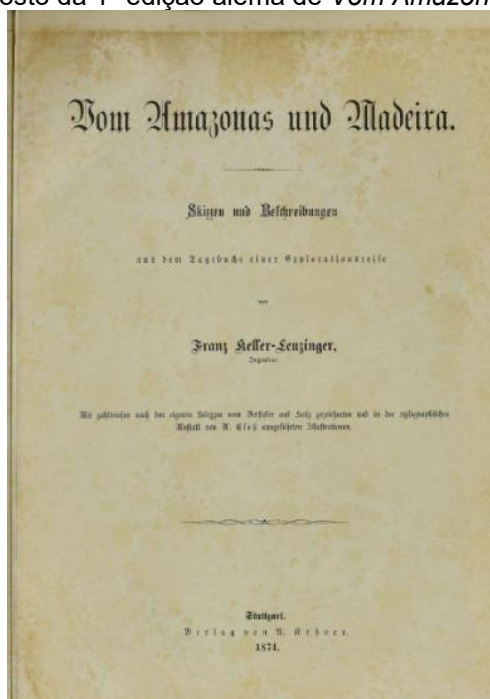
²²⁹ A. Kröner, como é comumente grafada nas obras do Keller.

²³⁰ Do Amazonas e Madeira: esboços e descrições do diário de uma viagem de exploração (Tradução livre).

²³¹ A. Cloß é o mesmo que “A. Closs”, uma vez que a letra “ß”, o chamado *Scharfe-S* ou *Eszet* também pode ser representado por 'ss' e tem o som de “s” como no português. Disponível em: [http://www.aprender-alemao.com/alfabeto-pronuncia-alemao.html#:~:text=As%20quatro%20letras%20do%20alfabeto,Exemplo%3A%20Fu%C3%9F%20\(p%C3%A9\)](http://www.aprender-alemao.com/alfabeto-pronuncia-alemao.html#:~:text=As%20quatro%20letras%20do%20alfabeto,Exemplo%3A%20Fu%C3%9F%20(p%C3%A9).). Acesso em: 13 set. 2024.

De acordo com o portal Itaú Cultural (2014, on-line, grifo nosso), a publicação de *Vom Amazonas und Madeira*, “com anotações, desenhos e aquarelas da última expedição²³²”, ocorrera no ano seguinte ao retorno de Franz Keller à Alemanha. O website da Brasileira Fotográfica informa que na folha de rosto da edição alemã havia a informação de que : "as ilustrações da obra, reconstruídas com base nos esboços de Franz" teriam sido "gravadas em madeira na oficina gráfica de Adolf Clob²³³ (1840 – 1894). Interessa notar também que no prefácio do livro, Franz Keller agradece o irmão nos seguintes termos: “ ao meu irmão, professor Ferdinand Keller, especialista em pinturas históricas, cuja consultoria quanto às ilustrações me foram de inestimável valor”. Presume-me, portanto, que o trabalho de ilustração do livro, embora tenha partido de esboços do autor, ganhou sua forma final com a contribuição do irmão e dos profissionais da mencionada oficina.

Figura 24. Folha de rosto da 1ª edição alemã de *Vom Amazonas und Madeira* (1874)



Fonte: Keller-Leuzinger (1874a)

Cinco anos após a publicação dessa 1ª edição, o *Journal für Buchdruckerkunst, Schriftgießerei und die verwandten Fächer*²³⁴, periódico comercial alemão impresso e

²³² Expedição aos rios Amazonas e Madeira, em 1867-1868.

²³³ Sr. Adolf **Closs** foi o proprietário do famoso instituto xilográfico de Stuttgart, conforme veremos posteriormente.

²³⁴ Jornal sobre a arte da impressão, da composição tipográfica e assuntos relacionados (Tradução livre).

publicado entre 1834 e 1919 pelo Dr. Johann Heinrich Meyer, menciona, na edição nº 35, datada de 3 de setembro de 1879, que Franz Keller-Leuzinger seria desenhista sócio do Sr. Adolf Closs, proprietário do instituto xilográfico de Stuttgart, responsável pela publicação da obra *Vom Amazonas und Madeira*:

Nossa opinião, expressa somente na edição anterior, de que a xilogravura provavelmente será privada de alguns trabalhos de natureza reprodutiva no futuro pelo fato de a fototipia ter alcançado alta perfeição, recebeu, nesse meio tempo, uma confirmação que dificilmente poderia ser mais importante: O Sr. Adolf Closs, proprietário do famoso instituto xilográfico de Stuttgart, acaba de nos enviar uma circular acompanhada de provas de impressão, segundo a qual ele, em associação com o desenhista Franz Keller-Leuzinger, criou um estabelecimento para fototipos ao lado de seu instituto xilográfico (que ele continua a administrar integralmente por sua própria conta), recomendando o mesmo ao público para atendimento e encomendas, tanto para a reprodução de xilogravuras, gravuras, litografias, desenhos com caneta e tinta etc., quanto para os projetos de desenhos de qualquer gênero. O processo usado é o de Gillot, que foi adquirido para a Alemanha pelos Srs. Closs & Keller-Leuzinger, e as amostras que nos foram enviadas, impressas pela Gebrüder Kröner²³⁵ em Stuttgart, mostram, se não ainda o mais alto, pelo menos um grau de grande perfeição que torna ainda mais compreensível que um famoso xilógrafo prefira competir ele mesmo com o fototipo, que está destinado a grande importância, em vez de esperar que outros o façam. Desejamos muito sucesso ao novo instituto²³⁶ (Meyer, in *Journal für Buchdruckerkunst*, 1879, edição 35, p. 705, tradução e grifo nossos).

Note-se que a notícia é datada de 1879, bem como a informação de que o tipógrafo Adolf Closs tinha acabado de enviar à redação do aludido jornal uma circular acerca da criação de “um estabelecimento para fototipos” em sociedade com Franz Keller. No entanto, a data em que ambos firmaram a aludida associação não é

²³⁵ Irmãos Kröner (Tradução livre).

²³⁶ Original em alemão: Unsere erst in voriger Nummer ausgesprochene Ansicht, dem Holzschnitt werde in Zukunft wohl manche Arbeit reproductiver Natur entzogen werden durch die zu hoher Vollendung gelangte Phototypie, hat inzwischen eine Bestätigung erhalten, wie sie gewichtiger kaum gedacht werden kann: Herr Adolf Closs, Inhaber des berühmten Stuttgarter xylographischen Instituts, sandte uns soeben ein von Druckproben begleitetes Circular, wonach er im Verein mit dem Zeichner Franz Keller-Leuzinger eine Anstalt für Phototypie neben seiner xylographischen Anstalt (welche er für alleinige Rechnung unverändert weiter führt) errichtet hat, dieselbe dem Publicum zur Beachtung und zu Aufträgen empfehlend, sowohl für die Reproduction von Holzschnitten, Stichen, Lithographien, Federzeichnungen etc., als auch für die Entwürfe von Zeichnungen jeden Genre's. Das zur Anwendung gebrachte Verfahren ist das Gillot'sche, welches von den Herren Closs & Keller-Leuzinger für Deutschland erworben worden ist, und die zugesandten bei Gebrüder Kröner in Stuttgart gedruckten Proben zeigen wenn auch noch nicht die höchste, so doch schon einen Grad grosser Vollendung, der es um so begreiflicher erscheinen lässt, dass ein berühmter Xylograph es vorzieht, sich lieber selbst Concurrenz zu machen mit der zu hoher Bedeutung berufenen Phototypie, als zu warten, bis dies Andere thun. Wir wünschen dem neuen Institute besten Erfolg.

informada, podendo ter ocorrido após 1874 ou mesmo antes disto, o que pode justificar a hipótese de que Keller publica a primeira edição do seu relato de viagem quando já era próximo e sócio de “A. Closs”²³⁷ e, portanto, com liberdade para também atuar como uma espécie de editor-autor do seu próprio livro.

Ao final da edição supracitada, Franz Keller introduz, na forma de apêndice, excertos do “Relatório da Exploração do Madeira na parte compreendida entre a cachoeira de Santo Antônio e a barra do Mamoré”. Contudo, lhes dá um título diverso: “Os Métodos de Levantamento – Resultados Hidrogeográficos, Hipsométricos e Estatísticos – Como Foram Obtidos”. Entende-se, portanto, que o relatório técnico ganha uma nova versão, desta feita parcial e anexada ao final do relato de viagem que vem a público cinco anos após a publicação do relatório no Brasil.

Quanto à seleção dos fragmentos do relatório para o apêndice da obra, verifica-se que Keller reúne nele os principais dados concernentes à proposta de construção da estrada de ferro, uma vez que, na ocasião da publicação de *Vom Amazonas und Madeira*, o Império do Brasil, dentre três opções apresentadas pelos Keller para aperfeiçoar os meios de comunicação e transporte na região explorada, já havia decidido pela construção da ferrovia²³⁸ e conferido ao coronel George Church, em meados de 1870, a concessão para sua construção. Além disso, Keller acaba acostando ao referido apêndice as “estimativas dos outros projetos” apresentados no relatório ao governo brasileiro, visto que, para ele, “podem ser de algum interesse científico aos nossos leitores mais instruídos”. Somando-se à proposta escolhida pelo Ministério da Agricultura brasileiro, os aludidos projetos “são os seguintes: 1. A construção de planos inclinados nas maiores corredeiras, por onde deverão passar as embarcações, como é feito na América do Norte e na Prússia; 2. A canalização do rio com eclusas” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 296).

Considerando-se essa edição em sua totalidade, pode-se compreender, tendo em vista a afirmação do próprio autor, que ele pretendia, de certa forma, atingir pelo menos dois públicos leitores distintos: o amante de relatos de viagem e aquele a quem chama de “mais instruído”, reservando-lhe o apêndice. É certo que nada nos garante que a obra tenha sido lida dessa forma por esses leitores, mas é importante compreender as consequências dessa representação simbólica nas decisões editoriais do autor.

²³⁷ Observe-se que não era proprietário da editora A. Kröner, mas de um empreendimento de fototipia.

²³⁸ Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o relatório, embora constitua um documento importante, passa a ocupar um lugar secundário em relação à obra principal, qual seja, o relato. Também se compreende que o público leitor desse relatório muda radicalmente, uma vez que pertence a outra nacionalidade, a alemã, e não faz parte do aparelho do Estado, caso do primeiro público do relatório, destinado ao Ministério da Agricultura do Império brasileiro. Não obstante, presume-se que esse apêndice tivesse por objetivo agregar uma dimensão técnico-científica a essa publicação maior²³⁹.

Após a 1ª edição em língua alemã, o relato receberá mais quatro edições em língua inglesa, duas britânicas e duas estadunidenses. No Brasil, apenas alguns excertos e desenhos da obra são publicados em 1876, na revista *Ilustração Brasileira*, conforme explanaremos posteriormente. A primeira edição em língua inglesa, que concerne à 2ª edição de *Vom Amazonas und Madeira*, é levada a cabo pela editora londrina *Chapman and Hall*²⁴⁰, e impressa pela tipografia de *James Sprent Virtue and Co.*. Na folha de rosto não há qualquer menção ao tradutor. Contudo, mantém-se o prefácio autógrafo com a data de “janeiro de 1874”, a contrário do que ocorrera com a edição alemã, cujo prefácio é datado de outubro de 1873. Entretanto, constata-se que o texto do prefácio é o mesmo nas duas edições.

Viktor Hantzsch (1906) afirma que “Logo após a primeira publicação, o livro foi traduzido para o inglês, a fim de interessar os capitalistas ingleses na planejada ferrovia do Vale do Madeira” com o título “The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer. Londres 1874. 2ª edição ibid. 1876)”. Ademais, ele esclarece que “Trechos desse livro foram publicados no periódico geográfico francês *Le Tour du Monde*, em 1874, e nas *Publicações da Companhia Nacional de Navegação Boliviana*, em 1875” (Hantzsch, 1906, p. 108, tradução e grifo nossos)²⁴¹. Conforme veremos posteriormente, na recepção crítica da

²³⁹ De acordo com o *WorldCat*, atualmente há 5 exemplares impressos, 3 e-books e 1 em microforma, da primeira edição da obra em língua alemã, publicada em 1874. Desses 3 e-books, 2 são cópias digitalizadas da edição de 1874 e apenas 1 é realmente um e-book, publicado em 2014.

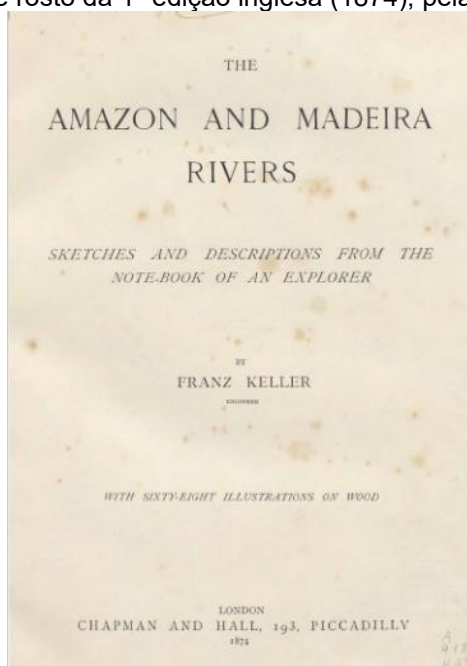
No Brasil, a cópia digitalizada dessa 1ª edição alemã, com 210 páginas, está disponível para download gratuito, em formato PDF, no acervo de obras raras da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Ainda sobre essa edição, o *WorldCat* menciona a existência de uma versão em “microforma” na biblioteca da Universidade de Harvard e em outras universidades estadunidenses.

²⁴⁰ Uma cópia digitalizada dessa edição, que corresponde à 2ª edição da obra de Keller, consta habilitada para download gratuito no portal da Biblioteca Digital do Senado Federal do Brasil.

²⁴¹ Original em alemão: [...] Bald nach seinem Erscheinen wurde es ins Englische überseht, um die englischen Capitalisten für die geplante Madeirathalbahn zu interessiren (The Amazon and Madeira

obra de Keller, Hantzsch não se equivoca com sua afirmação sobre o interesse dos capitalistas ingleses na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, pois há fortes evidências de que a referida tradução da obra de Keller, por trazer em seu apêndice muitas informações acerca do relatório da exploração do rio Madeira, bem como por se tratar de uma obra recém-publicada, atendia aos interesses de empresários do ramo da engenharia de construção do mercado industrial inglês da época.

Figura 25. Folha de rosto da 1ª edição inglesa (1874), pela *Chapman and Hall*.



Fonte: Keller (1874b).

A terceira edição da obra é publicada pela se *D. Appleton & Company*, editora estadunidense fundada em Nova York por Daniel Appleton (1785-1849), cuja empresa especializou-se no gênero relato de viagem²⁴². Com o título *The Amazon and Madeira Rivers: sketches and descriptions from the note-book of an explorer*²⁴³, essa edição vem à luz no ano de 1874, desprovida do nome do tradutor e do mapa da expedição

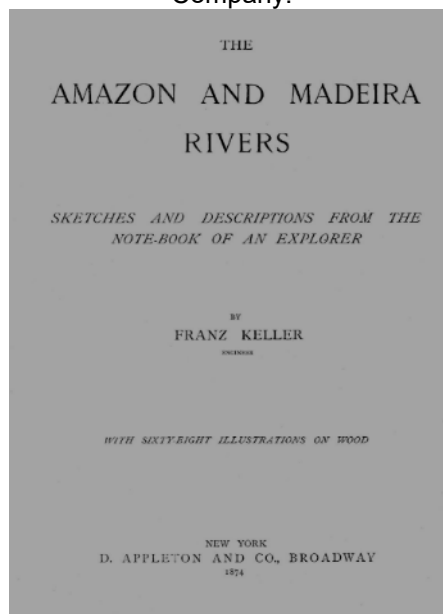
Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer. London 1874. 2. Auflage ebd. 1876).

²⁴² Disponível em: <https://www.simonandschuster.com/authors/D-Appleton/2116289623>. Acesso em: 08 set. 2024. (Tradução nossa).

²⁴³ "The Amazon and Madeira rivers; sketches and descriptions from the note-book of an explorer,." In the digital collection Making of America Books. <https://name.umdl.umich.edu/AGF7431.0001.001>. University of Michigan Library Digital Collections. Accessed September 20, 2024. (Como a cópia digitalizada do livro deve ser citada, segundo o site).

ao rio Madeira, que constava apenas na edição alemã²⁴⁴. Quanto à data de assinatura do prefácio por Franz Keller, assim como em todas as outras edições em língua inglesa, nesta também ele é datado de janeiro de 1874.

Figura 26. Folha de rosto da 1ª edição estadunidense da obra de Keller (1874), pela D. Appleton and Company.



Fonte: Keller-Leuzinger (1874c).

Entre esta folha de rosto e o prefácio, há a seguinte informação:

LONDON:
PRINTED BY VIRTUE AND CO.,
CITY ROAD.

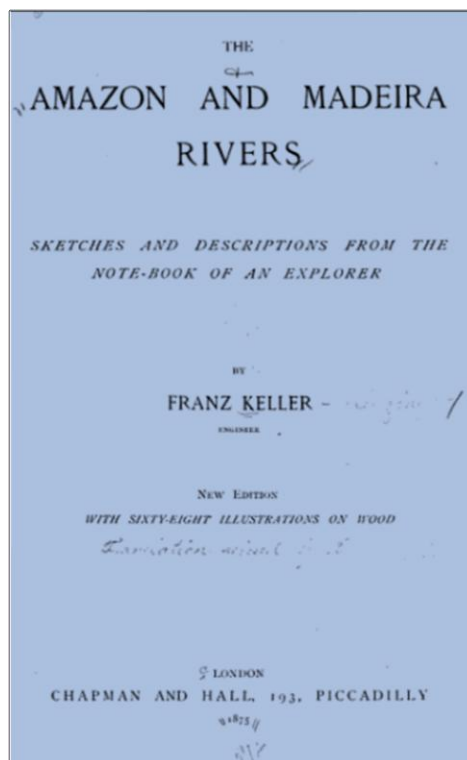
Ainda que publicada por um editor novaiorquino, sabe-se, pelo verso da folha de rosto, que a edição fora impressa em Londres, na tipografia de Virtude and CO, ou seja, na mesma tipografia da edição britânica. Isto nos leva a inferir que a edição da Appleton é uma reprodução da edição inglesa publicada pela Chapman and Hall sob a responsabilidade do tipógrafo James Sprent Virtue, da *J.S. Virtue and Co.*

No ano de 1875, a editora londrina Chapman and Hall publica a segunda edição inglesa de *The Amazon and Madeira Rivers*, que corresponde à 4ª edição de *Vom*

²⁴⁴ Esse mapa consta no final da 1ª edição da obra, logo após o apêndice. Tendo em vista que nele constam informações sobre a hidrografia da região onde seria construída a EFMM, ele deve ter despertado interesse de empresários estadunidenses e ingleses para lançarem suas propostas de construção da ferrovia ao governo brasileiro.

Amazonas und Madeira, também sob a responsabilidade da tipografia *J.S. Virtue and Co.* e com o prefácio datado em janeiro de 1874²⁴⁵.

Figura 27. Folha de rosto da 2ª edição inglesa (1875), pela Chapman and Hall.



Fonte: Keller (1875)

A nova edição apresenta algumas novidades, anunciadas em uma nota da editoria ao final do prefácio. Em primeiro lugar a conversão das “medidas estrangeiras” para o inglês e, em segundo lugar, a revisão da tradução “pelo Sr. H. W. Bates, secretário assistente da *Royal Geographical Society*”²⁴⁶.

Também em 1875, a editora estadunidense *J.B. Lippincott and Co.*, da Filadélfia, publica o que podemos chamar de quarta edição de *The Amazon and Madeira Rivers*, relativa à 5ª edição de *Vom Amazonas und Madeira*, com 210p.. Assim como ocorreu com a publicação feita pela editora *Appleton*, nesta também consta que teria sido impressa por *Virtue and Co.* Isso faz crer que essa edição da *Lippincott* seria uma reprodução da segunda edição inglesa publicada pela *Chapman*

²⁴⁵ Essa edição foi digitalizada pelo Google e disponibilizada para leitura nos formatos cópia digital e e-book. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=Pm8CAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 10 nov. 2023.

²⁴⁶ *Note to the Second English Edition.*— In the present edition the foreign measurements have been reduced to English, and the translation revised throughout, by Mr. H. W. Bates, Assistant Secretary of the Royal Geographical Society.

and Hall, em 1875, sob a responsabilidade do tipógrafo James Sprent Virtue, tendo em vista que no final do prefácio consta uma nota da *Lippincott* exatamente igual à utilizada pela *Chapman and Hall* na edição de 1875, esclarecendo que as medidas estrangeiras e a tradução foram revisadas por Henry Walter Bates, conforme será esclarecido adiante.

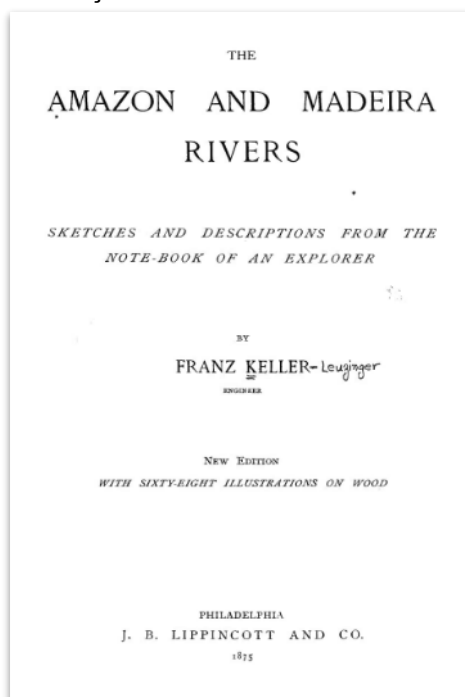
Em suma, essa nova edição norte-americana não é a segunda edição em inglês, mas sim a segunda edição estadunidense. Muito embora impressa na mesma tipografia da primeira edição norte-americana, esta segunda foi revisada por Bates, de forma que se trata de uma reprodução do texto britânico de 1875, tendo sido adaptada para o público leitor estadunidense tal como a londrina fora para o público britânico, fazendo crer que as edições anteriores da *Appleton* (1874) e da *Chapman and Hall* (1874) mostraram-se inadequadas e de difícil compreensão no que concerne às mencionadas medidas, que haviam sido anteriormente traduzidas tal como estavam na 1ª edição alemã da *A. Kröner* (1874).

Acerca dos pormenores da edição pela *Lippincott*, cabe ressaltar que também se diferencia da 1ª edição em alemão no que concerne à ausência da foto de Franz Keller na contracapa, bem como por não mencionar que as ilustrações constantes na obra teriam sido esboçadas pelo próprio autor²⁴⁷. Como em todas as edições em língua inglesa publicadas no século XIX, a da *Lippincott* também não grafou o nome completo de Franz Keller²⁴⁸, embora continuasse casado.

²⁴⁷ Uma cópia digitalizada desta 5ª edição, com 210p., está disponível para download no portal da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, ao passo que a sua versão em microfilme é mencionada pelo Catálogo WorldCat.

²⁴⁸ Ele morreu primeiro que a esposa e carregou o sobrenome “Leuzinger” desde o casamento até a morte, em 1890, conforme exposto no capítulo 1. Não ter grafado o nome completo dele foi opção das referidas editoras. Ele fazia questão de assinar o dito sobrenome suíço tanto pelo capital simbólico quanto para não ser confundido com seu irmão Ferdinand Keller, que também usava a abreviação F. Keller.

Figura 28. Folha de rosto da 2ª edição estadunidense da obra de Keller (1875), pela *Lippincott*.



Fonte: Keller-Leuzinger (1875b).

Considerando os dados editoriais anteriormente analisados, entende-se que a obra tem uma primeira edição britânica, seguida de duas outras, publicadas por editoras norte-americanas e impressas em uma tipografia inglesa, mais propriamente londrina. Ou seja, há uma mudança das casas editoras, mas não da casa que faz a impressão da obra traduzida para a língua inglesa no século XIX.

A pesquisadora Moema Vergara (2013) afirma que “A versão para o inglês da primeira edição ocorreu também no mesmo ano de seu lançamento pela editora Chapman and Hall”. Depois ela afirma que, “Em 1875 a obra recebeu uma segunda edição na Inglaterra por James Sprent Virtue, sob o título *Amazon and Madeira Rivers: sketches and descriptions from the note-book of an Explorer*, sendo que não há registro do tradutor”. Entretanto, trata-se de um equívoco, uma vez que, essa segunda edição do relato de Keller é norte-americana, publicada em 1874 por *Appleton and CO*, como assinalamos anteriormente. Ademais, a pesquisadora afirma que:

Na segunda edição inglesa²⁴⁹ havia uma nota afirmando que houve uma conversão para o sistema de pesos e medidas anglo-saxão e que esta edição fora revisada pelo naturalista Henry Walter Bates da Royal Geographical Society, que também havia estado no Amazonas em 1847 (Vergara, 2013, p. 90).

²⁴⁹ Chapman and Hall (1875).

Finalmente, a autora explica que a versão publicada pelo editor *Lippincott* “é publicada sem o mapa da edição original em alemão”, ao passo que a “segunda edição inglesa é comercializada até os dias atuais e é nela que o presente trabalho se baseia” (Vergara, 2013, p. 90).

Toda essa confusão editorial se deve ao fato de as casas editoras norte-americanas terem preferido fazer imprimir a edição em território londrino, por razões que desconhecemos. No Brasil do Oitocentos, era comum imprimir obras de editoras brasileiras em território europeu, devido ao alto custo de trazer o papel em branco para fazer imprimir no país. É possível que o mesmo possa ter ocorrido nos Estados Unidos ou, ainda, que o impressor inglês tenha vendido a obra ilegalmente para os editores estadunidenses, tratando-se, nesse caso, de uma contrafação.

Para uma melhor compreensão acerca do que foi alterado por Henry Bates nas edições de 1875 da *Chapman and Hall* e da *Lippincott*, analisamos duas tabelas constantes nos apêndices das edições alemã (1874, p. 147), inglesas (1874, p. 175; 1875, p. 208), estadunidenses (1874, p. 175; 1875, p. 208) e brasileira (2021, p. 191). As referidas tabelas concernem ao seguinte: “A título de comparação, eis a quantidade de água que flui por segundo pelo rio Reno em Mannheim” e “A extensão das superfícies marginais que são irrigadas pelos diferentes rios²⁵⁰, com base nos mapas já existentes” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 295).

A análise das mencionadas tabelas revela que todas as edições da obra de Keller publicadas em 1874 e a edição brasileira de 2021 mantiveram em suas traduções as mesmas unidades de medidas constantes na 1ª edição da obra em língua alemã, quais sejam, o “metro cúbico e as milhas geográficas quadradas”²⁵¹, ao passo que nas edições publicadas em 1875 Henry Bates converteu as referidas medidas em “pés cúbicos e milhas quadradas inglesas”²⁵², respectivamente.

Conforme exposto anteriormente, no portal da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin²⁵³ consta disponível uma cópia digitalizada da edição inglesa de *Vom Amazonas und Madeira* publicada pela *J.B. Lippincott and Company* em 1875. Em uma espécie de sinopse da obra, nominada “Conteúdo geral”, Antonio Porro afirma que em 1873, depois do seu regresso à Alemanha, Keller, “no ano seguinte publicou

²⁵⁰ Rios Guaporé, Mamoré, Beni e Baixo Madeira.

²⁵¹ A. Kröner (1874): Cubik-Meter / Quadrat-Meilen; *Chapman and Hall* (1874) e *Appleton* (1874): Cubic Metre / Square Geographical Miles; *Dialética* (2021): Metro cúbico / Milhas quadradas geográficas.

²⁵² *Chapman and Hall* (1875) e *Lippincott* (1875): Cubic feet / English square miles.

²⁵³ Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4995>. Acesso em: 19 fev. 2023.

suas memórias no livro *Vom Amazonas und Madeira*. No mesmo ano apareceu em Londres a primeira edição inglesa e em 1875 esta segunda, norte-americana”. Porro não menciona a edição estadunidense de 1874 pela *D. Appleton*, tampouco a 2ª edição britânica da *Chapman and Hall* (1875).

Diante do exposto, o relato de viagem de Franz Keller-Leuzinger obteve cinco edições impressas durante todo o século XIX, nos idiomas alemão e inglês. No que concerne a tais edições, pode-se dizer que a alemã parece ter sido garantida pelas relações diretas do autor com Adolf Closs, ao qual parece ter se associado. Nesse sentido, seria, muito provavelmente, uma edição financiada pelo próprio autor.

De acordo com Freire e Lacerda (2017), as primeiras ferrovias surgiram na Inglaterra em 1825 e rapidamente se expandiram pela Europa e Estados Unidos, chegando ao Brasil ainda no século XIX. Aqui, foram implantadas sob influência britânica, por meio de concessões para sua construção, seguindo tanto rotas litorâneas históricas quanto adentrando o interior para escoar produtos como açúcar, algodão e café pelos portos brasileiros.

Para André Mantovani (2007, p. 24, grifo nosso), em comparação com outras nações do século XIX, “os Estados Unidos eram o principal país que levava à frente o desenvolvimento de seus caminhos de ferro, fato que lhe valeu o título de campeão de construção, conseguindo superar todos os países do mundo nessa façanha”. Entretanto, como “o desenvolvimento dos caminhos de ferro estava estagnado na Europa e em franco crescimento na América”, era a Inglaterra “que financiava a construção das ferrovias norte-americanas”. Com esse “desdobramento do desenvolvimento do capitalismo no mundo [...], a economia capitalista havia se tornado mundial”, principalmente “no decorrer do século XIX à medida que o capital estendia as suas operações a todas as partes do mundo, até às mais remotas do planeta”, como, por exemplo, o caso da EFMM, que fora edificada no interior da Floresta Amazônica.

Isto posto, depreende-se que a primeira tradução do relato de Franz Keller para o inglês, assim como as subsequentes, se dão sob a égide do mercado de edição da Grã-Bretanha, que a essa época liderava a produção de trilhos, locomotivas e material rodante, razão pela qual certamente a obra de Keller, como bem observou Viktor Hantzsch (1906, p. 108), interessaria “os capitalistas ingleses”; ou seja, àqueles que porventura pretendessem estabelecer relações comerciais com o Brasil, fornecendo matéria prima e mão de obra especializada para a construção da estrada de ferro

Madeira-Mamoré. O mesmo se pode dizer dos Estados Unidos da América, que na década de 1850 já produziam suas próprias ferrovias.

Por fim, é interessante salientar que as ferrovias “sempre estiveram sob a tutela do poder de Estados ou de grupos econômicos”. Portanto, acabaram servindo não só como “elemento modernizador”, mas também “civilizador” – no sentido pejorativo de imposição/colonização pela força –, pois atendia aos “interesses dominantes. Isto é, as vias férreas expandiram-se a serviço da hegemonia política das grandes potências e da acumulação capitalista” (Borges, 2017, p. 28).

4.2 HISTÓRIA EDITORIAL DE *VOM AMAZONAS UND MADEIRA* NOS SÉCULOS XX E XXI: NO UNIVERSO DA WEB²⁵⁴

Os resultados da pesquisa no *WorldCat* e em outras plataformas digitais apontam que não houve publicação de novas edições impressas de *Vom Amazonas und Madeira* durante todo o século XX. Ressalta-se que Franz Keller falecera em 1890, final do século XIX. Em vida, o engenheiro alemão atuou ativamente no processo de circulação de seu relato de viagem pelo continente europeu, como se percebe pela doação de um exemplar para uma biblioteca holandesa²⁵⁵. Retomando as ocorrências do descritor “Keller” no Catálogo do Museu Etnográfico Nacional dos Países Baixos, observa-se também que “F. Keller-Leuzinger” é mencionado como “ilustrador” de uma obra intitulada *História natural do homem*²⁵⁶, do escritor Friedrich von Hellwald, publicada no período de 1880-1884, em Stuttgart, Alemanha (Schmeltz, 1909, p. 128, tradução nossa)²⁵⁷.

²⁵⁴ Pesquisa realizada no catálogo global *WorldCat*: Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt/formats-editions/1189331920>. Acesso em: 12 fev. 2022.

²⁵⁵ J. C. E. Schmeltz (1909) relaciona o “Prof. Keller-Leuzinger, Stuttgart” na lista de doadores de livros constante no “Catálogo do Museu Etnográfico Nacional”²⁵⁵, em Leiden, Países Baixos. Mais adiante, à página 103, Schmeltz cataloga a obra *Vom Amazonas und Madeira* no acervo referente a “Viagens, monografias etc. relacionadas à América. / Viagens e obras de interesse geral”²⁵⁵. Ele acrescenta que o relato de Keller possui “numerosas ilustrações gravadas em madeira a partir de esboços do próprio autor e executadas no estúdio xilográfico de A. Closs. Stuttgart, 1874” (Schmeltz, 1909, p. 16, tradução nossa).

²⁵⁶ F. von Hellwald: *Naturgeschichte des Menschen*. Illustriert von F. Keller-Leuzinger. Bd. 1 & 2. Stuttgart, 1880—’84. X, 500 pg., 20 Taf.; VI, 660 pg., 24 Taf. 8°. (don. ed.). A versão e-book dessa obra está disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=-9BnAAAIAAJ&pg=RA1-PA648#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 22 jun 2024.

²⁵⁷ Há nove edições dessa obra, distribuídas em setenta e uma bibliotecas de diferentes países, principalmente dos Estados Unidos (incluindo Haward), Alemanha, Bélgica, Canadá, Filipinas, França, Hungria, Itália, Países Baixos, Reino Unido e Suíça. A versão e-book da mencionada edição da obra de Hellwald no Catálogo global *WorldCat* Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt/title/690997407>. Acesso em: 22 jun. 2024.

O cenário de publicação do relato de viagem de Keller se modifica um pouco no século XXI, período em que são impressas 12 edições da obra, sendo 7 delas em língua inglesa, 4 em alemão e apenas 1 em língua portuguesa. Salienta-se também que após quase um século e meio, mais propriamente 147 anos de seu lançamento no mercado editorial, é publicada a edição em português, nos formatos impresso e e-book.

Em 2005, a *University of Michigan Library* publica a edição impressa em língua inglesa de *The Amazon and Madeira Rivers: Sketches and descriptions from the notebook of an explorer*, com 232p. Essa edição corresponde à 6ª do relato de viagem de Keller.

Em 5 de março de 2010 a editora estadunidense *Nabu Press*, especializada em reimpressão de livros de domínio público, ou seja, com baixo potencial de risco, disponibiliza uma edição em língua inglesa de *The Amazonas and Madeira*, pautada em uma edição anterior a 1923. Destaca-se que a presente edição é a 7ª do relato de Franz Keller. A respeito dela ainda afirma:

Esta é uma reprodução de um livro publicado antes de 1923. Este livro pode ter imperfeições ocasionais, como páginas faltando ou borradas, imagens ruins, marcas errôneas etc., que faziam parte do exemplar original ou foram introduzidas pelo processo de digitalização. Acreditamos que essa obra é culturalmente importante e, apesar das imperfeições, decidimos trazê-la de volta à impressão como parte de nosso compromisso contínuo com a preservação de obras impressas em todo o mundo. Agradecemos sua compreensão em relação às imperfeições do processo de preservação e esperamos que aproveite este valioso livro²⁵⁸ (Nabu Press, tradução nossa).

Como a obra publicada possui ISBN, trata-se, de fato, de uma edição impressa, cuja materialidade decorre da digitalização de uma cópia da obra publicada em língua inglesa, mas não identificada. Procurando informações a respeito dessa editora, o leitor é conduzido para uma página em que fica sabendo que *Nabu Press* é uma marca

²⁵⁸ Original em inglês: This is a reproduction of a book published before 1923. This book may have occasional imperfections such as missing or blurred pages, poor pictures, errant marks, etc. that were either part of the original artifact, or were introduced by the scanning process. We believe this work is culturally important, and despite the imperfections, have elected to bring it back into print as part of our continuing commitment to the preservation of printed works worldwide. We appreciate your understanding of the imperfections in the preservation process, and hope you enjoy this valuable book. Fonte: <https://www.amazon.com.br/Amazon-Madeira-Rivers-FRANZ-KELLER/dp/114667130X>

da editora de reimpressões históricas BiblioLife, sediada em Charleston, Carolina do Sul, e de propriedade da BiblioLabs LLC²⁵⁹.

No ano de 2013, a editora *HardPress Limited* publica uma edição impressa em língua inglesa de *The Amazon and Madeira Rivers*, com 276p²⁶⁰. Oito anos depois, em 2021, essa mesma editora publica uma nova edição em inglês da obra de Keller, também com 276p²⁶¹. Ambas as edições correspondem, respectivamente, às edições 8 e 13 da obra de Keller. Na página de venda da *AbeBooks*, consta a seguinte sinopse referente à edição de 2013:

Diferentemente de outras reproduções de textos clássicos (1) Não usamos OCR (reconhecimento óptico de caracteres), pois isso resulta em livros de má qualidade com erros de digitação introduzidos. (2) Nos livros em que há imagens, como retratos, mapas, esboços etc., nos esforçamos para manter a qualidade dessas imagens, para que elas representem com precisão o exemplar original. Embora ocasionalmente possa haver certas imperfeições nesses textos antigos, achamos que eles merecem ser disponibilizados para serem apreciados pelas gerações futuras²⁶².

A editora *Hansebooks GmbH*, localizada em Norderstedt, Alemanha, publicou esses 3 e-books em 2017: E-book em alemão: Reimpressão da edição de 1874²⁶³; E-book em inglês: Reimpressão da edição de 1874²⁶⁴; Ebook em inglês: Reimpressão da edição de 1875²⁶⁵, com 264p. No dia 25 de março de 2022, a mesma *Hansebooks GmbH* publica uma edição impressa de *Vom Amazonas und Madeira*, em alemão, com 218 páginas. A referida edição corresponde à 16ª da obra de Franz Keller²⁶⁶.

Um detalhe importante a ser explicitado é o fato de essa editora alemã ter publicado novas edições da obra de Keller em língua inglesa e alemã e nos formatos

²⁵⁹ Cf. <https://en.wikipedia.org/wiki/BiblioBazaar>.

²⁶⁰ Disponível em: https://www.abebooks.com/9781313156059/Amazon-Madeira-Rivers-Sketches-Descriptions-1313156051/plp?cm_sp=plped--1--image. Acesso em: 24 out. 2024.

²⁶¹ Disponível em: <https://www.abebooks.com/9780371792995/Amazon-Madeira-Rivers-Sketches-Descriptions-0371792991/plp>. Acesso em: 24 out. 2024.

²⁶² Original em inglês: Unlike some other reproductions of classic texts (1) We have not used OCR(Optical Character Recognition), as this leads to bad quality books with introduced typos. (2) In books where there are images such as portraits, maps, sketches etc We have endeavoured to keep the quality of these images, so they represent accurately the original artefact. Although occasionally there may be certain imperfections with these old texts, we feel they deserve to be made available for future generations to enjoy.

²⁶³ Original em alemão: Nachdruck der Ausgabe von 1874.

²⁶⁴ Original em alemão: Nachdruck der Ausgabe von 1874.

²⁶⁵ Original em alemão: Nachdruck der Ausgabe von 1875.

²⁶⁶ Disponível em: https://www.amazon.com.br/Vom-Amazonas-Madeira-Beschreibungen-Explorationsreise/dp/3744624838/ref=monarch_sidesheet. Acesso em: 14 mar. 2024.

impresso e e-book, facilitando a circulação da obra dentro e fora da Alemanha para leitores diversificados das “culturas do impresso e do eletrônico”.

No portal de vendas da Amazon, há o seguinte resumo sobre a obra e a editora, que nos permite compreender, ainda que superficialmente, as razões que a levaram a publicar uma nova edição dela:

Vom Amazonas und Madeira - Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise é uma reimpressão inalterada e de alta qualidade da edição original de 1874. A Hansebooks é uma editora de literatura sobre vários assuntos, como pesquisa e ciência, viagens e expedições, culinária e nutrição, medicina e outros gêneros. O foco da editora é a preservação da literatura histórica. Muitas obras de escritores e cientistas históricos estão agora disponíveis apenas como antiguidades. A Hansebooks republica esses livros e, assim, contribui para a preservação da literatura rara e do conhecimento histórico para o futuro²⁶⁷ (Grifo nosso).

No dia 02 de agosto de 2018, a editora *Wentworth Press*, de Sidney, Austrália, publica uma edição em alemão da obra *Vom Amazonas und Madeira*²⁶⁸ com “inúmeras ilustrações” (acredita-se que todas as 68) e 212p. No ano de 2019, a referida editora australiana publica também em alemão outra edição da obra de Keller, com 212p.²⁶⁹ Ressalta-se que essas duas publicações correspondem à 9ª e à 10ª edições da obra de Keller-Leuzinger.

Em 06 de agosto de 2019, a editora *Inktank Publishing*, localizada em Bremen, Alemanha, publica uma edição em alemão de *Vom Amazonas und Madeira*²⁷⁰, que concerne à 11ª edição da obra. Em 2020, a editora *Forgotten Books*²⁷¹ publica uma

²⁶⁷ Original em alemão: Vom Amazonas und Madeira - Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise ist ein unveränderter, hochwertiger Nachdruck der Originalausgabe aus dem Jahr 1874. Hansebooks ist Herausgeber von Literatur zu unterschiedlichen Themengebieten wie Forschung und Wissenschaft, Reisen und Expeditionen, Kochen und Ernährung, Medizin und weiteren Genres. Der Schwerpunkt des Verlages liegt auf dem Erhalt historischer Literatur. Viele Werke historischer Schriftsteller und Wissenschaftler sind heute nur noch als Antiquitäten erhältlich. Hansebooks verlegt diese Bücher neu und trägt damit zum Erhalt selten gewordener Literatur und historischem Wissen auch für die Zukunft bei.

²⁶⁸ Disponível em: https://www.amazon.com.br/Beschreibungen-Tagebuche-Explorationsreise-zahlreichen-Illustrationen/dp/0274641828/ref=monarch_sidesheet. Acesso em: 14 mar. 2024.

²⁶⁹ Disponível em: <https://www.abebooks.com/9780353666092/Amazonas-Madeira-Skizzen-Beschreibungen-Tagebuche-0353666092/plp>. Acesso em: 14 mar. 2024.

²⁷⁰ Disponível em: https://www.amazon.com.br/Vom-Amazonas-Madeira-Franz-Keller-Leuzinger/dp/3750118701/ref=monarch_sidesheet. Acesso em: 14 Mar. 2024.

²⁷¹ A *Forgotten Books* publica centenas de milhares de livros raros e clássicos. Este livro é uma reprodução de uma importante obra histórica. A *Forgotten Books* utiliza tecnologia de ponta para reconstruir digitalmente a obra, preservando o formato original e reparando as imperfeições presentes na cópia antiga. Em casos raros, uma imperfeição no original, como uma mancha ou página faltante, pode ser replicada em nossa edição. No entanto, reparamos a grande maioria das imperfeições com

edição impressa em inglês de *The Amazon and Madeira Rivers*, com 229p., que concerne à 12ª edição.

No ano de 2021, a editora *Legare Street Press* publica uma edição impressa em língua inglesa de *The Amazon and Madeira Rivers*, com 270p.²⁷² Ademais, em 2023, a aludida editora republica no mesmo idioma a edição impressa da obra de Keller-Leuzinger, agora, com 264p²⁷³ . Insta salientar que essas publicações se referem às edições 14 e 17 do relato de viagem de Franz Keller-Leuzinger.

Em maio de 2021, a editora Dialética, de Belo Horizonte, publica a primeira edição da obra de Keller em língua portuguesa intitulada *Os rios Amazonas e Madeira: esboços e relatos de um explorador* (15ª edição de *Vom Amazonas und Madeira*), nos formatos impresso, com 304 páginas, e e-book²⁷⁴, com 311. Conforme consta na “Nota da tradução”, a edição brasileira seria uma tradução da edição londrina de 1874 da *Chapman and Hall*, com todas as “sessenta e oito ilustrações da expedição que foram amplamente divulgadas à época, tanto nas grandes cidades do Brasil quanto no estrangeiro” (in Keller-Leuzinger, 2021).

sucesso; quaisquer imperfeições que permaneçam são intencionalmente deixadas para preservar o estado dessas obras históricas. (tradução livre do texto sobre a editora, disponível no site da AbeBooks.

²⁷² Disponível em: <https://www.abebooks.com/9781015153547/Amazon-Madeira-Rivers-Sketches-Descriptions-1015153542/plp>. Acesso em: 24 out. 2024.

²⁷³ Disponível em: <https://www.abebooks.com/9781019628553/Amazon-Madeira-Rivers-Sketches-Descriptions-1019628553/plp>. Acesso em: 24 out. 2024.

²⁷⁴ Disponível em: <https://www.amazon.com/Rios-Amazonas-Madeira-explorador-Portuguese-ebook/dp/B0946DF8RT>. Acesso em: 16 mar. 2024.

Figura 29. Folha de rosto da edição brasileira da obra de Keller (2021).



Fonte: Keller-Leuzinger (2021b)

Nessa edição, o prefácio é datado como na edição londrina de janeiro de 1874. Porém, diferente do que ocorre em todas as outras edições, inclusive na primeira, o tradutor Adriano Gonçalves Feitosa grafou o sobrenome “Lëuzinger” com o sinal diacrítico “trema” na vogal “e” – conforme já esclarecido na seção anterior desta tese – assim como escreveu o nome da cidade com a letra “K” (Karlshure), quando o próprio Keller grafou com “C” (Carlshure), no prefácio da obra. Em alemão, é comum grafar essa cidade com a letra “K”.

É interessante esclarecer o detalhe de na folha de rosto das edições alemã e inglesas (britânica e estadunidenses) constar os termos “*Ingenieur*” e “*Engineer*”, respectivamente, logo abaixo do nome do autor, ao passo que esse termo²⁷⁵ é inexistente na referida edição em língua portuguesa.

A tradução integral de *Vom Amazonas und Madeira* para a língua portuguesa só ocorreu em 2021, 147 anos após a publicação da sua primeira edição em alemão. A versão em português, assim como as demais edições, mantém exatamente a mesma estrutura da edição alemã: capa, créditos, prefácio, lista de ilustrações, sete capítulos, um quadro constando vocabulário dos dialetos indígenas ainda falados no Departamento do rio Beni – Bolívia, apêndice constando “Os Métodos de

²⁷⁵ Engenheiro.

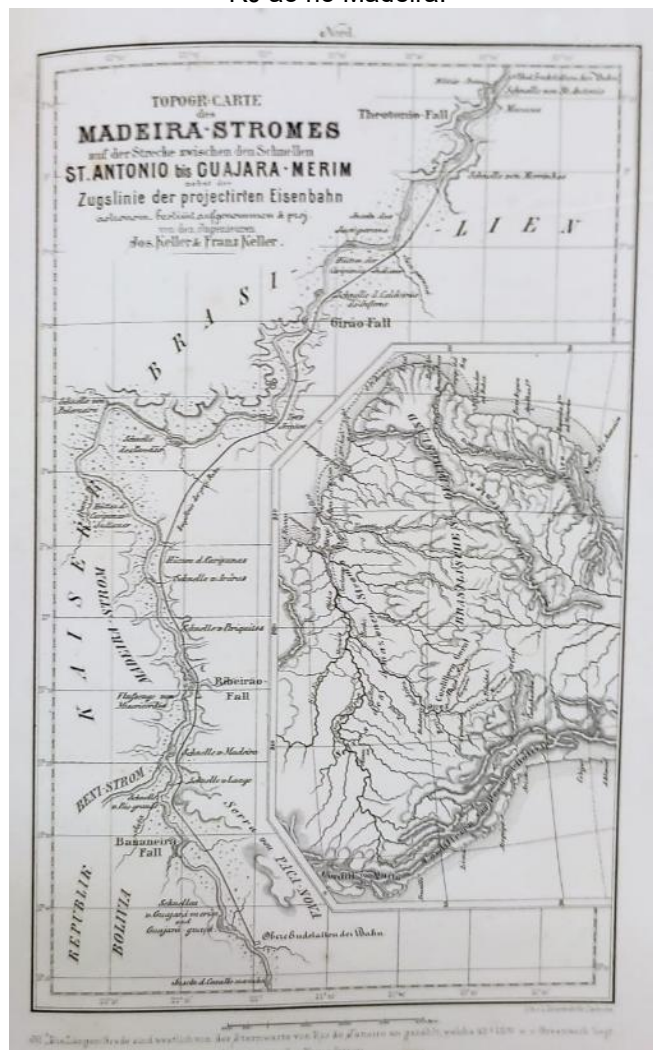
Levantamento – Resultados Hidrogeográficos, Hipsométricos e Estatísticos – Como Foram Obtidos”, e o importante acréscimo de uma “apresentação da tradução”. Na referida apresentação, o tradutor Adriano Feitosa expõe que:

O leitor que almeje ter contato primário com os escritos de Keller-Lëuzinger encontrará apenas um único livro de sua autoria, publicado em alemão e inglês no ano de 1874, condensando as observações e esboços realizados durante sua expedição pela Amazônia, ocasião em que ele e o pai realizaram alguns dos levantamentos topográficos e medições necessárias para embasar os estudos prévios e projetos de construção de estradas de ferro na região (in Keller-Leuzinger, 2021b, p.4)²⁷⁶.

Considerando que a tradução para o português fora a partir da versão inglesa, a edição brasileira também não traz o “mapa” elaborado por Franz Keller reproduzindo o percurso de sua viagem do Rio de Janeiro à Amazônia, em 1867, para realizar a expedição ao rio Madeira:

²⁷⁶ Considerando dados expostos na seção anterior, concernente à trajetória profissional de Franz Keller, há outras obras com autorias a ele atribuídas, e não apenas uma, como afirma o tradutor no excerto acima. Tendo em vista que as demais obras não ganharam destaque como *Vom Amazonas und Madeira*, este único relato de viagem de Keller é, sem dúvida, a sua produção literária mais relevante.

Figura 30. Mapa desenhado por Franz Keller-Leuzinger reproduzindo o percurso de sua viagem do RJ ao rio Madeira.



Fonte: Imagem do próprio autor²⁷⁷.

Na “descrição” dessa publicação em português constam as seguintes considerações acerca dos motivos que levaram Adriano Feitosa a traduzir *The Amazon and Madeira Rivers* para a língua portuguesa:

[...] Embora os mapas e ilustrações da expedição sejam amplamente conhecidos e referenciados pela comunidade acadêmica, até o momento os relatos da comissão jamais haviam sido traduzidos para a língua portuguesa. A presente tradução nasceu da paixão do tradutor pela leitura de relatos de cronistas, viajantes, exploradores, naturalistas e aventureiros, objetivando, sobretudo, divulgar a um público maior essa riquíssima nova fonte de potenciais pesquisas interdisciplinares, bem como contribuir para a superação de quaisquer barreiras linguísticas que pudessem vir a afastar novos leitores do precioso conteúdo da obra original. Para compreender a Amazônia de

²⁷⁷ Registro fotográfico do mapa constante no final da edição alemã impressa da obra *Vom Amazonas und Madeira*, 1874, no setor de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará, no dia 17 de outubro de 2024.

ontem e de hoje, entretanto, não se deve apenas procurá-la nas páginas amareladas do passado: deve-se vivê-la²⁷⁸.

Na apresentação da sua tradução, Feitosa esclarece que “a revista *Ilustração Brasileira*²⁷⁹, em edição debutante de 1876 (pp. 05-07), publicou uma breve tradução para a língua portuguesa de alguns poucos excertos resumidos do livro de Keller”, tendo dedicado “apenas duas páginas e um terço à memória da obra, com maior ênfase na exposição de três monumentais ilustrações: a Serra dos Órgãos e o Corcovado, no Rio de Janeiro; e um trecho das margens do rio Madeira, no Amazonas” (in Keller-Leuzinger, 2021).

O tradutor de Keller realça que, “no decorrer do ano de 1876, algumas outras gravuras da obra original foram sendo publicadas, acompanhadas, geralmente, de uma página de texto traduzido, de forma a contextualizá-las aos leitores.” No entanto, salienta que nunca houve “edição integral da obra de Keller em língua portuguesa, sistemática e integralmente traduzida, e nem mesmo os excertos mencionados foram considerados para subsidiar a presente tradução”, pois, de acordo com sua percepção, “muitas das expressões e dos termos utilizados pela revista na década de 1870 dificilmente seriam compreendidos com facilidade por um público maior de leitores dos dias correntes” (in Keller-Leuzinger, 2021, grifo nosso).

Quadro 1. Quantitativo geral de edições impressas de *Vom Amazonas und Madeira* (XIX-XXI)

Edição	Título da obra	Editora	Cidade/País	Ano da Publicação	Idioma
1	Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise	A. Kröner	Stuttgart, Alemanha	1874	Alemão
2	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	Chapman and Hall	Londres, Reino Unido	1874	Inglês
3	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	D. Appleton & Company	Nova Iorque, EUA	1874	Inglês
4	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	Chapman and Hall	Londres, Reino Unido	1875	Inglês

²⁷⁸ Disponível em: <https://loja.editoradialetica.com/humanidades/os-rios-amazonas-e-madeira-esbocos-e-relatos-de-um-explorador>. Acesso em: 3 abr 2024.

²⁷⁹ Revista integralmente digitalizada pela Biblioteca Nacional brasileira, e disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, e cuja referência apenas alcançamos por mérito do trabalho organizado por Knauss, Oliveira e Malta (2011). A revista em si se encontra integralmente disponibilizada para consulta virtual em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=758370&pagfis=1> (Keller-Leuzinger, 2021).

5	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	J.B. Lippincott and Co	Filadélfia, EUA	1875	Inglês
6	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	University of Michigan Library	Michigan, EUA	2005	Inglês
7	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	Nabu Press	Charleston, EUA	05/03/2010	Inglês
8	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	HardPress Limited	Memphis, EUA	2013	Inglês
9	Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise	Wentworth Press	Sidney, Austrália	02/08/2018	Alemão
10	Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise	Wentworth Press	Sidney, Austrália	2019	Alemão
11	Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise	Inktank Publishing	Bremen, Alemanha	06/08/2019	Alemão
12	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	Forgoten Books	Londres, Reino Unido	2020	Inglês
13	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	HardPress Limited	Memphis, EUA	2021	Inglês
14	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	Legare Street Press	Charleston, EUA	2021	Inglês
15	Os rios Amazonas e Madeira: esboços e relatos de um explorador	Dialética	Belo Horizonte, Brasil	05/2021	Português
16	Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise	Hansebooks GmbH	Norderstedt, Alemanha	25/03/2022	Alemão
17	The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note book of an explorer	Legare Street Press	Charleston, EUA	2023	Inglês

Fonte: Próprio autor.

Esse mapeamento da história editorial de *Vom Amazonas und Madeira* ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, evidencia que no caso das edições do século XX e XXI, predominaram aquelas baseadas na edição de 1874, ou seja, a primeira

publicada em língua inglesa, não havendo nenhuma tradução feita diretamente da língua alemã, em que a obra foi originalmente publicada.

No que concerne às razões pelas quais essas novas edições vieram a público, destacam-se o interesse de incluir a obra de Keller no rol dos textos de viajantes, preservando seu caráter histórico, ou seja, sua importância enquanto documento. Importa notar que à época de sua primeira publicação o livro interessava em virtude da exploração da borracha e da necessidade de escoá-la mais facilmente, o que poderia ocorrer com a construção de uma estrada de ferro. Ou seja, a obra de Keller era interpretada como importante fonte de conhecimento da região, particularmente destinada aqueles que teriam interesse no escoamento das riquezas da Amazonia brasileira e da região andina. De outro lado, interessava também à indústria pesada das estradas de ferro, particularmente naquelas de origem britânica e americana. Nesse caso, a ferrovia Madeira-Mamoré se inseria nesse nicho particular da economia dos dois países.

A seguir, discutiremos como se deu a recepção crítica do relato de viagem de Keller, observando os recursos e esforços empreendidos pelos editores e pelo próprio autor para impulsionar a circulação da obra e de seus excertos (desenhos e fragmentos do relatório da exploração do rio Madeira), bem como analisar de que maneira foram recebidos pelos leitores brasileiros e estrangeiros no século XIX.

Também serão apresentadas cronologicamente as principais fontes de pesquisa que nos ajudam a compreender como *Vom Amazonas und Madeira* circulou no Império do Brasil e no exterior durante o Oitocentos, bem como sob qual(is) chave(s) de leitura a obra foi recebida pelos leitores de diferentes países.

5 CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DE *VOM AMAZONAS UND MADEIRA* NO SÉCULO XIX

5.1 CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO NO IMPÉRIO DO BRASIL

Para compreender como a imprensa brasileira divulgou a publicação de *Vom Amazonas und Madeira* e contribuiu para a sua circulação, foi empreendida uma pesquisa no acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, referente ao período de 1855 a 1900, em busca de notícias ou qualquer outro registro sobre a obra e seu autor. O resultado revela que vinte e oito periódicos de oito diferentes províncias brasileiras publicaram notícias que faziam alguma menção a Franz Keller-Leuzinger, às suas expedições pelo Brasil, à obra *Vom Amazonas und Madeira*, às ilustrações dessa obra, ao relatório da exploração do rio Madeira e à vinculação de Keller à história de (pré-)construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). A relação nominal desses periódicos consta no “APÊNDICE A” desta tese, que também traz informações de outros periódicos referentes aos séculos XX e XXI, utilizadas na primeira seção para tecer a trajetória de Franz Keller.

A tabela a seguir traz os resultados da pesquisa em números gerais relativos ao século XIX:

Tabela 1 – Menções a Franz Keller-Leuzinger e à *Vom Amazonas und Madeira* nos periódicos brasileiros do século XIX (1855-1900).

Franz Keller e suas expedições	Obra <i>Vom Amazonas und Madeira</i>	Ilustrações constantes na obra	Relatório da exploração do rio Madeira	Franz Keller vinculado à EFMM	Total
107	9	3	9	3	131

Fonte: Próprio autor.

A partir da análise dessas publicações nos periódicos brasileiros no período de 1855 a 1900, observou-se que 81,6% delas dizem respeito a Franz Keller e às expedições que empreendeu com o pai no Brasil nos idos de 1856 a 1868. Devido ao fato de a publicação da primeira edição de *Vom Amazonas und Madeira* ter ocorrido só em 1874 e em língua alemã, somente 9 publicações são alusivas à obra, correspondendo a 6,8% do total. Por sua vez, as menções às ilustrações que compõem a obra contabilizam apenas 3 (2,2%), ao passo que às inerentes ao relatório

da exploração do rio Madeira somam 9 ocorrências (6,8%), o triplo das 3 (2,2%) que vinculam Keller à história da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Ressalta-se que as menções a Franz Keller e suas expedições foram expostas na seção anterior, por se tratarem da trajetória profissional do autor, e parcela das que diziam respeito à obra foram expostas no subtópico concernente à sua história editorial, razão pela qual não serão repetidas neste tópico.

A primeira notícia no âmbito nacional sobre a obra *Vom Amazonas und Madeira* é publicada pelo *Jornal do Commercio (RJ)*²⁸⁰, em janeiro de 1874, com o título da obra aportuguesado, “Do Amazonas e do Madeira”²⁸¹. A notícia se baseia no próprio prefácio da obra, razão pela qual adere aos posicionamentos de Keller que entendia ser necessário tornar o Brasil “mais conhecido na Europa”. A sutileza dessa proposição ganha contornos mais claros quando o crítico reproduz a proposta de Keller segundo a qual as vastas riquezas naturais do Brasil precisavam ser exploradas pelos europeus, o que seria razoável já que no velho continente o aumento populacional representava um problema. Por conseguinte, continua, esse seria o momento ideal para promover uma colonização em massa do Brasil, com o apoio dos “homens influentes do país”, capazes de facilitar esse processo que, de acordo com o autor da obra, seria extremamente desejável. Essa mesma notícia seria reproduzida em 20 de março de 1874²⁸² pelo jornal *A Nação: Jornal Político, Commercial e Litterario (RJ)*, trazendo o acréscimo segundo o qual ela teria sido originária do *Diário do Rio Grande*. Presume-se, portanto, que muito provavelmente o *Jornal do Comércio*, que a publicara anteriormente, tenha se apropriado da mesma fonte.

Dois anos depois, a revista *Ilustração Brasileira*, fundada pelo litógrafo alemão Henrique Fleuiss (1823-1882), divulga de forma seriada a obra *Vom Amazonas und Madeira* por meio da publicação do texto²⁸³ intitulado “Viagem d’exploração ao Amazonas e ao Madeira”, nas edições 1 e 2 de 1º e 15 de julho de 1876²⁸⁴, respectivamente. Logo após o título há a informação de que o aludido texto e os desenhos seriam de autoria de Keller, dando a entender que ele próprio o redigiu em

²⁸⁰ Ano 1874, edição 31, p.2, última coluna. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/364568_06/7996. Acesso em: 15 ago. 2022. Esta edição contém direitos autorais e, por isso, não disponibilizamos o recorte da notícia analisada.

²⁸¹ Título em português dado pelo periódico como tradução de *Vom Amazonas und Madeira*. Essa notícia já foi comentada em item anterior, motivo pelo qual não nos estenderemos em sua discussão.

²⁸² *A Nação: Jornal Político, Commercial e Litterario (RJ)*, ano 1874, edição 61, p.2, última coluna.

²⁸³ Para Feitosa (in Keller-Leuzinger, 2021) e Vergara (2013), esse texto é um “artigo”.

²⁸⁴ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/758370/5>. e <http://memoria.bn.gov.br/docreader/758370/33>. Acesso em: 03 set. 2022.

língua portuguesa, não se tratando de uma tradução do editor Henrique Fleuiss ou, ainda, que ele tenha sido o responsável pela sua elaboração a partir de excertos da obra de Franz Keller. Porém, essas últimas hipóteses não podem ser desconsideradas. Entretanto, é possível afirmar que o texto em questão se trata realmente de excertos selecionados principalmente dos capítulos 1 e 2 do relato de viagem de Keller.

Salienta-se que essa revista brasileira, considerada importante para a história da imprensa no Brasil, tinha como “modelo as revistas francesa *L'Illustration*²⁸⁵ e a inglesa *The Illustrated London News*²⁸⁶” (Wanderley, 2021, on-line). Portanto, o texto ilustrado de Keller era algo inovador no âmbito editorial brasileiro à época e foi a primeira fonte de informação mais extensa sobre *Vom Amazonas und Madeira* no império do Brasil.

Logo no preâmbulo do excerto do relato de viagem, o leitor é informado de que seu conteúdo abordará o relato de uma viagem realizada por Franz Keller com o seguinte itinerário “Do Rio de Janeiro ao Pará e Manáos. – O Amazonas e o Rio Negro. Passagem das corredeiras e dos saltos do Madeira e do Mamoré. – Chegada ao Porto da Exaltation de Santa Cruz. – Regresso ao Amazonas”.

Em linhas gerais, sem mencionar a obra *Vom Amazonas und Madeira*, os excertos narram a viagem de Franz Keller-Leuzinger desde a saída do Rio de Janeiro, passando por várias províncias litorâneas (Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba etc) até chegar à Província do Pará, de onde sua comitiva, encomendada pelo governo brasileiro em 1867, partiu para a missão ao rio Madeira, no atual Estado de Rondônia²⁸⁷. Observa-se no primeiro parágrafo da publicação na edição 1 da *Ilustração Brasileira* (1876, p. 5), que a expedição ao rio Madeira vislumbrava viabilizar a construção de um “caminho de ferro”, a EFMM.

Sem mencionar seu pai, chefe da expedição, Franz Keller se apresenta como protagonista de uma importante e perigosa aventura para levar o “progresso” à população do Vale do rio Madeira. Ele descreve detalhadamente sua percepção da paisagem, da floresta exuberante com árvores imponentes, como a castanheira e a seringueira, bem como salienta os desafios enfrentados durante o percurso, como as

²⁸⁵ A Ilustração (tradução livre).

²⁸⁶ Notícias Ilustradas de Londres (tradução livre).

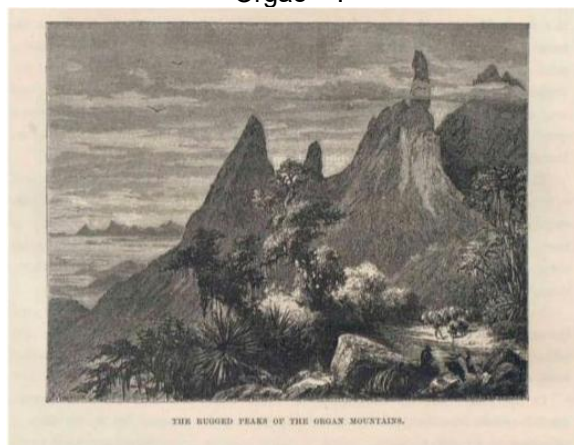
²⁸⁷ Porção que pertencia à Província de Mato Grosso àquela época.

corredeiras do rio Madeira, a presença de animais perigosos (como a venenosa formiga tucandeira) e a possível ameaça de algum ataque por indígenas hostis.

Nos relatos acerca das comunidades locais, Keller se atém mais à descrição dos seringueiros, ao seu *modus vivendi* e do árduo processo de extração do látex, do que aos povos indígenas por ele considerados selvagens e sanguinários que certamente cederiam ao processo civilizatório. Por sua vez, os Mura e os Caripuna são mencionados superficialmente, assim como os 80 indígenas Mojo da Bolívia que foram cedidos a Keller por um comerciante boliviano que estava em Manaus, para servir de remadores. Claramente irritado pela dificuldade de recrutar em Manaus e arredores um número de remadores necessário para seguir viagem rumo ao rio Madeira, Keller tece comentários estereotipados ao generalizar que os “mestiços do país são de uma preguiça inacreditável; só trabalham quanto lhes é preciso para não morrer de fome” (Ilustração Brasileira, 1876, p. 6, terceira coluna).

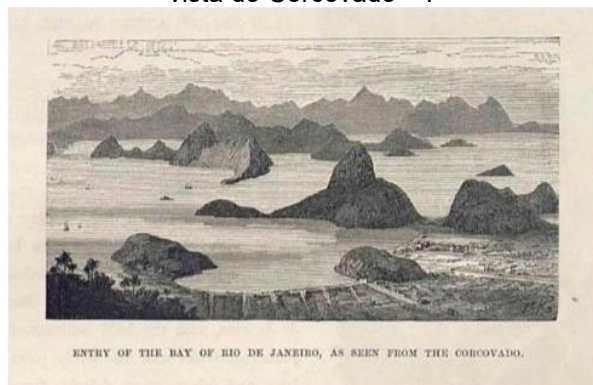
As seguintes ilustrações de paisagens cariocas vêm logo no início da publicação, momento no qual Keller narra a viagem desde a saída do RJ e a passagem pelo litoral do nordeste brasileiro:

Figura 31. Os picos enrugados da Serra dos Órgãos²⁸⁸.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 61).

Figura 32. Entrada da baía do Rio de Janeiro, vista do Corcovado²⁸⁹.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 59).

²⁸⁸ Serra dos Órgãos (Título atribuído pela edição 1 da *Ilustração Brasileira*, 1876, p.5).

²⁸⁹ Entrada do Rio de Janeiro (Título atribuído pela edição 1 da *Ilustração Brasileira*, 1876, p.5).

Figura 33. Margem assoreada do rio Madeira, com palmeiras javari semissubmersas²⁹⁰.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 172).

Essa ilustração é utilizada na página 1 do texto, no momento em que Keller descreve a Província da Parahyba do Norte. Portanto, por retratar paisagem e rio amazônicos, o desenho está descontextualizado e poderia ter sido utilizado em um dos vários momentos em que o narrador descreve o rio Madeira e seu entorno. Segundo Keller, “a paisagem representada nesta ilustração, esboçada sob o pôr-do-sol, é bastante peculiar a todo o rio Madeira em sua solidão selvagem e majestosa calma” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 24). Observando a fotografia a seguir, decerto a beleza do crepúsculo nesse rio deve ter encantado o engenheiro alemão, a ponto de ter realizado o seu registro xilográfico:

Figura 34. Pôr do sol no rio Madeira, Porto Velho-RO.



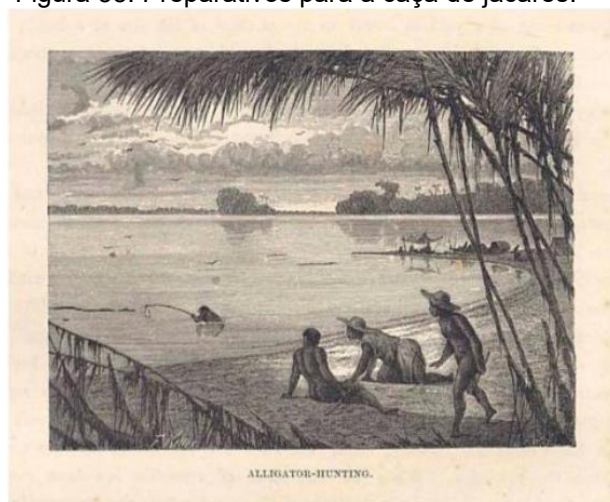
Fonte: Próprio autor (03/11/2024).

Na edição 2 da revista sob análise, datada de 15 de julho de 1876²⁹¹, foram reproduzidas as duas ilustrações a seguir:

²⁹⁰ Margem do rio Madeira (Título atribuído pela edição 1 da *Ilustração Brasileira*, 1876, p.5).

²⁹¹ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/758370/33>. Acesso em: 03 set. 2022.

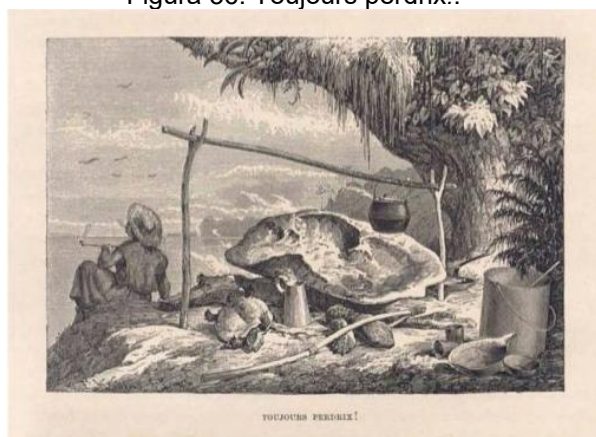
Figura 35. Preparativos para a caça de jacarés.²⁹²



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 139).

Essa gravura ilustra uma cena de *Vom Amazonas und Madeira*, na qual Keller descreve como alguns indígenas Canichanas capturaram um jacaré com “um laço feito de pele na extremidade de uma longa vara”. Para Keller, nessa caçada, os jacarés “correm maiores perigos do que os próprios índios” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 138).

Figura 36. Toujours perdrix!²⁹³



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 135).

É possível inferir que essa ilustração retrata um ribeirinho preparando um prato à base de tartaruga. Observa-se que, pela dimensão do casco já completamente

²⁹² Preparo para a caçada do Crocodilo (Título atribuído pela edição 2 da *Ilustração Brasileira*, 1876, p. 5).

²⁹³ O pão nosso de cada dia (Título atribuído pela edição 2 da *Ilustração Brasileira*, 1876, p. 5).
Nota do Tradutor: em tradução livre, “algo bom em um excesso absurdo” (in Keller-Leuzinger, 2021, p. 22).

esvaziado, tratava-se de um exemplar de grande porte, como alguns da Praia do Tamanduá descritos por Keller, medindo “um metro e treze centímetros com um de largura e quarenta centímetros de espessura”. Em seu relato, ele demonstra preocupação com o futuro das tartarugas daquela região próxima à cachoeira de Santo Antônio, no rio Madeira, pois são capturadas e mortas por ribeirinhos até mesmo durante o período de reprodução, violando seus ninhos na areia e, como verdadeiros abutres, apanhando seus ovos para fazer manteiga, “cujo consumo é geral em todo o Amazonas” (Ilustração Brasileira, 1876, edição 1, p. 7, primeira coluna).

Em *Vom Amazonas und Madeira*, Franz Keller descreve cada ilustração que compõe a obra. Acerca da imagem sob análise (Figura 36), ele revela se tratar de um “preparo da célebre sopa de tartaruga” e que “Jamais se despreza nem a sopa nem o guisado”, inclusive, “nenhum dos vapores que fazem linha do Pará a Liverpool deixam para trás a foz do rio Amazonas sem levar consigo alguns desses anfíbios encouraçados” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 22).

Novamente, não há correspondência coerente entre as imagens e o texto em seu entorno, que se refere à narrativa da aventura da comitiva pelas corredeiras perigosas (Santo Antônio, Teotônio, Bananeiras, Morrinhos, Jirau etc) do rio Madeira, quando a tripulação precisou descarregar as canoas e transportá-las floresta adentro juntamente com sua carga, além de consertar as embarcações danificadas enquanto outras foram completamente destruídas pela violência da água que as jogou contra as rochas.

A ilustração contendo o grande casco de tartaruga (Figura 36), por exemplo, poderia ter sido melhor utilizada no trecho da narrativa constante à página 7 da 1ª edição da revista em tela, no qual o autor denuncia a caça deliberada daquele animal. Todavia, por razão desconhecida, o editor a disponibiliza na continuação do artigo publicado na edição 2. Também na obra *Vom Amazonas und Madeira*, as ilustrações na maioria das vezes não condizem com o contexto no qual foram inseridas.

Pouco antes do final da publicação na edição 2 da *Ilustração Brasileira* (1876, p. 5, segunda coluna), é discutido que não são as inundações que dificultaram a colonização e desenvolvimento econômico do Império do Brasil, “mas sim as febres intermitentes, a dificuldade de comunicações com o Amazonas, e a perigosa vizinhança de índios selvagens, sanguinários e ainda pouco conhecidos”. Com relação a esses últimos, ao mencionar que nunca “opuseram resistência duradoura

ao choque da civilização; aqui, como em toda a parte, serão forçados a ceder”, o autor sugere o seu extermínio.

No final da publicação da *Ilustração Brasileira*, há a informação de que haveria uma continuação da narrativa de Keller. Porém, não encontramos na hemeroteca digital qualquer outra edição da revista contendo a sequência do texto. Portanto, para o leitor brasileiro, a viagem acaba quando a comitiva transpõe as duas últimas corredeiras do rio Madeira – Guajará-Guaçu e Guajará-Mirim.

A narrativa apresenta ao público brasileiro Franz Keller-Leuzinger não apenas como um viajante corajoso, mas como um explorador qualificado, dedicado ao progresso socioeconômico da Amazônia e à sua integração ao Império Brasileiro. Àquela altura, a região amazônica ainda era pouco conhecida até mesmo por brasileiros de outras províncias, o que fez com que a narrativa não ficcional da viagem — marcada por uma linguagem descritiva, combinando relato científico, aventura e observações antropológicas, além de ilustrações — tornasse o texto de Keller atrativo para um público leitor diversificado. Como os excertos não faziam menção à obra completa, à época comercializada apenas em alemão e inglês, o leitor brasileiro não leu os extratos como parte de uma obra maior, restando-lhe apenas as partes selecionadas para a tradução e publicação na revista. Dessas partes restaram, por consequência, paisagens exuberantes, cachoeiras e corredeiras perigosas, hábitos alimentares das populações locais e representações dos indígenas como selvagens perigosos e insolentes.

Em 1877, o jornal carioca *O Vulgarizador: Jornal dos conhecimentos úteis*²⁹⁴, editado pelo jornalista e poeta lusitano Augusto Emilio Zaluar (1826-1882), estampa na capa de sua 1ª edição o desenho “Nosso primeiro encontro com os Índios Caripunas” (*Figura 38*), de Franz Keller-Leuzinger. A partir do seu nome, já se sabe que o periódico objetivava tornar o conhecimento das ciências acessível aos leitores de todas as camadas sociais, através de linguagem clara e simples e preços mais baixos que os de jornais tradicionais.

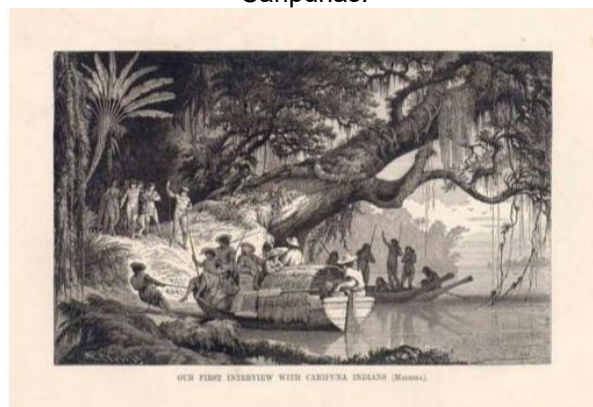
²⁹⁴ Edição 1, ano 1877, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/778010x/1>. Acesso em: 15 jun. 2022. O periódico circulou no período compreendido entre 1877 a 1880.

Figura 37. Capa da 1ª edição do Jornal O *Vulgarizador* (1877).



Fonte: *O Vulgarizador* (1877, edição 1)²⁹⁵.

Figura 38. Nosso primeiro encontro com os Índios Caripunas.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 218).

Na lista de ilustrações da sua obra, Keller-Leuzinger esclarece que a vegetação da supracitada ilustração “foi desenhada no local” e que ele tentou “reproduzir de memória e o mais fielmente possível o momento em que primeiro avistamos nossos amigos selvagens” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 26).

O artigo alusivo ao desenho é intitulado “Encontro com os índios Caripunas”, de autoria de Emilio Zaluar, e foi publicado em 1877 de forma seriada nas edições 1 e 2 do jornal em epígrafe. Zaluar introduz Franz Keller e *Vom Amazonas und Madeira* ao leitor brasileiro por meio de uma breve apresentação acerca do engenheiro alemão, da sua viagem de exploração ao Amazonas e Madeira e do seu desenho que ilustra a capa do jornal, além de tecer um conciso comentário crítico a respeito do relato de viagem de Keller. Com relação à gravura, o editor diz que ela se refere a “um episódio da viagem de exploração do Sr. engenheiro F. Keller Leusinger [sic] aos grandes rios Amazonas e Madeira, e é tal a sua beleza artística, que nos dispensa de insistir sobre o seu mérito” (*O Vulgarizador*, 1877, edição 1, p. 7, primeira coluna).

Segundo Zaluar, a edição alemã de *Vom Amazonas und Madeira* é “uma das mais belas que temos visto daquele país” pelas “estampas que enriqueceram o texto”. Para ele, a obra é “recomendável pela variedade de conhecimentos científicos de seu

²⁹⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/778010x/1>. Acesso em: 15 jun. 2022.

autor, e pelo fino espírito de observação de que dá constantes documentos”. Além disso, com entusiasmo, Zaluar diz ter sido informado de que a obra seria publicada em português e que “esta boa nova deve interessar a todos que ligam verdadeiro apreço aos trabalhos desta natureza, que, infelizmente, inda tanto escasseiam entre nós”. Por fim, o editor esclarece que, a partir de então, é Franz Keller quem vai narrar “nos seguintes termos o seu encontro com os índios ‘caripunas’ representado em nossa gravura” (O Vulgarizador, 1877, edição 1, p. 7, primeira coluna, grifo nosso). No trecho grifado, observa-se que, para Zaluar, o leitor ideal da obra de Keller é o apreciador do relato de viagem não ficcional, ilustrado e composto por conhecimento científico que lhe assegure a devida instrução e não apenas mero entretenimento.

Portanto, a publicação de excertos da obra *Vom Amazonas und Madeira* em língua portuguesa nesse jornal viabilizou ao público leitor brasileiro o acesso, ainda que fragmentário, ao relato de viagem, que até então se encontrava restrito às mesas de gabinetes de leitura e às vitrines de grandes livrarias.

Como o texto é disposto entre aspas e concerne a excertos de aspectos etnográficos de *Vom Amazonas und Madeira*, relativos aos indígenas da etnia Caripuna com os quais a comitiva de Keller teve contato no percurso da viagem de exploração ao rio Madeira, compreende-se que se trata de uma espécie de resumo de um recorte da mencionada obra e não de um texto elaborado pelo editor português. Entretanto, não se sabe quem o traduziu do alemão e o encaminhou para publicação no jornal carioca. É possível que tenha sido o próprio Franz Keller, uma vez que o texto consta na sua íntegra no capítulo VI de seu relato de viagem.

Franz Keller também descreve a aparência física e as vestimentas e adereços daqueles indígenas, com destaque para o porte físico forte, a estatura mediana e os cabelos compridos e pretos. Como adornos corporais, possuíam dentes de anta atravessando as pontas das orelhas e um pequeno molho de penas vermelhas de tucano no septo nasal.

Segundo Keller, o encontro com os indígenas foi amigável, ainda que o diálogo tenha ocorrido apenas por meio de sinais. Eles não se interessaram pelas armas que lhes ofereceram, mas sim por um canivete, um espelhinho e um colar de miçangas, os quais pagaram com macaxeira e milho. Ao chegar à tribo, a convite dos Caripuna, Keller encontrou com o líder deles, um ancião de aproximadamente cinquenta anos que usava um magnífico diadema de penas vermelhas de tucano na cabeça.

Franz Keller observou que no chão das cabanas havia “alguns buracos tapados com pequenas pedras polidas, que decerto continham as urnas «igaçabas» onde estes povos guardam os mortos”. Em *Vom Amazonas und Madeira*, consta um desenho de uma igaçaba dos Manáos:

Figura 39. Urna funerária dos índios Manáos (Igaçaba).



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 73)

Há, no final da narrativa publicada no *O Vulgarizador*, um relato de Keller-Leuzinger sobre uma espécie de ritual fúnebre no local onde foram vistas as bordas de algumas unidades de igaçabas, que seria o cemitério daquela comunidade indígena. A cena vivenciada pelo engenheiro alemão traz à tona um aspecto cultural dos Caripuna, quando Franz Keller tenta trocar “um par de tesouras” por um instrumento do chefe ancião, que consistia em uma estreita e fina tábua medindo cerca de cinquenta centímetros de comprimento, com uma corda no centro que, ao contato do dedo, produzia um zumbido. Segundo Keller, o velho indígena, imitando o som do instrumento enquanto gritava e andava ao redor das sepulturas, explicou-lhe que ele “servia para chorar os mortos da tribo” e que, portanto, “não podiam ser objeto de negócio” (*O Vulgarizador*, 1877, edição 2, p. 8, segunda coluna). Keller surpreende-se ao perceber a “delicadeza de sentimentos” do velho caripuna em relação aos rituais fúnebres, uma vez que essa demonstração de sensibilidade e humanidade contraria os estereótipos de selvageria frequentemente associados aos povos nativos.

Franz Keller-Leuzinger descreve os Caripunas com um olhar que oscila entre o etnográfico e o colonial. São destacadas a sua força física, organização social e práticas culturais complexas. No entanto, o engenheiro alemão reforça a dicotomia “civilizado versus selvagem”, muito comum nos discursos colonialistas do século XIX e pouco rechaçada por leitores e críticos inseridos naquele contexto histórico.

Entretanto, a sua breve descrição do ritual fúnebre praticado pelo ancião caripuna em respeito aos seus mortos possui grande valor etnográfico, por revelar aspectos da cosmovisão Caripuna, ainda que filtrada pela perspectiva externa de um colonizador europeu.

Conforme será observado ao longo desta tese, *Vom Amazonas und Madeira* contém vasto conteúdo etnográfico indígena, contando inclusive com um capítulo específico no qual Keller discorre sobre “tribos selvagens do rio Madeira” e de outras localidades. Portanto, não é tarefa simples compreender o motivo pelo qual Zaluar resolveu selecionar justamente os excertos sobre os Caripuna para sua publicação no *O Vulgarizador*. No entanto, como será exposto posteriormente, os Caripuna também eram representados como indígenas do cômputo da parte extremamente hostil e antropofágica das etnias que habitavam o Vale do rio Madeira. Desta feita, o contato pacífico que Keller descreve ter ocorrido entre sua comitiva e aqueles indígenas, que os conduziram amigavelmente até a sua comunidade, denota um episódio de aventura e muita coragem que certamente seria apreciado pelo leitor amante do relato de viagem.

Em 1880, os *Anais da Biblioteca Nacional*, assim como *O Vulgarizador*, também divulgam recortes de aspectos da etnografia indígena da obra de Franz Keller, mencionando a primeira edição londrina de sua obra intitulada *The Amazon and Madeira rivers* no rol da “Bibliografia das obras tanto impressas quanto manuscritas relativas à língua Tupi ou Guarani também chamada Língua Geral do Brasil”, por Alfredo do Valle Cabral, citando um trecho sobre a “Língua dos Caripunas” constante à página 132²⁹⁶ da referida edição inglesa, conforme segue:

Figura 40. Menção à *The Amazon and Madeira* nos Anais da BN (1880).

167. * LANGUAGE of the Caripunas.

KELLER (Franz). *The Amazon and Madeira rivers*. London, Chapman and Hall, 1874, in-fol. — Na pg. 132.

Em inglez e caripuna. São 30 vozes extrahidas do vocabulario que nos dá Martius no seu *Glossaria linguarum brasiliensium*, de pp. 240 a 242.

Da interessante obra do snr. Keller ha uma edição em allemão, a qual não tenho presente na occasião para precisar a pagina em que nella se-acham os vocabulos caripunas.

Fonte: *Anais da Biblioteca Nacional* (1880, edição 8, p. 189).

²⁹⁶ Esta publicação é reproduzida em 1881, na edição B9 dos Anais da Biblioteca Nacional, no âmbito da “Linguística Brasileira”.

Destacam-se o fato de Franz Keller ter extraído as 30 palavras (em inglês e caripuna)²⁹⁷ de um glossário do naturalista alemão Martius, bem como a observação de que “há uma edição em alemão” da obra de Keller, porém o editor não dispõe de um exemplar para informar ao leitor a página na qual constam tais vocábulos. Analisando a edição alemã de 1874, observamos que a relação de vocabulários consta à página 112 e está nas línguas alemã e caripuna.

Na página 190 da mesma edição 8 dos Anais, a primeira edição londrina de *Vom Amazonas und Madeira* é novamente mencionada, porém, apenas para informar que nela há “um diálogo ou doutrinação cristã, tal como era ensinado há duzentos anos nas Missões Jesuíticas espanholas²⁹⁸”, em inglês e guarani:

Figura 41. Menção a excerto etnográfico de *The Amazon and Madeira Rivers nos Anais da BN* (1880).

168. * A DIALOGUE ou Christian Doctrine, as it was taught two hundred years ago in the Spanish Jesuit Missions.
KELLER (Franz). *The Amazon and Madeira Rivers*. London, Chapman and Hall, 1874, in-fol. — Nota na pp. 135.
Em inglês e guarani.

Fonte: *Anais da Biblioteca Nacional* (1880, edição 8, p. 190).

Depreende-se desses registros que a Biblioteca Nacional não dispunha da primeira edição alemã de *Vom Amazonas und Madeira* no seu acervo, mas apenas da primeira edição londrina em formato in-fólio²⁹⁹. Acerca das publicações destacando aspecto etnográfico indígena da obra, infere-se que essa temática era vista como atrativa aos leitores da capital do império e talvez ao próprio governo. Conforme explicaremos a seguir, o leitor que se interessasse em expandir o conhecimento ou sanar a curiosidade pelo assunto, poderia acessar o exemplar físico nas dependências da biblioteca, pois qualquer pessoa poderia adentrar os espaços destinados ao público geral.

Os Anais da Biblioteca Nacional foram criados em 1876 por Benjamim Franklin de Ramiz Galvão, considerado “um dos mais notáveis diretores (1870-1882) da

²⁹⁷ Infere-se que Keller não sabia a língua dos Caripuna, pois se apropria de resultados de pesquisa de seu compatriota Martius.

²⁹⁸ Para o benefício do leitor particularmente interessado em Guarani, adiciono aqui um diálogo de doutrinação cristã, tal como era ensinado há duzentos anos nas Missões Jesuíticas espanholas (Keller-Leuzinger, 2021, p. 237). Nessa edição brasileira, o diálogo está em português e guarani.

²⁹⁹ Diz-se do formato que tem a folha de impressão dobrada em duas, resultando cadernos com quatro páginas (Dicionário Michaelis). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=kLpy3>. Acesso em: 06 maio 2025.

Biblioteca Nacional em seus mais de 200 anos”. Os Anais se referem à “principal publicação desta instituição por divulgar, ao longo de 137 anos, vasto e original material documentário, bibliográfico e interpretativo referente ao seu precioso acervo e as suas atividades técnicas” (Brasil, 2014, on-line).

De acordo com o pesquisador Luiz Antônio da Silva (2010, p. 68), a origem da Biblioteca Nacional “foi o acervo de livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas, que constituía a Real Biblioteca da Ajuda, trazido ao Brasil pela família real portuguesa”. Sua instalação ocorre em 1810 com o nome de Real Biblioteca e um ano depois “já atendia mediante prévia autorização régia”; estando “aberta a toda a população da cidade” a partir de 1814.

Em 1817, “os naturalistas alemães Spix e Martius classificaram a biblioteca como um “presente que o rei trouxe consigo de Portugal para a capital do Brasil”, e que seu acervo “era de 70 mil itens”. Além disso, informaram que “a entrada da biblioteca era facultada ao público durante grande parte do dia”. Porém, observaram “o vazio das salas por falta de leitores” e que essa “baixa frequência devia-se ao fato da pouca importância que se dava aqui às ‘ocupações literárias’” (Silva, 2010, p. 68-69, grifo nosso).

Essa característica de espaço esvaziado foi ressaltada por visitantes ilustres durante um período superior a sessenta anos (1817 a 1883), conforme observado no artigo de Silva (2010). Destaca-se também o desinteresse “pelas ocupações literárias”, exceto pela leitura gratuita de jornais de todas as províncias do império que eram diariamente encaminhados para a aludida biblioteca. Portanto, considerando se tratar de um centro de referência para pesquisadores, estudiosos e leitores de várias partes do império brasileiro e até do mundo, a presença de um exemplar em língua inglesa de *Vom Amazonas und Madeira* em seu acervo contribui para a circulação da obra.

No dia 12 de agosto de 1882, o *Jornal do Recife* (PE)³⁰⁰ publica o capítulo VII de um artigo intitulado “O fim da criação”. O texto de apenas seis parágrafos faz menção às considerações de José e Francisco Keller acerca da natureza geológica de certas regiões do Brasil. Tais reflexões são concernentes ao relatório da exploração do rio Madeira entregue ao governo brasileiro, cujos excertos constam no apêndice de *Vom Amazonas und Madeira*.

³⁰⁰ Edição 183, p. 1, primeira coluna. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/19315>. Acesso em: 10 mar. 2023.

A discussão gira em torno da opinião de Franz Keller e de seu pai e outros especialistas da área, como o geólogo britânico Charles Lyell, o geólogo suíço Louis Agassiz e o naturalista e geógrafo alemão Alexander von Humboldt acerca da presença e origem do grés vermelho no solo brasileiro. Segundo o autor, os Keller concordam com Humboldt acerca de o “período devoniano”³⁰¹ ter sido o mais abundante em grés vermelho³⁰² no hemisfério norte, bem como que os grés do Amazonas teriam se formado dentro do mar. Os Keller “também reconheceram como secundários os grés que observaram em parte do leito e margens do rio Iguassú, na província do Paraná”. Por sua vez, Agassiz discorda de todos eles, pois para ele os referidos grés não têm qualquer vestígio marinho.

Verifica-se nesse excerto de artigo que Franz Keller e seu pai são mencionados em uma discussão científica com importantes geólogos e naturalistas que desenvolveram pesquisas na América do Sul durante o Oitocentos. Ademais, as únicas fontes de pesquisa mencionadas no texto são dois relatórios dos Keller (1867 e 1869), fato que conduz o leitor interessado na temática a iniciar sua leitura a partir desses textos. O artigo não menciona *Vom Amazonas und Madeira* como fonte de pesquisa. Porém, se o fizesse, um leitor especializado optaria pela leitura dos relatórios, não só por estarem no vernáculo da língua portuguesa e gratuitamente acessíveis, mas pelo fato de a obra abrigar apenas alguns dos seus excertos.

Depreende-se das publicações analisadas que os periódicos brasileiros se ocuparam mais em divulgar Franz Keller do que a obra *Vom Amazonas und Madeira*, que deixa de ser mencionada até quando as publicações são alusivas a seus excertos textuais e iconográficos, como o caso da revista *Ilustração Brasileira*, que reproduz alguns de seus desenhos e discorre sobre a viagem de Keller ao rio Madeira da qual a referida obra é decorrente.

Quando a obra é referenciada nas publicações de um periódico comercial e outro popular – *Jornal do Comércio (1874)* e *O Vulgarizador (1877)* –,

³⁰¹ Corresponde aproximadamente ao período de tempo: 400 e 360 Ma. [...] Neste período ocorre uma grande abundância e diversificação dos peixes, nunca provada antes na história da vida e por este motivo o devoniano é conhecido também como “período dos peixes”. Surgem também os tetrápodes, os anfíbios e a flora começa a dominar o ambiente terrestre de licopódios e pteridospermatófitas (samambaias com sementes que hoje estão extintas) e eram muito parecidas com as de hoje em dia. Disponível em: <https://faeng.ufms.br/periodo-devoniano/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

³⁰² Grés é um material de argila de grão fino, plástica, sedimentária e refratária (Houaiss, 2012). Disponível em: <https://itr.ufrj.br/biblioteca/wp-content/uploads/2017/10/T278.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

respectivamente, a circulação de seus excertos, principalmente os etno-iconográficos, ganham um público leitor nacional. Se a barreira linguística impediu os brasileiros de lerem a obra na íntegra, por outro lado teve acesso a partes delas, provavelmente aquelas que os editores consideravam de interesse para o público leitor. A imprensa nacional explorou os aspectos editoriais luxuosos da obra, seu relevante conteúdo científico, as aventuras exploratórias narradas e, principalmente, a questão exótica da fauna e das civilizações indígenas “selvagens” que habitavam a região amazônica ainda desconhecida por muitos brasileiros.

É importante salientar que a vinculação de Franz Keller ao projeto de construção de uma ferrovia ao longo do rio Madeira também foi destacada pela imprensa, o que demonstrava seu alinhamento aos discursos de progresso e integração nacional, dando a entender que Keller seria um dos responsáveis pela modernização da Amazônia.

Conforme explanaremos posteriormente, na circulação e recepção da obra no estrangeiro, especificamente em uma publicação do periódico alemão *Petermanns Mitteilungen* (1874, v. 20), o preço de venda de *Vom Amazonas und Madeira* era considerado alto até mesmo para os padrões europeus da época. Portanto, o público que a imprensa brasileira pretendia persuadir a adquirir a obra esbarraria também nesse obstáculo: o financeiro. O *Vulgarizador*, por sua vez, divulgou a obra acreditando na comercialização de uma edição em língua portuguesa, mas que só ocorreu em 2021, 144 anos depois da publicação do seu artigo sobre os Caripuna.

5.2 CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO NO MERCADO EDITORIAL ESTRANGEIRO

Com vistas a investigar como se deu a circulação e a recepção crítica de *Vom Amazonas und Madeira* na imprensa e mercado editorial estrangeiros durante o século XIX, foram investigadas publicações sobre a obra e seu autor em plataformas de bibliotecas digitais estrangeiras como *Google Books*, *Gallica*, *HathiTrust*, *Internet Archive*, *JSTOR*, *Universitätsbibliothek Heidelberg* e *WorldCat*, bem como artigos científicos, dissertações e teses localizadas através de pesquisa por descritores específicos no buscador *Google*. Após pesquisa nessas plataformas, foram localizadas menções a Keller e/ou à circulação ou recepção de sua obra, no período de 1874 a 1899, em livros e periódicos alemães, britânicos, estadunidenses e

franceses. Os achados foram traduzidos para a língua portuguesa com o auxílio de dicionários e tradutores on-line.

Em 1874, ano de publicação da 1ª edição alemã de *Vom Amazonas und Madeira*, o importante periódico francês *Le Tour du Monde: nouveau journal de voyage* publica, em seu volume 28, um extenso texto³⁰³ constituído, segundo informa, por excertos dos capítulos IV, XIV, XVI e XVIII de *Vom Amazonas und Madeira*, dando-lhe o título “Viagem de exploração ao Amazonas e ao Madeira”³⁰⁴, com “desenhos de M. Franz Keller-Leuzinger, tradução inédita da edição alemã”, com 47 páginas e reprodução de 23 dos 68 desenhos que compõem o relato de Keller.

Ao longo da leitura desse texto francês, observa-se nitidamente que a única diferença entre ele e o publicado pela revista *Ilustração Brasileira* (1876) está no idioma e nos desenhos que os compõem. Salienta-se também que, ao contrário da revista brasileira, que não menciona a obra de Keller, o texto do periódico francês esclarece, em nota de rodapé, que a viagem narrada “foi traduzida e extraída do livro do Sr. engenheiro Franz Keller-Leuzinger, vol I, in 4, Stuttgart, 1874. - Viagem sobre o Brasil, t. IV, XIV, XV, XVI e XVIII. XXVIII. - 727º LIV”³⁰⁵.

Essa semelhança também foi evidenciada por alguns críticos, que, segundo Vergara (2013), ventilavam a possibilidade de a revista ilustrada brasileira (1876) ter reproduzido integralmente o artigo publicado dois anos antes no *Le tour du Monde* (1874):

Para Orlando da Costa Ferreira, Fleiuss transcreveu o texto na íntegra da revista francesa *Tour du Monde*. Com passagens semelhantes e a adoção do mesmo título, “Viagem d’Exploração ao Amazonas e ao Madeira”, tradução literal do francês “*Voyage d’Exploration sur l’Amazone et le Madeira*”, esta edição pode ter precipitado a conclusão de Costa Ferreira de que se tratava de uma cópia. O que verifiquei após cotejar os dois artigos é que esta afirmação não se sustenta, pois Fleiuss era alemão e não precisaria de uma tradução em francês para publicar o relato de Keller-Leuzinger em sua revista. Cabe acrescentar também que as imagens que ilustraram ambos os artigos eram diferentes (Vergara, 2013, p. 91, grifo nosso).

³⁰³ Para Feitosa (in Keller-Leuzinger, 2021) e Vergara (2013), esse texto é um “artigo”.

³⁰⁴ Original em francês: *Voyage d'Exploration sur l'Amazone et le Madeira*.

³⁰⁵ Original em francês: *Ce voyage est traduit et extrait de l'ouvrage de M. l'ingénieur Franz Keller-Leuzinger, 1 vol. in-4, Stuttgart, 1874. - Voy. sur le Brésil, t. IV, XIV, XV, XVI et XVIII. XXVIII. - 727º LIV. (Le Tour du Monde, p.369). Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34402b/f372.item.r=franz%20keller>. Acesso em 10 jan. 2023.*

Não podemos corroborar totalmente a afirmação de Vergara, considerando que, conforme exposto anteriormente, só localizamos na Hemeroteca Digital as partes 1 e 2 do texto publicado na *Ilustração Brasileira*, contra 12 partes do publicado no jornal francês. No entanto, para ilustrar a semelhança entre eles, observemos nos excertos constantes nas figuras a seguir – relativos aos finais das partes 1 e 2 de ambos –, que o conteúdo é idêntico, pois são principalmente reproduções de fragmentos dos capítulos 1 e 2 de *Vom Amazonas und Madeira*.

Figura 42. Excerto da Parte I do artigo na *Ilustração Brasileira*.

A ponta, presa á vâra por um comprido e delgado cordão de fio de ananás, destáca-se desta no momento do subito mergulho do animal; o cordão desdobra-se, e o leve aparelho fluctua como uma boia á tona d'agua; o pescador apressa-se em apanha-lo e a tartaruga é puchada sem difficuldade na ponta do cordão. Apenas surge á superficie, para melhor segural-a, dão-lhe com um harpão; depois de cuja operação a embarcam. Ha tartarugas que medem um metro e treze centimetros de comprimento com um de largura e quarenta centimetros de espessura.

(Continúa.)

Fonte: *Ilustração Brasileira* (1876, p.7, 1ª coluna).

Figura 44. Excerto da Parte II do artigo na *Ilustração Brasileira*.

Não podemos infelizmente certificar-nos com evidencia da questão de saber se ha aqui alguma charlatanaria, ou se realmente o nosso organismo, em virtude de uma inoculação praticada gradualmente, pôde alcançar garantir-se contra a acção soberana de principios toxicos como se dá, até certo ponto, quanto ao virus na variola.

(Continúa.)

Fonte: *Ilustração Brasileira* (1876, p.6, 2ª coluna).

Figura 43. Excerto da Parte I do artigo no *Le Tour du Monde*.

çonnée d'une manière spéciale. La pointe, tenue à la tige par un long et mince cordon de fils d'ananas, se détache de celle-ci au moment du plongeon soudain de l'animal; le cordon se déroule, l'appareil léger flotte comme une bouée à la surface de l'eau; le pêcheur se hâte d'aller le saisir, et la tortue est attirée sans peine au bout du cordon. Dès qu'elle paraît à la surface, pour mieux s'assurer d'elle, on la frappe d'un lourd harpon; après quoi, on l'embarque. Il y a des tartarugas qui ont un mètre trois centimètres de longueur sur un mètre de largeur et quarante centimètres d'épaisseur.

Fonte: *Le Tour du Monde* (1874, p. 374, 1ª coluna).

Figura 45. Excerto da Parte II do artigo no *Le Tour du Monde*.

ment des serpents dangereux. Nous n'avons pu malheureusement nous édifier avec évidence sur la question de savoir s'il y a là-dessous quelque jonglerie, ou si réellement notre organisme, en vertu d'une inoculation pratiquée graduellement, peut arriver à se garantir contre l'action souveraine des principes toxiques, comme c'est le cas, en quelque sorte, pour le virus de la variole.

Fonte: *Le Tour du Monde* (1874, p. 378, 2ª coluna).

É importante esclarecer o periódico *Le Tour du Monde* informa em nota de rodapé que Jules Gourdault traduziu os capítulos “IV, XIV, XV, XVI e XVIII” da 1ª edição alemã de *Vom Amazonas und Madeira* para a língua francesa para compor o texto. Entretanto, todas as edições do referido relato de viagem de Franz Keller possuem apenas 7 (sete) capítulos, conforme quadro a seguir.

Quadro 2 – Quantitativo de desenhos por capítulo de *Vom Amazonas und Madeira* publicados no *Le Tour du Monde*.

Capítulo I	Capítulo II	Capítulo III	Capítulo IV	Capítulo V	Capítulo VI	Capítulo VII
Do Rio de Janeiro às corredeiras do rio Madeira	As corredeiras dos rios Madeira e Mamoré	Vida nos acampamentos e nas canoas	Pesca e caça nas Províncias do Amazonas e Mato Grosso	A vegetação da mata virgem às margens do Amazonas e Madeira	As tribos selvagens do Vale do rio Madeira	Os índios Mojos da antiga missão jesuíta na Bolívia
6 de 13	3 de 8	3 de 7	2 de 9	3 de 14	3 de 6	3 de 10

Fonte: Próprio autor.

Por consequência, resta a pergunta acerca do equívoco com relação à quantidade de capítulos que não correspondem com a edição alemã e as subsequentes. No que concerne às ilustrações publicadas na revista, observa-se no quadro abaixo quais delas foram selecionadas pelo editor da revista francesa:

Quadro 3 – Relação nominal de desenhos de *Vom Amazonas und Madeira* publicados no *Le Tour du Monde*.

N.º Ordem	Título do desenho	Capítulo e Página da edição brasileira de <i>Vom Amazonas und Madeira</i>	Página no <i>Le Tour du Monde</i>
1.	A entrada da baía do Rio de Janeiro	Cap. 1, p. 64	P. 369
2.	Jangada nas ondas	Cap. 1, p. 67	P. 372
3.	As embarcações dos rios Amazonas, Negro e Madeira	Cap. 1, p. 81	P. 373
4.	Igarapé do Espírito Santo, ou Igarapé do Correio, em Manaus	Cap. 1, p. 78	P. 376
5.	Casa de um próspero seringueiro	Cap. 1, p. 87	P. 377
6.	Caça de tartarugas no rio Madeira	Cap. 1, p. 90	P. 380
7.	A cachoeira do Teotônio, no rio Madeira	Cap. 2, p. 96	P. 381
8.	Folha de palmeira	Cap. 2, p. 104	P. 382
9.	Local de descanso à sombra de um gigante da floresta	Cap. 3, p. 132	P. 383
10.	As corredeiras do Ribeirão, vistas de cima	Cap. 2, p. 107	P. 384
11.	O café-da-manhã de nossos remadores	Cap. 3, p. 137	P. 385
12.	Matando um jacaré	Cap. 3, p. 141	P. 389
13.	Índio Mojo retornando de uma pescaria	Cap. 4, p. 158	P. 391
14.	Índios caripunas com a anta abatida	Cap. 4, p. 162	P. 393
15.	Preparo da borracha	Cap. 5, p. 189	P. 397
16.	Árvore de raízes tubulares	Cap. 5, p. 173	P. 400
17.	Índio Mojo da Antiga Missão de Trinidad	Cap. 7, p. 273	P. 401
18.	O primeiro assentamento de um seringueiro no rio Madeira	Cap. 5, p. 184	P. 405
19.	A antiga Missão de Exaltación de La Santa Cruz	Cap. 7, p. 269	P. 407
20.	Canoa de casca de árvore dos índios Araras	Cap. 6, p. 212	P. 408
21.	Nosso primeiro encontro com os índios Caripunas	Cap. 6, p. 218	P. 409
22.	Missa solene em Trinidad	Cap. 7, p. 265	P. 413
23.	Retrato de um jovem índio Caripuna	Cap. 6, p. 221	P. 416

Fonte: Próprio autor.

Nota-se que o texto francês utiliza ilustrações de todos os sete capítulos do relato de Keller-Leuzinger. Porém, em alguns casos, a reprodução desses desenhos no texto ocorre de forma aleatória e não como constam ao longo do relato. Por se tratar da reprodução de quarenta e sete laudas do relato e vinte e três ilustrações, ele reproduz excertos de quase toda a obra *Vom Amazonas und Madeira*, com exceção apenas do seu apêndice, o que demonstra que não interessava à revista francesa a reprodução de dados técnico-científicos da obra.

A análise comparativa entre os textos publicados no *Le Tour du Monde* (1874) e na revista *Ilustração Brasileira* (1876) demonstra que nenhum dos 23 desenhos reproduzidos no artigo do periódico francês consta no artigo publicado pela revista brasileira. Entretanto, os 5 desenhos escolhidos pela *Ilustração Brasileira* possuem a mesma temática de desenhos constantes no artigo em língua francesa, conforme segue:

Quadro 4 – Desenhos de Keller no *Le Tour du Monde* (1874) x *Ilustração Brasileira* (1876).

Periódico	Título do desenho	Temática	Título do desenho	Periódico
Ilustração Brasileira	Os picos enrugados da serra dos órgãos	A beleza da baía de guanabara	A entrada da baía do rio de janeiro	Le Tour du Monde
	Entrada da baía do rio de janeiro, vista do corcovado			
	Margem assoreada do rio madeira, com palmeiras javari semissubmersas	O bucolismo às margens de um rio amazônico	Igarapé do espírito santo, ou igarapé do correio, em Manaus	
	Preparativos para a caça de jacarés.	Exotismo/Aventura	Matando um jacaré	
	Toujours Perdrix!	Exotismo (casco enorme de tartaruga nos 2 desenhos)	Preparo da borracha	

Fonte: Próprio autor.

Constatada a paridade entre o texto brasileiro que corresponde às duas primeiras partes do artigo francês, decerto todas as observações apontadas acerca do primeiro se repetem no extrato do segundo. Portanto, para evitar redundâncias, falaremos brevemente sobre suas semelhanças, para depois focar na análise das outras dez partes que compõem o artigo do *Le Tour du Monde*.

Das semelhanças entre os textos brasileiro e francês, é importante ressaltar que ambos, por se tratarem da tradução de excertos do relato de Keller, apresentam a faceta do autor tal como ele a construiu na obra, qual seja, a de um explorador

corajoso que fora contratado pelo governo imperial para levar desenvolvimento econômico à Amazônia por meio de um estudo que viabilizaria a edificação de uma ferrovia ao longo do rio Madeira e integrar essa importante região ao restante do império brasileiro. Para tanto, o “aventureiro” percorre um trajeto perigoso desde a Província do Rio de Janeiro até a Exaltación e Trinidad, na República da Bolívia, fronteira com a porção amazônica da então Província do Mato Grosso.

Como estratégia para captar a atenção do leitor europeu oitocentista, interessado em “informações” dos “povos desconhecidos” do além-mar, a narrativa reproduz do relato de Keller detalhes dos aspectos exóticos da fauna, da floresta e principalmente dos rios, cuja navegação é desafiadora devido às corredeiras e cachoeiras perigosas do rio Madeira e inevitáveis encontros com povos indígenas de variadas etnias e costumes. Aquele encontro de Keller com os Caripuna, narrado pelo *O Vulgarizador (1877)*, também é mencionado por esse texto francês. No entanto, neste comenta-se que os Caripuna têm um passado de hostilidade e canibalismo, assim como os Parintintins e os Canichanas.

Os dois textos salientam ao leitor o potencial econômico da região amazônica, especialmente no que concerne à extração de borracha – detalhando os *modus operandi e vivendi* do seringueiro (um quase anfíbio) –, do cacau e da castanha-do-Pará. Além disso, ambos os excertos selecionados a partir da obra de Keller defendem que o governo brasileiro deveria investir em melhorias na infraestrutura da região, como ferrovias e linhas de navegação.

Acerca das discrepâncias entre os excertos, nota-se que, enquanto a *Ilustração Brasileira* simplifica e adapta seu texto para um público brasileiro diversificado – porém mais interessado em conhecer aquela “exótica” região brasileira tão diferente –, o texto do *Le Tour du Monde* se detém em aspectos etnográficos e científicos da viagem de exploração.

Quanto à etnografia amazônica, o recorte a seguir ilustra que o periódico francês também apresentou ao leitor europeu algumas lendas amazônicas, dentre as quais o “Boto” e a “Mãe d’água”:

Essas manifestações sonoras, tão extraordinárias em um animal que tem a aparência de um peixe, combinadas com o fato de que ele parece gostar de estar nas proximidades do homem, a ponto de tropas de vinte a trinta indivíduos terem sido vistas muitas vezes seguindo barcos por longas distâncias, explicam, sem dúvida, a origem de todas as histórias fantásticas que circulam sobre os botos entre os

habitantes dessas regiões, desde o mestiço, o mulato grosseiro ou zambo, até o comerciante de origem portuguesa.

Dizem que eles têm a capacidade de assumir a forma humana e de entrar em nosso meio, nem mais nem menos do que se fossem cristãos. O único sinal pelo qual esses demônios aquáticos se traem, quando lhes agrada vir à terra para cumprir suas ordens, é que seus pés estão sempre virados para trás; mas "é fácil, é concebível, não notar essa peculiaridade na escuridão da noite, que eles preferem para suas idas e vindas.

[...]

Outro monstro fabuloso, de certa forma relacionado, ao que parece, à nossa famosa serpente marinha, é o animal chamado Minhocão (verme grande), ou Mãe d'água (mère d'eau). É uma cobra de tamanho tão colossal que, de acordo com os habitantes locais, o rio sobe ou desce, dependendo do fato de ela ter mergulhado ou não. Esse monstro compartilha o nome Mãe d'água com uma espécie de Lorelei³⁰⁶ brasileira que realiza seu sabá em torno de Manaus, na foz do Tarumã, um pequeno afluente do Rio Negro.

Ela é uma bela mulher com cabelos dourados – não se sabe se, seguindo o exemplo da alemã Lorelei, ela os penteia com um pente de ouro – e todos os que a veem são envolvidos por sua magia. As almas infelizes são tomadas pelo desespero e nunca mais encontram o caminho de volta para casa. A sereia fixou residência em um desfiladeiro estreito, que uma espessa cúpula de vegetação torna impenetrável aos raios solares. Esse desfiladeiro é objeto de terror supersticioso, e não há um Tapuyo que se atreva a passar por esse lado ao anoitecer (Le Tour du Monde, 1874, p.390, primeira coluna, tradução e grifo nossos)³⁰⁷.

³⁰⁶ Lorelei (ou Loreley) é um rochedo localizado junto ao rio Reno, próximo da cidade de Sankt Goarshausen, no estado alemão de Renânia-Palatinado, elevando-se a 120 metros acima do nível do rio. O nome provém de lendas germânicas sobre ninfas que viviam nas águas (Fonte: Google).

³⁰⁷ Original em francês: Ces manifestations sonores, si extraordinaires chez un animal qui a l'aspect d'un poisson, jointes à ce fait d'observation qu'il semble se plaire dans le voisinage de l'homme, au point qu'on a vu souvent des troupes de vingt à trente individus suivre sur de longs parcours les embarcations, expliquent sans doute l'origine de toutes les histoires fantastiques qui circulent au sujet des Botos parmi les habitants de ces contrées, depuis le métis à demi sauvage, le grossier mulâtre ou Zambo, jusqu'au commerçant qui est portugais d'extraction. On raconte qu'ils ont la faculté de revêtir la forme humaine, de s'introduire parmi nous, ni plus ni moins que s'ils étaient des chrétiens. Le seul signe par lequel ces aquatiques démons se trahissent, lorsqu'il leur plaît de venir à terre pour y faire les cent coups, c'est que leurs pieds sont toujours tournés en arrière; mais "il est facile, on le conçoit, de ne pas remarquer cette particularité dans les ténèbres de la nuit, qu'ils choisissent de préférence pour leurs allées et venues. [...] Un autre monstre fabuleux, un peu cousin, ce semble, de notre fameux serpent de mer, c'est l'animal qu'on appelle Minhocão (grand ver), ou Mae d'agua (mère d'eau). C'est un serpent d'une taille si colossale, qu'au dire des riverains, la rivière monte ou s'abaisse, selon qu'il s'y plonge ou qu'il en sort. Ce monstre partage du reste ce nom de Mae d'agua avec une espèce de Lorelei brésilienne qui fait son sabbat aux environs de Manaus, à l'embouchure du Taruma, un petit affluent du Rio-Negro. C'est une belle femme aux cheveux d'or, — on ne dit pas si, à l'exemple de la Lorelei allemande, elle les peigne avec un peigne d'or; — tous ceux qui l'aperçoivent sont enlacés de sa magie. La démente s'empare des malheureux, qui ne retrouvent plus jamais leur chemin pour s'en retourner chez eux. La sirène a élu domicile dans une gorge étroite, qu'un dôme épais de verdure rend impénétrable aux rayons du soleil. Cette gorge est l'objet d'une terreur superstitieuse, et il n'y a pas un Tapuyo qui oserait s'attarder, à la nuit tombante, de ce côté.

Keller, em seu relato, inclui os mitos amazônicos no terreno do fantástico, procurando aproximá-los, sempre que possível, de um repertório familiar aos europeus. Um primeiro indício desse procedimento é se referir a eles por meio de termos europeus, como monstros, demônios, etc, recuando, de certa forma, ao imaginário dos viajantes que atravessavam os Atlântico no século XVI. Isso é válido tanto para o boto quanto para a serpente marinha. No caso do mito da Mãe dá'gua, a tentativa de aproximação é evidente, uma vez que o autor a compara ao que ele chama de “nossas serpentes marinhas”. Essa tentativa de produção de analogias também revela os limites de sua compreensão acerca dos próprios mitos que tenta relatar. Keller não menciona qual seria a personagem mítica similar à Lorelei, cuja lenda foi popularizada na Alemanha do século XIX³⁰⁸, mas por certo os povos originários da região não produziram uma lenda cuja personagem mítica teria os cabelos dourados, penteados com um pente de ouro.

Como bem observa o folclorista e antropólogo Câmara Cascudo “no século XVI e XVII não havia registros da existência de uma lenda sobre a lara”, pois “as lendas indígenas da época mencionam apenas o homem marinho, nomeado de Ipupiara, uma criatura assustadora que habita o fundo das águas, afogador de índios”. Cascudo acredita que a personificação da lara foi influenciada pelos portugueses, “ao deduzirem arbitrariamente que esse fantasma marítimo seria uma sereia”, modificando e silenciando a verdadeira lenda indígena, “resultando na criação da Mãe Dá'gua [...] linda sereia de cabelos louros e olhos verdes, que vivia no fundo dos rios” (Sousa; Rodrigues; Silva, 2021, p. 51-52, grifo nosso).

No caso da lenda do Boto, o equívoco também é evidente, uma vez que o personagem cujos pés são voltados para trás é o Curupira. Parece evidente que o relato de Keller acerca desses mitos se ancora nas interpretações pós-coloniais desses mitos, que podem ter sido narrados a ele no decorrer da expedição ou mesmo lidos por ele nas narrativas de outros viajantes.

Além dos mitos do *Boto* e da *Mãe dá'gua*, o relato de Keller também menciona a lenda do *Caipora* “(Caapora, homem da floresta)”, como sendo “Outro demônio da floresta não menos temido, e com aparência menos atraente”. Para Keller, o Caipora “é um velho peludo e hediondo, com um vigor corporal prodigioso, que fica à espera dos caçadores para torcer seus pescoços”. Para “escapar de suas garras

³⁰⁸ A personagem mítica é tematizada no poema “Die Lorelei” (1824), do poeta romântico alemão Heinrich Heine.

assustadoras”, é preciso “prender a respiração e se esconder entre os arbustos e galhos. Se houver algum descrente que não queira fazer nada a respeito, ele pode ser forçado a fazer isso” (Le Tour du Monde, 1874, p. 390, primeira e segunda colunas, tradução nossa)³⁰⁹.

Tentando elucidar a origem desse mito – que ele chama de “superstição” – para seu leitor europeu, Franz Keller descarta a possibilidade de o Caipora ser, na verdade, um macaco de grande porte, uma vez que as florestas do Brasil não são “habitadas por grandes macacos semelhantes ao homem, como o orangotango, o gorila ou o chimpanzé”. O autor chega à conclusão de que se deve “procurar a origem dessa fábula nas crenças demoníacas sombrias dos índios, que acreditam que espíritos malignos e dominadores estão sempre em seus calcanhares (Le Tour du Monde, 1874, p. 390, segunda colunas, tradução e grifo nossos)³¹⁰.

A publicação de alguns capítulos da obra de Keller em um periódico especializado em relatos de viagem fez com que leitores que não dominavam o alemão pudessem ter acesso a uma parcela de sua obra. Foi exatamente por intermédio do referido periódico francês que o já famoso romancista Jules Verne³¹¹ teve acesso a muitos excertos do relato de viagem de Keller presentes no texto “Voyage d’Exploration sur l’Amazone et le Madeira”.

No “Capítulo V – O Rio Amazonas”, do romance *A Jangada*, publicado em 1881, o próprio Júlio Verne menciona Franz Keller-Leuzinger como “engenheiro brasileiro” no rol dos “visitantes do rio Amazonas e seus afluentes” depois de Humboldt e Bonpland (Verne, 2020). O fato de Verne ter se referido a Franz Keller como brasileiro sugere mais que um simples lapso, pois traz à tona que àquela altura o engenheiro alemão, embora já tivesse publicado um relato de viagem que gozava de ligeira ascensão no mercado editorial europeu – com uma edição inglesa e outra estadunidense no ano de sua publicação –, era praticamente uma figura

³⁰⁹ Original em francês: Un autre démon des forêts non moins redouté, et qui n'a pas l'extérieur aussi avenant, c'est le Caepora “Caapora, homme des bois). C'est un vieillard velu, hideux, d'une prodigieuse vigueur corporelle, qui guette les chasseurs pour leur tordre le cou. Tout bruit insolite dans le fourré est mis sur le compte du Caepora, et le seul moyen d'échapper alors à ses grifes redoutables, c'est de retenir jusqu'à som haleine en se cachant parmi les buissons et le branchage. S'il se trouve des incrédules qui n'en vculent rien faire, on les y contraint, au besoin, par la force.

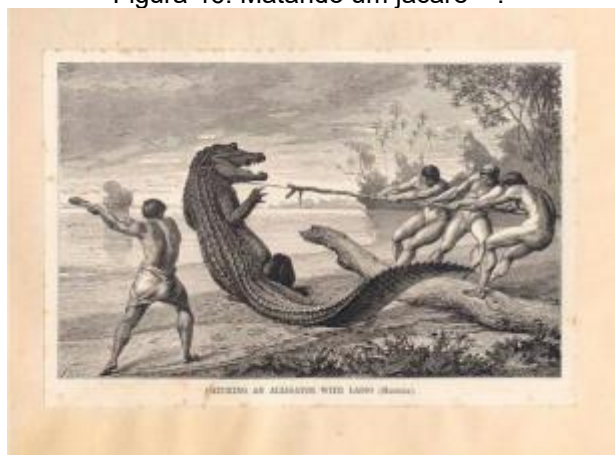
³¹⁰ Original em francês: Si les forêts du Brésil étaient habitées par de grands singes à l'effigie de l'homme, tels que l'Orang-outang, le Gorille ou le Chimpanzé, on comprendrait aisément cette superstition populaire; [...] Il faut donc chercher l'origine de cette fable dans les sombres croyances démoniaques des Indiens, qui se figurent avoir toujours sur Jes talons des esprits malfaisants et dominateurs.

³¹¹ Aportuguesado para “Júlio”.

desconhecida, uma vez que, segundo Kohl (2012), em meados de 1880, Franz Keller atuava como professor de desenho e ilustrador. Interessa ressaltar ainda, que Verne também se apropriou de informações de caráter etnográfico e iconográfico concernentes a excertos do relato de Keller publicado no periódico francês, como relatou Michel Riaudel (1992) no artigo intitulado “O rio palimpsesto: O Amazonas de Júlio Verne, das fontes à ficção”.

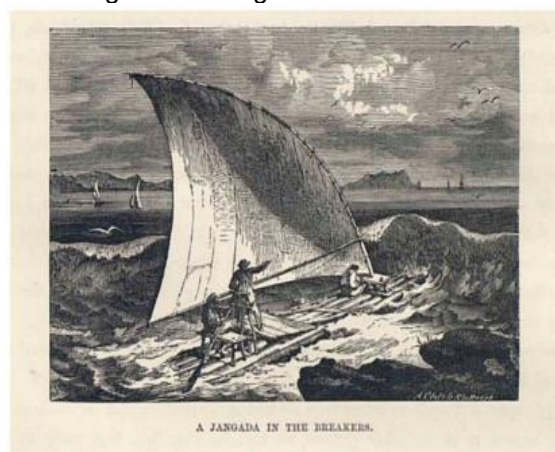
Para Riaudel (1992, p. 67, grifo nosso), é do artigo publicado no *Le Tour du Monde* que “Verne tira o trecho do capítulo XI dedicado às lendas amazônicas, o “Minhocão”, a “Mãe d’Água”, dele também que toma emprestado a referência a certas árvores, como estas “castanheiras de alburno resistente, que produzem nozes tricornes”. Além disso, o autor crê que os desenhos de Keller reproduzidos na revista francesa “podem ter alimentado o imaginário do escritor”. Como exemplo, “Um aligátor de temível tamanho lembra-nos o episódio do capítulo XVII em que um grupo de jacarés ataca a embarcação dos Garral”, e especialmente, a primeira gravura do texto de Keller, “uma jangada navegando sobre o rio remete-nos ao meio de locomoção extravagante imaginado por Júlio Verne” e decerto deve “ter servido de ponto de partida à história”. A seguir, as ilustrações de Keller que inspiraram Júlio Verne (1881):

Figura 46. Matando um jacaré³¹².



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 141).

Figura 47. Jangada nas ondas³¹³.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 67).

³¹² [...] apesar da resistência, o poderoso animal é arrastado para a praia de areia e abatido com alguns golpes de machado. Ainda que se trate de um animal geralmente tímido nas margens, diz-se que muitas índias já foram mortas enquanto lavavam roupas ou louças à beira d’água, mesmo quando acompanhadas, como me foi relatado por diversas testemunhas (Keller-Leuzinger, 2021, p. 22).

³¹³ [...] a jangada, uma pequena e leve balsa usada principalmente para pescar, é bastante popular nos litorais de Pernambuco ao Ceará. As praias rasas e a escassez de pontos de atracagem não permitem a aproximação de barcos pesados. Apesar da habilidade e destreza dos índios e mestiços em manobrar as jangadas, não é incomum que eles ocasionalmente se vejam submersos ou derrubados por ondas

De todas as fontes de pesquisa consultadas, a publicação do *Le Tour du Monde* é o texto mais completo publicado sobre *Vom Amazonas und Madeira*, embora não emita qualquer comentário crítico sobre a obra, visto ser um compilado de excertos traduzidos do original em alemão. Reitera-se que o referido texto explora todos os sete capítulos do relato de Keller e ilustra suas páginas com aproximadamente 34% dos seus desenhos. Salienta-se que não há em sua composição qualquer menção aos importantes, porém enfadonhos, dados técnico-científicos constantes no apêndice de *Vom Amazonas und Madeira*, o que favorece a leitura fluída da narrativa. Este fato, acredita-se, revela que o leitor ideal para o editor francês seja o admirador de relatos de viagem não ficcionais.

Ainda no contexto de circulação e recepção do relato de Keller no mercado editorial francês, no dia 1^a de maio de 1875, o periódico *Revue des Deux Mondes*³¹⁴ publica o artigo intitulado “Le chemin de fer du haut-Madeira et le trafic de l'Amazonie”³¹⁵, de autoria do escritor e tradutor Jules Gourdault, o mesmo que traduziu excertos de *Vom Amazonas und Madeira* para compor o texto publicado em 1874 pelo *Le Tour du Monde*. Logo abaixo do título, consta um subtítulo em alemão que esclarece ao leitor que o texto é alusivo à edição alemã de 1874 da obra do “Sr. Franz Keller-Leuzinger”, “juntamente com a rota da ferrovia projetada por ele”³¹⁶

De acordo com Maria Ligia Prado (2014, p. 615-616, grifo nosso), “o universo cultural e político francês ocupava o centro das atenções da *Revue des Deux Mondes*”. No entanto, apesar de a literatura francesa gozar de prioridade em mais de uma seção da revista, “reservou-se espaço para as obras de autores de outros países europeus e americanos”. Segundo observa, as publicações da *Revue* eram guiadas por um “olhar universalista”, incluindo a América Latina como “seu objeto de atenção com textos que versavam sobre acontecimentos políticos, dados econômicos,

maiores, e assim também os passageiros dificilmente escapam de um leve banho de mar (Keller-Leuzinger, 2021, p. 19).

³¹⁴ Revista dos dois mundos (Tradução livre).

A *Revue* cumpriu um papel de mediadora cultural e transmitiu informações muitas vezes inacessíveis aos latino-americanos que estavam restritos ao conhecimento de questões referentes a seu próprio país. Ofereceu informação sobre acontecimentos sociais, políticos, geográficos e literários da Europa e do continente americano. Além disso, proveu os latino-americanos com avaliações e julgamentos sobre arte e literatura em resenhas e comentários que foram formando seu gosto literário e artístico (Prado, 2014, p. 617).

³¹⁵ *Revue des Deux Mondes* (1875, v. 9, nº 1, p. 80–98). A ferrovia do alto Madeira e o tráfego do Amazonas (Tradução livre).

³¹⁶ Original em alemão: *Vom Amazonas und Madeira, Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagchuche einer Explorationsreise, nebst der Zuglinie der projectirten Eisenbahn*, par M. Franz Keller-Leuzinger, Stuttgart 1874.

aspectos culturais e as relações da região com a França”. Todavia, “No amplo espectro de interesses da revista, os latino-americanos ocupavam um lugar secundário, contando com uma pequena produção de artigos em comparação com a importância dada a alguns países da Europa [...] e aos Estados Unidos”. Ainda assim, “entre os grupos letrados latino-americanos, o periódico foi muito lido e produziu grande impacto” (Prado, 2014, p. 617, grifo nosso). Diante disso, a *Revue* certamente contribuiu com a circulação de excertos do relato de Keller entre os intelectuais do império brasileiro que liam em francês.

Acerca do texto de Jules Gourdault, destaca-se que ele também traz muitos dados hidrográficos e aspectos etnográficos indígenas de *Vom Amazonas und Madeira* para narrar a viagem de exploração que Keller-Leuzinger fez ao mencionado rio em meados de 1867-1868. Para demonstrar ao leitor quão penosa e perigosa foi a viagem de exploração de Keller³¹⁷ ao Madeira para levar “progresso” à região do vale daquele rio, Gourdault lança mão de paráfrases de trechos da obra concernentes à transposição das corredeiras, cachoeiras e da floresta virgem:

O obstáculo mais próximo a montante é o Ribeirão, que tem 6 quilômetros de extensão e um gradiente total de 4 metros. O leito do rio, com 2.000 metros de largura, é dividido por uma série de recifes rochosos e ilhas com florestas poderosas; tudo é como uma série estrondosa de quedas e corredeiras. Não apenas a derrapagem completa é obrigatória, mas os próprios barcos têm de fazer um circuito árduo por terra e, como a vegetação da margem do rio é de uma exuberância prodigiosa, cada caravana que passa tem de limpar com um machado o caminho estreito cortado na borda da floresta virgem através dos cipós espinhosos, dos densos aglomerados de cacaeiros, das stréltizias de franjas largas e das palmeiras flabeliformes de dois leques. Uma légua adiante, a *Courant de la Miséricorde (Correnteza da Misericórdia)* passa roncando (Gourdault, 1875, p. 85-86, tradução e grifo nossos)³¹⁸.

³¹⁷ Joseph Keller, pai de Franz Keller e engenheiro chefe da expedição, novamente não é mencionado.

³¹⁸ Original em francês: L'obstacle le plus rapproché en amont est celui du Ribeirão (ruisseau), qui est long de 6 kilomètres, avec une pente totale de 4 mètres. Le lit du fleuve, large de 2,000 mètres, y est déchiré par une quantité d'écueils et d'îles rocheuses garnies de puissantes futaies; l'ensemble représente comme une série mugissante de chutes et de rapides. Non-seulement un complet débardage est de rigueur, mais les embarcations elles-mêmes doivent accomplir par terre un circuit pénible, et, comme la végétation riveraine est d'une exubérance prodigieuse, il faut que chaque caravane de passage éclaircisse de nouveau à coups de hache l'étroit sentier pratiqué dans la lisière de la forêt vierge à travers les lianes épineuses, les drus bouquets de cacaotiers, les stréltizias aux larges frondes et les palmiers flabelliformes à double éventail. Une lieue plus loin gronde le *Courant de la Miséricorde (Correnteza da Misericórdia)*.

No que concerne aos povos indígenas do Vale do rio Madeira, observa-se a ênfase na necessidade de exterminá-los, pois, conforme os descreve, são ferozes e canibais, responsáveis por atrapalhar o processo de colonização.

As duas tribos de Caripunas, agora instaladas a montante do *Salto do Girão* e *das Araras*, inevitavelmente cederão lugar aos pioneiros que vierem para tomá-lo. Foi somente a quase total impunidade de que gozaram até agora que inspirou esses canibais a ousar fazer suas incursões no Guaporé até as proximidades da antiga cidadela semiarruinada do Forte-do-Príncipe-da-Beira, e no Mamoré até os arredores da antiga missão de Exaltación. A mais feroz dessas tribos, os *Parintintins*, é também a que deve ser combatida com mais vigor. Eles gostam de rondar as vastas florestas desconhecidas de seringueiras que ocupam os pequenos vales laterais acima do Crato, e dizem que recentemente atacaram as equipes de trabalhadores ingleses e mojos que estavam construindo a linha férrea do Madeira em Santo Antônio (Gourdault, 1875, p. 98, tradução nossa)³¹⁹.

Ao contrário do texto do periódico francês *Le tour du monde*, esse, voltado também para as elites brasileiras, apresenta as informações técnico-científicas de *Vom Amazonas und Madeira*, inclusive o seu apêndice, para expor quão financeiramente viável, importante e impactante seria a construção de uma ferrovia ao longo do rio Madeira para melhorar a comunicação, o transporte de produtos locais e o desenvolvimento socioeconômico da região amazônica:

O trabalho a ser feito para assegurar comunicações fáceis com o Amazonas apresentaria enormes dificuldades se nos comprometêssemos a retificar todas as passagens do rio por meio de uma canalização regular comclusas; os custos mais essenciais não chegariam a menos de 21 milhões de mil-réis ou 54 milhões de francos. Por outro lado, limitar-se a estabelecer planos inclinados nas maiores corredeiras para içar barcos, como os que existem em alguns rios dos Estados Unidos da América, seria realizar uma obra insignificante, absolutamente insignificante e desproporcional ao desenvolvimento provável e desejado do tráfego futuro. Somente a construção da ferrovia lateral pode atender às necessidades comerciais do futuro e satisfazer a impaciência legítima que já está fervilhando em ambas as extremidades da estrada. Essa ferrovia, com um comprimento reduzido de cerca de 300 quilômetros, não custará mais do que 8.500.000 mil-réis, ou 22.100.000 francos, e essa estimativa total seria infinitamente menor, não fosse a necessidade de

³¹⁹ Original em francês: Les deux tribus de Caripunas, qui sont aujourd'hui installées en amont du Salto do Girao et d'Araras, céderont forcément la place aux pionniers qui la viendront prendre. Ce n'est que l'impunité à peu près complète dont ils ont joui jusqu'à présent qui a inspiré à ces cannibales l'audace de pousser leurs incursions sur le Guaporé jusque dans le voisinage de la vieille citadelle à demi ruinée de Forte-do-Príncipe-da-Beira, et sur le Mamoré jusqu'aux abords de l'ancienne mission d'Exaltacion. La plus féroce de ces tribus, les Parentintins est aussi celle qu'il faudra combattre avec le plus de vigueur.

importar de muito longe para essas áreas extremas e pouco povoadas todos os objetos necessários para o trabalho e a mão de obra, exceto a madeira (Gourdault, 1875, p. 88, tradução nossa)³²⁰.

Não é possível saber se as considerações técnicas e financeiras alegadas por Keller procedem, mas é certo que essas considerações a respeito das ferrovias interessaria de fato a ingleses e americanos, que tinham uma indústria desenvolvida nessa área.

Em outro excerto da obra de Keller selecionado para a revista, a perspectiva da necessidade de construção da ferrovia como motor de desenvolvimento do país é enfatizada, como por exemplo quando ele afirma que “a civilização de um país é determinada pelo número e pelas condições de suas vias de comunicação” (1875, p. 81-82, tradução nossa). Analisando esse aspecto, parafraseando Keller, Gourdault afirma: “o Brasil tem um longo e árduo futuro pela frente”, uma vez que o país ainda não possuía estradas regulares e transitáveis em seus interiores, contando, àquele momento com o transporte “feito por animais de carga ou carroças de bois com rodas de madeira maciça”³²¹.

As considerações de Keller reproduzidas pela *Revue des Deux Mondes* é um chamamento explícito às elites brasileiras e aos europeus no sentido de criar as condições necessárias para explorar a região amazônica: “No dia em que o vapor passar por essas regiões, a indústria europeia poderá aproveitar essas riquezas ociosas e trabalhá-las de mil maneiras”³²² (Gourdault, 1875, p. 91, tradução nossa). Esse processo, de outro lado, implicaria na necessária extinção dos povos originários,

³²⁰ Original em francês: Les travaux à faire pour assurer la facilité des communications avec l'Amazone offriraient d'énormes difficultés, si l'on entreprenait de rectifier toutes les passes du fleuve par une canalisation régulière avec écluses ; les frais les plus indispensables ne se monteraient pas à moins de 21 millions de milreis ou 54 millions de francs. Se borner d'autre part à établir aux plus grands rapides, pour le hissage des embarcations, des plans inclinés comme il en existe sur quelques rivières des États-Unis d'Amérique, ce serait faire une oeuvre insignifiante, absolument naine et sans proportion avec les développemens probables et désirés du futur trafic. Il n'y a que la construction du chemin de fer latéral qui puisse répondre aux nécessités mercantiles de l'avenir et satisfaire les légitimes impatiences qui piaffent déjà aux deux bouts de la route. Cette voie ferrée, d'une longueur abrégée de 300 kilomètres environ, ne coûtera pas plus de 8,500,000 milreis, soit 22,100,000 francs, et ce devis total serait infiniment moindre, n'était la nécessité d'importer de fort loin dans ces parages extrêmes et faiblement peuplés tous les objets nécessaires au travail et aux travailleurs, le bois seul excepté.

³²¹ Original em francês: On peut dire que la civilisation d'une contrée est en raison du nombre et de l'état de ses voies de communication. A ce point de vue, le Brésil a devant lui un long avenir de labeurs. Il n'existe point encore, dans l'intérieur de ce pays, de routes régulières et carrossables; aujourd'hui comme il y a trois cents ans, la bête de somme ou le grinçant charriot à boeufs, avec ses classiques roues de bois pleines, est l'unique véhicule du voyageur.

³²² Original em francês: Le jour où la vapeur aura sifflé dans ces parages, l'industrie européenne saura bien s'emparer de ces richesses oisives et les travailler de mille façons.

como ele deixa claro no excerto a seguir: Quando isso acontecer, as “raças selvagens assim como os animais nocivos do Amazonas e de qualquer outro lugar acabarão recuando diante do homem branco e suas ferramentas civilizatórias” (Gourdault, 1875, p. 98, tradução nossa)³²³.

Em 1894, dezenove anos após a publicação dos excertos da obra de Keller nas duas revistas francesas e quatro anos depois do falecimento de Franz Keller, o geógrafo Élisée Reclus publica a obra *Nouvelle Géographie Univesalle la terre et lês hommes*³²⁴, pela *Librairie Hachette et Cie*, em Paris. No capítulo II dessa obra intitulado “Amazonie. États d'Amazonas et de Pará”³²⁵, Reclus reproduz algumas informações de caráter etnográfico indígena, geográfico e hidrográfico de *Vom Amazonas und Madeira*, mencionando os “engenheiros Keller” e seu projeto de edificação da EFMM. Não obstante, o autor da obra não tece qualquer comentário crítico sobre o relato de Franz Keller-Leuzinger.

Acerca dos indígenas do Vale do rio Madeira, Reclus (1894, p. 174)³²⁶ afirma que são lutadores fervorosos, em sua maioria com cicatrizes pelo corpo, que praticam atividades recreativas violentas entre si. Segundo o autor, a brincadeira favorita deles consiste em “pegar um tronco de árvore como suposto inimigo e atirar uma flecha nele, depois de fazer todos os preparativos, quando o ferrão perfura a madeira, eles correm contra ela, gritando bem alto: I-pu-ri-na! I-pu-ri-na!, daí o nome dado a eles”. Apesar de não conhecerem o veneno “curare”, “para testar seu veneno, eles envenenam suas flechas” e experimentam primeiro “em macacos” (Reclus, 1894, p. 174). Um outro aspecto cultural indígena mencionado por Élisée Reclus é o fato de “os remadores indígenas distinguirem em cada corredeira ‘a cabeça, o corpo e a

³²³ Original em francês: Elle rôde volontiers par les vastes forêts inconnues d'arbres à caoutchouc qui occupent les petites vallées latérales en amont de Crato, et elle a, paraît-il, attaqué tout récemment les équipes de travailleurs anglais et moxos qui étaient en train de construire à Santo-Antonio la voie ferrée du Madeira; ce coup de main n'a pas eu d'ailleurs le moindre succès, et dans l'Amazonas comme partout les races sauvages, aussi bien que les animaux nuisibles, finiront par se replier devant l'homme blanc et son outillage civilisateur.

³²⁴ Nova geografia universal da terra e dos homens (Tradução livre).

³²⁵ Amazonas. Estados do Amazonas e do Pará (Tradução livre).

³²⁶ Original em francês: Ardents à la lutte, ils se battent souvent sans haine, par plaisir, et- la plupart ont des cicatrices sur le corps, [...] Un de leurs jeux favoris est de prendre un tronc d'arbre pour ennemi supposé et de lui lancer une flèche, après avoir fait tout un simulacre de préparatifs quand le dard a traversé le bois, ils se précipitent contre lui en poussant des cris aigus: I-pu-ri-na! I-pu-ri-na! d'où le nom qui leur a été donné. [...] Ils empoisonnent leurs flèches, mais ne connaissent pas le curare, que l'on ne trouve chez aucune tribu du versant méridional de l'Amazone, quoique les plantes nécessaires à la préparation de cette substance n'y manquent point: pour apprécier leur poison, ils l'essayent d'abord sur des singes.

cauda'; eles veem a cachoeira inteira como um ser vivo, como um dragão que os engoliria com prazer" (Reclus, 1894, p. 132, tradução nossa)³²⁷.

Essas observações de Reclus sobre os indígenas são, na verdade, suas representações de relatos de Keller-Leuzinger ao longo de *Vom Amazonas und Madeira*, como, por exemplo, alguns indígenas Canichanas se divertindo enquanto se banham no rio ao lado de jacarés e, em seguida, corajosa e astutamente capturam um daqueles répteis, para surpresa de Keller (2021, p. 138). Quanto ao curare, Keller dedica duas laudas do capítulo V de seu relato para discorrer sobre o dito veneno e, ao contrário do que diz Reclus, esclarece que alguns indígenas não só o conhecem como o utilizam, inclusive para domesticar macacos e pássaros, conforme excerto a seguir:

[...] Os nativos acertam pássaros e macacos que desejam domesticar com o curare mais fraco, fazendo-os retomar a consciência com a ingestão de bastante sal e água açucarada, após o que os animais se mostram inclusive menos selvagens do que antes. É um fato curioso que os índios à margem direita do rio Amazonas não façam uso desse veneno, embora as plantas que contenham os compostos necessários também sejam facilmente encontradas daquele lado, como na margem esquerda, cujas diversas tribos de costumes e línguas distintas todas fazem uso desse engenhoso veneno. Seria difícil dizer sobre quais circunstâncias seus ancestrais vieram a primeiro descobrir o preparo do curare, pois antes de fervida a mistura de seus ingredientes não causa efeitos significativos (Keller-Leuzinger, 2021, p. 203, grifo nosso).

Quanto aos dados geográficos e hidrográficos de *Vom Amazonas und Madeira*, o texto de Reclus detalha as cachoeiras dos rios Beni e Mamoré, destacando também a cachoeira de Santo Antônio, no rio Madeira, com uma queda total de 60 metros ao longo de 580 quilômetros. O autor também menciona a complexidade das corredeiras, redemoinhos e curvas, que tornam a navegação extremamente difícil, exigindo até três meses para os barqueiros atravessarem a região encachoeirada do rio Madeira (Reclus, 1894, p.132-133).

A respeito da "ferrovia lateral" (EFMM), Élisée Reclus afirma que ela substituiria "o leito do Madeira na região das cachoeiras, [...]contornando todos os obstáculos ao passar pelo território brasileiro, ao longo da margem direita". Segundo relata, os

³²⁷ Original em francês: Les rameurs indiens distinguent dans chaque rapide "la tête, le corps et la queue", cabeça, corpo e rabo; ils voient dans l'ensemble de la chute comme un être vivant, comme un dragon qui les engloutirait volontiers.

investidores financeiros – por ele nominados de “especuladores” – “estavam trabalhando nesse empreendimento desde 1867 e, de acordo com o projeto dos engenheiros Keller, seria possível construir essa linha, com cerca de 290 quilômetros de extensão, a um custo de 15 milhões”, 7 milhões de francos a menos do que previsto por Keller-Leuzinger (2021) e reproduzido por Gourdault (1875). Entretanto, Reclus ressalta que o canteiro de obras da ferrovia fora “abandonado e depois retomado” devido a “conflitos diplomáticos, processos judiciais, a inconsistência do trabalho, [...] solo pantanoso insalubre e a água que gira em torno das cachoeiras”. Ademais, contribuiu para esse problema as “grandes despesas incorridas por uma administração distante dos locais de construção”, que acabaram arruinando a empresa concessionária, fazendo com que “os trilhos da linha parcialmente construída desaparecessem sob uma nova floresta, para grande pesar dos comerciantes bolivianos”, que dependiam dessa via de escoamento para seus produtos ao mercado internacional, via oceano Atlântico (Reclus, 1894, p. 185, tradução e grifo nossos)³²⁸.

Por fim, o texto de Reclus descreve, com base em muitas informações reproduzidas do apêndice de *Vom Amazonas und Madeira*, aspectos geográficos, etnográficos e projetos de infraestrutura na região da bacia hidrográfica do rio Madeira, na Amazônia, com foco nos rápidos e cachoeiras, bem como nos desafios enfrentados por navegadores e engenheiros para levar “desenvolvimento e civilização” àquela região. Para tanto, o texto menciona os planos ambiciosos para contornar as cachoeiras do Madeira, salientando a construção de uma ferrovia de aproximadamente 300 quilômetros, proposta pelos engenheiros Keller (Joseph e Franz) em 1867. No entanto, até aquela data, principalmente os desafios técnicos e financeiros levaram o projeto ao seu fracasso, como pode ser constatado na “Cronologia da EFMM” (Cf. ANEXO C).

³²⁸ Original em francês: Le bas Madeira parcourt des terrains analogues à ceux du Purùs, il modifié ses rives de la même manière et fournit aux traitants des productions semblables. On a d'ailleurs projeté d'unir les deux bassins du Madeira et du Purùs par une route. ou même une voie ferrée, .qui, se détachant du premier fleuve en amont des cataractes, traverserait le Béni, puis irait rejoindre l'Aquiry à la tête de navigation par barques. Mais les travaux de viabilité déjà commencés comportaient une autre solution. Il s'agissait de suppléer au lit du Madeira, dans la région des cataractes, par un chemin de fer latéral contournant tous les obstacles en passant sur le territoire brésilien, le long de la rive droite. Depuis 1867, des spéculateurs s'occupaient de cette entreprise et, d'après le projet des ingénieurs Keller, il eut été possible de construire cette ligne, d'environ 290 kilomètres, moyennant une dépense de 15 millions. Des conflits diplomatiques, des procès, l'incohérence des travaux, abandonnés, puis repris, l'insalubrité des fonds marécageux et des eaux qui tournoient autour des cataractes', mais surtout les énormes dépenses occasionnées par. une gérance très éloignée des chantiers, ont ruiné la compagnie concessionnaire, et les rails de la voie partiellement construite ont disparu sous une forêt nouvelle, au grand regret des commerçants boliviens.

O empreendimento crítico mais consistente em território alemão parte da revista *Globus* e conta com a participação ativa de Franz Keller, autor do relato, que inclusive oferece as gravuras para publicação no periódico. Como se verá a seguir, essa iniciativa perdura por vários números da *Globus*, nos quais a totalidade do relato é fatiada de acordo com certas temáticas, conforme se discutirá adiante.

Em 1874, o periódico alemão *Globus*³²⁹ publica a resenha “Aus F. Keller-Leuzinger's Schilderungen Vom Amazonas und am Madeira (Fabelmenschen und Fabelthiere. Jagdaberglaube. Der Tapir)”³³⁰. Em nota de rodapé, o editor descreve sucintamente o relato de viagem do engenheiro “com numerosas ilustrações gravadas em madeira a partir de esboços do próprio autor e executadas no estilo xilográfico de A. Cloß. Stuttgart, publicado pela A. Kröner 1874. Formato in-quarto”. Em seguida, afirma que a obra é “altamente instrutiva e maravilhosa em todos os aspectos”. O editor ainda assegura que “graças à gentileza do Sr. Keller, podemos fornecer aos leitores do *Globus* uma série de gravuras que lhes permitirão fazer um julgamento detalhado das ilustrações magistralmente executadas” (*Globus*, 1874, v. 25, n. 20, p. 312)³³¹.

Conforme o subtítulo, o texto discorrerá sobre “Os povos, os animais míticos, as superstições de caça e a anta”. Os trechos sobre as figuras mitológicas amazônicas são uma reprodução praticamente *ipsis litteris* dos excertos sobre o “Boto”, a “Mãe d’água” e o “Caipora” constantes no artigo publicado pelo *Le Tour du Monde* (1874). Como não consta dia e mês da publicação de ambos os textos, mas apenas o ano (1874), não se sabe quem publicou primeiro. Entretanto, é certo que os excertos em questão são todos de *Vom Amazonas und Madeira*.

³²⁹ A revista *Globus* foi criada no contexto de fundação institucional da etnologia alemã (*Völkerkunde*) com o objetivo de divulgar estudos etnográficos e relatos de viagens de toda a parte do mundo (Welper, 2018).

³³⁰ Das descrições de F. Keller-Leuzinger sobre o Amazonas e o Madeira (Povos e animais míticos. Superstições de caça. A anta) (Tradução livre).

³³¹ Original em alemão: *Vom Amazonas und Madeira. Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise von Franz Keller-Leuzinger, Ingenieur. Mit zahlreichen nach den eigenen Skizzen vom Verfasser auf Holz gezeichneten und in der xylographischen Anftalt von A. Cloß ausgeführten Illustrationen.* Stuttgart, Verlag von A. Kröner 1874. 4. Das überaus belehrende Buch ist in jeder Beziehung ein Prachtwerk. Wir werden auf den reichen Inhalt desselben ausführlich eingehen und sind durch die Güte des Herrn Keller in Stand gesetzt, durch eine Anzahl von Illustrationen den Lesern des „*Globus*“ ein felbftändiges Urtheil auch über die meisterhaft ausgeführten Illuftrationen zu ermöglichen.

Além de explorar a temática mítica referente aos botos, à mãe d'água e ao caipora, a resenha também se dedica às crenças dos Coroados (Kaingang)³³² (Figura 51), habitantes das províncias do sul. Nesse caso se trata de enfatizar a relação desses povos indígenas com os interditos alimentares, como por exemplo, não comer a corcunda da anta para não perder o afeto de suas esposas (Globus, 1874, v. 25, n. 20, p. 312, tradução nossa)³³³.

O restante da resenha se dedica a aspectos relativos à caça e domesticação da anta por populações indígenas e ribeirinhas. Segundo o texto, pautando-se no relato de Keller, embora a caça fosse abundante nas florestas, ela seria “menos praticada pela população semicivilizada do vale amazônico do que na bacia do rio da Prata e na província vizinha de Mato Grosso”. Por fim, a anta, “representante do *Didhäter*³³⁴ no Novo Mundo”, é considerada a “caça mais nobre e também a mais procurada em todos os lugares” (Globus, 1874, v. 25, n. 20, p. 312, tradução e grifo nossos).

No mesmo volume 25, de 1874, porém na edição de nº 24, o periódico *Globus* publica outra resenha a respeito de Franz Keller-Leuzinger e de seu relato de viagem. O texto tem como título “Im Urwald am Madeirastrome”³³⁵ e, diferente da resenha anterior, vai se ater nos estudos hidrográficos realizados pelos Keller para viabilizar a edificação da estrada de ferro ao longo do rio Madeira.

A resenha começa relatando a contratação de Franz Keller e seu pai para explorar os rios Amazonas e Madeira em 1867, salientando que eles já haviam realizado estudos dessa natureza na província do Paraná. Além de serem incumbidos de “realizar um levantamento hidrográfico detalhado da carta do rio Madeira”, eles também deveriam “elaborar um projeto para uma ferrovia que contornasse a rota das cachoeiras”. Após isso, a “ferrovia foi parcialmente iniciada, mas a construção está atualmente paralisada devido a todos os tipos de conflitos entre o empreiteiro Church, um norte-americano, e os capitalistas de Londres” (Globus, 1874, v. 25, n. 24, p.371, tradução nossa)³³⁶.

³³² Chamados de “Coroados” “pelos portugueses devido ao hábito tribal de raspar os cabelos ao redor da cabeça, fazendo com que estes se assemelhassem a uma coroinha de padre” (Aguar, 2012, p.204).

³³³ Original em alemão: Jeder Stamm hat außerdem seine eigenen Jagdgebräuche oder vielmehr seinen Jägeraberglauben. [...] Sie genießen auch nichts vom Höcker des Tapir, den besten Stücken, um nicht der Zuneigung ihrer Frauen verlustig zu werden.

³³⁴ No contexto, ele se refere ao “Rinoceronte”.

³³⁵ Na selva do entorno do rio Madeira (Tradução livre).

³³⁶ Original em alemão: Nun erhielten zwei deutsche Ingenieure , welche schon große Arbeiten in Brasilien ausgeführt und auch die Provinz Paraná erforscht hatten, im Jahr 1867 von der Regierung den

De acordo com o cronograma de construção da EFMM (Cf. ANEXO C), em meados de 1874, a empreiteira britânica *Public Works* rompe o contrato e abandona as obras em Santo Antônio, que só seriam retomadas em 1878 a partir da contratação da empresa norte-americana *P. & T. Collins*, que também abandona as obras no ano seguinte, deixando 7 km de linha férrea construída.

Acerca de Franz Keller e *Vom Amazonas und Madeira*, a resenha traz o seguinte comentário crítico:

[...] Esses engenheiros eram Franz Keller-Leuzinger e seu pai. Devemos ao primeiro um livro que parece excelente em todos os aspectos. O trabalho de Keller é para o Madeira o que o conhecido trabalho do inglês Bates sobre o Amazonas é para aquele rio. A obra tem o mesmo valor para a geografia, a etnologia, a botânica e o comércio; é um valioso acréscimo à ciência em muitos aspectos, é escrita de forma clara e atraente e, escrita por um homem de experiência prática que estava à altura de sua tarefa em todos os aspectos, causa a impressão de confiabilidade. Além disso, há ilustrações que foram magnificamente executadas e honram a oficina de xilogravura de Cloß em Stuttgart³³⁷) (Globus, 1874, v. 25, n. 24, p.371, tradução e grifo nossos).

Assim como exposto na resenha anterior, esta também enaltece as qualidades do texto de Keller e de suas ilustrações. No entanto, é importante ressaltar a comparação com o naturalista inglês Henry Walter Bates, pois sugere ao leitor que o relato de viagem de Franz Keller é tão relevante quanto o do célebre naturalista, já que, para o editor, *Vom Amazonas und Madeira (1874)* e *The Naturalist on the River Amazons (Bates, 1863)* são duas obras importantes “para a geografia, etnologia, botânica e comércio”.

Os parágrafos finais da resenha são dedicados à apresentação de dados geográficos e hidrográficos levantados pelos Keller durante a viagem de exploração

Auftrag, eine Reise nach dem Amazonas und dem Madeira zu unternehmen. Der lettere sollte von ihnen genau hydrographisch untersucht werden; zugleich war es ihre Aufgabe, das Project zu einer Eisenbahn aufzustellen , welche die Kataraktenstrecke umgehen soll . Diese Bahn ist seitdem theilweise in Angriff genommen, doch stockt gegenwärtig der Bau in Folge von allerlei 3rrungen zwischen dem Bauunternehmer Church, einem Nordamerikaner, und den Londoner Capitalisten.

³³⁷ Sobre o Amazonas e o Madeira; esboços e descrições do diário de uma viagem de exploração do engenheiro Franz Keller-Leuzinger. Com numerosas ilustrações desenhadas pelo autor a partir de seus próprios esboços e executadas no estúdio rilográfico de A. Cloß. Stuttgart, publicado por A. Kröner. 1874. In-quarto. O Sr. Keller gentilmente disponibilizou um grande número de ilustrações para o Globus”, certamente para o deleite de nossos leitores, e teremos várias oportunidades de retornar a esse livro com seu rico conteúdo (Tradução nossa).

do rio Madeira, bem como da flora diversificada e exuberante do entorno daquele rio, conforme excertos a seguir:

Keller percorreu uma distância de 3.879.820 metros, ou cerca de 620 milhas geográficas (15 por 10), da foz do Madeira em um barco a remo. O comprimento desenvolvido do curso do rio desde a foz até Santo Antônio, onde começam os obstáculos no rio, é de 901.000 metros; de Santo Antônio até Guajará-Mirim 363.846; daí até a foz do Mamoré 165.760; daí até Exaltación 209.700; daí até Trinidad em Moros 302.940 metros. Percebe-se que, durante essa jornada, ele teve a melhor oportunidade de conhecer e observar a vegetação da selva (Globus, 1874, v. 25, n. 24, p. 371-372, tradução e grifo nossos)³³⁸.

[...]

O mais impressionante de tudo, no entanto, é a abundância de orquídeas e bromélias, esses filhos brilhantes dos trópicos, que cobrem tanto os troncos caídos e meio apodrecidos quanto os que estão em pleno vigor. [...] Além das famílias de plantas mencionadas acima, várias espécies de cactos, trepadeiras paradisíacas menores, samambaias e musgos contribuem para sua decoração. É notável a Figueira, uma árvore enorme com raízes em forma de trevo, por meio das quais o tronco grosso, cuja madeira branca e macia tem pouca resistência, recebe a estabilidade necessária (Globus, 1874, v. 25, n. 24, p. 372, tradução e grifo nossos)³³⁹.

Face ao exposto, observa-se que essas duas resenhas publicadas pela revista *Globus* cumprem um duplo objetivo, quais sejam: apresentar *Vom Amazonas und Madeira* como uma contribuição científica de excelência – pois destaca a fauna, a flora, as lendas locais e o *modus vivendi* das populações ribeirinhas e indígenas, com o intuito de aproximar o leitor europeu do “universo exótico” por meio da riqueza cultural e natural da região amazônica do entorno do rio Madeira –, além de fazerem o leitor crer que Franz Keller-Leuzinger é não só um engenheiro metuculoso, mas um explorador competente e um escritor observador talentoso, uma vez que sua formação

³³⁸ Original em alemão: Keller hat von der Mündung des Madeira an im Ruderboot eine Strecke von 3,879,820 Meter, oder etwa 620 geographische Meilen (15 auf 10) zurückgelegt. Die entwickelte Länge des Flußlaufes beträgt von der Mündung bis San Antonio, also bis dahin wo die Hindernisse im Strome beginnen, 901,000 Meter; von San Antonio bis Guajara merim 363,846; von da bis zur Mündung des Mamoré 165,760; von da bis Exaltación 209,700; von hier bis Trinidad in Moros 302,940 Meter. Man begreift, daß er während einer solchen Fahrt die beste Gelegenheit hatte, den Pflanzenwuchs des Urwaldes genau kennen zu lernen und zu beobachten.

³³⁹ Original em alemão: Vor allem aber fällt der Reichthum an Orchideen und Bromelien auf, jener glänzenden Kinder der Tropen, welche sowohl die gefallenen halb verfaulten Stämme bedecken wie die in voller Kraft stehenden. [...] Zur Ausschmückung derselben tragen außer den oben genannten Pflanzenfamilien noch verschiedene Cactusarten, kleinere paradiesische Schlinggewächse, Farren und Moose das Ihrige bei. Bemerkenswerth ist die Figueira, ein gewaltiger Baum mit frebeförmigen Wurzelansägen, durch die der dicke Stamm, dessen weißes, weiches Holz nur geringe Festigkeit besigt, erst die erforderliche Stabilität erhält.

e experiência são ressaltadas em virtude do contrato efetivado em 1867 com o MACOP do império brasileiro.

Em 1874, a revista *Globus* publica no volume 26, nº 1, a resenha intitulada “F. Keller-Leuzinger bei den Caripunas-Indianern am Madeira”³⁴⁰. O texto descreve a experiência do engenheiro alemão F. Keller entre os indígenas Caripunas no rio Madeira, destacando suas observações antropológicas e etnológicas. Franz Keller é enaltecido por seu conhecimento profundo do Brasil e por seu convívio próximo com populações indígenas. O texto relata encontros com os Caripunas, detalhando seus costumes, aparência física³⁴¹, adornos e vestimentas, características de suas “casas”, organização social e relações com colonizadores, incluindo um episódio violento posterior ao contato pacífico inicial que tiveram com a comitiva de Keller-Leuzinger. Além disso, a resenha apresenta as comparações que Keller faz entre os Caripunas e indígenas de outras etnias, como os Mura e os Mundurucu, bem como menciona brevemente a existência de grupos mais hostis na região. A obra *Vom Amazonas und Madeira* é considerada uma referência valiosa para estudos sobre povos indígenas:

A obra de Franz Keller, “Vom Amazonas und Madeira”, que é rica em conteúdo, também é de grande valor em termos de etnologia. O engenheiro alemão conhece uma parte considerável do Brasil por experiência própria; ele passou anos em contato frequente com povos indígenas de tribos muito diferentes e também, tanto quanto um estrangeiro pode, penetrou em sua vida interior. Como observador muito atento, ele foi capaz de fazer comparações e devemos a ele a divulgação de muitos aspectos peculiares que não encontramos em outros viajantes (*Globus*, 1874, v. 26, n. 1, p. 1, primeira coluna, tradução nossa)³⁴².

Interessa ressaltar que, assim como exposto nos artigos do *Le Tour du Monde* (1874) e do *O Vulgarizador* (1877), essa resenha da *Globus* também enfatiza que

³⁴⁰ F. Keller-Leuzinger entre os indígenas Caripuna no rio Madeira (Tradução livre).

³⁴¹ Na frente estava o chefe, um homem robusto e de baixa estatura, com cerca de cinquenta anos; seu rosto marrom estava coberto por seus longos cabelos, ele tinha um bandolim preto e azul pintado ao redor de sua boca larga e sua aparência já pouco atraente era absolutamente assustadora. Em sua mão, ele segurava um arco e duas flechas. Além do peitoral obrigatório de contas de vidro, ele usava as mesmas jóias nas orelhas e no nariz que os outros e também um magnífico diadema de penas de tucano amarelo-avermelhadas (*Globus*, 1874, vol. 26, n. 1, p. 3, segunda coluna, tradução nossa).

³⁴² Original em alemão: F. Keller's inhaltreiches Werk: „Vom Amazonas und Madeira“ ist auch in Bezug auf Völkerkunde von entschiedenem Werthe. Der deutsche Ingenieur kennt einen beträchtlichen Theil Brasiliens aus eigener Anschauung; er hat Jahre lang mit Urbewohnern aus sehr verschiedenen Stämmen in vielfachem Verkehr gestanden und ist auch, so weit das ein Fremder überhaupt vermag, in ihr inneres Leben eingedrungen. Als ein sehr aufmerksamer Beobachter war er in der Lage, Vergleiche anzustellen und wir verdanken ihm die Mittheilung vieler charakteristischer Züge, die wir bei anderen Reisenden nicht gefunden haben.

Franz Keller presenciou o ritual sagrado Caripuna em homenagem aos mortos, com o auxílio de um instrumento musical, quando da visita que a comitiva do engenheiro alemão fez a convite dos próprios caripunas logo no seu primeiro encontro com os ditos colonizadores.

Em troca de uma tesoura, pedi a um garoto um instrumento peculiar, ou seja, uma tábua fina com cerca de 50 centímetros de comprimento, que deveria fazer um som sibilante quando balançada por uma corda puxada pelo meio. Ele se virou desconfortavelmente para um senhor idoso, que tentou me fazer entender, com um semblante severo, mas também com um tipo de polidez calma que era admirável à sua maneira, que esses instrumentos eram utilizados para seus cantos fúnebres e, portanto, não podiam ser usados para troca. Ele imitou o som uivante do instrumento e, com passos solenes, circulou em torno dos locais de sepultamento (Globus, 1874, v. 26, n. 1, p. 4, segunda coluna, tradução nossa)³⁴³.

O foco dessa resenha é divulgar aos leitores europeus aspectos etnográficos indígenas de *Vom Amazonas und Madeira*, com enfoque no povo Caripuna. Para tanto, lança mão de 3 dos 68 desenhos da obra de Franz Keller (Figura 38. Nosso primeiro encontro com os Índios Caripunas.; Figura 48 e Figura 49):

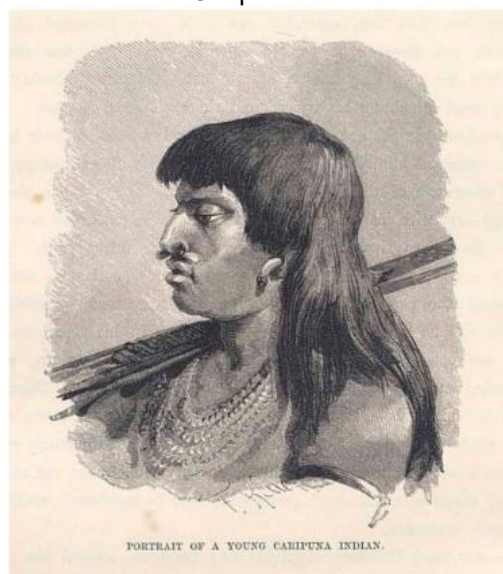
³⁴³ Original em alemão: Ich verlangte von einem Knaben im Tausche für eine Scheere ein eigenthümliches Instrument, nämlich ein dünnes, etwa 50 Centimeter langes Brett, welches einen sausenden Ton geben mußte, wenn es an dem durch die Mitte gezogenen nen Bindfaden geschwungen wurde. Er wandte sich unruhig an einen ältern Mann; dieser suchte mir mit crustem Gesicht, zugleich aber auch mit einer Art von ruhiger Höflichkeit, die in ihrer Art bewundernswürdig war, begreiflich zu machen, daß diese Instrumente bei ihren Todtenklagen ge braucht würden und deshalb keine Tauschwaaren abgeben könnten. Dabei ahmte er den heulenden Ton des Instrumentes nach und umkreiste mit feierlichen Schritten die Begräbnißstellen.

Figura 48. Embaúba (*Cecropia*) com bromélias.



Fonte: Keller Leuzinger (2021, p.131).

Figura 49. Retrato de um jovem índio Caripuna³⁴⁴.



Fonte: Keller Leuzinger (2021, p.221).

Em 1875, a *Globus* publica nova resenha com temática etnográfica indígena, intitulada “Franz Keller-Leuzinger bei den Moxos-Indianern in Bolivia”³⁴⁵. Em seu primeiro parágrafo, o autor lembra que essa não é a primeira publicação do periódico sobre a obra de Keller e convida o leitor a acompanhar a narrativa não sem antes enaltecer o trabalho do engenheiro alemão – destacando sua atuação no projeto da EFMM – e sua colaboração direta na publicação dos artigos acompanhados de ilustrações cedidas pelo próprio autor.

Temos repetidamente chamado a atenção de nossos leitores para o excelente trabalho de Franz Keller “Vom Amazonas und Madeira” (Stuttgart, Kröner 1874) e compartilhado trechos e ilustrações, que devemos à gentileza do viajante. Foi ele que, como excelente engenheiro, pesquisou a rota a ser seguida pela ferrovia Madeira-Mamoré. Esse importante e magnífico empreendimento, que transformará completamente as condições de transporte no interior da América do Sul, está sendo realizado depois que muitos obstáculos foram finalmente superados, e o Sr. Keller tem a satisfação de saber que essa ferrovia será construída exatamente de acordo com as especificações e planos que ele elaborou *Globus*, 1875, v. 27, n. 11, p. 166, primeira coluna, tradução nossa)³⁴⁶

³⁴⁴ [...] a fisionomia do jovem guerreiro com longos cabelos e plumas vermelhas de tucano em seu nariz pode ser tomada como a predominante em toda a tribo (Keller-Leuzinger, 2021, p. 26).

³⁴⁵ Franz Keller-Leuzinger com os indígenas Mojos na Bolívia (Tradução livre).

³⁴⁶ Original em alemão: Wir haben unsere Leser mehrfach auf das ausgezeichnete Werk Franz Keller's: „Vom Amazonas und Madeira“ (Stuttgart bei Kröner 1874) aufmerksam gemacht und Auszüge nebst Illustrationen mitgeteilt, welche wir der Freundlichkeit des Reisenden verdanken. Er ist es gewesen, welcher als ausgezeichneter Ingenieur den Tract vermaß, den die Madeira -Mamore -Bahn zu nehmen hat. Dieses wichtige und großartige Unternehmen, durch welches die Verkehrsverhältnisse des innern

No parágrafo seguinte, a resenha crítica começa a discorrer sobre o contato de Franz Keller com os Mojos, desde Manaus, quando esses indígenas lhes foram disponibilizados como remadores do percurso até Exaltación, na Bolívia – última etapa da viagem de ida ao rio Madeira. Além disso, o texto apresenta duas ilustrações referentes a duas cabeças de indígenas Mojos de Trinidad (Cf. Figura 59; Figura 60), no Mamoré, Bolívia, constantes em *Vom Amazonas und Madeira*. No entanto, essa temática será desenvolvida na próxima seção desta tese, quando serão analisadas as representações de Keller sobre os indígenas do Vale do rio Madeira e de outras regiões do Império do Brasil no Oitocentos.

Em 1879, Franz Keller-Leuzinger é mencionado novamente em artigo da *Globus* intitulado “West Schottischer Aberglauben”³⁴⁷,

[...] Quando Kane atraiu Shawstun, o chefe dos Sinahomas, este perguntou seriamente se isso não o levaria à morte. Kane lhe deu tabaco e, olhando-o na mão, o índio disse que era uma pequena recompensa por arriscar sua vida. Por dois ou três dias, ele seguiu o artista e implorou que destruísse o quadro e, para se livrar dele, Kane fez uma cópia apressada, que rasgou na frente do índio, fingindo ser o original (Paul Kane, *Wanderings of an Artist among the Indians*. Lond. 1859, 5, 102, 240). O conhecido pintor indígena Catlin sofreu um destino semelhante quando pintou os Mandans. Eles tinham medo de perder uma parte de si mesmos e, quando as manadas de búfalos não apareciam, pensavam que era porque o artista branco havia levado muitos deles em seu portfólio. Encontramos a mesma coisa na América do Sul. David Forbes teve a maior dificuldade em tirar fotografias dos índios aimarás, pois eles sempre mantiveram a ideia de que o possuidor de sua imagem deve ter algum poder sobre eles (Journ. Ethnol. Soc. II, 236. 1870). Keller-Leuzinger achou difícil retratar os Tapuios de língua portuguesa em Manaus, no rio Amazonas, por causa de sua superstição (*Vom Amazonas und Madeira*, Stuttg. 1874, 105) (*Globus*, 1879, v. 36, n. 18, p. 287, tradução e grifo nossos)³⁴⁸.

Südamerika eine völlige Umgestaltung erfahren werden, kommt nach mancherlei nun endlich beseitigten Hindernissen zur Ausführung, und Herr Keller hat die Genugthuung, daß dieser Schienenweg genau nach den von ihm entworfenen Angaben und Plänen hergestellt werden soll.

³⁴⁷ Superstições do oeste escocês (Tradução livre).

³⁴⁸ Original em alemão: David Forbes hatte die größte Schwierigkeit, Photographien von Aymara – Indianern zu erhalten, as they always retained the idea that the possessor of even their likeness must retain some power over them Journ (Ethnol. Soc. II, 236. 1870). Die Portugiesisch sprechenden Tapuyos in Manaos am Amazonenstrom konnte Keller-Leuzinger wegen ihres Aberglaubens nur schwierig zum Porträtiren bringen (*Vom Amazonas und Madeira*, Stuttg. 1874, 105).

O excerto insere as considerações de Franz Keller-Leuzinger sobre os tapuias³⁴⁹ em uma discussão mais ampla sobre as crenças relacionadas à representação visual (desenhos, pinturas, fotografias) em diferentes culturas. O texto destaca como muitos povos indígenas oitocentistas de diferentes regiões do mundo (Escócia, América do Norte, América do Sul) acreditavam que retratos desenhados ou fotografias tiradas pelos colonizadores poderiam roubar ou aprisionar parte de sua alma, expô-los a vulnerabilidades físicas ou até levá-los à morte. A passagem destaca que o temor por retratos era um fenômeno amplo, ligado à crença em que a representação visual poderia ser usada para controle mágico ou apropriação da essência do indivíduo. Ao contrário do que afirma o autor do artigo, na obra *Vom Amazonas und Madeira*, Keller-Leuzinger interpreta o incômodo de um jovem Caripuna (Cf. Figura 49) ao ser por ele desenhado como resultante do tédio em posar para ele:

Em momento posterior, com certa dificuldade, enfim tive sucesso em manter sentado em uma rede aquele mesmo jovem Caripuna, para que pudesse desenhá-lo em perfil. Sua hesitação, contudo, não parecia advir de nenhum receio supersticioso – os Tapuios "civilizados" em Manaus haviam sido bem piores a esse respeito; penso que ele apenas tenha achado tedioso ficar imóvel (Keller-Leuzinger, 2021, p. 224, grifo nosso).

Importante notar o esforço do autor do texto em estabelecer relações comparativas entre os povos de diversos continentes, assim como a aproximação que estabelece entre Franz Keller e *Vom Amazonas und Madeira* e exploradores como Paul Kane (1810-1871), pintor e explorador irlandês-canadense que produziu centenas de telas acerca dos indígenas na América do Norte³⁵⁰ e David Forbes, mineralogista britânico que entre 1857 e 1860 fez expedições científicas no Peru, Bolívia e Chile³⁵¹. Como se percebe o estabelecimento de proximidades entre Keller e os dois viajantes se dá em uma dupla via: a das artes, ou seja, das reproduções de

³⁴⁹ A segunda categoria é o genericamente chamado Botocudo. Esse não só é um índio vivo, mas é aquele contra quem se guerreia por excelência nas primeiras décadas do século: sua reputação é de indomável ferocidade. Coincidência ou não, os Botocudos são Tapuia, contraponto e inimigos dos Tupi na história do início da Colônia (Carneiro da Cunha, 1990) e sobretudo na literatura indianista: Peri, um Guarani, salva a donzela Ceci e seu pai do ataque dos Tapuia (Cunha, 1992, p. 136). Salienta-se que, na obra *O Guarani*, de José de Alencar, os Tapuia que atacam Ceci e seu pai são chamados de Aimoré.

³⁵⁰ A esse respeito cf: https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/paul-kane?utm_source

³⁵¹ A esse respeito cf: [https://en.wikisource.org/wiki/Dictionary_of_National_Biography,_1885-1900/Forbes,_David_\(1828-1876\)?utm_source=chatgpt.com](https://en.wikisource.org/wiki/Dictionary_of_National_Biography,_1885-1900/Forbes,_David_(1828-1876)?utm_source=chatgpt.com)

pessoas e hábitos dos povos autóctones, e a da descoberta de riquezas a serem exploradas.

Ainda nesse veio de caráter comparatista, em 1885 a revista *Globus* publica novos textos com temas geográficos e etnográficos “De todas as partes do mundo”³⁵². Na seção “Diversos”³⁵³, há um texto de dois parágrafos sobre “O estilo e os povos”³⁵⁴ composto apenas por excertos de uma “carta particular” do “Professor Franz Keller-Leuzinger”. O conteúdo dessa carta já foi exposto e analisado na primeira seção desta tese para subsidiar a afirmação de Gmelin (1891) sobre Franz Keller ter se inspirado no artesanato e cerâmica indígenas para elaborar seus desenhos de majólicas. Portanto, explanaremos em linhas gerais apenas os aspectos mais relevantes.

O texto apresenta reflexões de Keller-Leuzinger acerca da relação entre cultura, arte indígena e influências coloniais. Para ele, a originalidade artística de povos indígenas brasileiros, os Maori da Nova Zelândia e os indígenas do noroeste americano se dá em virtude do isolamento cultural, uma vez que o impacto da europeização acarreta a perda de estilos artísticos tradicionais, como, segundo pontua, estaria ocorrendo no Japão e, no Brasil, com povos indígenas que tiveram contato com missionários e ferramentas europeias. De sua perspectiva, o resultado desse contato foi a piora da produção artesanal desses povos, corroendo sua autenticidade original (*Globus*, 1885, v. 47, n. 3, p. 48). Como se percebe, o paradigma romântico de valorização de uma cultura primitiva e autêntica em virtude de seu isolamento está na base das considerações de Keller acerca de uma suposta degeneração das produções artesanais dos povos indígenas após o contato com o colonizador.

No último parágrafo, referindo-se a Franz Keller, o editor diz o seguinte: “Você pode ver como um mestre das artes aplicadas, que também tem experiência etnográfica, canta uma música como Adolf Bastian³⁵⁵. ‘Aproveite o dia, pois a noite está chegando’ é o lema da etnografia” (*Globus*, 1885, v. 47, n. 3, p.48, tradução

³⁵² Original em alemão: Aus allen Erdtheilen.

³⁵³ Original em alemão: Vermischtes.

³⁵⁴ Original em alemão: Der Stil und die Völker.

³⁵⁵ **Adolf Bastian** (nascido em 26 de junho de 1826, Bremen , Alemanha — falecido em 2 de fevereiro de 1905, Port of Spain , Trinidad) foi um etnólogo que teorizou a existência de uma unidade psíquica geral da humanidade, responsável por certas ideias elementares comuns a todos os povos. Bastian propôs que traços culturais, folclore, mitos e crenças de vários grupos étnicos se originam dentro de cada grupo, de acordo com as leis de evolução cultural e são essencialmente os mesmos, diferindo apenas na forma devido ao ambiente geográfico. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Adolf-Bastian>. Acesso em: 22 abr. 2025.

nossa)³⁵⁶. Este excerto intenta mostrar ao leitor interessado em etnografia que Keller é um especialista que combina conhecimento dessa ciência e das artes aplicadas. Isso posiciona Keller como parte de um debate acadêmico mais amplo sobre etnografia indígena e colonialismo no Oitocentos. Sua salientada experiência no Brasil dá peso às suas críticas sobre aculturação, embora sua perspectiva sobre a originalidade da produção artesanal indígena seja muito mais romântica do que progressista. Ademais, infere-se da passagem "Aproveite o dia, pois a noite está chegando", que as manifestações culturais dos povos indígenas estão em declínio irreversível.

Embora o texto sob análise não mencione explicitamente *Vom Amazonas und Madeira*, as observações a respeito de povos originários brasileiros atribuídas a Franz Keller são claramente alusivas à obra e, portanto, considerando as publicações da *Globus* sobre o autor e/ou a obra em anos anteriores (1874, 1875, 1879), decerto que o editor do volume 47, n. 3 de 1885 tinha em mente que o leitor assíduo da revista já estava familiarizado com o relato de viagem e com o engenheiro alemão.

Voltando 11 anos no tempo, em 1874, o volume 20 do importante periódico alemão *Petermanns Geographische Mitteilungen*³⁵⁷ traz uma resenha de uma coluna sobre a obra. No cabeçalho consta que ela foi publicada em 1873 [sic], no “formato in-quarto, 160 páginas, com 1 mapa, 16 ilustrações e muitas xilogravuras”, custando 10 Thaler³⁵⁸ um exemplar padrão e 12, uma edição luxuosa. Considerando o salário médio de um trabalhador urbano não qualificado no Império Alemão à época³⁵⁹, o preço do livro de Keller poderia ser considerado caro, mesmo com a justificativa de se tratar de uma obra ilustrada no formato in-4. Portanto, é possível que apenas leitores com boa condição financeira (burgueses, nobres e/ou intelectuais) pudessem adquirir

³⁵⁶ Original em alemão: Man sieht, wie hier ein Meister des Kunstgewerbes, der zugleich ethnographische Erfahrungen besitzt, ein Lied singt wie Adolf Bastian. „Nützet den Tag, denn es will Abend werden“, so lautet in der Ethnographie die Parole.

³⁵⁷ Fundado pelo cartógrafo August Heinrich Petermann (1822-1874), discípulo de Heinrich Bhergauss, e que contava com o apoio do famoso instituto geográfico *Justus Perthes Geographische Anstalt Gotha* (Duarte, 2018, p. 64).

³⁵⁸ O “Thaler prussiano” se tornou a moeda principal do novo sistema monetário do Império Alemão Unificado, porém com o nome de “Marco” (Gaspar, 2010, p. 120). Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PPGE/disserta%C3%A7%C3%B5es/2010/Debora%20Garcia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

³⁵⁹ Entre 1871-1875 e 1911-1913, o salário diário médio de trabalhadores urbanos não qualificados na Alemanha aumentou de cerca de 2,3 para 4,1 marcos (Lago, 2004, p. 28). Disponível em: <https://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/td482.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

um exemplar. No excerto a seguir, algumas características salientadas pela resenha acerca do volume podem justificar seu valor de comércio:

Cerca de setenta ilustrações³⁶⁰, gravadas em madeira pelo próprio autor e cortadas por Closs em Stuttgart, destacam-se nesta obra, que também é tipograficamente bem equipada, por sua beleza incomum, a ponto de assumir o caráter de uma obra de arte destinada à mesa de livros do salão, e, de fato, as imagens grandes especialmente encadernadas, assim como as menores impressas no texto e como as encantadoras iniciais e vinhetas finais, são realizações artísticas tanto como paisagens quanto em termos de imagens, representação do mundo vegetal, pessoas e animais (Petermanns Mitteilungen, 1874, v. 20, p. 239, segunda coluna, tradução e grifo nossos)³⁶¹.

Além de analisar os aspectos materiais da obra, o excerto destaca sua beleza tipográfica, acabamento luxuoso e aspectos relevantes de seu conteúdo, elementos que certamente faziam dela uma obra cujo preço faria com que se destinasse a uma elite letrada em condições de comprar um livro com tais características. Quanto ao teor da obra, é ressaltado que se trata de um relato detalhado de uma expedição que Franz Keller fez pelos rios Amazonas e Madeira com vistas a realizar um estudo preliminar para uma ferrovia³⁶² que contornaria as corredeiras do rio Madeira. O texto também observa que Keller registrou seu dia a dia nos acampamentos, na canoa, discorreu sobre a caça e a pesca nas Províncias do Amazonas e do Mato Grosso³⁶³, assim como acerca das populações indígenas “selvagens” do Vale do rio Madeira, com ênfase aos Mojos da Bolívia (Petermanns Mitteilungen, 1874, v. 20, p. 239, segunda coluna).

Por se tratar de uma resenha analítica, o texto também traz excertos do apêndice de *Vom Amazonas und Madeira*, que correspondem aos principais resultados científicos do trabalho de levantamento realizado por Keller na mencionada expedição. Dentre eles, a resenha reproduz os seguintes: “Altitude dos principais

³⁶⁰ Conforme já exposto anteriormente, são 68 ilustrações.

³⁶¹ Original em alemão: An siebzig Illustrationen, vom Verfasser selbst auf Holz gezeichnet und von Closs in Stuttgart geschnitten, treten in dem auch typographisch gut ausgestatteten Werke durch ihre ungewöhnliche Schönheit derart hervor, dass es den Charakter eines für den Büchertisch des Salons bestimmten Kunstwerkes annimmt, und zwar sind die besonders eingehafteten grossen Bilder eben so wie die kleineren in den Text gedruckten und wie die reizenden Initialen und Schlussvignetten sowohl als Landschaften wie in Bezug auf Staffage, Darstellung der Pflanzenwelt, der Menschen und Thiere künstlerische Leistungen.

³⁶² A EFMM.

³⁶³ A porção territorial percorrida por Keller nessa província formou o Estado de Rondônia.

pontos acima do nível do mar em metros”³⁶⁴ (Ex.: Cachoeira do Jirau: 102m; Foz do Mamoré: 150,4m)³⁶⁵; “Diferenças de altura e extensão de comprimento das principais cachoeiras e corredeiras”³⁶⁶ (Ex.: Santo Antônio: 1,2m e 300m; Jirau: 8m e 700m)³⁶⁷; “Volume de água do Madeira e de seus afluentes por segundo, em metros cúbicos”³⁶⁸ (Ex.: Madeira, na extremidade superior da corredeira: vazante 1498m³/s, média 4310m³/s e cheia 12144m³/s)³⁶⁹. Em comparação com o rio Reno, a vazão do Madeira abaixo da corredeira na cheia é 39.106 m³/s, contra 5.550 m³/s do rio europeu (Petermanns Mitteilungen, 1874, v. 20, p. 239, segunda coluna).

No século XIX, as potências europeias dedicavam-se a expedições científicas e cartográficas em territórios considerados "exóticos", como a Amazônia. Portanto, a publicação de dados hidrográficos detalhados sobre um importante rio Amazônico (o Madeira), em uma renomada revista alemã de geografia física e humana, despertaria o interesse das elites coloniais capitalistas da Europa. As informações científicas divulgadas pela resenha não só revelariam a essas elites as rotas comerciais para a exploração de recursos naturais — como borracha e madeira —, mas também poderia incentivar propostas de empreendimentos europeus para a infraestrutura ao Império do Brasil, como a construção de canais ou ferrovias, para superar os obstáculos geográficos que dificultavam a navegação, a exploração econômica e o "progresso" da região. A comparação entre o rio Madeira e o Reno, um curso d'água europeu familiar aos leitores da época, servia para facilitar a compreensão sobre a magnitude e o potencial do rio amazônico.

Em síntese, ao editor alemão interessava os dados técnicos e não pitorescos ou exóticos da narrativa, o que também se confirma pelo interesse em comentar que “O comprimento da ferrovia a ser construída com uma bitola mínima³⁷⁰ é de apenas

³⁶⁴ Original em alemão: Höhenlage der Hauptpunkte über dem Meeresspiegel in Meter.

³⁶⁵ Original em alemão: Giráo Fall, Unterwasser ... 102 / Mündung des Mamoré ... 150,4.

³⁶⁶ Original em alemão: Höhenunterschiede und Längenausdehnung der hauptsächlichsten Abstürze und Schnellen.

³⁶⁷ Original em alemão: St. Antonio .. Höhe 1,2 M. Länge 300 M. / Giráo .. Höhe 8. Länge 700.

³⁶⁸ Original em alemão: Wassermenge des Madeira und seiner Zuflüsse per Sekunde in Kubik Meter bei.

³⁶⁹ Original em alemão: Madeira, am oberen Ende der Schnellen.. Niederwasser: 1498. Mittelwasser: 4310. Hochwasser: 12144.

³⁷⁰ A bitola mínima é de 60cm [...] O barateamento começa pela adoção de bitolas estreitas, para que mais estreitos possam ser os cortes, os aterros e as obras de arte. Só para se ter uma ideia, um manual técnico do século XIX preconizava, para as ferrovias de bitola larga (1,60 m), larguras mínimas de 6,20 m nos cortes e 4,80 m nos aterros - enquanto, para ferrovias de bitola de 0,75 m, esses mínimos reduziam-se, respectivamente, a 3,38 m e 2,25 m (Queiroz, 2022, p. 2-3).

280 quilômetros, mas os custos são estimados em 22.100.000 de francos³⁷¹ (Petermanns Mitteilungen, 1874, v. 20, p. 239, segunda coluna, tradução nossa). Depreende-se, portanto, que os custos são muito elevados considerando a adoção de uma bitola estreita para um empreendimento ferroviário considerado curto, principalmente no contexto de expansão colonial e integração regional. No entanto, no apêndice do seu relato de viagem, o próprio Franz Keller esclarece as razões para o alto custo da ferrovia:

Como a extensão total da ferrovia a ser construída, com uma mínima margem de erro, deverá se estender por cerca de 280 quilômetros (em superfícies não muito problemáticas, de modo geral), a projeção de gastos parece deveras alta mesmo para o Brasil, mas em países escassamente povoados – privados de maiores comunicações com o resto do mundo, e para os quais é necessário antes importar produtos e recursos de todos os tipos, exceto madeira, mas principalmente mão de obra –, naturalmente os custos das várias operações associadas a tais projetos sempre constituem cifras enormes (Keller-Leuzinger, 2021, p. 296).

Além disso, a resenha salienta o teor instrutivo da obra, baseado em observações diretas feitas *in loco*, com um caráter predominantemente didático e descritivo, não se limitando a efusões poéticas, embora apresente uma linguagem intensa e impactante, com diversas narrativas e descrições bem elaboradas capazes de evocar o espírito aventureiro do leitor amante do relato de viagem.

Insta salientar que o editor alemão também discute alguns aspectos socioculturais presentes na obra Keller, expondo que sua “introdução contém uma descrição curta, clara e imparcial do atual estado cultural do Brasil, que é adequada para uma orientação geral sobre o país e para estabelecer um julgamento razoável sobre a tão discutida emigração alemã para lá³⁷². Além disso, o texto evidencia que *Vom Amazonas und Madeira* também critica a vergonhosa instituição da escravidão, a falta de igualdade política para imigrantes no Brasil Imperial, desaconselhando a emigração de agricultores alemães (Petermanns Mitteilungen, 1874, v. 20, p. 239, segunda coluna, tradução e grifo nossos). Como se percebe, ambos os comentários têm dimensões muito práticas, pois até mesmo aquilo que os alemães consideram

³⁷¹ Original em alemão: Die Länge der mit einem Minimum von Spurweite zu konstruierenden Eisenbahn beträgt nur etwa 280 Kilometer und doch sind die Kosten auf 22.100.000 Francs veranschlagt.

³⁷² Die Einleitung enthält eine kurze, klare, unparteiische Darlegung von dem heutigen Kulturzustand Brasiliens, die zur allgemeinen Orientierung über das Land und zur Fundamentierung eines vernünftigen Urtheils über die vielbesprochene Deutsche Auswanderung dahin geeignet ist (Original em alemão).

cultura interessa particularmente em virtude da propaganda de atração de imigrantes para o Brasil. Conforme será observado posteriormente, o discurso de Franz Keller na introdução de *Vom Amazonas und Madeira* não é nada imparcial, como afirma essa resenha.

Essa crítica por si só já contraria o que se entende por “imparcialidade” e evidencia a condescendência do periódico alemão quanto à crítica contundente que Keller faz ao governo brasileiro logo na introdução³⁷³ do seu relato, conforme se depreende do excerto a seguir:

Ao invés de conceder generosas porções de terra gratuitamente aos alemães recém-chegados, abrindo-lhes estradas e garantindo-lhes liberdade religiosa e igualdade política para com os nacionais, o país se viu em descrédito aos olhos europeus, à medida que se permite a ricos cafeicultores firmar “contratos de parceria com os colonos germanos, sendo estes colocados nas mãos de patrões muitas vezes inescrupulosos (Keller-Leuzinger, 2021, p. 37).

Observa-se que Keller-Leuzinger vislumbra tratamento especial para os colonos alemães, como se estes fossem realmente superiores aos brasileiros, visto que reivindica a cessão de “generosas porções de terra”, liberdade religiosa e igualdade política a seus conterrâneos em terras brasileiras. Obviamente, o governo brasileiro nega o desvario e é desacreditado pelos europeus, segundo afirma o autor.

A resenha reforça o caráter enciclopédico de *Vom Amazonas und Madeira*, bem como a sua utilidade para leitores interessados em estudos de engenharia, hidrografia e antropologia. O texto também suscita reflexões – a partir da perspectiva europeia – sobre a imigração alemã, a colonização e o desenvolvimento do Império do Brasil no reinado de Dom Pedro II.

Em 1875, o periódico berlinense *Zeitschrift für Ethnologie (ZfE)*³⁷⁴ publica a transcrição de uma “Reunião Extraordinária realizada em 28 de junho de 1875”³⁷⁵ na Sociedade Antropológica Alemã³⁷⁶ presidida pelo Sr. Virchow. Além do presidente, os demais participantes são Hildebrandt, Noack, Hartmann, Fritsch e Ascherson. A

³⁷³ Conforme observamos em notícias dos periódicos *Jornal do Commercio (1874)* e jornal *A Nação: Jornal Politico, Commercial e Litterario (RJ)*, Franz Keller também tece críticas como essas no prefácio de *Vom Amazonas und Madeira*.

³⁷⁴ Revista de etnologia (Tradução livre).

³⁷⁵ Original em alemão: Ausserordentliche Sitzung am 28. Juni 1875.

³⁷⁶ Original em alemão: Deutschen anthropologischen Gesellsch.

reunião tinha como objetivo discutir descobertas recentes, trocar conhecimentos e promover a colaboração entre pesquisadores acerca de temas relacionados à antropologia, etnologia e arqueologia (Hildebrandt, et al., 1875, in *Zeitschrift für Ethnologie*, 1875, v. 7).

O Sr. Virchow exibiu aos participantes alguns crânios de indígenas brasileiros enviados pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro. Segundo informa, “O crânio nº 1 é um espécime único, e é difícil dizer o que é típico e o que é meramente singular. Porém, é uma aquisição muito gratificante, pois vem de uma área muito inacessível do Paraná, no Sul”. O referido crânio é de um indivíduo “da tribo dos Caygouás ou Cayowas, parte da ampla família Guarani que habitava as planícies centrais da província do Paraná e da qual apenas algumas famílias nômades ainda podem ser encontradas” (Hildebrandt, et al., 1875, in *Zeitschrift Für Ethnologie*, 1875, v. 7, p.165, tradução nossa)³⁷⁷. Virchow relata que recebera uma carta de Franz Keller, que também lhe “enviou alguns de seus excelentes desenhos originais. Entre eles, uma ilustração do velho Capitão Libanco, um poderoso e temido cacique que morreu há alguns anos como ‘mediador no Aldeamento S. Pedro d'Alcantara no Tibagy” (Hildebrandt, et al., 1875, in *Zeitschrift Für Ethnologie*, 1875, v. 7, p. 165, tradução nossa)³⁷⁸. A fonte consultada por Virchow a respeito do cacique Libanco é *Vom Amazonas und Madeira*, informada pelo autor na seguinte nota de rodapé:

A outra ilustração retrata um jovem índio Coroado do mesmo Aldeamento. O Sr. Keller Leuzinger também apresentou imagens semelhantes de um chefe dos Cayowas e de um dos Coroados em seu esplêndido livro (*Vom Amazonas und Madeira*, Stuttgart 1874. pp. 139 e 140) (Hildebrandt, et al., 1875, in *Zeitschrift Für Ethnologie*, 1875, v. 7, p. 165, tradução nossa)³⁷⁹.

³⁷⁷ Original em alemão: Der Schädel No. 1 ist ein solitärer, bei dem man in Verlegenheit geräth, zu sagen, was an ihm typisch und was nur individuell ist. Trotzdem ist er ein sehr dankenswerther Erwerb, insofern er aus dem sehr unzugänglichen Gebiet vom Paraná im Süden stammt. Er ist nach den Angaben aus dem Stamm der Caygouás oder Cayowas, zu dem weit verbreiteten Geschlecht der Guarani gehörig, das die centralen Ebenen der Provinz Parana bewohnte und von dem man nur noch einzelne nomadisirende Familien antrifft.

³⁷⁸ Original em alemão: Durch einen ganz besonderen Zufall habe ich Folge des Bekanntwerdens des Geschenkes der brasilianisehen Regierung eine Zuschrift des Ingenieurs Hrn. Keller-Leuzinger erhalten, der mir zugleich ein paar von seinen vortrefflichen Originalzeichnungen. (Taf. XII) zur Verfügung gestellt hat. Darunter befindet sich merkwürdigerweise eine Abbildung des alten Capitain Libanco (Fig. 1), der einstmals ein mächtiger und gefürchteter Häuptling war und vor wenigen Jahren als „Mediatisirter in dem Aldeamento S. Pedro d'Alcantara am Tibagy gestorben is“.

³⁷⁹ Original em alemão: Die andere Abbildung stellt einen jungen Coroado-Indianer aus demselben Aldeamento dar. Parallele Bilder eines Häuptlings der Cayowas und eines der Coroados hat Hr. Keller Leuzinger auch in seinem prächtigen Buche (*Vom Amazonas und Madeira*, Stuttgart 1874. S. 139 und 140) gegeben.

Embora mencione as seguintes ilustrações dos referidos caciques indígenas, o texto da revista ZfE não as disponibiliza.

Figura 50. Capitão Pay, cacique dos Kaiowás.



Fonte: keller-Leuzinger (2021, p. 282).

Figura 51. Capitão Vei-Bang, cacique dos Coroados



Fonte: keller-Leuzinger (2021, p. 284).

Depreende-se do supracitado excerto os esforços que Franz Keller-Leuzinger vinha fazendo para divulgar seu trabalho e obter reconhecimento justamente no campo da etnologia, o que parece ter dado certo naquele contexto, uma vez que é mencionado na reunião como uma referência importante no registro visual de povos indígenas em extinção, especialmente os “Cayowas/Cayguás” e os “Coroados”³⁸⁰, contribuindo para documentar culturas ameaçadas. Segundo consta no texto da revista *ZfE* sob análise, o geólogo e antropólogo Charles Frederick Hartt é nomeado pelo governo brasileiro para liderar uma expedição científica que incluiria estudos geológicos, antiguidades e populações indígenas, conforme passagem abaixo:

Por acaso, recebi hoje uma mensagem de nosso membro correspondente, o Sr. Hartt, que me informou do Rio de Janeiro que havia sido nomeado pelo governo brasileiro como chefe de uma exploração geológica do império, que também incluiria o estudo das antiguidades do país e das tribos vivas. Ele também pretende visitar o Botocudos primeiro. Esse é um passo muito bem-vindo que o governo brasileiro deu. O Sr. Hartt é provavelmente um dos americanos mais diligentes e inteligentes, e acredito que podemos esperar que ele realize seus estudos não apenas no interesse da geologia, mas também no da antropologia (Hildebrandt, et al., 1875, in *Zeitschrift Für Ethnologie*, 1875, v. 7, p.181, tradução e grifo nossos)³⁸¹.

³⁸⁰ Reitera-se que o “verdadeiro nome” dessa etnia é “Kaingáng”.

³⁸¹ Original em alemão: Zufällig habe ich heute eine Mittheilung unseres correspondirenden Mitgliedes, Hrn. Hartt empfangen, der mir aus Rio meldet, er sei durch das brasilianische Gouvernement zum Chef

Os estudos antropológicos a serem realizados por Charles Hartt, especialmente no registro de etnias ameaçadas de extinção, como os Botocudos, são enfatizados, assim como se sugere que pudesse contar com a colaboração de um profissional com o perfil de Franz Keller, com a finalidade de obter registros visuais detalhados das populações indígenas, como se observa no excerto a seguir:

Se ele fosse auxiliado por um homem como o Sr. Keller-Leuzinger, é de se esperar que também recebêssemos material relacionado à representação pictórica dessas tribos desaparecidas, o que poderia servir como um arquivo de pesquisa para todos os tempos, mesmo em uma época em que os índios brasileiros estivessem completamente destruídos (Hildebrandt, et al., 1875, in *Zeitschrift Für Ethnologie*, 1875, v. 7, p.181, tradução nossa)³⁸².

É importante salientar que essa menção a Keller-Leuzinger tem grande relevância, pois se dá em uma importante revista de etnologia alemã, evidenciando o respeito e admiração dos pesquisadores com relação às ilustrações de natureza etno-iconográfica. A sugestão para auxiliar Hartt em futuras expedições faz crer que Keller era respeitado por seus coetâneos que o consideravam um especialista capaz de enriquecer estudos de antropologia, engenharia e exploração geográfica com seu capital cultural acumulado durante sua trajetória nos campos da engenharia e do desenho artístico.

Em 1899, vinte e cinco anos após a publicação da primeira edição alemã de *Vom Amazonas und Madeira*, o escritor alemão Oskar Canstatt publica o livro *Das republikanische Brasilien in Vergangenheit und Gegenwart: nach den neuesten amtlichen Quellen und auf Grund eigener Anschauung*³⁸³. O texto menciona Franz Keller-Leuzinger em vários contextos relacionados ao Brasil oitocentista, particularmente no que concerne à população brasileira e ao desaparecimento de

einer geologischen Exploration des Kaiserreiches ernannt worden, in welche Untersuchung zugleich das Studium der Alterthümer des Landes und auch das der lebenden Stämme eingeschlossen sei. Auch er gedenkt sich zu-nächst zu den Botokuden zu wenden. Es ist das ein sehr erwünschter Schritt, den die brasilianische Regierung gethan hat. Hr. Hartt gehört wohl zu den fleissigsten und intelligentesten Amerikanern, und ich glaube, dass wir von ihm erwarten dürfen, er werde nicht nur im Interesse der Geologie, sondern auch in dem der Anthropologie seine Studien machen.

³⁸² Original em alemão: Stände ihm ein Mann, wie Hr. Keller-Leuzinger zur Seite, so liesse sich hoffen, dass wir auch in Bezug auf die bildliche Darstellung dieser untergehenden Stämme ein Material erhielten, welches für alle Zukunft als ein Archiv der Forschung dienen könnte, auch noch zu einer Zeit, wo die brasilianischen Indianer gänzlich vernichtet sein werden.

³⁸³ O Brasil republicano no passado e no presente: de acordo com as últimas fontes oficiais e com base em observações próprias (Tradução livre).

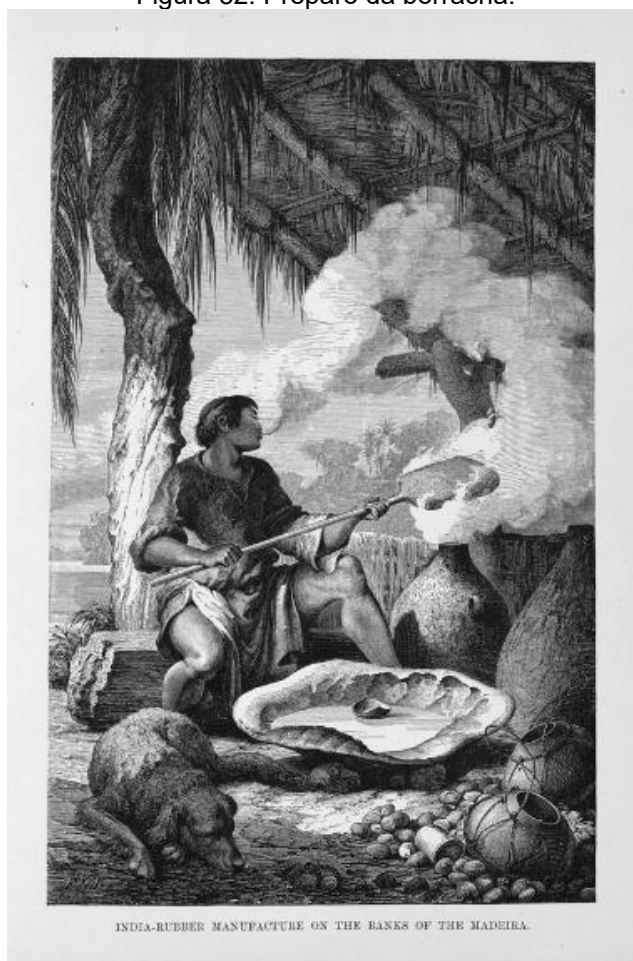
alguns povos indígenas, às técnicas de caça e sobrevivência, à extração do látex e à sua atuação no âmbito da infraestrutura e transporte.

Canstatt expressa preocupação com o desaparecimento progressivo das populações indígenas do Brasil, argumentando que sua extinção seria uma perda para a diversidade étnica e cultural do Brasil. No entanto, o autor não discorda totalmente de Keller, pois acredita que a extinção daqueles povos favorece o desenvolvimento do Brasil, o que a tornaria justificável. Dessa forma, citando Keller, Canstatt afirma que só se deveria lamentar essa extinção, ainda que também de indígenas “capazes de serem civilizados”, sob o ponto de vista da diminuição da diversidade etnográfica (Canstatt, 1899, p. 127)³⁸⁴.

Segundo o autor, Franz Keller forneceu descrições detalhadas sobre a extração de látex (borracha) nos igapós da região amazônica, incluindo ferramentas e técnicas utilizadas pelos seringueiros como a incisão nas seringueiras (*Siphonia elastica*), o transporte do látex, seu acondicionamento em grandes cascos de tartaruga e o processo de defumação para coagulá-lo. Ele também salienta a importância econômica crescente da borracha (Canstatt, 1899, p. 189). O desenho a seguir, de Keller, ilustra essas observações de Canstatt:

³⁸⁴ Original em alemão: Die fortschreitende Verminderung der indianischen Bevölkerung ist eine unbestreitbare Thatsache, wie dies ja auch in Nordamerika der Fall ist. Kommt das im allgemeinen wohl der Entwicklung Brasiliens zu statten, so möchten wir anderseits Keller-Leuzinger nicht ganz Unrecht geben, wenn er sagt: Ein gänzlichliches Aussterben der zahlreichen, jedenfalls bis zu einem gewissen Grade bildungsfähigen Autochthonenstämme wird jedoch schon um des verminderten ethnographischen Formenreichtums halber, aus dem sich mit der Zeit wohl etwas in die neuen Verhältnisse Passendes entwickelt haben würde, höchlichst zu bedauern sein.

Figura 52. Preparo da borracha.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021b, p.189)³⁸⁵.

Salienta-se que o livro de Oskar Canstatt descreve métodos de caça no Brasil, incluindo técnicas usadas por indígenas e colonos europeus. Segundo informa, Keller-Leuzinger é “especialista em caça no Brasil”. Ele elege a “anta” como “a caça mais procurada entre os inúmeros animais que são avidamente perseguidos” (Canstatt, 1899, p. 208, tradução nossa)³⁸⁶.

Por fim, de acordo com Canstatt, Franz Keller contribuiu com estudos e projetos para melhorar a navegação fluvial e a infraestrutura de transporte no Brasil, especialmente no Amazonas e em outras regiões com rios repletos de obstáculos.

³⁸⁵ [...] sentado entre seus modestos utensílios de trabalho, um índio Mojo segura uma pá banhada em uma fresca camada de seiva sobre a fumaça branca de uma fogueira de sementes de uauaçu e urucuri (as únicas responsáveis por fazer a seiva se consolidar do modo adequado). No chão, as sementes, as cabaças e um cálice feito de bambu com o qual o índio recolhe a seiva das seringueiras e a despeja no casco de tartaruga ao centro (Keller-Leuzinger, 2021, p. 25).

³⁸⁶ Original em alemão: Das begehrteste Wild unter den zahlreichen Tieren, denen man eifrig nachstellt, ist der dickhäutige Tapir (Anta), der allein oder paarweise die am üppigsten mit Pflanzen durchwachsenen Urwaldteile bewohnt.

Seu trabalho, segundo o autor, teria sido fundamental para planejar rotas e superar desafios geográficos³⁸⁷. Canstatt menciona que “os engenheiros Keller-Leuzinger (inclui o Joseph, que não tinha sobrenome Leuzinger), em particular, forneceram o trabalho preliminar mais valioso” na construção de estradas e ferrovias do império brasileiro. Keller é considerado responsável pela construção da ponte de ferro sobre o Rio Paraíba, parte da Estrada União e Indústria, destacada como um exemplo de excelência da engenharia alemã. Mesmo vinte e cinco anos após o lançamento do seu relato de viagem, Keller ainda é lembrado e referenciado em um texto científico de grande relevância para embasar estudos sobre a Amazônia.

Em 1875, a revista inglesa *The Academy: a Weekly Review of Literature, Science, and Art*³⁸⁸ publica uma resenha analítica que o naturalista inglês Henry Walter Bates³⁸⁹ redigira acerca da edição londrina de 1874 de *Vom Amazonas und Madeira* intitulada *The Amazon and Madeira Rivers*, de Franz Keller-Leuzinger. Nessa resenha, Bates afirma que a obra de Franz Keller era uma contribuição relevante ao conhecimento de uma região ainda pouco conhecida e explorada do continente sul-americano. Ele ressalta que Keller atuara como engenheiro do governo brasileiro em um projeto ambicioso visando facilitar o transporte e o comércio entre Bolívia, Brasil e Europa (Bates, in *The Academy*, 1875, v. 7).

Acerca da viagem de exploração dos Keller ao Madeira, Bates relata que “O Sr. Keller deixou o Rio de Janeiro para essa importante missão, acompanhado de seu pai, em novembro de 1867, e retornou a essa cidade em janeiro de 1869”; o que, para ele, é “um intervalo não muito longo”, pois realizaram “cerca de 7.000 milhas de

³⁸⁷ Original em alemão: An Versuchen dazu hat es zwar nicht gefehlt und grosse Kosten wurden schon auf Untersuchung der einzelnen Flussgebiete, Ausarbeitung von Voranschlägen zur Verbesserung der Wasserfahrstrassen und zur Umgehung der Hindernisse durch Anlage von Strassen und Bahnen verwendet, doch ist man heute noch nicht viel weiter gekommen, als man vor drei Jahrzehnten gewesen. Die wertvollsten Vorarbeiten haben besonders die Ingenieure Keller- Leuzinger geliefert. Nach wie vor besteht deshalb noch gegenwärtig der. Missstand, dass das Binnenland, namentlich der Staat Matto Grosso, nur auf dem langwierigsten Wege mit der Landeshauptstadt und den Seeplätzen verkehren kann, der Handel zum Teil auch den Weg über die La Plata-Staaten einschlagen muss (Canstatt, 1899, p. 278-279).

³⁸⁸ A Academia: uma revisão semanal de literatura, ciência e arte (Tradução livre).

³⁸⁹ [...] nasceu em Leicester em 18 de fevereiro de 1825 e faleceu em Londres em 16 de fevereiro de 1892. Sua grande viagem à Amazônia foi organizada juntamente com A. R. Wallace e com os auspícios do Museu Britânico [...] Wallace regressou à Inglaterra em 1852 e Bates seguiu na Amazônia. Percorreu o leito do rio Amazonas estudando a fauna da região, regressando à Inglaterra apenas em 1859, portanto onze anos depois da partida. Foi um estudioso dedicado que introduziu o conceito de mimetismo, sendo que tanto Darwin como Wallace lhe devem dados de grande importância que serviram de apoio à teoria da seleção natural. [...] Em 1863, por insistência de Charles Darwin, Bates publica a primeira edição do seu relato de viagem *The Naturalist on the River Amazons* (Silva, 2016, p. 131).

viagem” e executaram “pesquisas de engenharia em uma extensão de 230 milhas de rio (a extensão da seção obstruída por corredeiras), com uma equipe tão pequena de quatro pessoas, no total” (Bates, in *The Academy*, 1875, v. 7, p. 108, primeira coluna, tradução nossa)³⁹⁰. No que concerne às considerações do naturalista britânico, não fica claro se ele está valorizando ou colocando em xeque o fato de a comitiva dos Keller ter concluído uma missão tão densa em um curto intervalo de tempo e com uma equipe considerada tão reduzida. Todavia, insta salientar que a aludida viagem de exploração dos Keller durou aproximadamente 7 meses, menos tempo do que foi informado por Henry Bates (Keller-Leuzinger, 2021, p. 62; 130; Kohl, 2012, p. 141).

A respeito do relatório de exploração do rio Madeira Bates comenta que ele é “composto de sessenta e uma páginas em formato octavo grandes” e que seus “principais detalhes de engenharia [...] ou aqueles que são calculados para interessar aos leitores em geral, foram acrescentados” por Franz Keller no apêndice do seu relato de viagem “e serão bem-vindos a todos que valorizam informações sólidas em livros de viagem” (Bates, in *The Academy*, 1875, v. 7, p. 108, primeira coluna, tradução e grifo nossos)³⁹¹. Com relação à *Vom Amazonas und Madeira*, Bates (1875) acredita que Franz Keller não adotou “o arranjo mais atraente para o conteúdo do livro”, uma vez que apresenta “a narrativa resumida da viagem em dois capítulos³⁹², e todas as suas observações sobre o país, suas produções e seu povo, em capítulos separados”. De sua perspectiva Keller deveria ter seguido o que ele denomina de o “método usual”: “o de intercalar as observações gerais ao longo da narrativa”. Apesar disso, “seu estilo [...] é agradável; ele descreve bem e transmite uma grande quantidade de informações interessantes e sólidas sobre os vários temas que escolheu” (Bates in *The Academy*, v. 7, p.108, terceira coluna, tradução nossa)³⁹³.

³⁹⁰ Original em inglês: Mr. Keller left Rio de Janeiro, on this important errand, accompanied by his father, in November, 1867, and returned to that city in January, 1869; not too long an interval, be it observed *en passant*, in which to accomplish some 7,000 miles of travel, and execute engineering surveys over a length of 230 miles of river (the length of the section obstructed by rapids), with so small a staff as four persons, all told.

³⁹¹ Original em inglês: In May, 1869, his official report, consisting of sixty-one large octavo pages, was presented to the Minister of the Interior in Rio. The principal engineering details of this report, or such as are calculated to interest general readers, are added to the popular account of the journey in the work before us, and will be welcome to all who value solid information in books of travel.

³⁹² Os dois primeiros do relato.

³⁹³ Original em inglês: Mr. Keller has not, we think, adopted the most attractive arrangement of the matter of his book; giving the narrative briefly in two chapters, and all his remarks on the country, its productions and people, in classified order under separate chapters. The usual method would certainly have been better, namely, that of interspersing the general observations throughout the narrative. His style, however, is pleasant; he describes well and imparts a great amount of interesting and solid information under the various heads he has chosen.

Quanto às sessenta e oito gravuras da obra de Franz Keller, Bates (1875) as considera um aspecto positivo, por serem “muito avançadas em termos de design e execução em relação às aquelas normalmente encontradas em livros de viagem”. Embora Keller se mostre “um artista de grande talento”, na perspectiva de Bates ele não foi “tão bem-sucedido nas figuras de grupos indígenas quanto nas paisagens e, especialmente, nos detalhes da vegetação tropical”. Ademais, “raramente esses detalhes foram apresentados nas ilustrações de livros dessa classe com tanta fidelidade e beleza como no esboço dos índios Caripuna com anta na pág. 89”. Bates salienta que devido ao fato de “muitas das gravuras serem de tamanho quarto, foi necessário um formato proporcionalmente grande para o volume; o que, para ele, lamentavelmente poderia impedir “uma ampla circulação de um livro de viagens tão meritório” (Bates, in *The Academy*, 1875, v. 7, p. 108, terceira coluna, tradução e grifo nossos)³⁹⁴. A seguir, a gravura que impressionou Bates:

Figura 53. Índios Caripunas com anta abatida³⁹⁵.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 162).

³⁹⁴ Original em inglês: An important feature of the volume is the engravings, sixty-eight in number, with which it is adorned. These are far superior in design and execution to those usually met with in books of travel. [...] The result shows that he is an artist of no mean attainments; but we do not think he has succeeded so well in the Indian figures and groups as in the landscapes, and especially in the details of tropical vegetation. Rarely have these been presented in the illustrations of books of this class with such fidelity and beauty as in the sketch of Caripuna Indians with Tapir at p.89. Many of the engravings being of large quarto size, a correspondingly large format for the volume has been required; but it would be a matter for regret if circumstance should stand in the way of a wide circulation for so meritorious a book of travels.

³⁹⁵ [...] debaixo de uma densa cortina de trepadeiras, orquídeas em profusão, graciosas samambaias e bromélias, a anta, perfurada por muitas flechas, cai ao chão. O caçador sortudo, um Caripuna de pele escura, abrirá o animal, selecionando para si os melhores cortes, enquanto sua fiel companheira carregará a pesada carga até a aldeia; o mestre e senhor dela apenas carrega as armas, mas somente as essenciais ao pronto uso um arco e duas flechas; o excedente, a esposa submissa também carregará (Keller-Leuzinger, 2021, p. 23-24).

Como explanado no subtópico sobre a história editorial de *Vom Amazonas und Madeira*, Henry Bates revisou a tradução e converteu as medidas estrangeiras (alemãs) para o inglês das edições de 1875 da editora londrina *Chapman and Hall* e da estadunidense *J.B. Lippincott and Co.*, da Filadélfia. Nessa resenha, Bates (1875) esclarece as razões que culminaram com a necessidade de corrigir “certas deficiências da tradução”. Segundo pontua, “é imprescindível, em um livro para leitores ingleses, converter todas as medidas de temperatura, tamanho e distância para escalas inglesas. Todas essas medidas, entretanto, não foram traduzidas” da matriz alemã para a edição britânica de 1874 da *Chapman and Hall*. Foi observado que as temperaturas estão em “Centígrados e Réaumur, e as distâncias em metros; mas uma séria confusão é causada quando as milhas são mencionadas, pois são chamadas de ‘milhas geográficas’, embora seja evidente que se trata de milhas alemãs”. Esse é um detalhe “que faz uma grande diferença, especialmente quando se trata de áreas”, pois, “uma ideia muito errônea seria transmitida pela tabela de áreas em milhas quadradas das províncias brasileiras, nas páginas 2 e 6, onde, depois de ter acabado de afirmar que o império era quase tão grande quanto a Europa”, Keller informa que sua área é de “144.500 milhas quadradas geográficas”, uma declaração ininteligível para aqueles que se lembram que a Europa contém quase dois milhões de milhas quadradas”. Tendo em vista se tratar de uma “obra que lida principalmente com o resultado de pesquisas”, Bates acredita que “os dados numéricos mereciam maior atenção”. Alguns “erros de impressão” também foram observados por Bates nos “casos de nomes próprios, como Puro Preto para Ouro Preto, *Bertholetis excelsae* para *Bertholletia excelsa* e muitos outros”. O naturalista inglês também afirma que sentiu falta do “mapa da parte explorada do Madeira, com um esboço em escala reduzida da América do Sul”, que consta na edição original alemã e foi desconsiderado no processo tradutório (Bates, in *The Academy*, 1875, v. 7, p. 108-109, terceira e primeira colunas, tradução nossa)³⁹⁶.

³⁹⁶ Original em inglês: Surely it is necessary in a book for English readers to reduce all measurements of temperature, size and distance to English scales. All these, however, are left untranslated. The temperatures are Centigrade and Réaumur, and the distances in metres; but a serious confusion is caused when miles are mentioned, as they are styled "geographical miles," although it is evident that German miles are meant, which makes a vast difference, especially when areas are in question. Without special attention, a most erroneous idea would be conveyed by the table of areas in square miles of the Brazilian provinces, at pp. 2 and 6, where after having just stated that the empire was nearly as large as Europe, the author gives its area as "144,500 geographical square miles;" an unintelligible statement to those who remember that Europe contains nearly two millions of square miles. In a work dealing largely with the result of surveys, greater attention should have been paid to all the numerical data. We notice also numerous misprints, in most cases of proper names; such as Puro Preto for Ouro Preto,

Ao contrário de Keller – que invisibiliza o elemento indígena no que concerne ao transporte de canoas por terra nos trechos encachoeirados do Madeira, Bates deixa claro que quem descarrega e reboca as ditas embarcações são os “indígenas” (Bates, in *The Academy*, 1875, v. 7, p. 108, segunda coluna).

Considerando a notoriedade do naturalista Henry Bates e a relevância do periódico semanal britânico *The Academy*, a resenha, apesar das críticas apontadas à obra, confere credibilidade ao trabalho realizado por Keller³⁹⁷ na viagem ao Madeira, fazendo o leitor crer que tanto autor quanto obra são fontes confiáveis em termos técnicos no que concerne ao mapeamento da região, assim como em relação aos aspectos etnológicos e iconográficos que constam na obra.

Em 1879, o naturalista e entomólogo estadunidense Herbert Huntington Smith (1851-1919)³⁹⁸ publica a obra *Brazil, the Amazons and the Coast*³⁹⁹. No capítulo 1, intitulado “O grande rio e sua história⁴⁰⁰”, o autor menciona Franz Keller, sua obra e as ilustrações que a compõem:

Uma das explorações do governo brasileiro ficou a cargo de Franz Keller, um engenheiro alemão. Em seu retorno à Europa, esse senhor publicou um livro, que foi posteriormente republicado em inglês. “The Amazons and the Madeira River” [sic] é muito fácil de ler, mas seu principal valor está nas magníficas ilustrações feitas com o lápis do próprio Keller. Eu poderia mencionar pelo menos uma centena de outros autores que escreveram sobre a Amazônia: a maioria dos autores brasileiros está enterrada em relatórios governamentais; os outros escreveram diários de viagem e aventuras pessoais, ou notícias históricas de maior ou menor valor. Qualquer um que tenha sido obrigado a se debruçar sobre essa vastidão ficará bastante satisfeito em ser poupado de um ensaio sobre ela (Smith, 1879, p. 31-32, tradução e grifo nossos)⁴⁰¹.

Bertholetis excelsae for *Bertholletia excelsa*, and many others. In one place (p. 57), the difficulties are alluded to of passes over the Bolivian Andes "at least 1,500 feet (!) above the sea-level." A good map of the part of the Madeira explored, with a sketch-map on a small scale of South America, would have been useful additions to the work. The original German edition, we notice, has a map of this kind.

³⁹⁷ Seu pai, Joseph Keller, engenheiro chefe da expedição, é novamente invisibilizado.

³⁹⁸ Em 1879 publicou um dos mais vívidos e profundos livros de exploração científica sobre o Brasil, no qual estudou com muita ênfase a região do rio Amazonas e o litoral do Brasil. Na obra "Brazil - The Amazons and the Coas", só comparada com "O Naturalista no Rio Amazonas" de Henry Bates, Smith estudou História Natural (Geologia, Zoologia, Botânica) Geografia, História, Etnologia, Política e costumes da população de então (Cunha, 1989, p. 81).

³⁹⁹ Brasil, o rio Amazonas e o litoral (tradução livre).

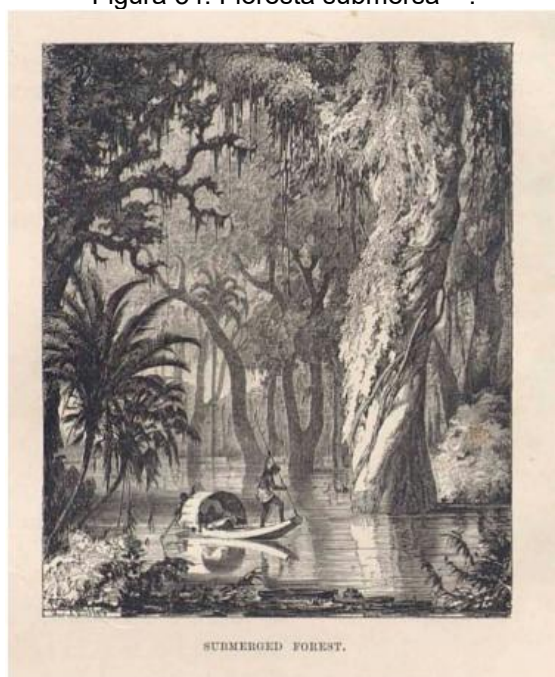
⁴⁰⁰ Original em inglês: The great river and its history.

⁴⁰¹ Original em inglês: One of the Brazilian Government explorations was placed in charge of Franz Keller, a German engineer. On his return to Europe this gentleman published a book, which was subsequently republished in English. "The Amazons and the Madeira River" is very readable, but its chief value lies in the magnificent illustrations from Keller's own pencil. I might mention at least a hundred other authors who have written about the Amazons: most of the Brazilian ones are buried in government reports; the others wrote journals of travel and personal adventure, or historical notices of greater or

No excerto supracitado, Smith elogia as ilustrações de Keller-Leuzinger, considerando-as "magníficas", mas sugere ironicamente que esse seria seu único mérito, afirmando implicitamente que as demais partes do seu relato "são fáceis de ler" e não possuem a mesma qualidade, fazendo o leitor enxergar a edição em inglês como parte de um corpus literário superficial e redundante sobre a região amazônica, uma percepção muito divergente da que circulou sobre a obra no Oitocentos, como, por exemplo, a de Henry Bates (1875).

Focado no aspecto iconográfico do relato de Franz Keller, Herbert Smith (1879) afirma ter utilizado ilustrações do "Sr. Champney" e vários desenhos "feitos pelo Sr. Wiegandt", bem como "emprestado três desenhos de Franz Keller"⁴⁰², para compor sua obra. Com vistas a ilustrar suas considerações científicas a respeito da "Floresta de Várzea" do rio Amazonas, bem como sobre como se dá a pesca do "Pirarucu" pelos nativos, Smith (1879, p. 12-13; 285-286) se apropria dos seguintes desenhos da obra de Keller:

Figura 54. Floresta submersa⁴⁰³.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 147)⁴⁰⁴.

Figura 55. Pirarucu (*Sudis gigas*).



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 150).

less value. Any one who has been obliged to wade through this mass will be glad enough to be spared a rehearsal of it.

⁴⁰² Original em inglês: Besides the illustrations by Mr. Champney, a number of drawings were made by Mr. Wiegandt, of Rio de Janeiro; a few were worked up from photographs, by various artists; three were borrowed from Keller. The zoological drawings, in Chapter VII, are by Mr. J. C. Beard.

⁴⁰³ Original em inglês: Flooded Forest of the Upper Amazons (from Keller) (Smith, 1879, p. 13).

⁴⁰⁴ [...] em dezembro, janeiro e fevereiro, uma grande parte do terreno baixo de mata se vê mais ou menos submerso pelas cheias anuais. Nestas lagoas de águas mansas que se formam, cujas

No capítulo 13 de sua obra, intitulado “Ceará e a Seca”⁴⁰⁵, Herbert Smith (1879) faz uma breve descrição da situação portuária da costa do Estado do Ceará em meados de 1876 e utiliza, em seguida, à página 406, o desenho “Jangada nas ondas” (Figura 47), de Franz Keller, para ilustrar a referida embarcação.

Posteriormente, no capítulo XIX – “Os afluentes do Amazonas”⁴⁰⁶ –, Smith (1879) menciona novamente Franz Keller e elogia seus desenhos que, para o autor, não são como as muitas imagens de outros autores que trazem representações incorretas sobre a região amazônica:

O tenente Gibbon⁴⁰⁷, que desceu o Madeira em 1852, teve uma viagem difícil e selvagem. Mas, desde então, o grande rio tem sido explorado e reexplorado, de modo que o conhecemos muito bem. O Sr. Keller⁴⁰⁸ o retratou para nós, com sua bela série de desenhos: um trabalho que nunca é demais elogiar, em meio à grande quantidade de imagens incorretas e pouco artísticas que têm aparecido⁴⁰⁹ (Smith, 1879, p. 596, tradução nossa).

Nota-se nessa passagem, que Herbet Smith realmente só se interessa pela fortuna iconográfica de Keller, fazendo com que seus desenhos se autonomizem e passem a circular independentemente da obra. Para tanto, Smith evita mencionar os dados científicos geográficos, hidrográficos e etnográficos levantados pelo engenheiro alemão e seu pai na viagem de exploração ao rio Madeira, que foram introduzidos ao longo dos capítulos e apêndice de *Vom Amazonas und Madeira*.

A valorização das ilustrações em detrimento de aspectos técnicos ou etnológicos da obra de Keller por Smith tem uma razão de ser. Herbert Huntington Smith tinha profundo conhecimento da região, pois em 1870, viajara para o Brasil como integrante da Expedição Morgan, missão científica que tinha o objetivo de explorar e documentar a biodiversidade brasileira, com ênfase na Amazônia. Em maio de 1881, Smith e sua esposa chegam em Belém (PA) e depois seguem viagem para

superfícies negras refletem vividamente uma vegetação luxuriante, um caçador nativo arpoa o imponente pirarucu (Keller-Leuzinger, 2021, p. 22).

⁴⁰⁵ Original em inglês: Ceara and the drought.

⁴⁰⁶ The tributaries of the amazons (Título original em inglês).

⁴⁰⁷ Valley of the Amazon. Part II. (Nota do autor)

⁴⁰⁸ The Amazon and Madeira Rivers. A obra foi publicada originalmente em alemão, mas há várias edições em inglês (Nota do autor, tradução nossa).

⁴⁰⁹ Lieut. Gibbon,* who came down the Madeira in 1852, had a wild voyage and a hard one. But since then the great river has been explored and re-explored, so that we know it very well. Herr Keller* has pictured it for us, with his beautiful series of drawings: work which I cannot praise too highly, in the great mass of incorrect and unartistic pictures that have appeared. (Texto original em inglês)

Pernambuco e Rio de Janeiro, onde conhecem o Imperador Dom Pedro II. Também é importante salientar que a Expedição Morgan foi comandada pelo geólogo e naturalista Charles Frederick Hartt⁴¹⁰, professor de geologia da Cornell University, onde Smith estudara. É importante salientar que Hartt não somente estudara em Harvard sob a orientação do naturalista Louis Agassiz como também participara da Expedição Thayer ao Brasil (1865–1866)⁴¹¹, comandada por este último. Hartt irá fundar e dirigir, com apoio de D. Pedro II, a Comissão Geológica do Império, com o objetivo de mapear e estudar a geologia brasileira.

Portanto, embora Bates possuísse notória experiência na Amazônia, fruto de onze anos de investigações na região entre 1848 e 1859, inclusive com contribuições de grande relevância à teoria da seleção natural, de Charles Darwin (Silva, 2016), Smith também desfrutava de uma experiência similar, décadas mais tarde, por meio de sua participação em duas expedições à mesma região. Dessa forma, o conteúdo das resenhas tem relação com o fato de as opiniões críticas estarem partindo de especialistas e conhecedores da região, conforme se percebe pela biografia desses naturalistas. Muito provavelmente por essa razão, Smith se interessou mais pelas ilustrações que consegue reconhecer pela experiência, do que pelo relato propriamente dito.

Acerca da importância de ilustrações em obras publicadas no século XIX, é interessante mencionar que, de acordo com Frank Kohl, àquela época havia uma “suposição generalizada de que as fotografias eram consideradas um substituto equivalente para as pessoas retratadas e os objetos originais e tinham o status de portadoras de informações visuais objetivas e verdadeiras”⁴¹² (Kohl, 2012, p. 193, tradução nossa).

Conforme evidenciado pelas fontes analisadas ao longo dessa seção, observa-se que a obra *Vom Amazonas und Madeira*, de Franz Keller, teve uma circulação e

⁴¹⁰ A respeito de Hartt, cf: https://phoenix.org.br/charles-frederick-hartt/?utm_source=; cf. Também: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=expedicoes-morgan>

⁴¹¹ Louis Agassiz comandava a Comissão ou Expedição Thayer, que percorreu boa parte do território brasileiro entre o Rio de Janeiro e a Amazônia, viagem que deu origem ao livro *A journey in Brazil*, editado em Boston, em 1868. A Comissão Thayer foi financiada pelo empresário e filantropo norte-americano Nathaniel Thayer, Jr. (1808-1883), ex-aluno de Agassiz no Museu de Zoologia Comparada, em Harvard. Vale lembrar que Charles Frederick Hartt (1840 – 1878), o futuro chefe da [Comissão Geológica do Império \(1875 – 1878\)](#), integrada pelo fotógrafo [Marc Ferrez \(1843-1923\)](#), participou da Comissão Thayer – foi a primeira vez que esteve no Brasil (Wanderley, 2025, on-line).

⁴¹² ... die im 19. Jahrhundert verbreitete Annahme deutlich, dass Fotografien als gleichwertiger Ersatz der abgebildeten Personen und der Originalobjekte angesehen wurden und den Status als objektive und wahrhaftige visuelle Informationsträger besaßen. (Texto original em alemão).

recepção crítica distintas no Brasil e em outros países (Alemanha, Estados Unidos, França e Reino Unido), refletindo os respectivos interesses e contextos socioeconômicos e culturais de cada país.

No Brasil, o relato de Keller foi divulgado por meio de excertos publicados em periódicos de relevância, como o *Jornal do Commercio* (1874), a revista *Ilustração Brasileira* (1876) e o jornal *O Vulgarizador* (1877). Essas publicações destacaram o luxo editorial da obra, suas ilustrações e o relato da viagem de Keller ao rio Madeira, com ênfase na descrição da fauna e flora amazônicas, nos aspectos etnográficos a respeito dos Caripuna e na vinculação de Franz Keller ao projeto de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Embora não tenha havido uma tradução integral para o português, no Brasil, a obra circulou fragmentariamente por meio desses periódicos. Como a maioria dos leitores dos centros urbanos do império brasileiro desconhecia a Amazônia, os veículos editoriais nacionais selecionaram, traduziram e adaptaram trechos considerados atrativos para seus leitores ideais, privilegiando descrições de paisagens exóticas, encontros com indígenas "selvagens" e um discurso progressista-colonial que defendia o desenvolvimento socioeconômico da região. O fato de à época a obra só estar disponível nas línguas alemã e inglesa, associado ao alto custo das edições estrangeiras, certamente reduziu seu acesso a um público restrito.

Assim, a obra de Keller circulou como um trabalho diversificado, mesclando relatos científicos, narrativas de aventura e propaganda colonial, a partir de estratégias editoriais variadas conforme o público-alvo. No Brasil, sua divulgação ocorreu por meio de traduções parciais e adaptações em periódicos populares e científicos, enquanto no exterior circulou em formatos luxuosos (como edições in-fólio) e em revistas especializadas, muitas vezes com o apoio de figuras renomadas como Bates e Reclus.

No Brasil, *Vom Amazonas und Madeira* foi interpretada como um símbolo do avanço nacional, enquanto na Europa predominou uma leitura etnográfica e expansionista, sob chaves de leitura mais especializadas e críticas. Na França, por exemplo, a recepção foi marcada por um interesse ambivalente: o periódico *Le Tour du Monde* enfatizou o exotismo e o pitoresco da Amazônia, enquanto a *Revue des Deux Mondes* destacou dados técnicos e a viabilidade de projetos de infraestrutura, como a ferrovia do Madeira, direcionando-se a elites intelectuais e políticas.

Posteriormente, a obra foi consolidada como referência geográfica e etnográfica no livro de Élisée Reclus (1894).

Já no mercado editorial alemão, de acordo com nossas fontes de pesquisa, a obra circulou por meio de publicações nos periódicos *Globus*, *Petermanns* e *Zeitschrift Für Ethnologie (ZfE)* e em um livro de Oskar Canstatt. Por meio da publicação de excertos de *Vom Amazonas und Madeira*, no período de 1874 a 1885, o periódico *Globus* destacou as seguintes temáticas: fauna, flora, lendas locais, *modus vivendi* das populações ribeirinhas e a etnografia indígena, com ênfase nos povos Caripuna e Mojo. Além disso, o periódico apresentou o relato de Franz Keller como uma contribuição científica de excelência, reforçando seu valor para o conhecimento da região amazônica.

Enquanto isso, em 1874, o periódico *Petermanns* ressaltou o caráter enciclopédico da obra, seu elevado preço de venda e sua utilidade para leitores interessados em estudos de engenharia, hidrografia e antropologia. O referido editor também promoveu reflexões sobre temas como a imigração alemã, a colonização e o desenvolvimento socioeconômico do Império do Brasil no reinado de Dom Pedro II.

Já a *Zeitschrift Für Ethnologie* (1875) destacou os esforços de Franz Keller para divulgar sua obra e obter reconhecimento justamente no campo da etnologia. Ademais, o relato de viagem de Keller é mencionado como uma referência importante no registro visual de povos indígenas em risco de extinção, particularmente o "Cayowas" e os "Coroados", contribuindo para a documentação de culturas ameaçadas. Por sua vez, o escritor alemão Oskar Canstatt referencia Franz Keller em seu livro publicado em 1899. Nele, Canstatt se apropria da obra de Keller para discorrer sobre temas como a população brasileira no século XIX, o desaparecimento de povos indígenas, técnicas de caça e sobrevivência, a extração do látex e a atuação de Keller no âmbito da infraestrutura e do transporte.

Essas menções ao relato de viagem de Keller em periódicos e em uma obra especializada demonstram não só a sua ampla circulação no cenário intelectual alemão do século XIX, mas também sua recepção favorável entre estudiosos da época. Tal circulação ressalta sua relevância como fonte para investigações interdisciplinares nos âmbitos histórico, antropológico e geográfico do Brasil oitocentista.

No contexto do Reino Unido da Grã-Bretanha, a resenha de Henry Walter Bates, publicada no periódico *The Academy*, enalteceu o estilo descritivo e as

ilustrações presentes na obra de Keller, ao mesmo tempo em que teceu críticas à sua estrutura narrativa, sugerindo que a disposição dos elementos textuais poderia comprometer seu alcance junto ao público leigo. Bates ainda ressaltou a importância da conversão das unidades de medida como um recurso editorial estratégico, visando à maior acessibilidade para o leitor britânico e, conseqüentemente, à ampliação da circulação da obra. Já nos Estados Unidos da América, Herbert Huntington Smith, em *Brazil, the Amazons and the Coast* (1879), reconheceu o mérito das ilustrações do relato de viagem de Keller, mas considerou superficial seu conteúdo textual, o que reflete uma visão pragmática, onde a experiência visual era considerada mais impactante e acessível ao leitor do que descrições textuais densas.

As estratégias editoriais adotadas fizeram com que *Vom Amazonas und Madeira* fosse lido como um relato de viagem técnico-científico, mesclando observações geográficas, hidrográficas com descrições etnográficas. Além disso, o leitor foi levado a crer que Franz Keller e seu projeto de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) eram imprescindíveis para a modernização e progresso para a região amazônica.

Por fim, a recepção crítica do relato de viagem de Franz Keller destacou o valor estético de suas ilustrações e o rigor de suas informações técnicas, embora tenha enfrentado resistências em relação à sua estrutura narrativa e a imprecisões decorrentes de traduções equivocadas, sobre as quais se debruçou Bates. Além disso, a obra foi alvo de apropriações iconográficas seletivas por Herbert Smith e Júlio Verne. Do ponto de vista historiográfico, a obra de Keller foi majoritariamente interpretada como um reflexo do colonialismo oitocentista, na medida em que reitera narrativas eurocêntricas sobre as populações indígenas e o ecossistema amazônico, ao mesmo tempo em que enfatiza o potencial econômico e exploratório da região.

6 O RETRATO DO INDÍGENA PRECEDIDO DO RELATO DE FRANZ KELLER-LEUZINGER

Na seção anterior, foram analisadas algumas representações de Keller-Leuzinger acerca de aspectos socioeconômicos, geográficos, culturais e etnográficos do Brasil e, sobretudo, da região amazônica, trazidas à tona pela recepção crítica da sua obra por jornalistas, críticos e viajantes naturalistas oitocentistas. Portanto, na presente seção, ateremo-nos à apreciação da construção discursiva de Keller a respeito dos povos indígenas que habitavam o Vale do rio Madeira e outras regiões do império brasileiro no século XIX, haja vista que o “elemento indígena” é apresentado e representado pelo autor desde o prefácio de *Vom Amazonas und Madeira* até o seu apêndice.

Na introdução do seu relato, Keller afirma que as “Três raças tão distintas entre si como a branca, a negra e a ‘vermelha’” deram origem à população “diversificada e matizada” do império brasileiro. Observa-se no excerto a seguir que o autor discorre sobre o papel dos “brancos” no processo de deslocamento dos indígenas e sobre a substituição da escravidão indígena pela de negros africanos:

No decorrer de três séculos, os imigrantes brancos têm espantado os índios – donos originários deste solo – para cada vez mais longe nos interiores do país. Assim, antes que outras três gerações se sucedam, o último pele-vermelha de sangue puro será ceifado pela civilização, suas quinquilharias, doenças contagiosas e armas de fogo. Cada tentativa de usá-los em larga escala como escravos acabou em terríveis massacres, com a destruição de tribos inteiras. Por isso, passou-se a buscar os negros, “cabeças de lã”, filhos da África, que se curvam mais facilmente ao jugo do conquistador e suportam trabalho pesado debaixo do sol tropical muito melhor do que os brancos ou os nativos. Não que essa tenha sido uma aposta bem-sucedida, como qualquer brasileiro razoável há de reconhecer agora, ao passo que se livrar desse odioso instituto (o escravismo) lhes custará muito (Keller-Leuzinger, 2021, p. 33, grifo nosso).

Nota-se que Keller reconhece que os povos indígenas são os verdadeiros “donos originários deste solo” e que são dele deslocados para o interior do Brasil à revelia devido ao avanço colonial promovido pelos brancos. Ao mencionar as “quinquilharias, doenças contagiosas e armas de fogo”, o narrador sintetiza os instrumentos de dominação europeias, quais sejam: a imposição cultural, doenças

como armas biológicas (in)voluntárias⁴¹³ e o poderio bélico. Ancorado nas teorias raciais deterministas do século XIX, Keller prevê o desaparecimento do "último pelev vermelha de sangue puro", reconhecendo o genocídio em curso.

Percebe-se que a explicação para o extermínio dos indígenas passa pelo reconhecimento de sua resistência "ao jugo conquistador". Da perspectiva de Keller, a utilização do trabalho escravo dos negros africanos, aos quais ele chama pejorativamente de "cabeças de lã" – referindo-se preconceituosamente à textura do cabelo crespo que ele aproxima da pelagem das ovelhas –, teria se devido à resistência dos povos indígenas à escravização e ao fato de os africanos suportarem melhor o trabalho pesado sob o sol. Keller não apenas reproduz essas visões eurocêntricas, mas também contradições do colonialismo, uma vez que revela o paradoxo da "civilização" ao demonstrar ao leitor que o "progresso" é sustentado por "instituições odiosas", como o escravismo.

Ao discorrer sobre algumas características físicas e culturais dos povos brasileiros em comparação com os portugueses, Franz Keller afirma que "os habitantes das províncias mais ao sul, como Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul, são em geral muito mais altos e fortes, mais parecidos com os tipos europeus e", portanto, "demonstram ter mais energia e produtividade do que aqueles das províncias do norte, onde o elemento indígena se manifesta de forma mais evidente (Keller-Leuzinger, 2021, p. 34, grifo nosso). Essa representação de Keller intenta convencer o leitor da suposta "inferioridade" e "preguiça" do indígena em comparação com o europeu ou até mesmo com a população "mestiça" e negra do império brasileiro.

Diante dessa dualidade, interessa investigar e discutir, sob a perspectiva das críticas pós-colonial e descolonial, se há marcas de (des)colonialidade nas representações que o autor tece acerca dos aspectos socioeconômicos e culturais dos povos indígenas que habitavam o Vale do rio Madeira e outras regiões brasileiras no Oitocentos, e de que forma podem contribuir para o processo de manutenção ou desconstrução de estereótipos coloniais sobre os autóctones, suas manifestações culturais e seus territórios. Verificaremos, outrossim, de que maneira a trajetória profissional desse neófito escritor alemão condiciona sua percepção da diversidade

⁴¹³ Agricultores [...], após um surto de varíola, juntaram todas as roupas e cobertores de seus negros e os deixaram na floresta. Conforme o planejado, terríveis foram os efeitos sobre os índios que recolheram para si os itens. Quase toda a tribo foi dizimada (Keller-Leuzinger, 2021, p. 230).

étnica indígena e, conseqüentemente, a representação que decidiu tecer sobre o “elemento indígena” aos seus leitores.

6.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NARRADOR FRANZ KELLER E O ESTILO DO SEU RELATO DE VIAGEM

Ao abordar os “relatos de viajantes como fontes da histórica social da população brasileira”, Miriam Leite (1997) ressalta o papel central dos naturalistas, cujas pesquisas geológicas e biológicas muitas vezes se entrelaçavam com observações etnográficas. Franz Keller, ainda que à margem dessa categoria profissional, apropriou-se de seu repertório cultural para conduzir no Brasil análises análogas às dos naturalistas, posteriormente transpostas para *Vom Amazonas und Madeira*, conforme será explanado ao longo desta seção.

Adriano Feitosa, tradutor do relato de Franz Keller para a língua portuguesa, tece uma crítica moderada a respeito das observações de Keller sobre a Amazônia. O tradutor reconhece os méritos do engenheiro alemão em alguns aspectos, mas aponta limitações significativas quanto à sua abordagem sobre os povos indígenas, conforme se nota no seguinte excerto da apresentação da tradução:

Suas observações quanto à Amazônia, embora embasadas quanto aos aspectos naturais, físicos e geográficos (com anotações que demonstram um domínio virtuoso sobre os dados disponíveis à época, coletados por diversas expedições antecedentes devidamente referenciadas no texto original) não deixam de ser superficiais quanto à análise das populações inseridas naquele contexto, em especial os povos indígenas, ora infantilizados e romantizados, ora vistos sob o olhar ocidental inclemente, intolerante e por vezes preconceituoso. Considerado o curto tempo em que se deteve no Amazonas, e a ausência de interesse e formação específicos de Keller para a interpretação de suas tradições e estilos de vida, entende-se que tais registros, por mais valiosos que sejam para reconstruir parcialmente costumes e conhecimentos esquecidos, não se esteiam em base científica, não constituindo nem uma etnografia precursora, nem uma sociologia prototípica; é, em verdade, a típica miscelânea dos viajantes naturalistas dos séculos XVIII e XIX, arautos das ciências universais (e muitas das vezes não mais do que verdadeiros generalistas), a quem se permitia emitir opiniões acerca de todo e qualquer aspecto da realidade (in Keller-Leuzinger, 2021, grifo nosso).

Para Feitosa, embora Keller dispusesse de um “domínio virtuoso” sobre dados geográficos, físicos e naturais da Amazônia, apoiando-se em expedições anteriores e

demonstrando rigor científico nesses campos, sua análise das sociedades indígenas seria “superficial”, oscilando entre a romantização e a infantilização dos indígenas, tratados como seres “puros” ou “primitivos”, sem participação efetiva no processo histórico; ou, ainda, de forma preconceituosa e intolerante.

Ainda sobre o excerto supramencionado, destaca-se o comentário de Feitosa sobre a ausência de rigor etnográfico e sociológico nas representações sobre o *modus vivendi* e tradições de povos indígenas, pelo fato de Keller ter passado pouco tempo na região – o que impossibilitaria uma compreensão mais profunda das culturas locais – e por não possuir formação especializada, haja vista que, salienta-se, era engenheiro e desenhista e não um etnógrafo, sociólogo ou naturalista.

Por consequência, Adriano Feitosa considera-o um “generalista”, característica que, salienta, era típica de muitos naturalistas da época, que se sentiam aptos a discorrer sobre tudo, mesmo sem qualificação e/ou experiência para tal. Em virtude disso, Feitosa classifica *Vom Amazonas und Madeira* como uma “típica miscelânea dos viajantes naturalistas dos séculos XVIII e XIX” — isto é, uma obra que conjuga observações científicas, impressões subjetivas e juízos de valor, carecendo, no entanto, de uma metodologia sistematizada. Salienta-se que essa abordagem generalista frequentemente resultava em falta de profundidade na compreensão das sociedades humanas e, sobretudo, na reprodução de estereótipos coloniais, como a ideia da superioridade ocidental sobre os povos colonizados.

Rotular a obra de Keller como um mero relato de viagem oitocentista é certamente uma opinião bastante reducionista, pois, como argumenta Silvio Correa (2005), os viajantes alemães eram menos eurocêntricos e, diferentemente dos gregos clássicos, desenvolveram uma tradição singular na observação e representação dos povos autóctones e de seus territórios. Correa (2005, p. 228-229) ressalta que, embora os alemães também interpretassem as “relações interétnicas no Brasil meridional” por meio de suas próprias lentes, sua abordagem distanciava-se do que ele denomina perspectiva grega tradicional. A esse respeito observa que, enquanto a jornada de Ulisses consistia em um mero “retorno à sua ilha natal – complacência do Mesmo, desconhecimento do Outro” –, os viajantes alemães teriam percorrido o Brasil meridional sem a urgência do regresso, nem sempre buscando conforto entre seus iguais “e tampouco permanec[endo] na ignorância do Outro”.

Ademais, Silvio Correa salienta que, enquanto os viajantes alemães se importavam com “o conhecimento da língua estrangeira e a observação participativa”

do nativo, os viajantes da Grécia antiga eram “ativamente monolíngües”, razão pela qual “conversar com indígenas, na língua dos indígenas, não era coisa para eles”. (Correa, 2005, p. 229). O autor explica que “Heródoto e outros historiadores gregos registraram os feitos dos ‘bárbaros’ sem contudo saber suas línguas”, ao passo que “os viajantes alemães sabiam que sem o domínio da língua portuguesa não era possível qualquer observação participativa no Brasil” (Correa, 2005, p. 229). Nota-se que essa comparação histórica entre viajantes alemães e gregos, ao desconsiderar, por exemplo, que os últimos não colonizaram países nos séculos XIX e XX, vislumbra evidenciar a singularidade do viajante alemão e do seu relato.

Para se chegar a uma compreensão do estilo de relato adotado por Franz Keller em *Vom Amazonas und Madeira*, é interessante reiterar que para o naturalista Henry Bates (1875, v. 7), Keller não optou por uma narrativa envolvente, pois, segundo aponta, em vez de integrar as reflexões sobre o país, seus recursos e sua população ao longo do relato de viagem, Keller o condensa em dois capítulos e agrupa suas análises temáticas em seções distintas. Conforme explanado na seção anterior desta tese, o naturalista britânico considera que a abordagem convencional — mesclando observações gerais com o desenrolar da viagem — teria sido mais eficaz. No entanto, reconhece que o estilo de escrita de Keller é agradável, com descrições detalhadas e um conteúdo rico em informações interessantes e bem fundamentadas sobre os assuntos abordados.

Corroborando Bates (1875), constatamos que Keller-Leuzinger realmente narra toda a viagem de exploração ao Madeira nos capítulos 1 e 2 de *Vom Amazonas und Madeira*, que, reitera-se, foram amplamente divulgados principalmente pelo jornal *Le Tour du Monde* (1874), no estrangeiro, e pela revista *Ilustração Brasileira* (1876), no âmbito nacional. No entanto, nos outros cinco capítulos e apêndice da obra, Keller tece considerações sobre aspectos do ecossistema amazônico, geografia, geologia, hidrografia, etnografia indígena e outros dados técnico-científicos obtidos com a expedição – a partir de uma estrutura literária comum em relatos de viagem (*Reiseberichte*) produzidos por viajantes e naturalistas germânicos, como Humboldt, Spix e Martius, por exemplo, que lançam mão da descrição geográfica, encontro com povos originários e reflexões científicas.

No prefácio de *Vom Amazonas und Madeira*, Franz Keller discorre sobre a estrutura que escolheu para seu relato, assim como a justifica para o leitor:

As páginas seguintes abarcam, em conjunto com um sumário dos mais importantes resultados hidrográficos da viagem, minhas impressões acerca de seus habitantes, de sua vegetação, insumos e manufaturas, e outros tópicos de interesse sobre estas paragens, não na forma seca que se presume de um diário, mas em forma de capítulos, mais convidativos aos leitores interessados, e cuja leitura mais acessível há de acrescentar maior valor ao todo (Keller-Leuzinger, 2021).

Ao contrário do que considerava Bates, para o engenheiro alemão a divisão em capítulos por ele escolhida – diferentemente do paradigma do diário de viagem, calcado na cronologia dos acontecimentos – parecia-lhe mais agradável ao leitor europeu. Além disso, Keller (2021) inclui no relato ilustrações que ele mesmo desenhou durante a viagem à Amazônia e as considera “suplementos indispensáveis à descrição de cenas que nos são tão estranhas”.

Ainda no prefácio de sua obra, Keller já adianta seu público-alvo e as expectativas em relação à recepção e interpretação do texto:

Se as páginas seguintes, nas quais me esforcei para manter uma visão balanceada entre otimismo e pessimismo, conseguirem auxiliar no convencimento das autoridades brasileiras que as venham a ler acerca dos reiterados e perniciosos abusos e erros perpetrados, e demonstrar que, a despeito do inquestionável progresso recente, os esforços em prol de melhoramentos ainda não se exauriram, e se estas páginas forem bem sucedidas em inflamar o Velho Mundo com o interesse pelo bem-estar dos recantos isolados do Novo Mundo, pelo menos algumas das minhas mais caras aspirações terão se realizado. Essas terras de fato demandam atenção, ao menos no sentido de algum dia poderem vir a servir de escape aos elementos que tanto têm ameaçado nossa populosa Europa nos tempos recentes (Keller-Leuzinger, 2021).

O excerto reflete a visão crítica de Keller sobre o projeto civilizatório no Império do Brasil no século XIX, o qual analisa a partir de uma dualidade entre "otimismo" e "pessimismo". Às autoridades brasileiras, ele exalta o suposto “progresso” recente, defende “melhoramentos”, anseia que vejam o europeu (principalmente o alemão) como o mais capacitado a “modernizar” a região, e que revejam os "abusos e erros perniciosos" supostamente cometidos pela administração colonial brasileira nocivos ao aludido processo. Ao leitor do “Velho Mundo”, Keller almeja que se interesse por ocupar os “recantos isolados do Novo Mundo” para o “bem-estar” dessa região, o que pode ser interpretado tanto como uma justificativa humanitária para a intervenção estrangeira no Brasil, quanto como uma estratégia discursiva que apresenta dissimuladamente os territórios do Novo Mundo como espaços vazios e que, portanto,

devem ser vistos e utilizados como solução para crises europeias, como a superpopulação. Dessa forma, apresenta seu relato como um texto não apenas descritivo, mas prescritivo, uma vez que se mostra como um chamado à ação, revelando que a perspectiva do colonialismo sobre a região era tanto um problema quanto uma oportunidade de redenção à Europa.

Em seguida, na introdução do relato, evidencia-se que o intento do autor é oferecer ao leitor europeu um quadro do Brasil que, a seu ver, era "rico e abençoado por natureza" (Keller-Leuzinger, 2021, p. 44). Fazendo uma retrospectiva do processo de colonização, Keller esclarece que não teriam sido as vastas pastagens e o solo fértil os maiores atrativos daqueles que chegaram após o descobrimento⁴¹⁴, "mas sim a riqueza em metais que o país contém". Nesse sentido, ao propor-se a apresentar um mapeamento de insumos e manufaturas do país, além de informações hidrográficas e outras mais, o viajante parece querer se inscrever nessa longa história de exploração, imprimindo um caráter muito pragmático a sua narrativa, ou seja, oferecendo algo para além do mero exotismo do Outro.

Depreende-se dessas considerações que Franz Keller não atuou apenas como (ajudante de) engenheiro, na expedição à Amazônia, mas também como uma espécie de "batedor do capitalismo" europeu, pois se num primeiro momento estava a serviço do Império brasileiro, ao escrever seu relato se coloca também a serviço dos interesses econômicos europeus. Acerca das tarefas empreendidas pelos "batedores do capitalismo", Mary Pratt (1999) afirma:

É tarefa dos batedores avançados do "aperfeiçoamento" capitalista caracterizar aquilo que encontram como "não aperfeiçoado" e, mantendo a terminologia da anticonquista, como disponível, aberto a aperfeiçoamentos. As aspirações européias devem ser apresentadas como incontestadas. Neste ponto, a separação textual de paisagens e pessoas, de relatos sobre habitantes e relatos sobre seus habitats, atende a sua lógica. O olhar aperfeiçoador europeu apresenta habitats de subsistência como paisagens "vazias", significativas apenas em termos de um futuro capitalista e de seu potencial para a produção de excedentes comercializáveis. Do ponto de vista de seus habitantes, obviamente, estes mesmos espaços são vivenciados de maneira intensamente humanizada, saturada de história local e significado, onde plantas, criaturas e formações geográficas têm nomes, usos, funções simbólicas, histórias, papéis nas estruturas de conhecimento indígena (Pratt, 1999, p. 115).

⁴¹⁴ "O Brasil não foi descoberto. O Brasil foi invadido!" (Marçal de Souza *apud* Krenak, 2022, p. 44).

O excerto explica como a dinâmica capitalista e colonial se dá sob a ótica do "aperfeiçoamento", destacando como esses batedores avançados representam territórios e culturas não europeus como "incompletos" ou "disponíveis" à ocupação e exploração. Além disso, Pratt (1999) enfatiza como a separação discursiva entre pessoas e paisagens, comum a esse tipo de relato de viagem, desumaniza ou desconsidera os espaços habitados, enxergando-os como meros recursos para produção capitalista. Muito embora as comunidades locais experienciem esses espaços como plenos de significado cultural e ecológico, no relato desses batedores avançados do capitalismo a separação está a serviço de uma narrativa que enfatiza um potencial econômico a ser explorado. Portanto, a crítica canadense denuncia a lógica colonial-capitalista expressa na própria estrutura do relato, que reduz territórios a mercadorias, silenciando e apagando conhecimento e cultura indígenas.

6.2 OS POVOS INDÍGENAS SOB A ÓTICA DE FRANZ KELLER: OPRESSÃO VS. RESISTÊNCIA

O brasileiro se distingue de seu ancestral à primeira vista. Aquele é mais escuro, pequeno e de formato mais elegante, enquanto o português tem um perfil mais robusto, mais pesado e, em geral, mais devagar. Não há amor perdido entre os dois, e as várias alcunhas entre si retratam bem o ódio e contendas mútuas entre o antigo opressor e o oprimido (Keller-Leuzinger, 2021, p. 34).

Embora Keller tenha dedicado todo o capítulo VI de *Vom Amazonas und Madeira* para discorrer acerca do que denomina de “As tribos selvagens do vale do rio Madeira”, a temática indígena aparece ao longo de toda a obra. É interessante esclarecer que, no mencionado capítulo da obra, o discurso do engenheiro alemão não se atém aos indígenas daquela região amazônica, pois dedica alguns parágrafos a povos de outras regiões do Brasil, como os Botocudos, os Kaiowá e os Kaingang⁴¹⁵, ambos do Paraná, muito provavelmente em virtude de anteriormente ter prestado serviços para D. Pedro II na então Província de mesmo nome. Como consequência, o referido capítulo apresenta uma espécie de mosaico sobre diferentes etnias, línguas e culturas indígenas.

⁴¹⁵ Chamados de “Coroados” “pelos portugueses devido ao hábito tribal de raspar os cabelos ao redor da cabeça, fazendo com que estes se assemelhassem a uma coroinha de padre” (Aguiar, 2012, p. 204).

Logo na introdução do seu relato de viagem, Keller-Leuzinger expõe uma visão contrastante a respeito do tratamento dispensado aos “índios” pelos monarcas brasileiros, tanto no período colonial quanto após a independência:

Em 1808, um decreto imperial declarou guerra contra os índios (especialmente contra os Botocudos⁴¹⁶), ordenando o Imperador que fossem perseguidos "a fogo e espada" até que, "movidos do justo terror das minhas reais armas", sucumbissem à paz. Desde o início do reinado do atual Imperador Dom Pedro II, os índios são protegidos por lei e poupados o máximo possível. Ainda assim, tal proteção não é sempre eficiente, em razão da extensão continental do país. Logo os nativos puros irão desaparecer do Brasil, como desapareceram os índios da América do Norte (Keller-Leuzinger, 2021, p. 39).

No excerto sob análise, Franz Keller destaca uma suposta mudança da política imperial brasileira oitocentista em relação aos povos indígenas, considerando-se o período histórico compreendido entre os reinados de D. João VI e D. Pedro II. O decreto do primeiro monarca seria caracterizado pela adoção de uma abordagem belicista e genocida, especialmente contra os Botocudos⁴¹⁷, justificada pela ideia de "pacificação pela força", expressa nas terminologias empregadas – como "a fogo e espada" e "justo terror" – evidenciando a retórica de dominação colonial, que legitimava a violência estatal em nome da "justiça".

⁴¹⁶ No rio Iguaçu, um dos principais afluentes do rio Paraná, ainda há algumas tribos selvagens vivendo lado a lado com uma esparsa população de fazendeiros civilizados. Os colonos alemães de Blumenau seus vizinhos ao leste os denominam de Bugres, ao passo que os brasileiros erroneamente os julgam por Botocudos (Keller-Leuzinger, 2021, p. 235).

⁴¹⁷ Os Botocudos – nome genérico de grupos de origem Jê atribuído por Tupis do litoral da Bahia – ocuparam toda a região nordeste e leste, na fronteira com o Espírito Santo e Bahia, e também sudeste de Minas. A designação de Botocudo – amplamente divulgada e aceita – diz respeito ao uso de labiais e auriculares de grande tamanho, feitos de madeira leve e branca, conhecida como “barriguda” (*Bombax ventriculosa*). Para outros, o botoque, “tembetá” ou “metara” era feito de ossos, seixos ou pedras de cores, usadas nos lábios. Há quem dissesse que a explicação para o termo Botocudo – diga-se, logo, bastante exótica – seria contração de “boto” e “côdea”, “pelo fato de serem eles gordos como botos e trazerem corpo coberto de uma côdea ou crosta, de goma-copal, com que se pintavam a fim de protegerem o próprio corpo contra picadas dos mosquitos” [citação de *História de Minas*, de Waldemar Barbosa]. Também foram nomeados de Aimorés, Ambaré, Guaimuré ou Embaré – formas diferentes das composições “aib-poré” (habitante das brenhas), “ai-boré” (malfeitor), “aimb-buré” (aqueles que usam botoque de emburé), “guaymuré” (gente de nação diferente) ou ainda “aimboré” (nome do chefe indígena, aliado dos franceses no Rio de Janeiro, citado por Anchieta e Gonçalves Dias). As designações “Guerén, Gren ou Kren” seriam os termos de autodesignação desses grupos. Para Oiliam José, compõem o grupo Botocudo, os Gacnuns, Machacalis, Maconis, Malalis, Nacnenuques, Pojichás e os Quejaurins que povoaram as florestas dos Rios Doce, Jequitinhonha, Mucuri e São Mateus e seus afluentes. Esses agrupamentos abrangeriam, ainda, como subdivisões, os indígenas Aranás, Catolés, Crenaques, Giporoques, Honarés ou Noretas, Pataxós, Potés, Puruntuns ou Peruntins entre tantos outros (Uchimura et al., 2023, p. 497-498).

Segundo Piaia e Wedig (2023), o mencionado decreto se trata da Carta Régia de 13 de maio de 1808, expedida por Dom João VI. Além de declarar guerra aos povos indígenas, em especial os Botocudos do Vale do rio Doce, Província do Paraná, que a partir de então eram todos considerados inimigos dos portugueses, o documento imperial também concedia o direito de posse dos territórios indígenas àqueles que conseguissem torná-los obedientes e subservientes à colonização, bem como legitimava o direito dos fazendeiros de escravizá-los.

Para Grosfoguel (2016, p. 36), a legitimação do discurso colonizador para justificar a escravização e o extermínio dos povos indígenas do Novo Mundo remonta 1492, quando Colombo “conquista” as Américas e caracteriza os povos indígenas como “povos sem religião”. Para o autor, “uma leitura anacrônica desta frase pode fazer parecer que Colombo se referia a “povos ateus”. Todavia, “no imaginário cristão da época, não ter uma religião equivalia a não ter uma alma, isto é, ser expulso da esfera do humano”.

De acordo com a pesquisadora Manuela Carneiro da Cunha (1992), de maneira paradoxal, é somente no século XIX que a humanidade dos indígenas passa a ser questionada. “O século XVI — contrariamente ao que se podia supor pela declaração papal em 1532 que afirmava que os índios tinham alma — jamais duvidara de que se tratava de homens e mulheres”. No entanto, o cientificismo oitocentista “está preocupado em demarcar claramente os antropóides dos humanos”, gerando intensos debates sobre os critérios dessa demarcação. Por exemplo, “Blumenbach, um dos fundadores da antropologia física”, ilustra essa controvérsia ao analisar “um crânio de Botocudo e o classifica[r] a meio caminho entre o orangotango e o homem” (Carneiro da Cunha, 1992, p. 134).

Por sua vez, o crânio de Botocudo levado por Hartt aos Estados Unidos da América “por volta de 1868 e analisado em Harvard é declarado absolutamente respeitável”. Para a autora, no século XIX, “o Botocudo não é o único índio que interessa à ciência, mas é sem dúvida o seu paradigma. O que os Tupi-Guarani são para a nacionalidade, os Botocudos são para a ciência” (Carneiro da Cunha, 1992, p. 136). Depreende-se dos excertos que a análise craniana dos Botocudos tinha como objetivo encontrar supostas discrepâncias anatômicas que validassem teorias racistas em voga naquela época ou até mesmo para desconsiderar a humanidade do nativo.

Segundo Carneiro da Cunha (1992, p. 134), na primeira metade do século XIX, o critério utilizado para explicar a natureza humana dos indígenas caracterizava-se

por uma abordagem "menos biológica e mais filosófica", em consonância com as concepções setecentistas. Nessa perspectiva, destacava-se o princípio da "perfectibilidade", fundamentado na ideia de que o homem é o ser capaz de autodomesticação, elevando-se acima de sua própria condição natural. Acerca disso, a autora expõe que "uma certa e previsível clivagem se introduz no início do Império de D. Pedro II, entre cientistas estrangeiros, como o grande naturalista Von Martius, por exemplo, e letrados brasileiros como José Bonifácio". Este último "opina pela perfectibilidade dos índios", ao passo que "Von Martius, apesar de suas extensas viagens pelo Brasil e seu conhecimento etnográfico e linguístico, pela posição contrária". Entretanto, a autora afirma que, "por uma questão de orgulho nacional, a humanidade dos índios era afirmada oficialmente", mas privadamente ou para uso interno no país, no entanto, a ideia da bestialidade, da fereza, em suma da animalidade dos índios, era comumente expressa" (Carneiro da Cunha, 1992, p. 134, grifo nosso).

Por outro lado, no governo de Dom Pedro II, como mencionado por Keller-Leuzinger (2021, p. 39) no excerto supracitado, o discurso oficial sobre os povos indígenas teria passado a enfatizar a proteção legal e uma postura condescendente para com eles, embora Keller aponte que, na prática, essas medidas foram ineficazes devido à vastidão do território e, implicitamente, à falta de fiscalização ou interesse real. Essa transição sugere que a alteração na política indigenista do Brasil Império teve um caráter mais superficial do que estrutural. É interessante salientar que essa ineficácia da proteção legal no século XIX dialoga com conflitos fundiários e violências contemporâneas contra populações indígenas do Brasil.

Corroborando Keller, Antonio Almeida (2018, p. 616) explica que, como "o Estado Brasileiro, oriundo da Constituição de 1824, não alterou a postura política de integração do índio à sociedade nacional", foi necessário que, em 1845, o Imperador Dom Pedro II editasse "uma lei regulamentando especificamente a relação índios-Estado, isto é, o Decreto 426, de 24/07/1845". Para Souza Filho, esse dispositivo legal "criava uma estrutura administrativa para cuidar das questões indígenas, sobretudo com [...] a designação de funcionários e competências de proteção e aldeamento dos povos encontrados". Assim, "o Estado entregava à Igreja grande parte da responsabilidade de atendimento a estes povos" (Souza Filho, *apud* Almeida, 2018, p. 616). Conforme veremos posteriormente, Franz Keller é contra a influência e a ênfase religiosa nos aldeamentos indígenas.

Em relação aos atos administrativos do imperador, já em 1850, conforme destaca Souza Filho, começou a surgir uma preocupação com as terras que pertenciam aos indígenas. “Para o autor, a Lei 601, de 18/09/1850, inovou na questão da legislação sobre a ocupação territorial brasileira, especialmente revogando definitivamente o ordenamento jurídico português antes utilizado no Brasil”. Essa mudança permitiu a criação de conceitos e termos jurídicos que permanecem em uso até os dias atuais, como “terras devolutas, registro de imóveis e reservas indígenas”. No entanto, mesmo “sem abandonar a visão integracionista conservadora do período imperial”, o autor ressalta que embora a legislação brasileira tenha “avançado no sentido de garantir aos índios ‘restantes’ alguns direitos sobre as terras que ocupavam”, na prática, o Estado continuava a agir contra esses direitos (Souza Filho, *apud* Almeida, 2018, p. 616-617).

Dessa forma, os excertos demonstram que, mesmo com progressos, as leis do século XIX mantinham contradições sobre os direitos indígenas, um debate que segue cada vez mais relevante no Brasil do século XXI. Isso porque, em vez de assegurar a autonomia desses povos, a legislação os levava à integração forçada na sociedade nacional, impulsionada pela expansão do agronegócio e/ou por outros interesses econômicos.

Em sintonia com as políticas indigenistas do reinado de D. Pedro II, que previa também “proteção” aos povos indígenas, Keller, ainda na introdução de *Vom Amazonas und Madeira*, analisa alguns impactos da colonização sobre os autóctones:

Onde quer que venham a ter contato com os intrusos conscienciosos que são os "pioneiros da civilização", os índios não sempre de sucumbir se não houver elemento que os defenda. Se um povo é privado de tudo aquilo que um dia lhe foi mais caro – seus deuses, seus líderes e todos os seus costumes e tradições e se for colocado em contato com a corrupção europeia, não se podem prevenir os piores resultados advindos da perda de todo um suporte identitário e religioso, como consequência de um estado de absoluta destituição moral. O zelo com que os índios das antigas Missões na Bolívia se apegam aos rituais da Igreja Católica pode ser explicado em parte pelo gosto dos nativos por espetáculos de pompa e ostentação, mas certamente isso também se manifesta como um esforço dos nativos em reconstituir algum equivalente à sua identidade perdida (Keller-Leuzinger, 2021, p.39, grifo nosso).

Nota-se que Keller-Leuzinger demonstra uma percepção crítica em relação aos impactos da colonização europeia sobre os povos indígenas, reconhecendo e

elencando alguns efeitos negativos da imposição da "civilização" nas terras dos povos originários. No entanto, o autor não condena explicitamente o colonialismo como sistema, apenas constata seus efeitos destrutivos, sem apresentar uma proposta clara de defesa da autonomia indígena, limitando-se a descrever apenas seu sofrimento. Ao rotular o colonizador como invasor benevolente, Keller parece ironizar e justificar que a destruição de culturas, a escravização e a corrupção dos povos indígenas eram um bem necessário para se garantir o progresso da região. No entanto, o engenheiro alemão talvez nem se dê conta de que seu discurso, não estático, além de revelar a crença na superioridade do europeu sobre o indígena, também desmonta a retórica colonial ao revelar que, por trás do discurso de "civilização", havia uma consciência da exploração e do genocídio.

Ademais, Keller observa que a adesão dos indígenas aos rituais religiosos católicos nas missões jesuíticas bolivianas não é apenas uma simples conversão, mas um refúgio identitário, já que suas tradições originais foram destruídas. Isso sugere que ele percebe a religiosidade indígena nas missões como um mecanismo de adaptação a uma cultura perdida, não como uma aceitação genuína da fé europeia. Essa resistência e assimilação religiosa pelos indígenas explica na prática a "neoculturação" sobre a qual discorre Ángel Rama (2008):

Trata-se, na verdade, de uma busca por valores resistentes, capazes de enfrentar a deterioração da transculturação, razão pela qual também pode ser vista como uma tarefa inventiva, como parte da neoculturação da qual fala Fernando Ortiz, trabalhando simultaneamente com as duas fontes culturais postas em contato. Haveria, portanto, perdas, seleções, redescobertas e incorporações (Rama, 2008, p.47, grifo nossos)⁴¹⁸.

Em resumo, nota-se que Keller-Leuzinger atua dentro de um imaginário colonial que invisibiliza a resistência indígena e naturaliza a supremacia europeia e seus excessos. Uma leitura descolonial desmonta essa lógica, destacando como os povos originários, mesmo sob violência e opressão, reconstróem identidades e desafiam o poder colonial por meio de práticas culturais e estratégias cotidianas de sobrevivência.

⁴¹⁸ Original em espanhol: Es de hecho una búsqueda de valores resistentes, capaces de enfrentar los deterioros de la transculturación, por lo cual se puede ver también como una tarea inventiva, como una parte de la neoculturación de que habla Fernando Ortiz, trabajando simultáneamente con las dos fuentes culturales puestas en contacto. Habría pues pérdidas, selecciones, redescubrimientos e incorporaciones.

Introduzindo uma variedade de populações indígenas aos seus leitores, Keller amplia seu recorte para o continente sul-americano, no qual, segundo explica,

[...] encontramos tribos indígenas vivendo muito próximas entre si – e não separadas por quaisquer barreiras como picos cobertos de neve, selvas impenetráveis ou desertos desoladores –, tribos essas que diferem muito entre si em aspectos materiais, por linguagem, personalidade e costumes; resta-lhes em comum tão somente a pele marrom e os cabelos longos e negros. Iludido por essa similaridade aparente, qualquer recém-chegado os julgaria como sendo todos do mesmo gênero e espécie, mas, observando mais de perto, descobriria que constituem nações completamente diferentes e que vivem em constante hostilidade uns para com os outros. E com o tempo esse mesmo recém-chegado descobriria que a fisionomia deles é de outro tipo⁴¹⁹. Assim nós constatamos, nas províncias do Sul, duas nações completamente distintas vivendo como vizinhas – evidentemente, em constante estado de guerra desde tempos imemoriais. Uma das nações, a Guarani⁴²⁰, pertencente ao grupo Tupi, bem dispersada geograficamente, demonstra o mesmo perfil astuto dos índios da América do Norte, remadores e pescadores de primeira linha, instalados geralmente às margens dos rios de maior leito. A outra nação, a dos Coroados⁴²¹ ou Ca-en-gangues, homens da floresta, como chamam a si mesmos é belicosa e mais propícia à exibição desmedida de violência, tomando por escravos quem quer que venham a pôr em suas mãos; não usam sequer canoas, e preferem as ravinas arborizadas dos vales laterais ou os cumes campinados dos morros, onde as antas, porcos-selvagens e veados são presas fáceis das pontas certeiras de suas flechas e lanças. Seus olhos puxados, narizes pequenos e maçãs-do-rostro altas lembram fortemente o tipo mongol (Cf. Figura 51), apesar de que com este comentário eu não ousaria insinuar qualquer ascendência asiática direta (Keller-Leuzinger, 2021, p. 40, grifo nosso).

O excerto de Keller-Leuzinger analisa as populações indígenas da América do Sul, destacando sua diversidade cultural, linguística e física, bem como as complexas relações entre diferentes grupos. O autor refuta a visão homogeneizadora comum entre colonizadores e viajantes, que frequentemente reduziam os povos nativos a uma única identidade. Apesar de compartilharem traços físicos semelhantes – como pele

⁴¹⁹ A população escrava do Brasil, arrastada de todas as partes da África e demonstrando uma grande variedade de tipos, também aparenta aos recém-chegados sair de um único modelo, uma espécie de negro primitivo. A similitude em geral das cores e dos cabelos faz com que as diferenças fisionômicas e de crânio sejam relevadas (Nota do autor).

⁴²⁰ Há, contudo, entre os subgrupos [guarani-ñandeva](#), [guarani-kaiowa](#) e [guarani-mbya](#) existentes no Brasil, diferenças nas formas linguísticas, costumes, práticas rituais, organização política e social, orientação religiosa, assim como formas específicas de interpretar a realidade vivida e de interagir segundo as situações em sua história e em sua atualidade. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Kaiow%C3%A1. Acesso em: 14 abr. 2025.

⁴²¹ Martius os chama de Camés (Nota do autor).

marrom e cabelos longos e negros –, Keller ressalta que uma observação mais atenta revela profundas diferenças em costumes, línguas, organização social e até mesmo fisionomia, indicando distinções étnicas e biológicas significativas.

O texto também aborda a “hostilidade constante” entre algumas tribos vizinhas, indicando conflitos históricos e disputas territoriais. Como exemplo, o autor menciona as “províncias do Sul” do Brasil, onde “Guaranis” e “Coroados” coexistem em tensão permanente. Enquanto os primeiros são considerados astutos como os indígenas norte-americanos, bem como descritos como habilidosos navegadores e pescadores, adaptados à vida fluvial, os Coroados não usam canoas, sendo associados à floresta e a uma cultura mais guerreira e expansionista, que escraviza outros grupos. A descrição física dos Coroados como de tipo mongol reflete tendências racialistas do século XIX, ainda que Keller evite afirmar uma ligação direta com povos asiáticos, demonstrando certa cautela em relação a teorias raciais extremas.

A referência a “guerras imemoráveis” sugere uma leitura de que os conflitos entre grupos indígenas eram perenes, ignorando possíveis mudanças nas relações ao longo do tempo devido a pressões coloniais. Ademais, a dispersão dos Guaranis pode estar relacionada tanto a migrações naturais quanto a deslocamentos forçados durante a colonização. Além disso, a ênfase na violência entre grupos pode “reforçar uma imagem simplista”, desconsiderando possíveis alianças, trocas culturais e estratégias de resistência.

No sétimo e último capítulo de *Vom Amazonas und Madeira*, Keller nos ajuda a compreender o que pode ter motivado os conflitos entre Guaranis e Coroados, ao afirmar que “já no século XVI os Guaranis e seus parentes, os Kaiowás da região de Guayrá (pertencente ao Paraná), eram os pupilos mais estimados dos Jesuítas, antes mesmo dos Mojos”, ao passo que os Coroados, “de caráter oposto, na mesma época foram os fiéis aliados dos colonizadores brancos da província de São Paulo, ajudando-os em suas expedições de captura de escravos e de destruição das Missões dos Jesuítas”. Ademais, depois de conflitos em decorrência “do avanço da agricultura, os Coroados tornaram-se proscritos, inimigos do governo português”. Todavia, segundo Keller, “nos últimos vinte e cinco anos, apenas alguns aceitaram viver entre os odiosos homens brancos em outra condição que não fosse a guerra, pelo que passaram a viver em Aldeamentos administrados pelo governo” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 285).

Segundo Oskar Canstatt, “com relação aos índios, Keller-Leuzinger diz que quase todas as tribos têm seus próprios costumes de caça, ou melhor, superstições

de caçador” e que “mesmo no Brasil os filhos de Nimrode⁴²² são mais supersticiosos do que outros mortais.” Como exemplo, Keller cita o fato de os Coroados do sul do Brasil “não comerem carne de veado porque têm medo de perder seus ricos adornos de cabelo”, assim como também “não comem corcova de anta, a melhor parte do animal, para não perder o afeto de suas esposas” (Canstatt, 1899, p. 210; 213-214)⁴²³.

Retomando o capítulo VI do seu relato, Keller volta a mencionar os Botocudos que, segundo ele, viviam no entorno do rio Iguaçu:

Cercados por estreitos de todos os lados, e particularmente avessos à raça branca, eles se afastam para cada vez mais longe. À medida que o aumento do cultivo os priva cada vez mais de suas terras, protestam ao seu modo, ora com ataques-surpresa noturnos, ora com aquelas mensagens deixadas nas fazendas. Alguns anos atrás, quando o comércio no rio Iguaçu estava começando a prosperar, os índios fincaram em um ponto bem visível de uma das margens uma longa vara de bambu enfeitada com penas, ossos etc., que balançava ao vento como um gigantesco espantalho. Infelizmente, a cheia carregou consigo o objeto algum tempo antes de chegarmos à região, portanto, fomos privados de tentar solucionar aquele curioso enigma (Keller-Leuzinger, 2021, p. 235-236).

No excerto, nota-se o intento do autor em visibilizar o conflito entre os indígenas e os colonizadores, assim como suas consequências. Da perspectiva de Keller – provavelmente resultante de narrativas que lhes fizeram quando esteve na região –, o avanço dos brancos sobre suas terras levava ao afastamento dos indígenas. A perda de seu território para a prática da agricultura dos brancos é o que suscita os protestos violentos (ataques noturnos) e simbólicos (mensagens enigmáticas), como o bambu adornado com penas e ossos. Esse enigma, que Keller comenta não ter tido a oportunidade de desvendar, ou seja, que não testemunhou, evidencia um contra-ataque, uma resposta firme daqueles povos aos colonizadores, uma vez que o “espantalho” não apenas cumpre o papel de aterrorizar aqueles que já possuem terríveis concepções sobre o “elemento indígena”, mas também o de reafirmar a presença indígena e sua cosmovisão. Embora culpe a “cheia” do Iguaçu por ter levado

⁴²² E Cuxe gerou a Ninrode; este começou a ser poderoso na terra. / E este foi poderoso caçador diante da face do Senhor; por isso se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor. / É o princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinar (Bíblia Sagrada, Gênesis 10:8-10).

⁴²³ Original em alemão: [...] Betreffs der Indianer erzählt Keller-Leuzinger noch, dass fast jeder Stamm seine eigenen Jagdbräuche oder vielmehr Jägeraberglauben habe, denn auch in Brasilien sind die Söhne Nimrods abergläubischer als andere Sterbliche. So essen z. B. die Coroados in Südbrasilien kein Rehfleisch, weil sie fürchten, dadurch ihren reichen Haarschmuck zu verlieren, und nichts vom Tapirhöcker, dem besten Stücke, um nicht der Zuneigung ihrer Frauen verlustig zu gehen.

embora aquele curioso objeto, depreende-se do discurso de Keller sua consciência de que o “processo civilizatório” ao qual os indígenas são submetidos causa uma irreparável perda de suas manifestações culturais.

O relato do mineralogista inglês John Mawe (1815), comentado por Uchimura et al. (2023), reafirma as diversas práticas de contra-ataque e resistência dos povos botocudos frente ao processo de colonização liderado pelo coronel e colonizador português Matias Barbosa da Silva:

Ademais, os povos botocudos nada tinham de inofensivos ao empreendimento de colonização do poderoso Matias Barbosa. A narrativa de Mawe, apesar de não admitir a sofisticação destes saberes e destas práticas, descreve a inteligência dos botocudos em planejar “incêndios provocados por lançamento de pedaços de madeira em brasas” nos telhados de casas previamente marcadas. Além disso, treinados em “todas as artes” para a caça de subsistência, tinham “mil estratégias para torcer os colonos”. Os botocudos tornavam-se “invisíveis, amarrando ramos e pequenas árvores sobre si próprios e deixando os arcos invisíveis”. Esfregavam cinzas em seus corpos para se camuflarem ao chão. Tratavam também de esconder cobras venenosas com galhos e folhas nas passagens dos colonos (MAWE, 1815: 199-200, tradução nossa) (Uchimura et al., 2023, p. 498).

A passagem evidencia como os Botocudos produziram estratégias as mais diversas para reagir às investidas do colonizador. O registro detalhado do repertório diversificado de táticas de resistência e contra-ataque dos indígenas – ao qual temos acesso pelo filtro do discurso do próprio colonizador – coloca por terra as narrativas que subestimam os saberes nativos, além de servir como prova documental da bravura dos botocudos enquanto atores políticos contra o avanço colonial, que perdurou até sua dizimação, “no fim do século XVIII”⁴²⁴.

Uchimura et al. (2023, p. 498) acrescenta que Mawe (1815) tinha a impressão de que a “fragilidade dos botocudos” se devia ao “grande pavor de armas de fogo”. Segundo pontua, o barulho de tiro fazia com que fugissem, e se encarcerados, como forma de protesto, faziam greve de fome, preferindo a morte à perda da liberdade: “deixavam os incômodos corpos, mortos, mas irredutíveis ao amansamento, expostos como prova da recusa. [...] Em uma palavra, eram ‘indomáveis’ os botocudos”.

⁴²⁴ Cf.: Genocídio e resgate dos "Botocudo". **Estudos Avançados**, v. 23, n. 65, p. 193–204, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000100014>.

O relato de Mawe traz à tona uma representação muito mais virulenta dos Botocudos do que aquela presente nos comentários de Keller. A separação temporal de ambos os relatos – praticamente meio século – por certo implicara no avanço colonizatório sobre a região e na submissão dos indígenas pela violência, razão pela qual o comentário do engenheiro alemão parece se referir a situações e populações a respeito das quais ele provavelmente ouvira falar – daí se referir a práticas ocorridas “a alguns anos atrás” – sem, contudo, tomar contato com elas.

A questão indígena retorna no início do capítulo VI, no qual Keller tece considerações a respeito dos indígenas da etnia Mura, “que habitavam a região dos rios Madeira, Amazonas e Purus”⁴²⁵:

Há um provérbio bem conhecido em toda a Amazônia: “preguiçoso” como um Mura que só dorme por sobre três cordas”; isto é, que nem sequer se dá ao trabalho de fabricar uma rede decente. Esse ditado é acertado, pois os Muras são os mais preguiçosos de todos os índios que habitam esta região. São desprezíveis tanto para com os brancos quanto para com os homens de cor, e, não obstante suas conhecidas habilidades na caça, pesca, mergulho e demais “artes livres”, qualquer outro índio ou mestiço consideraria o mais grave dos insultos ser confundido com algum desses párias (Keller-Leuzinger, 2021, p. 209).

Em um primeiro momento, interessa notar a diferença dos comentários de Keller sobre os Muras se comparados aos comentários acerca dos Botocudos. Nesse último caso, suas considerações assumem o caráter de testemunho – “esse ditado é acertado”, diz Keller, como quem confirma, pela experiência, aquilo acerca do que ouviu dizer. O engenheiro alemão também faz crer que o estereótipo dos Mura como preguiçosos já existia antes do seu contato com aquela tribo. De fato, o contato com os Mura vinha de longa data, havendo documentação de sua presença na região desde o século XVII (Amoroso, 2009). Porém, as representações simbólicas sobre os Mura reproduzidas pelo autor não condizem com aquelas que circulavam em séculos anteriores. Os primeiros registros sobre os Mura foram produzidos pelos jesuítas ainda no século XVII (Amoroso, 1992, p. 298).

Na administração de Pombal, o viajante Alexandre Rodrigues Ferreira compila documentação sobre o processo de “Redução de paz e amizade da feroz nação do gentio Mura nos anos de 1784, 1785 e 1786” (Amoroso, 1992, p. 299). No ano de 1785, o militar Henrique João Wilckens, servindo a Pombal, escreve o poema

⁴²⁵ Amoroso (2009).

“Murahida ou o triunfo da fé” (Amoroso, 1992, p. 297). Os registros dessa época se referem aos Mura como corsos, povo hostil aos colonizadores e os caracterizam como sequestradores, saqueadores e piratas. Nimuendaju, em levantamento bibliográfico e documental sobre os Mura, mapeia historicamente e expansão da etnia pelos rios Madeira, Solimões, Negro e Japurá, enfatizando serem eles “selvagens e cômicos de sua superioridade” (Amoroso, 1992, p. 298). Leonardo Dias (2003) também enfatiza terem sido os Mura conhecidos não somente por sua habilidade como pescadores e navegadores, mas também e, sobretudo, por serem temíveis guerreiros. Essa representação simbólica sobre a etnia dizia respeito ao fato de resistirem fortemente aos colonizadores, conforme observa:

Durante boa parte do século XVIII, os Mura empreenderam assaltos contra os aldeamentos jesuítas e mais tarde contra os Lugares e Vilas, além de promoverem constantes ataques às canoas que iam à coleta no sertão e àqueles que faziam o comércio na rota Belém–Vila Bela. Estes ataques eram sempre de surpresa, pois sua estratégia era a emboscada, o que contribuía para a insegurança de moradores e índios aldeados nas missões, Vilas e Lugares do Grão-Pará (Dias, 2003, p. 2).

O deslocamento dos Mura pelo rio Madeira e sua expansão pelo Purus estiveram, de acordo com Dias, relacionados não somente com a presença portuguesa, mas também com as guerras entre etnias, dentre as quais a dos Munduruku. Dias considera que a aproximação dos Mura em relação aos portugueses, em fins do século XVIII, tenha se devido a inúmeros fatores: desde a percepção de seu poder de negociar com o colonizador em virtude da posição estratégica que ocupava nas fronteiras entre a América hispânica e a portuguesa, bem como os conflitos em curso com os Munduruku, inimigos temidos por diversas etnias na área do Madeira-Tapajós: “Famigerados caçadores de cabeça, acabaram por representar o mal maior para os Mura. Neste momento, a aliança com os portugueses parecia significar a melhor opção”. Ademais, “já havia uma percepção de que a vida dos aldeamentos a princípio, para os Mura, não diferiria muito de seu estilo de vida anterior” (Dias, 2003, p. 7). Importante notar que, para Dias, os Mura, longe de se submeterem docilmente aos colonizadores, aproveitaram de sua posição de força para negociar certa autonomia com os portugueses, o que incluía desde a escolha do local de aldeamento até a recusa em participar dos períodos de trabalho mais intensos (Dias, 2003, p. 8).

No capítulo I, intitulado “Do Rio de Janeiro às corredeiras do rio Madeira”, Keller também faz menção aos Mura, destacando os conflitos com os Mundurucu e assinalando o que seria o resultado do processo de dominação do colonizador sobre a etnia, perceptível quando utiliza o termo “ degeneração” para referir-se a eles:

O próximo assentamento à margem direita do rio Madeira é Sapucaia-Oroca, formada por algumas poucas cabanas de índios Muras, uma tribo desprezada e perseguida por todas as outras em conta de sua ladroagem e vida nômade, tal como ciganos. A tribo dos Mundurucus, em particular, parece avocar para si a missão de vida de aniquilar os Muras até o último indivíduo (Keller-Leuzinger, 2021, p. 82).

Em que pese os inúmeros relatos sobre a violência com que os Mura resistiram ao avanço dos colonizadores ao longo de séculos, percebe-se que o de Franz Keller retém as representações simbólicas mais negativas a respeito deles. Enfatiza sua suposta preguiça, reduzindo a importância das habilidades pelas quais essa etnia foi conhecida e reconhecida e faz menção aos conflitos com os Mundurucu para alegar que isso dever-se-ia ao fato de os Mura serem nômades e ladrões. Tendo em vista a própria história do contato dos colonizadores com os Mura, é possível fazer uma leitura a contrapelo do argumento da preguiça, considerando que se tratava, a bem da verdade, da recusa a submeter-se ao trabalho imposto pelos brancos, pautado ele no aldeamento e, por consequência, na fixação em determinado território. No mesmo sentido, as razões dos conflitos com os Mundurucu certamente não se deviam a roubos ou ladroagem, já que os Mura, considerando os próprios relatos resultantes do avanço das fronteiras colonizatórias, atacavam comerciantes e exploradores, prejudicando o comércio da região. Trata-se, portanto, de uma espécie de projeção da problemática que afligia os brasileiros-portugueses em sua relação com os Mura, transferidas para os Mundurucu (Nogueira, 2015).

Acerca desse retrato do colonizado ocioso, Albert Memmi esclarece que:

Nada melhor para legitimar o privilégio do colonizador do que seu trabalho; nada melhor para justificar a penúria do colonizado do que sua ociosidade. O retrato mítico do colonizado abarcará, portanto, uma inacreditável preguiça. O do colonizador, o gosto vertical pela ação (Memmi, 2007, p. 117).

Essas considerações de Memmi sobre os colonizados vêm de encontro às de Keller acerca dos Mura, pois elas ocultam o processo pelo qual essa etnia, obrigada

a se deslocar continuamente, acabou se aproximando dos portugueses-brasileiros em virtude dos conflitos com os Mundurucu. Atribuir e acentuar características negativas ao colonizado, como no excerto supracitado, são habituais nos discursos proferidos pelo “Ocidente”, conforme explicitado por Edward Said em sua obra *Orientalismo*:

Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (Said, 1990, p. 15).

Essa dominação à qual se refere Said também pode ocorrer por meio da propagação de caracterizações estereotipadas a respeito de povos e regiões de países que foram submetidos ao processo de colonização, assim como pelo epistemicídio e emudecimento de suas vozes de forma que o discurso do colonizador se sobressaia, como bem assinala a crítica canadense Mary Pratt, em sua obra *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*:

A maior parte dos viajantes nos Andes viu, em primeira mão, cenas como a de mineiros indígenas vivendo até à morte certa, sob miséria inenarrável, nas minas geladas e envenenadas por mercúrio na Cordilheira. Uma contra-evidência como esta colocou um pequeno problema para o inerente olhar imperial. Alguém precisava apenas observar uma pessoa em repouso para ser testemunha, se assim o desejasse, do traço de ociosidade. Era preciso tão somente que se visse sujeira para que se constatasse a falta de asseio. Esse inerente poder discursivo é impermeável até que aqueles que são vistos sejam também ouvidos (Pratt, 1999, p. 264).

Prosseguindo seu relato sobre as tribos indígenas, Keller-Leuzinger (2021, p. 210) enfatiza o fato de a população localizada abaixo do Sapucaia-Oroca e em direção a Borba e à foz do rio Madeira, ser "da mesma mestiçagem que no curso do Amazonas". Ao tecer comentários acerca das cabanas escondidas entre plantações de cacau e banana, observa que também seriam “habitadas por mestiços de todos os tons e graus de pele, e ocasionalmente também por algum mulato ou sambo (zambo), todos capazes de se comunicar em português até a extensão de suas necessidades de troca com o mundo externo”. Franz Keller dá a entender que esse processo de mestiçagem, assim como o contato com o mundo externo, teria como resultado a extinção daquilo que considerava a vida “verdadeiramente indígena”: “as facilidades

de novos meios de comunicação e a influência do comércio, que tudo nivela, haverá de apagar os últimos resquícios da vida verdadeiramente indígena nesta região” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 210).

Em *Discurso sobre o Colonialismo*, Aimé Césaire (2010) observa que o processo de colonização é marcado pela brutalidade e insensibilidade moral, uma vez que "Entre colonizador e colonizado só há lugar para o trabalho forçado, para a intimidação, para a pressão, para a polícia, para o tributo, para o roubo, para a violação, para a cultura imposta, para o desprezo [...] (Césaire, 2010, p. 31).

Ao mencionar novamente os Mundurucu, Keller expõe que eles eram “antes os mais belicosos destas terras”, mas que, “depois de uma longa e violenta resistência”, fizeram “as pazes com os portugueses no fim do século passado. Desde então, têm se mantido fiéis junto aos portugueses, até mesmo durante a terrível ‘guerra dos cabanos’, episódio fatal que foi para tantos brancos” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 210). Nessa passagem, observa-se que o próprio engenheiro alemão reconhece que os Mundurucu resistiram por longo tempo ao processo colonizador. Porém, não menciona o fato de o colonizado não dispor, como o assinala Memmi (2007, p. 123-124), “[...] de saída para deixar seu estado de infortúnio: nem de saída jurídica (a naturalização) nem de saída mística (a conversão religiosa): o colonizado não é livre para decidir se é colonizado ou não colonizado”.

Não obstante, em suas descrições acerca das tribos indígenas do vale do rio Madeira, Franz Keller (2021, p. 213) acaba enfatizando, a contrapelo, a resistência deles ao avanço colonizador. É o que se percebe em sua narrativa acerca dos Parintintins, que ele descreve como “hordas antropófagas sempre prontas para o roubo e o massacre”, dispostas a proteger os “ricos seringais de seu território”. Acrescenta que, dentro dos domínios desses “infames”, “as chances de ser morto e assado à fogueira pesam mais do que conseguir obter algumas libras de borracha”. Em suma, o avanço do colonizador não se deu sem a ferrenha resistência daqueles que tentavam, a todo custo, impedi-lo. Isso é válido seja para os Muras, seja para os Parintintins. O que se vislumbra em sua narrativa é uma brutal disputa pelo território, marcada pela resistência dos povos autóctones.

As considerações valorativas de Keller acerca dos Parintintins ecoam o que Frantz Fanon observa a respeito da África em sua obra *Os Condenados da Terra*. De acordo com Fanon, o território do colonizado é, para o colonizador, um “lugar de encontro dos selvagens, um país repleto de superstições e fanatismo, destinado à

desgraça, amaldiçoado pelas pragas derramadas por Deus, um país de canibais – em suma, o país dos negros” (Fanon, 1963, p. 170, tradução nossa)⁴²⁶. Como se percebe, embora esteja se referindo ao continente africano, suas considerações também são válidas quando se trata de analisar o discurso do colonizador acerca do território latino-americano.

Adiante, Keller-Leuzinger (2021, p. 216-217) menciona os *indígenas Caripuna*, ressaltando que eles são muito diferentes dos Mundurucu “e dos Parintintins e Araras”, e que “eles também não gozam de uma boa reputação por hábitos pacíficos, mas pelo menos em nosso caso consentiram em ter conosco um encontro amigável”. Em seguida, o engenheiro admite que essa amistosidade muito provavelmente não era uma disposição natural, mas sim o reconhecimento de que a expedição contava com membros armados, o que sugere o reconhecimento do potencial mortífero e a existência de um contato anterior com o homem branco, de modo a identificar o perigo. Para ele, talvez as boas intenções dos Caripuna “tenham se dado em razão de nosso número: seis homens brancos armados e oitenta remadores Mojos empunhando facas e arcos e flechas [...]”.

Do contato com os Caripuna, Keller tece observações a respeito de práticas culturais concernentes ao parto. Parece espantar-se com o fato de as mulheres Caripunas darem à luz “perante toda a tribo, mas sem assistência de ninguém”. Em um esforço comparativo, menciona que as mulheres Kaiowás, com as quais se crê terem tido contato quando de suas viagens ao Paraná, “vão sozinhas para as matas quando é chegada a hora do parto, voltando com o bebê quando tudo termina, retomando de imediato suas tarefas domésticas” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 222). Enquanto isso, explica, o esposo fica a semana inteira “deitado imóvel em sua rede, comportando-se como se fosse ele o paciente”. Tal comportamento, observa, causa verdadeira reprovação por parte dos homens brancos presentes, ao que o esposo “responde apenas com um sorriso de autocomiseração”. Entretanto, Keller sugere ter tido acesso a uma explicação acerca dessa prática, pois afirma que os indígenas “dizem que tal comportamento é essencial para o bem-estar da criança, que ficaria doente se o pai não obedecesse a um rigoroso regime (Keller-Leuzinger, 2021, p. 222).

⁴²⁶ Original em inglês: For colonialism, this vast continent was the haunt of savages, a country riddled with superstitions and fanaticism, destined for contempt, weighed down by the curse of God, a country of cannibals – in short, the Negro’s country.

A experiência vivenciada por Franz Keller entre os Caripuna torna evidente que, ao contrário do que ele imaginava, nem tudo estava disponível ao comércio dos homens. Salienta-se que excertos desse encontro com os referidos indígenas circulou nos periódicos *Le Tour du Monde* (1874), *Globus* (1874, v. 26, n. 1) e *O Vulgarizador* (1877), conforme exposto na seção anterior desta tese. Quando o alemão tenta trocar “um par de tesouras” pelo instrumento de um ancião daquela etnia, “uma fina tábua de meio metro de comprimento que, quando trespessada por um cordão puxado pelo meio, produzia um som de assobio”, recebe uma sonora negativa. Segundo Keller, o velho indígena lhe explicara que a troca não era possível, pois o instrumento “cujo sibilo ele imitava enquanto marchava lenta e majestosamente em volta do cemitério, era usado para exprimir suas lamentações pelos mortos, não podendo ser trocado como um mero objeto profano”. Keller se diz muito mais impactado pelo “sentimentalismo demonstrado por um indígena legítimo, nu em meio a uma imensa e primeva floresta”, do que pelos “modos solenes com os quais ele me explicara as utilidades do instrumento (Keller-Leuzinger, 2021, p. 223).

Nota-se que Franz Keller descreve os Caripuna com um olhar que oscila entre o etnográfico e o colonial, pois destaca a força física e resiliência da mulher indígena, por exemplo, mas rechaça com veemência o aspecto cultural referente ao comportamento do esposo. A breve descrição acerca do ritual fúnebre praticado pelo ancião caripuna em respeito aos seus mortos não apenas possui grande valor etnográfico por revelar aspectos da cosmovisão Caripuna, mas também evidencia que nas situações de contato com o homem branco havia limites impostos pelos indígenas na medida que lhes era possível em um contexto de violência do colonizador europeu.

Retomando o discurso eurocêntrico do século XIX, que compara culturas e opõe “civilizados” e “selvagens”, Maria de Fátima Costa (2019) afirma que os viajantes alemães Spix e Martius, informados pelas teorias de Carl von Linné e de Buffon, assim como pelas formulações de Johann Friedrich Blumenbach e de Immanuel Kant, reafirmavam “uma pretensa superioridade dos europeus frente a outros povos qualificados de selvagens, como o homem americano”. Comentando a narrativa de Spix e Martius, publicada entre 1823-1831 intitulada *Reise in Brasilien (Viagem pelo Brasil)*, Costa observa:

Para os dois bávaros, o europeu pertencia, pois, a uma *raça superior, aristocrata da humanidade*. Já o americano era tido como um ser inferior, um selvagem. Nesse sentido, caberia aos

européus, incitados por nobres sentimentos, espalhar a civilização cristã e científica às terras mais remotas (Costa, 2019, p. 3-4, grifo da autora).

Inserido no contexto de produção de relatos de viagem escritos por europeus, Franz Keller faz menção a Spix e Martius e a outros viajantes, dando a entender que tinha conhecimento de suas reflexões a respeito das populações indígenas do Brasil. As considerações de Keller têm uma dupla via: de um lado, lamenta que as populações autóctones venham, a seu ver, desaparecer, impedindo a produção de um conhecimento etnográfico futuro. De outro lado, parece fazer uma crítica à colonização portuguesa, que lhe parece incapaz de nelas plantar a semente civilizatória:

O desaparecimento gradual dessa raça de destino incerto é o que se há de mais lamentar, ao passo que soluções para muitos desafios etnográficos apenas se tornarão mais e mais difíceis. Não pereceriam nessas tão numerosas tribos as sementes civilizatórias, se fossem apropriadamente cultivadas. Mesmo após todas as valiosas anotações de Humboldt, Spix, Martius, D'Orbigny, Moke e outros, ainda não se encontrou explicação satisfatória para muitos fatos observados, e provavelmente nunca se achará, ainda mais porque há tão poucas reminiscências de monumentos ancestrais ou quase absolutamente nada escrito pelas próprias mãos dos autóctones – com exceção de alguns poucos hieróglifos ininteligíveis (Keller-Leuzinger, 2021, p. 39-40, grifo nosso).

O autor desconsidera que aos portugueses interessava tão somente a posse das terras e a escravidão e/ou o extermínio daqueles povos, que, para ele, não têm história e tampouco um sistema de escrita para registrá-la, a não ser um punhado de “hieróglifos” que, para o colonizador, são “ininteligíveis”. Por fim, Keller-Leuzinger (2021, p. 232) considera que o futuro dos indígenas sul-americanos em contato com a raça branca seria, de fato, “a destruição física e moral, assim como seus enérgicos irmãos da América do Norte”. Desse modo, a observação das etnias e culturas com as quais o engenheiro alemão tomava contato era guiada pela perspectiva do extermínio desses povos, o que, a seu ver, ocorreria em um futuro próximo. As considerações acerca da mestiçagem parecem se inserir nessa lógica que entende o avanço do europeu aliada à extinção dos povos e das culturas autóctones.

É interessante mencionar que Franz Keller fez um desenho com base em algumas inscrições rupestres (hieróglifos) avistadas por ele no alto de um rochedo na Cachoeira do Ribeirão, no rio Madeira, durante a expedição a esse rio, no momento

em que observava os indígenas arrastando embarcações pela corredeira. As gravuras, encontradas em uma rocha semelhante à pedra gnaiss, apresentavam “figuras em espiral e anéis concêntricos”, além de “linhas retas e ordenadas”, sugerindo um trabalho metucioso e intencional que, aos seus olhos, “dificilmente seriam resultado da ociosidade de índios ociosos”. O bloco onde estavam cunhadas mede aproximadamente 1,04 m de comprimento, 1 m de altura e largura, posicionado a 45° e a apenas 2,5 metros acima do nível mais baixo da água. A erosão e um esmalte marrom-escuro que recobria a superfície indicam sua antiguidade, com alguns símbolos quase apagados pelo tempo. Para Keller, “muitas eras devem ter passado desde que algum índio muito paciente dedicou horas de sua vida para esculpir estas pedras com uma talhadeira de quartzo” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 109-110).

Figura 56. Figuras entalhadas nos rochedos do rio Madeira.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 111).

Keller-Leuzinger (2021, p. 112) questiona a autoria das inscrições, descartando a hipótese de que teriam sido feitas pelos ancestrais dos Caripuna, povo indígena que, em sua visão, não possuía desenvolvimento civilizatório suficiente para tal

empreendimento, uma vez que “Uma rudimentar nação de caçadores não dá indícios de que dedicaria meses à trabalhosa tarefa de encravar figuras em rochas apenas com o auxílio de ferramentas precárias também de pedra”. Consequentemente, Keller compara os ditos hieróglifos com outras representações rupestres mais rudimentares encontradas no Orinoco e no Araguaia, estas últimas retratando animais e objetos litúrgicos cristãos, sugerindo uma origem mais recente. O autor especula sobre uma possível conexão com o Império Inca, dada a complexidade dos símbolos, mas reconhece a escassez de conhecimentos sobre as civilizações pré-coloniais da América do Sul, limitando-se a conjecturas.

Na lista de ilustrações de *Vom Amazonas und Madeira*, Keller explica que “apesar de serem um enigma que talvez sempre nos causarão perplexidade, estas figuras são de grande interesse, pois evidenciam o grau civilizatório dos habitantes de outrora destas regiões” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 21).

Com relação ao contato de Franz Keller com indígenas bolivianos da etnia Mojo, reitera-se, provém desde a saída da comitiva de Manaus em direção ao rio Madeira. Na ocasião, Keller relata que os referidos indígenas atuavam como remadores durante o trajeto da viagem de exploração. No entanto, no decorrer do percurso, os Mojo passam a atuar também como cozinheiros “em turnos de revezamento, de forma a atender a todos os tripulantes do barco em que estão. O menu: uma papa de farinha de milho selvagem, peixe fresco ou assado, ou carne de jacaré” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 133).

Por outro lado, os indígenas “que não estão ocupados cozinhando ocupa[m] seu tempo com a manufatura de camisas de casca de árvore, cujo material se encontra quase em todo canto em que paramos para descansar” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 133).

Figura 57. Local de descanso à sombra de um gigante da floresta⁴²⁷.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 132).

Keller (2021, p. 133) afirma que a “técnica de fabrico de vestes” dos Mojo é simples e “primitiva”. Com “um martelo de madeira com ranhuras chamado ‘maceta’ e um pedaço de madeira”, eles obtêm “as fibras da casca” que, após contínuas marteladas, “começam a se soltar”, [...] “tornando-se amolecidas e flexíveis, e com cerca do dobro do tamanho original”. Depois desse processo, elas são “lavadas [e] contorcidas para a remoção da seiva e ressecadas ao sol”, ganhando “o aspecto de um tecido de lã grosseira, de leve cor amarelada ou amarronzada e dispendo de duas

⁴²⁷ [...] se, por um lado, árvores do tamanho aqui mostrado não são encontradas em todas as florestas tropicais, por outro, não são uma visão incomum ao longo do rico aluvião da bacia do Amazonas. Elas geralmente pertencem à família da figueira, de madeira branca e leve. Uma parada para descanso às sombras desses gigantes, cobertos por centenas de plantas parasitas – da imbé, com folhas largas e raízes do tipo cipó, até orquídeas estranhas e samambaias formosas –, quando o sol do meio-dia preenche a atmosfera com seus raios incandescentes, eis uma cena de deleite após uma manhã de trabalho pesado (Keller-Leuzinger, 2021, p. 21).

camadas principais de fibras onduladas junto com filamentos menores” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 133).

Segundo afirma Keller, essa vestimenta – “que os índios da Bolívia a chamam de cáscara, e os índios do Amazonas a chamam de tururi”⁴²⁸ – é ideal para o clima tropical. Com um corte “simples e tradicional”, a roupa possui um “buraco no centro de um corte de 3 metros para se passar a cabeça; o restante é costurado em ambos os lados, até a altura da cintura”, usando-se “um cordão de algodão ou uma tira de cipó” como cinto (Keller-Leuzinger, 2021, p. 134). Na gravura a seguir, vemos indígenas Mojo trajando cáscara e tomando café da manhã, enquanto um deles confecciona a referida vestimenta. Na nota de rodapé da ilustração constam mais informações sobre ela e as roupas.

Figura 58. O café-da-manhã de nossos remadores⁴²⁹.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 137).

Franz Keller inicia o último capítulo de *Vom Amazonas und Madeira*, intitulado “Os índios Mojos da antiga missão jesuíta da Bolívia”, informando que esses indígenas habitam a região acima das cachoeiras do rio Madeira, nos campos ou pradarias orientais da Bolívia, entre os rios Beni, Mamoré, Itonama e Guaporé, em 15

⁴²⁸ *Curatari legalis*, conforme Martius.

⁴²⁹ [...] em um local bem escolhido, debaixo da sombra de mirtáceas e cacauzeiros, com seus frutos dourados brotando diretamente do caule, nossos amigos morenos (em suas camisetas de fibra de árvore, ou em suas mais elegantes camisetas brancas) se sentam em volta de um grande vasilhame de argila, de dentro do qual o Capitão distribui um mingau espesso feito à base de milho, ou de farinha de mandioca, misturado a pedaços de carne. O personagem no primeiro plano se ocupa batendo uma dura tira de casca de árvore com uma “maceta” de madeira, amaciando-a e lhe dando flexibilidade para, ao fim, poder vestir a peça (Keller-Leuzinger, 2021, p. 22).

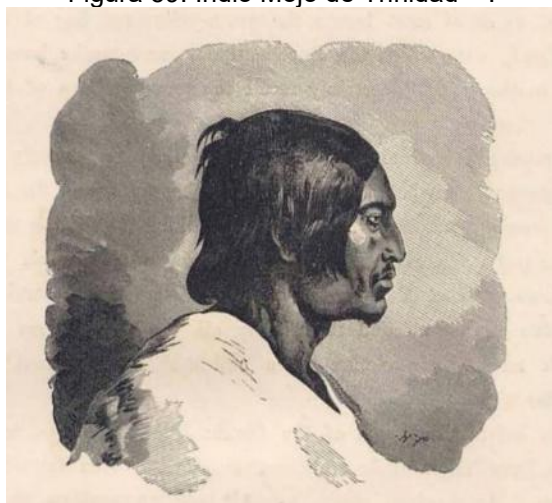
assentamentos regulares. Segundo Keller, esses assentamentos já foram fundados como missões pelos jesuítas, desde 1687. O engenheiro alemão estima que o número de Mojos seja de aproximadamente 30.000. Sob sua ótica, eles são índios puros e não misturados, em sua maioria de constituição esplêndida, figuras fortes, mas que são mantidos em um estado de abandono e opressão que é altamente angustiante e desanimador (Keller-Leuzinger, 2021, p. 247).

Franz Keller desenhou dois bustos de indígenas Mojos de Trinidad (Cf. Figura 59; Figura 60), conforme mencionado na seção anterior desta tese em uma publicação da revista *Globus*. As feições de um deles – que pertencia à tripulação da embarcação de Keller – eram consideradas “bastante nobres e lembravam as dos canadenses de Seume⁴³⁰”. Keller o considerava “um dos mais reservados entre os peles-vermelhas reservados”. Por sua vez, Mariano, “era extremamente ágil e inteligente, especialmente quando se tratava de assuntos de cozinha”. Quanto à sua aparência física, observa-se que as maçãs do seu rosto são “salientes, os olhos rasgados, a barba rala e a tendência não desprezível à obesidade lhe davam a aparência de um ‘mandarim chinês’ fortemente escurecido. (– Mas o nariz e a boca não lembram o tipo chinês.–)” (*Globus*, 1875, v. 27, n. 11, p. 168, segunda coluna, tradução nossa)⁴³¹.

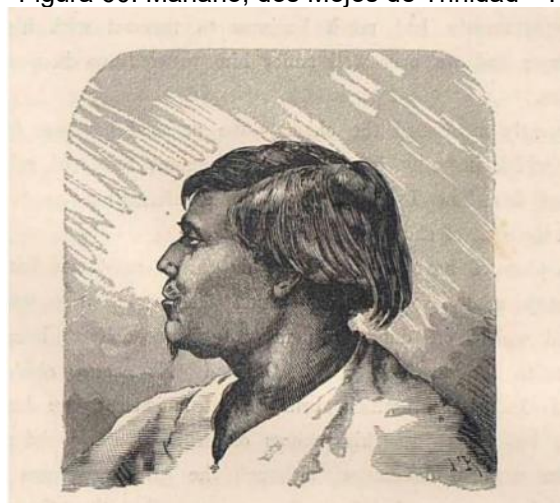
Observa-se nas notas de rodapé das seguintes ilustrações, que a *Globus* apenas reproduziu as descrições que Keller fez daqueles indígenas em seu relato:

⁴³⁰ Escritor alemão Johann Gottfried Seume (1763-1810).

⁴³¹ Original em alemão: Unsere Illustrationen (S.167) veranschaulichen zwei Köpfe von Moxosindianern aus Trinidad am Mamoré. Die durchaus edelen Züge des einen welcher (der Bootsmannschaft Keller's angehörte) erinnerten an Seume's Canadier; er war einer der verschlossensten unter den verschlossenen Rothhäuten. Der andere, Marianno genannt, war äußerst flug und verständig, namentlich wo es sich um Küchenangelegenheiten handelte. Seine vorstehenden Backenknochen, geschlitten Augen, schwacher Bart und nicht geringe Anlage zur Beileibtheit gaben ihm das Ansehen eines stark nachgedunkelten chinesischen Mandarinens". (— Aber die Nase und der Mund erinnern doch nicht an chinesisches Typus . —)

Figura 59. Índio Mojo de Trinidad⁴³².

Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 276)

Figura 60. Mariano, dos Mojos de Trinidad⁴³³.

Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 278)

Explicando sobre as Missões Jesuítas na Bolívia, Keller afirma que quinze delas “compõem o Departamento do rio Beni” e “são habitadas por grupos indígenas distintos. Três deles, os Canichanas, Cayuabas e os Mobimas, vivem cada qual em um povoamento”, ao passo que “os outros quatro, os Maropas, Baurés, Itonamas e os Mojos, têm três ou quatro vilas cada” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 283).

Apesar das semelhanças superficiais entre as diversas tribos indígenas no que diz respeito a roupas, costumes e hábitos – provavelmente decorrentes da influência jesuíta –, persistem diferenças marcantes que resistiram à assimilação. Os Cayuabas de Exaltación, embora pareçam ter sofrido mais com a influência corruptora do colonizador, ainda são reconhecidos como os mais habilidosos barqueiros. Já os Canichanas de San Pedro, que logo se destacam por sua expressão austera e melancólica de traços mongóis, são considerados os que mais desafiaram os missionários, conservando até época recente práticas antropofágicas e sacrificando mais de um emissário das Missões vizinhas que ousasse adentrar sozinho seus territórios afastados (2021, p. 283).

⁴³² [...] as nobres características deste índio, tripulante de uma de nossas embarcações, faz-me lembrar de Seume quando disse: "um canadense ainda é um europeu"; e, se o exemplar aqui retratado não agisse exatamente como um pele-vermelha, pelo menos ainda seria um dos tipos mais taciturnos que já vi (Keller-Leuzinger, 2021, p. 27).

⁴³³ [...] sujeito ativo e inteligente que sob a instrução de nosso cozinheiro se dedicou a expandir seus conhecimentos culinários, e que aqui e acolá tentava separar para si algumas das melhores porções. Suas maçãs do rosto salientes, olhos oblíquos, barba rala e predisposição ao excesso de peso davam-lhe a aparência de um chinês de pele escura (Keller-Leuzinger, 2021, p. 27).

Acerca dos indígenas Mobimas, de Santa Ana, próximos a Exaltación, destaca-se sua estatura elevada, especialmente as mulheres, que “desfilam” com determinação vestindo suas túnicas brancas – imagem que poderia facilmente inspirar “lendas como as dos gigantes da Patagônia” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 285).

Quanto aos Mojos de Trinidad, Loreto, San Ignacio e San Javier – que nos interessa na presente análise – Keller ressalta que entre eles não apenas se veem rostos de “impecável simetria e beleza”, mas também o fato de serem considerados os “mais honestos, devotos e puros de coração” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 285).

Ao final do capítulo VII, dedicado aos Mojos, Franz Keller disponibiliza uma tabela constando um “Vocabulário dos dialetos indígenas ainda falados no Departamento do rio Beni – Bolívia” (Cf. ANEXO D). A respeito da pronúncia, Keller ressalta “que a grafia usada segue as bases da língua alemã” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 285).

Em seguida, Franz Keller discorre sobre a presença das Missões Jesuítas nas comunidades indígenas boliviana e brasileira, e parece chegar a uma conclusão muito mais negativa do que positiva acerca do assunto, como se observa no excerto abaixo:

Quando passamos a revisar tudo o que foi dito sobre o assunto, as conquistas dos Jesuítas não deixam de nos parecerem impressionantes e admiráveis, ainda que suas intenções fossem tão ambiciosas e egoístas, e seus métodos tão imorais e desonestos. O nível de sucesso alcançado parece ainda maior quando contrastado com as condições atuais do moderno clero brasileiro e boliviano. Indiferente à união dos remanescentes indígenas, se o governo desejar estimulá-los a atividades produtivas, ou mesmo salvá-los da completa extinção, dever-se-á recorrer mais uma vez aos missionários italianos capuchinhos, pois não há um só dentre os muitos monges brasileiros – gordos e ociosos, sempre a caminhar preguiçosamente pelas ruas das cidades e a escandalizar a verdadeira cristandade com o laxismo de suas vidas – que consentiria em trocar sua rica remuneração eclesiástica pela vida dura em um Aldeamento de índios (Keller-Leuzinger, 2021, p. 286).

Keller apresenta uma análise crítica e contrastante, comparando a atuação dos jesuítas no passado com a do clero brasileiro e boliviano no século XIX. Embora reconheça as conquistas dos jesuítas como “impressionantes e admiráveis”, ele questiona suas intenções “ambiciosas e egoístas” e seus métodos “imorais e desonestos”. Em contrapartida, o autor enfatiza a decadência moral e a ineficácia do clero de sua época, destacando o contraste entre os dois períodos.

A comparação evidencia a hipocrisia e a indolência dos monges brasileiros, retratados por Keller como "gordos e ociosos", mais interessados em usufruir dos privilégios eclesiásticos do que em se dedicar ao trabalho missionário entre os indígenas. O autor defende que, para qualquer iniciativa de integração ou "salvamento dos povos indígenas da completa extinção", seria essencial recorrer aos missionários capuchinhos italianos, já que o clero local, em sua visão, estaria moral e fisicamente inapto para cumprir tal missão.

Embora critique veementemente a inércia do clero brasileiro, Keller parte do pressuposto de que os indígenas necessitam de tutela religiosa ou estatal para sobreviver — como se fossem incapazes de gerir suas próprias vidas e territórios. Essa perspectiva reforça uma visão eurocêntrica de superioridade, apresentando a assimilação forçada como única alternativa à exploração, em vez de considerar o respeito à autonomia e soberania indígena.

Keller, ao mesmo tempo que denuncia a hipocrisia clerical, deixa de questionar o próprio projeto colonial que legitimava a dominação sobre culturas e territórios indígenas. Sua crítica, por mais contundente que seja, ainda se mantém presa a uma visão que tratava os povos originários como meros objetos de intervenção, nunca como sujeitos autônomos e detentores de direitos.

Esse debate ganhou destaque em uma resenha publicada pela renomada revista *Globus*, em meados de 1875. Segundo o editor alemão, para Franz Keller, “a relação entre os indígenas e seus senhores, os jesuítas, no auge das missões até meados do século passado, diferia da escravidão real apenas pelo fato de não serem vendidos” (*Globus*, 1875, v. 27, n. 11, p. 167, tradução nossa)⁴³⁴. Embora os Mojos “possuam uma habilidade extraordinária na produção de cestaria e tecidos de todos os tipos, sua atividade comercial é negligenciada”. Assim, “eles se tornaram miseráveis, mas o fanatismo religioso permaneceu”, com práticas de autotortura em rituais impostos pelos jesuítas (*Globus*, 1875, v. 27, n. 11, p. 167-168, tradução nossa)⁴³⁵. Como exemplo, a “vinheta final ilustra os métodos educacionais usados pela Companhia de Jesus entre os índios” (*Globus*, 1875, v. 27, n. 11, p. 168), que,

⁴³⁴ Original em alemão: Franz Keller's Meinung zufolge unterschied sich wohl das Verhältniß, in welchem die Indianer zur Blüthezeit der Missionen bis Mitte des vorigen Jahrhunderts zu ihren Herren, den Jesuiten, standen, von einer eigentlichen Sklaverei nur dadurch, daß sie nicht verkauft wurden.

⁴³⁵ Original em alemão: man vernachlässigt die Hebung der Gewerbsamkeit, obwohl die Moxos ein außerordentliches Geschick für Herstellung von Flechtwerk und Geweben jeder Art besitzen, und man betrügt sie in gottloser Weise. Sie sind elend geworden, aber der religiöse Fanatismus ist geblieben. „Noch heute sieht man bei religiösen Schaustellungen Selbstpeiniger.“

na verdade, pode ser uma sátira de Keller aos tais métodos nada educacionais, mas coloniais.

Figura 61. Instrumentos de catequese de índios usados pela Companhia de Jesus.



Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 286).

Analisando o desenho, é possível ver uma combinação de objetos religiosos (como um estandarte de procissão, um incensário, um rosário e uma espécie de pergaminho, talvez com passagens bíblicas) com instrumento bélico e/ou de tortura (espada, correntes e algemas), alinhando-se à perspectiva crítica do autor em relação à situação dos indígenas e os impactos deixados pela colonização religiosa por meio das missões jesuíticas.

6.3 O INDÍGENA E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA AMAZÔNIA

Durhan (1983, p. 14) considera que, mesmo após a independência de Portugal, as elites e o Estado brasileiro cultivavam uma imagem negativa do nativo, consideravam o índio como “[...] a negação do progresso e do desenvolvimento”, isto é, um sinal de atraso para a Nação. Como tal, torná-lo invisível e sem leis específicas de proteção o conduziria depressa à categoria de camponês e de pequeno agricultor. A combinação política desses fatores levaria gradualmente os autóctones a se integrarem a sociedade nacional (Almeida, 2018, p. 617).

Pode-se notar nas considerações de Keller acerca dos povos autóctones certa concepção de desenvolvimento da Amazônia. Em determinado momento da narrativa, o engenheiro supõe que uma forma de deter o ritmo da destruição das populações indígenas consistiria na “instalação de Aldeamentos ao estilo das antigas Missões, mas com a condição de que um menor rigor seja prestado à religião e mais ênfase seja dada ao desenvolvimento da agricultura e da indústria” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 232). Ou seja, para não ser exterminado, o indígena teria de aceitar o trabalho

forçado no aldeamento sob administração de colonos europeus pois assim, segundo Keller, estaria assegurada a “compaixão para com os nativos”, a “efetiva proteção aos colonos” e “a futura prosperidade do país” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 214).

Analisando as dificuldades impostas pela natureza ao avanço do que considera o progresso, Keller imagina um futuro em que a intervenção da ferrovia facilitaria o escoamento dos insumos nativos, combinado com o desenvolvimento da agropecuária, suplantando o modo de vida das populações autóctones, modo de vida este que ele chama de semisselvagem:

[...] Em sete dias mais, poderão estar na foz do rio Madeira, e em uma semana a mais poderão chegar à primeira corredeira de Santo Antônio. A partir daí, não mais do que brevemente, locomotivas poderão levá-los floresta adentro, onde antes se chegava somente após longas e difíceis jornadas de três meses de duração partindo da foz do rio Madeira.

Uma vida agitada e intensa será infundida ali. Borracha, cacau, madeira de lei, corantes e resinas não mais se estragarão pelo transporte dificultado, e a agricultura e a criação de gado irão restringir — se não suplantarem — a existência semisselvagem de todos aqueles que ainda subsistem somente da caça e da pesca (Keller-Leuzinger, 2021).

Fica evidente que, para o engenheiro alemão, a implantação de uma infraestrutura de transporte eficiente para escoar os produtos locais, no caso a ferrovia Madeira Mamoré, modificaria radicalmente a região, extinguindo o *modus vivendi* não somente do indígena, como de todos aqueles que ali sobreviviam da caça e da pesca. Essa perspectiva de extinção futura se sustenta em uma mirada extremamente negativa de um modo de se relacionar com a natureza e dela prover o sustento, modo esse interpretado como sinal de indolência de indígenas e mestiços, indiferentes à lógica do capital, conforme se observa no excerto abaixo:

Os índios e mestiços destas terras são extremamente indolentes, e trabalharão apenas o suficiente para saciarem a fome. Em razão de o rio Negro ser tão rico em peixes quanto poderia ser – pescados e vendidos sem dificuldades –, e sendo o solo tão fértil quanto se poderia esperar, eles passam a maior parte de seu tempo deitados em suas redes, em um estado de prazerosa sonolência que não trocariam por trabalho regular ou dinheiro nenhum. São todos, em maior ou menor medida, como um certo mestiço que assim respondeu a um explorador que lhe oferecia alta compensação pelos serviços de guia, remador, caçador e pescador: “Retorne amanhã, depois que eu tiver vendido meus peixes na cidade, e eu lhe darei o dobro apenas para não me

encher mais a paciência”, disse o mestiço (Keller-Leuzinger, 2021, p. 74, grifo nosso).

É importante destacar que parte do conhecimento sobre essas populações provinha do que ele chama de "interlocutores diligentes", responsáveis por familiarizar sua comitiva com os "costumes e línguas de diversas tribos indígenas, de modo que eles sabiam, com relativa precisão, o que “esperar deles”. No entanto, Keller ironiza que, mesmo quando não há "a certeza reconfortante de sabê-lo", essa dinâmica poupa-os "da pontada de decepção" e os prepara para quaisquer eventualidades. Keller conviveu com os guias e muito provavelmente parte do que ele diz vem do discurso dos colonizadores a respeito desses indígenas. Isso está claro no discurso dele. É como se ele fosse um narrador das narrativas que escutou, pois ele não falava as línguas dos indígenas, conforme se depreende do excerto abaixo:

A seguinte narrativa de um fato inteiramente verídico deverá jogar luz na atual condição das coisas. Uns seis ou sete anos atrás, os habitantes de uma pequena cabana no Rio Negro, mais acima de Manaus, foram encontrados assassinados. Como as tíbias das vítimas (osso usado para confeccionar flautas por uma tribo vizinha) haviam sido extraídas, não poderia haver dúvida acerca da identidade dos assassinos (Keller-Leuzinger, 2021, p. 215).

Sem mencionar a fonte – muito provavelmente os guias que os conduziam pela floresta –, Keller não questiona, em momento algum, a validade do que lhe era narrado. No entanto, o relato serve para enfatizar os possíveis perigos que rondavam a expedição, produzindo no leitor certa apreensão, nos moldes das narrativas de aventura. Ao mesmo tempo, o relato validava as representações simbólicas acerca da crueldade e “selvageria” dos povos autóctones. Assim, o temor ao autóctone é sucedido pelo desejo de vingança, a ser levada a cabo pelo colonizador, conforme o assinala no excerto abaixo:

Na atual situação das coisas, os filhos da floresta estão em vantagem, e muito raramente recebem o que merecem por seus assassinatos, mas talvez daqui a vinte ou trinta anos a sorte mude de lado e, então, acontecerá o que sempre se passa quando a raça branca e a vermelha se confrontam. Cada árvore machadada pelos colonos será como o martelar de um prego no caixão de um selvagem, pois cada golpe de machado os afastará cada vez mais de sua fonte de sobrevivência — os rios e suas áreas de caça. Enfim, quando os apitos sibilantes das locomotivas ecoarem por entre as clareiras, e os portentosos vapores singrarem os rios, será o fim de uma era (Keller-Leuzinger, 2021, p. 229-230).

De acordo com Keller, o povoamento do homem branco em território indígena – nele incluso a destruição da fauna e da flora – garantiria por si só o extermínio dos indígenas, uma vez que suas fontes de sobrevivência também seriam destruídas. A noção de “progresso” do autor ganha nuances desumanas, combinadas a requintes de crueldade, haja vista que Keller tenta justificar a punição e extermínio dos “filhos da floresta” (todos os povos indígenas), como uma justa vingança pelos supostos assassinatos dos “brancos”. Essa desumanidade fica ainda mais evidente quando Franz Keller propõe, irônica e sarcasticamente, para o que ele chama de “ultrassentimentalistas do tipo literário”, a seguinte indagação:

A prosperidade de uma família trabalhadora de algum assentamento de colonos, empenhados em criar um lar para seus filhos e netos com o suor da testa, não é mais importante do que o conforto de alguns selvagens com os quais aquela prosperidade pode vir a interferir? (Keller-Leuzinger, 2021, p. 232-233).

Como parâmetro de comparação para esse futuro imaginado, Keller faz menção à colonização do Oeste estadunidense, em cujo território considera ter ocorrido exatamente aquilo que projeta para o Brasil, a aniquilação dos povos indígenas em favor do avanço dos colonos:

[...] Nos Estados Unidos, podemos esperar pacientemente pela finalização deste processo, que se encerra com a inflexível rigidez das leis naturais. Lá, as ondas de imigração já alcançaram as montanhas rochosas do oeste distante, e as tendas dos índios são constantemente derrubadas para dar espaço a estações ferroviárias ou às ruas de alguma cidade recém-fundada. Lá, a selvageria indígena e a cultura moderna, incapazes de coexistirem, diariamente vertem sangue (Keller-Leuzinger, 2021, p. 233).

Note-se que da perspectiva de Keller a existência dos povos autóctones e dos colonos seriam incompatíveis, de forma que para o avanço do que ele considerava progresso – ferrovias, agricultura, gado – seria inevitável exterminar aqueles que originalmente habitavam aquele território. Dialogando com os românticos, que empenhados em criticar o racionalismo valorizavam os povos primitivos por sua proximidade com a natureza, Keller os critica pelo que considera ser uma visão idealista, a seu ver, completamente divergente daquilo que de sua perspectiva seria o “real”:

Dito isso, ainda estou longe de me juntar às insustentáveis lamentações de escritores acerca da iminente extinção de uma mística raça vermelha, superior aos brancos em virtudes e nobreza do coração. Tal raça existe apenas na imaginação dos novelistas. O índio indolente, lascivo, e por vezes traiçoeiro – a raça da vida real –, deve ceder, e assim o fará, às exigências de uma Europa superpopulosa (Keller-Leuzinger, 2021, p. 232).

Quanto a essa espécie de representação subalternizada, retomemos Edward Said (2011) quando afirma que “todas as culturas tendem a elaborar representações de culturas estrangeiras a fim de melhor dominá-las ou de alguma forma controlá-las”. Porém, “nem todas as culturas fazem representações de culturas estrangeiras e *de fato* as dominam ou controlam”. Said finaliza argumentando que artistas do século XIX, como Kipling, Conrad, Gérome e Flaubert “não reproduzem pura e simplesmente os territórios distantes”, mas “desenvolveram e acentuaram as posições essencialistas na cultura europeia, proclamando que os europeus deviam dominar, e os não europeus, ser dominados. E os europeus *de fato* dominaram” (Said, 2011, p. 172-173, grifo do autor).

O discurso de Franz Keller também salienta, no século XIX, que o europeu e seu modelo de “progresso” deveriam dominar a terra e aniquilar os nativos. Certo de que uma ferrovia⁴³⁶ seria construída na Amazônia com base no relatório da viagem de exploração ao rio Madeira, elaborado por ele e seu pai, Keller idealiza o momento em que a população do Cerrito⁴³⁷ poderia pegar “um pequeno barco a vapor” e “partir para poder apanhar o trem no Guajará⁴³⁸ e seguir até Santo Antônio”. Para Keller, quando isso acontecesse, “os homens da pele vermelha já terão desaparecido e nada restará da sua passagem por estas terras – nada a não ser alguns fragmentos de cerâmica quebrada” (Keller-Leuzinger, 2021, p. 244-245, grifo nosso).

Ao referir-se sistematicamente aos indígenas brasileiros como “pele vermelha”, Keller não apenas generaliza as distintas etnias locais, mas também as equipara a alguns povos nativos da América do Norte, desconsiderando suas particularidades culturais e geopolíticas. O discurso genérico, com rubricas colonialistas, despersonaliza o colonizado, como afirma Memmi (2007, p. 123): “O colonizado jamais é caracterizado de uma maneira diferencial; só tem direito ao afogamento no coletivo anônimo (“Eles são isto... Eles são todos iguais”)”. Essa perspectiva muitas

⁴³⁶ A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

⁴³⁷ Uma colina às margens do rio Mamoré (Keller-Leuzinger (2021, p.161).

⁴³⁸ Município de Guajará-Mirim-RO.

vezes aflora no próprio discurso de Keller ao referir-se aos “índios e mestiços” do território brasileiro a partir dessa ótica generalizante e coletiva.

O próprio Franz Keller (2021, p. 230) admite que o indígena resistirá a abandonar seus costumes e só adotará a agricultura — que vê como atividade exclusiva das mulheres — se for gradualmente pressionado por uma mistura de autoridade e afeto. Ele sempre considerará que tem direito primordial às terras, devido às suas origens, e não aceitará mudar “seu modo de vida em favor dos intrusos”, afirma Keller. Por outro lado, o colono “branco e sem instrução sempre olhará com desdém e superioridade para o ‘animal escuro’” (o nativo), exigindo espaço para si e sua família. Esses conflitos, alimentados⁴³⁹ por ambos os lados, “com o emprego das mais pérfidas armas”⁴⁴⁰, sem dúvida levarão à destruição “de mais uma dentre tantas nações” indígenas.

Ao expor um diálogo mantido com um “Guarani muito inteligente do Aldeamento de Santo Inácio”, na Província do Paraná, Franz Keller traz à tona a cosmovisão daquele homem indígena a respeito da insistência dos “brancos” em persegui-los e em usurpar suas terras, mesmo havendo espaço “suficiente para todos” coexistirem harmoniosamente, conforme excerto a seguir:

[...] "Por que os brancos não nos deixam em paz em nossas florestas? Por que temos de viver como eles? Não há espaço suficiente para todos nós?" O que poderia eu responder? Ele refutaria com facilidade qualquer discurso sentimental acerca das bênçãos civilizatórias, simplesmente apontando a importação do sarampo, que à época dizimava a sua vila. Seria deveras cruel insistir na crua verdade de que, com o tempo, pelo mais sublime direito do mundo que é imposto pela força, seríamos capazes de guiá-lo ainda muito longe. Mas tudo o que pude fazer por aquele bom homem foi dar um conselho ao estilo de um professor escolar – que mantivesse boa relação com os brancos, para o seu próprio bem (Keller-Leuzinger, 2021, p. 230, grifo nosso).

O texto expõe um diálogo repleto de tensão colonial, no qual um indígena questiona a invasão e imposição cultural dos brancos, destacando a contradição entre

⁴³⁹ A resistência do autóctone é o combustível para as contendas e o pretexto para o seu extermínio.

⁴⁴⁰ Se é verdadeira uma história que escutamos no rio da Pomba (um afluente do rio Paraíba), os louros da perfídia devem ser dados à raça branca. Agricultores que se viam ocasionalmente perturbados por pequenos furtos cometidos por índios, mas que, por outro lado, viviam em paz com os mais numerosos grupos indígenas vizinhos, após um surto de varíola, juntaram todas as roupas e cobertores de seus negros e os deixaram na floresta. Conforme o planejado, terríveis foram os efeitos sobre os índios que recolheram para si os itens. Quase toda a tribo foi dizimada.

o discurso civilizatório e a realidade destrutiva que o acompanha. Suas perguntas retóricas – "Por que os brancos não nos deixam em paz?" e "Por que temos de viver como eles?" – revelam não apenas resistência, mas também uma clara consciência das violências simbólica e material do colonialismo. A menção ao sarampo, doença involuntária introduzida pelo colonizador, serve como uma refutação do mito do "progresso", demonstrando como a "civilização" trouxe morte, ao invés da salvação.

No trecho em que Keller decide não revelar ao indígena Guarani a "crua verdade" de que, "pelo mais sublime direito do mundo – imposto pela força", os europeus poderiam "guiá-lo ainda muito longe", evidencia-se a racionalização colonialista que transformava a dominação em um suposto dever moral. Sob o pretexto de civilizar e promover o "progresso", a violência colonial era justificada como necessária para superar o "atraso" dos povos autóctones, enquanto qualquer resistência destes era interpretada como barbárie a ser rigorosamente combatida. Essa visão, no entanto, não deriva de uma verdade superior ou legitimidade ética, mas do poderio militar, tecnológico e ideológico da Europa, que impõe seu domínio e posteriormente constrói narrativas para legitimá-lo. Assim, o chamado "direito" colonial revela-se não como um princípio jurídico ou moral válido, mas como um instrumento de coerção, no qual a autonomia e a cosmovisão dos povos colonizados são sistematicamente negadas em favor da hegemonia europeia.

Keller-Leuzinger reconhece que qualquer justificativa da dominação seria mera hipocrisia, pois a verdade difícil de explicitar àquele nativo "muito inteligente" é que em algum momento os indígenas seriam dominados ou exterminados pelo poderio bélico dos colonizadores. Então, opta por um conselho pragmático: a adaptação como única estratégia de sobrevivência e tenta convencer o nativo da sua suposta inferioridade e "necessária" passividade diante da poderosa máquina colonial, ao tempo que revela a sua cumplicidade com o sistema que ambos criticam. Além disso, a visão de mundo do indígena antecipa as críticas decolonial e pós-colonial ao eurocentrismo, enquanto a resposta evasiva e paternalista do colonizador revela a ambiguidade moral de quem, mesmo inserido no sistema opressor, consegue reconhecer suas falhas.

No parágrafo final de *Vom Amazonas und Madeira*, Keller explicita seu posicionamento ideológico e defende a ideia de que o elemento indígena constitui um entrave ao progresso do Brasil e da América do Sul:

A poderosa influência da navegação a vapor romperá, uma atrás da outra, todas as barreiras comerciais. Eis que o século das estradas de ferro penetrará nos confins mais remotos deste novo continente habitado por tribos selvagens de nomes para nós desconhecidos. Elas se estenderão das densas matas do vale do Amazonas às pradarias de Gran Chaco, e dos desoladores pampas indígenas à gelada Patagônia. Assim, a população mestiça, que no decorrer dos tempos aumentará, ver-se-á enfim unida ao resto do mundo pelos laços inquebrantáveis da cooperação e do comércio. A essa altura, todavia, o pele-vermelha de sangue puro terá se tornado um mero mito, e o mundo lamentará a perda de uma figura tão idílica, mas, no fim, a humanidade correrá a passos largos rumo ao progresso (Keller-Leuzinger, 1874). 2021, p. 300, grifo nosso).

O discurso de Keller neste excerto exemplifica a mentalidade colonialista que associa progresso à imposição violenta de modelos tecnológicos e econômicos europeus sobre os povos originários. Ao romantizar o desaparecimento do "pele-vermelha de sangue puro", descrito como uma "figura idílica", ele não apenas ignora a agência indígena, mas também reduz sua existência a um mito nostálgico. Essa obsessão com a pureza racial, expressa na noção de "sangue puro" como categoria em extinção, reflete teorias raciais do século XIX. No entanto, é paradoxal que, ao mesmo tempo em que fala em linhagem pura, Keller utilize o termo "pele-vermelha" — uma designação mais associada aos povos originários do oeste dos Estados Unidos — para se referir aos indígenas sul-americanos.

Quanto à "população mestiça", o engenheiro alemão a descreve como um produto inevitável do "decorrer dos tempos", revelando o racismo científico da época, que via a mestiçagem como um estágio intermediário entre a "selvageria" e a "civilização". Além disso, Keller celebra a "poderosa influência da navegação a vapor" e das ferrovias como símbolos de progresso, sem reconhecer que essa modernização se dá por meio da exploração colonial e da destruição dos modos de vida de diversas populações indígenas. Sua descrição da natureza — com suas "densas matas", "pradarias", "desoladores pampas" e "gelada Patagônia" — reforça a visão colonial da "terra nullius", um território supostamente vazio e disponível para ocupação e exploração, legitimando assim a expropriação de terras indígenas.

Em síntese, o que Keller entende como "progresso" é, para teóricos descoloniais e pós-coloniais como Quijano (2009) e Said (2011), um instrumento de dominação que deslegitima formas de existência e conhecimento não ocidentais. Apesar de mencionar diversas etnias indígenas com línguas e culturas distintas em seu relato, no excerto em epígrafe, ele as reduz a "tribos selvagens de nomes [...]"

desconhecidos", tratando-as como obstáculos a serem superados. Essa contradição evidencia como seu discurso, embora aparentemente descritivo, está profundamente enraizado em uma lógica colonial.

Revisitando o relato de viagem de Franz Keller sob uma perspectiva decolonial e pós-colonial, verifica-se que o seu discurso sobre os povos indígenas do Vale do rio Madeira e de outras regiões brasileiras é nitidamente dicotômico. Ao mesmo tempo em que assinala a diversidade étnica de tribos indígenas que habitavam o entorno daquele rio e outras regiões do Império do Brasil oitocentista, Keller acaba dando holofotes a concepções estereotipadas a respeito delas, a partir de uma cosmovisão colonialista que homogeneiza o que ele mesmo observou ser diverso.

Segundo Thekla Hartmann (1975), Franz Keller-Leuzinger e John Elliott “completam-se na iconografia kayoá e kaingang, da qual são os únicos representantes”. Apesar desse destaque, a autora afirma que Keller, juntamente com “Freire, Codina, Biard [...], John Elliott, Eduard Friedrich Poeppig e alguns outros [...] tiveram seus testemunhos pictóricos, de interesse para a etnologia brasileira, legados ao esquecimento” (Hartmann, 1975, p. 6; 120, grifo nosso). Por sua vez, Josélia Neves, Fonseca e Abrantes (2023, p.10, grifo nosso) afirmam que o “relato inusitado” de Keller intitulado “Encontro com os índios Caripuna”, publicado em sua obra, “é o trabalho mais significativo realizado no tempo do Brasil Império sobre os Karipuna”. Observa-se, portanto, que, mesmo sendo uma referência da iconografia e etnografia desses povos, Keller é visto como uma figura invisibilizada na historiografia indígena brasileira.

Apesar de o relato de Keller-Leuzinger ter logrado significativa importância para os estudos antropológico, etnográfico e linguístico daquelas civilizações indígenas no século XX, a matriz discursiva do autor permanece alinhada ao olhar imperialista hegemônico comum aos viajantes europeus do século XIX. Ainda que tenha tido algum contato *in loco* com alguns daqueles povos e observado alguns de seus aspectos socioculturais (marca do viajante alemão), faz ecoar um discurso também matizado de colonialidade que, segundo o sociólogo decolonial peruano Aníbal Quijano (2009, p. 73), “é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”, que se nutre “na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder”, atuando em todas as esferas, “materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala societal”.

Assim, Keller reproduz representações simbólicas estereotipadas sobre diversas populações indígenas e seu *modus vivendi*. O uso dos termos “selvagem”, “incivilizado”, “indolente” e “retrógrado”, para representar o Outro distante é por ele normalizado e justificado com base em vertentes teóricas deterministas de cunho racial europeias, pautadas na crença da superioridade do branco europeu e no “progresso” em oposição à suposta inferioridade e “primitivismo” dos autóctones.

Apesar de citar em sua obra alguns dados geológicos e etnográficos de Humboldt, que era crítico ferrenho da escravidão e do sistema colonial, Keller se alinhou principalmente ao discurso de seus coetâneos Spix e Martius que, segundo Bolle (2022, p. 26) tinham uma “postura ambígua e até hipócrita” sobre as práticas colonialistas e “acabaram sendo coniventes com a escravização”. Decerto por afinidade, Franz Keller segue de mãos dadas com o colonialismo.

Por fim, observa-se que Keller-Leuzinger parece se esforçar para convencer o leitor e principalmente as autoridades governamentais brasileiras acerca da necessidade do aldeamento e do extermínio dos povos indígenas por meio de confronto armado ou até mesmo de uma forma indireta, em nome da “prosperidade”, destruindo suas florestas e rios. Para Keller, o aniquilamento dos indígenas nos Estados Unidos da América era um exemplo a ser seguido por D. Pedro II, em favor da imigração em massa de colonos alemães para ocupar e “desenvolver” a terra e, conseqüentemente, assegurar a prosperidade da Amazônia e do império brasileiro.

Essa perspectiva de Keller – vista com naturalidade nos idos de 1874, tendo em vista as principais linhas de força que orientavam a empresa colonial – apesar de ser hegemônica à época, não era a única e, portanto, faz ecoar debates contemporâneos sobre assimilação cultural, resistência indígena e as contradições da modernidade e precisa ser constantemente rechaçada, ou cumprirá seu papel de perpetuar o discurso e as práticas colonialistas.

Para ilustrar, recordemos de um discurso proferido pelo ex-presidente “Jair Bolsonaro a líderes mundiais, em setembro de 2020, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU)”, afirmando sem qualquer fundamentação científica que “Os incêndios acontecem praticamente, nos mesmos lugares, no entorno leste da Floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas” (Silva et al., 2022, grifo nosso). Entretanto, mesmo com os muitos projetos de exploração e usurpação disfarçados de “modernidade”, como a Lei 14.701/2023, que trata da teoria do Marco

Temporal e dificulta “a demarcação de terra indígena de ocupação tradicional” (Brasil, 2024), os povos indígenas brasileiros seguem existindo e resistindo ao longo de séculos às investidas da colonialidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória profissional de Franz Keller-Leuzinger caracteriza-se por sua natureza multifacetada, marcada por uma transição significativa entre os campos da engenharia e das artes, tanto na Europa quanto no Brasil ao longo do século XIX. Inicialmente, Keller atuou como engenheiro em território brasileiro, integrando diversas expedições, entre as quais se destaca a realizada no rio Madeira. Essa experiência não apenas consolidou seu conhecimento técnico, mas também propiciou um contato direto com culturas indígenas, o que viria a influenciar profundamente sua posterior produção artística. Devido à escassez de oportunidades profissionais no Brasil, Keller retornou à Europa, onde, após enfrentar obstáculos para reinserir-se no exercício da engenharia, redirecionou sua carreira para o âmbito artístico. Nesse novo contexto, atuou como desenhista e projetista na indústria cerâmica e como ilustrador para o mercado editorial, setores nos quais pôde aplicar tanto sua formação técnica quanto sua sensibilidade artística.

Franz Keller e seu pai, Joseph Keller, foram reconhecidos no Império do Brasil por seus métodos inovadores em levantamentos geográficos e estudos técnicos, acumulando capital simbólico e cultural. No entanto, a trajetória de Franz Keller foi marcada pela diversidade de atividades, com a exceção da profissão de fotógrafo – que lhe fora equivocadamente atribuída – ele atuou profissionalmente como engenheiro, desenhista, professor de desenho, ilustrador e escritor. Sua obra *Vom Amazonas und Madeira*, decorrente de sua viagem à Amazônia, exemplifica essa pluralidade, combinando relatos de viagem e dados técnico-científicos com ilustrações que retratam a percepção do autor sobretudo a respeito da região amazônica e de seus habitantes.

Dessa forma, a trajetória de Keller-Leuzinger reflete as complexidades e contradições de um profissional que transitou entre a engenharia e as artes, buscando reconhecimento e sustento em contextos geográficos e culturais distintos. Sua história ilustra as dinâmicas de capital cultural e simbólico no século XIX, bem como os desafios enfrentados por indivíduos multifacetados em um período de transformações técnicas e sociais.

Salienta-se que, mesmo sendo o autor, em parceria com seu pai, do relatório técnico que embasou a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), ambos foram intrigantemente encobertos pela historiografia dessa ferrovia e,

consequentemente, apagados da memória histórica de Rondônia. Tendo em vista não ser objetivo desta tese investigar as razões dessa invisibilização, acreditamos ser muito relevante que se empreendam pesquisas futuras com vistas a preencher essa importante lacuna na história da “Ferrovia do Diabo”.

Quanto à história editorial de *Vom Amazonas und Madeira*, ressalta-se que a obra teve cinco edições no século XIX, sendo a alemã provavelmente financiada pelo próprio autor devido às suas conexões com Adolf Closs. As traduções para o inglês, por sua vez, refletiam o interesse do mercado editorial britânico e estadunidense, alinhado aos investimentos em ferrovias e à expansão capitalista. A Inglaterra e os Estados Unidos, como potências industriais, viam no relato de Keller uma fonte valiosa para projetos como a EFMM. Ao longo do século XX, o texto não foi reeditado, porém, no século XXI, obteve doze novas publicações, principalmente em língua inglesa e alemã, além de sua primeira tradução para o português. Se no período oitocentista seu valor estava atrelado à exploração de recursos naturais, na contemporaneidade sua relevância assenta-se no caráter histórico-documental, evidenciando assim uma transformação nas perspectivas editoriais ao longo das diferentes épocas.

No que concerne à circulação e recepção do relato de viagem de Franz Keller no Brasil oitocentista, a investigação realizada na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional identificou a menção a Keller, suas expedições e sua obra em 28 periódicos provenientes de oito províncias brasileiras, com maior destaque conferido à figura do autor do que ao livro propriamente dito. Periódicos como o *Jornal do Commercio* (1874), a revista *Ilustração Brasileira* (1876) e *O Vulgarizador* (1877) reproduziram excertos da obra, em especial aqueles de caráter etno-iconográfico, adaptando-os aos interesses do público nacional. Embora as barreiras linguísticas e o elevado custo da edição original tenham restringido sua circulação, a imprensa brasileira enfatizou aspectos como o luxo da edição, o rigor científico e as narrativas exóticas sobre a Amazônia. Ademais, associou Franz Keller ao projeto de edificação da ferrovia Madeira-Mamoré, inserindo-o nos discursos vigentes sobre progresso e integração nacional.

No mercado editorial oitocentista estrangeiro, *Vom Amazonas und Madeira* circulou em edições luxuosas e em periódicos especializados, com uma recepção crítica variada conforme o país. Na Alemanha, a obra se destacou como referência científica e etnográfica. O periódico *Globus* enfatizou suas descrições da fauna, flora,

lendas locais, modos de vida ribeirinhos e etnografia indígena, com especial atenção aos povos Caripuna e Mojo, atribuindo-lhe valor científico excepcional.

Já o editor *Petermanns* (1874) ressaltou seu caráter enciclopédico, alto custo e utilidade para estudos de engenharia, hidrografia e antropologia, além de discutir a imigração alemã e o desenvolvimento socioeconômico do Brasil à época. A *Zeitschrift Für Ethnologie* (1875) destacou o esforço de Keller em consolidar-se no campo etnológico, reconhecendo sua contribuição para o registro visual de povos ameaçados, como os Cayowas e Coroados/Kaingang. Posteriormente, Oskar Canstatt (1899) incorporou a obra para discutir demografia brasileira, extinção indígena, técnicas de sobrevivência e extração de látex na Amazônia, reforçando sua influência no meio intelectual alemão.

Na França, a recepção de *Vom Amazonas und Madeira* oscilou entre o exotismo e a análise técnica. Enquanto o *Le Tour du Monde* (1874) enfatizou o pitoresco amazônico, reproduzindo vários excertos e vinte e três ilustrações da obra, a *Revue des Deux Mondes* (1875) destacou dados técnicos e projetos de infraestrutura, como a EFMM, ao passo que a obra de Élisée Reclus (1894) consolidou o relato de viagem de Keller como referência geográfica e etnográfica da região amazônica.

No Reino Unido, Henry Walter Bates (1875), em resenha para o periódico *The Academy*, elogiou o teor científico relevante presente nas temáticas abordadas por Keller em sua obra, bem como a qualidade das suas gravuras, principalmente as que reproduzem paisagens tropicais. Entretanto, Bates criticou a estrutura narrativa do relato e ressaltou a importância da adaptação de unidades de medida para o público britânico. Por outro lado, nos Estados Unidos, Herbert Huntington Smith (1879), em *Brazil, the Amazons and the Coast*, valorizou as ilustrações, mas considerou o texto superficial, o que refletia sua preferência pela experiência imagética sobre a profundidade analítica.

A obra foi interpretada de maneira distinta em cada contexto: no Brasil, como símbolo de progresso nacional; na Europa, sob uma ótica etnográfica e expansionista; e nos Estados Unidos, com viés pragmático. Sua recepção destacou o valor estético das ilustrações e informações técnicas, mas também enfrentou críticas quanto à estrutura narrativa e traduções, sendo posteriormente analisada pela historiografia como produto do colonialismo oitocentista, por reproduzir concepções eurocêntricas sobre populações indígenas e acerca do potencial econômico da Amazônia.

Conforme exposto, a temática indígena perpassa toda a narrativa de Keller-Leuzinger, fato que nos conduziu a investigar seu olhar sobre os povos indígenas do Vale do Rio Madeira e de outras regiões brasileiras no Oitocentos. A análise revela uma contradição discursiva intrigante: embora reconheça a diversidade étnica e sociolinguística dessas populações, seu relato de viagem simultaneamente reforça estereótipos colonialistas, homogeneizando suas culturas. Por fim, apesar de sua obra ser considerada uma fonte relevante para a iconografia e etnografia indígenas, ela foi parcialmente invisibilizada na historiografia brasileira, conforme atestam Hartmann (1975) e Neves, Fonseca e Abrantes (2023).

Influenciado por teorias raciais deterministas, Keller reproduz termos pejorativos como "selvagem" e "incivilizado", alinhando-se ao discurso de coetâneos como Spix e Martius. Sua narrativa vislumbra legitimar a suposta superioridade europeia, defendendo o aldeamento e até o extermínio indígena em prol do "progresso" e da colonização por imigrantes alemães. Essa postura reflete as estruturas de poder colonial criticadas por Quijano (2009), vinculadas ao capitalismo global e à hierarquização racial.

Em síntese, a análise descolonial e pós-colonial demonstra que o discurso de Franz Keller, ainda que inserido em seu contexto histórico, perpetua visões colonialistas principalmente sobre a Amazônia, seus povos e seus complexos aspectos socioculturais. Dessa forma, suas narrativas estereotipadas ecoam persistentemente no presente, o que não só evidencia a premência de sua desconstrução crítica, mas também reforça a urgência na implementação de políticas públicas que apoiem efetivamente as lutas indígenas contemporâneas por autonomia, autorrepresentação e pleno reconhecimento político.

Por sua vez, a análise crítica das ilustrações e representações de Franz Keller a respeito dos povos indígenas, sobretudo os que habitavam o Vale do rio Madeira no Oitocentos, decerto contribuirá para a história visual desses povos, como os Caripuna e os Mojo, por exemplo, e para a discussão sobre como representações coloniais influenciaram e ainda influenciam políticas de assimilação e extermínio de populações indígenas tanto na Região Amazônica quanto em outras regiões do território brasileiro.

Além disso, acreditamos que esta tese possa fomentar novas investigações voltadas à revisão da historiografia da EFMM. A recuperação da trajetória de Franz Keller – que trouxe à tona a relevância do relatório de exploração do rio Madeira e o impacto de *Vom Amazonas und Madeira* na divulgação internacional do mencionado

empreendimento ferroviário e de dados socioculturais e econômicos da Região Amazônica – sugere a inclusão de seu nome e o de seu pai, Joseph Keller, como figuras-chave no projeto inicial da ferrovia. Tal constatação pode conduzir a uma reavaliação da história da EFMM e a um questionamento de narrativas já consolidadas.

Esses desdobramentos demonstram que a investigação sobre Franz Keller e seu relato de viagem transcende o preenchimento de lacunas historiográficas, uma vez que inaugura um fértil campo para reflexões críticas e interdisciplinares de relevância para os estudos amazônicos e indígenas na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- AFS. Associação Filantrópica Suíça. 200 anos de história. Disponível em: <https://www.filantropicasuica.org.br/200-anos-de-historia>. Acesso em: 02 Ago. 2022.
- AGUIAR, J. O. Quem Eram os Índios Puri-Coroado da Mata Central de Minas Gerais no Início dos Oitocentos? Contribuições dos Relatos de Eschwege e Freyreiss para uma Polêmica (1813-1836). **Revista Mosaico** - Revista de História, Goiânia, v. 4, n.2, p. 197–211, 2012. DOI: 10.18224/mos.v4i2.2382. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2382>. Acesso em: 8 jun. 2025.
- ALMEIDA, A. C.. Aspectos das políticas indigenistas no Brasil. **Interações** (Campo Grande), v. 19, n. 3, p. 611–626, jul. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/inter.v19i3.1721>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- AMOROSO, Marta Rosa. Corsários no caminho fluvial: os Mura do rio Madeira. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206572_d9de1ba17e7bc4c16c3f6fdf08dc7d40.pdf. Acesso em: 15 Jun. 2023.
- AUGUSTI, Valéria. A experiência transatlântica: romances que viajam, viajantes que escrevem romances. **Revista Letras**, [S. l.], v. 100, 2020. DOI: 10.5380/rel.v100i0.69073. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/69073>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- BARROS, José D’Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier”. **Diálogos**, 2005, v. 9, n. 1, p. 125-141. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422>. Acesso em: 26 abr 2023.
- BARROS, J. D. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos - DOI: 10.5752/P.2237-8871.2011v12n16p38. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38-63, 1 maio 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38>. Acesso em: 26 abr 2023.
- BENCHIMOL, J. L.. Adolpho Lutz: um esboço biográfico. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 10, n. 1, p. 13–83, jan. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/M4ps8rCNm4gdxsJDyLXcQFw/>. Acesso em: 07 Mar. 2025.
- BENTIVOGLIO, P. D. J. Cultura Política e Historiografia Alemã No Século XIX: A Escola Histórica Prussiana e a Historische Zeitschrift. **Revista de Teoria da**

História, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 20–58, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28629>. Acesso em: 7 mar. 2025.

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSFUGUEL, R.. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15–24, jan. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/>. Acesso em: 10 Jan 2025.

BHABHA, H K. **O Local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 5.^a impressão

BORGES, B. G. Ferrovia e modernidade. **Revista UFG**, Goiânia, v. 13, n. 11, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48382>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. 4^o ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL. Arquivo Nacional. Coordenação Geral de Processamento e Preservação do Acervo. Fundo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas - MACOP (4M): instrumento provisório dos documentos cartográficos, Rio de Janeiro: O Arquivo, 2013. 122 p.

BRASIL. Biblioteca Nacional. Anais da Biblioteca Nacional. 2014. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/anais-da-biblioteca-nacional/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 3.749, de 7 de dezembro de 1866**. Abre os rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Madeira, Negro e São Francisco à navegação dos navios mercantes de todas as nações. In: BRASIL. Coleção de Leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, 1866, p. 362. Vol. 1 pt. II (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3749-7-dezembro-1866-554560-publicacaooriginal-73201-pe.html>. Acesso em: 16 set. 2020.

BRASIL. Senado Federal. **The Amazon and madeira rivers: sketches and descriptions from the note-book of an explorer**. Londres: Chapman & Hall, 1874. 177p. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227325>. Acesso em: 16 mar. 2024.

CANSTATT, Oskar. **Das Republikanische Brasilien in Vergangenheit Und Gegenwart: Nach Den Neuesten Amtlichen Quellen Und Auf Grund Eigener Anschauung**: Von Oskar Canstatt...; Mit 66 Abbildungen, 2 Karten in Farbendruck, Sowie Einem Panorama von Rio de Janeiro. Books, Ferdinand Hirt & Sohn. Oliveira Lima. 1899. Library Catholic University of America, JSTOR. Disponível em: <https://jstor.org/stable/community.38767414>. Acesso em: 22 maio 2025.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Política indigenista no século XIX”. In: CUNHA, M. C. da. (org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992, pp. 133-154.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. Letras Contemporâneas, 2010.

CHARTIER, R.; e CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escritas)

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados** [online]. 1991, v. 5, n. 11 [Acessado 10 Fevereiro 2023], pp. 173-191. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>>. Epub 15 Fev 2006. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>.

CHURCH, George Earl. **Explorations made in the valley of the river Madeira, from 1749 to 1868**. London: National Bolivian Navigation Company, 1875. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2943>. Acesso em: 10 set. 2022.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Narrativas sobre o Brasil alemão ou a Alemanha brasileira: etnicidade e alteridade por meio da literatura de viagem. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.227-269, jan./dez. 2005 Disponível em: http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/narrativas_sobre_o_brasil_alem%C3%A3o_correa.pdf. Acesso em: 29 mar. 2025.

COSTA, Maria de Fátima. Os "*meninos índios*" que Spix e Martius levaram a Munique. **Artelogie** [Online], 2019, v.14. Disponível em: <http://journals.openedition.org/artelogie/3774> ; DOI : 10.4000/artelogie.3774. Acesso em: 16 mai 2023.

DARNTON, Robert. Os intermediários esquecidos da literatura. In: DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia de bolso, 1990, p. 132 -145.

Diario de Belém: Folha Política, Noticiosa e Commercial (PA). 1868 a 1889.

DIAS, Leonardo Guimarães Vaz. Gentios de Corso: os Mura na conquista e colonização do norte da América Portuguesa. **ANPUH** – XXII Simpósio Nacional de História – João Pessoa, 2003. Disponível em: https://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH_S22.376.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

DUARTE, Rildo Borges. Cartografias Capitais: os projetos do Mapa Internacional do Mundo e da Carta do Brasil ao Milionésimo (1891-1930). 2018. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo.

DUSSEL, Enrique. **1492: O Encobrimento do Outro** - a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

EQUIPE Brasileira Iconográfica. Franz Keller-Leuzinger, nos primórdios da "ferrovia do diabo". 2021. Disponível em:

<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23371/franz-keller-leuzinger-nos-primordios-da-ferrovia-do-diabo>. Acesso em: 19 Set. 2021.

FANON, Frantz. **The wretched of the earth**. Preface by J. P. Sartre. London: Penguin Books, 1963.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FASOLATO, Jorge Douglas Alves. Estrada União e Indústria: paisagem, intervenção e fotografias de Revert Henry Klumb na perspectiva de uma rota cultural.

Dissertação de Mestrado (Mestrado em Memória e Acervos), Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, p.229. 2020. Disponível em:

<https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/16893>. Acesso em: 05 Mar. 2025.

FONSECA, Dante Ribeiro da. Crato, Santo Antonio e o rio Madeira no contexto da economia da borracha.. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 73-90, out. 2017. ISSN 2179-7536. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/4349>>. Acesso em: 19 ago. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v20i2.4349>.

FRANZ Keller-Leuzinger. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2014. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21627/franz-keller-leuzinger>. Acesso em: 06 de março de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FREIRE, M. E. L.; LACERDA, N.. Patrimônio Ferroviário: em busca dos seus lugares centrais. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 9, n. 3, p. 559–572, set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.009.003.AO13>. Acesso em:

20 jun. 2025.

GASPAR, Débora Garcia. **Poder e moeda no território germânico: da fragmentação à unificação**. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas), Programa de Pós-Graduação em Economia do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010. Disponível em:

<https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PPGE/disserta%C3%A7%C3%B5es/2010/Debora%20Garcia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

GMELIN, Leopold. Franz Keller-Leuzinger, Nekrolog, in: **Zeitschrift des Bayerischen Kunstgewerbe-Vereins zu München, Monatshefte für die gesammte dekorative Kunst**, 1891, p.24-27. Disponível em: <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/bkgvm1891/0001/image,info,thumbs>>.

<https://doi.org/10.11588/diglit.7907>. Acesso em: 10 Set. 2022.

GOMES, Henrique Silveira. **O trabalho escravo na Companhia União Indústria.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Abi - História), Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p.39. 2018. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/historia/files/2020/04/Henrique-Silveira-Gomes-O-trabalho-escravo-na-companhia-uni%a3o-ind%baustria.pdf>. Acesso em: 05 Mar. 2025.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia.** São Paulo, Marco Zero, 1994.

GOURDAULT, Jules. Le chemin de fer du haut-Madeira et le trafic de l'Amazone. **Revue Des Deux Mondes (1829-1971)**, vol. 9, no. 1, 1875, pp. 80–98. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44751295>. Acesso em: 22 maio 2025.

GREGORY, Júlia Leite. História Cultural e Micro-história: uma relação historiográfica. **Revista Latino-Americana de História.** 2019, v. 8, n. 22. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/924>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GROSFUGUEL, R.. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25–49, jan. 2016. Disponível em: . Acesso em: 18 abr. 2025.

GUERNER, A.H.V.; KARPINSKI, C. As interseções entre História e Ciência da Informação na produção científica da Web of Science. **Transinformação**, v. 35, e226712, 2023. <https://doi.org/10.1590/2318-0889202335e226712>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/LsT6SHDtSBzTbSgR8TVF9WJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

HILDEBRANDT; NOACK; HARTMANN; FRITSCH; VIRCHOW; ASCHERSON. "Ausserordentliche Sitzung Am 28. Juni 1875." **Zeitschrift Für Ethnologie**, vol. 7, 1875, p. 143–81. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23029129>. Acesso em 22 maio 2025.

HANTZSCH, Viktor. 1906. "Keller, Franz" in: Allgemeine Deutsche Biographie (ADB). 1906, v.51, Duncker & Humblot, Leipzig, p.106-108, unter Keller-Leuzinger [Online-Version]; Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/pnd116125632.html#adbcontent> e <https://daten.digital-sammlungen.de/0000/bsb00008409/images/index.html?fip=193.174.98.30&id=00008409&seite=108> (link para acesso à imagem digital). Acesso em: 16 jul.2023.

HARTMANN, Thekla Olga. *A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX.* São Paulo: Coleção Museu Paulista. (Série de Etnologia, vol. 1). 1975.

HELLWALD, Friedrich Anton Heller von. *Naturgeschichte des Menschen.* Stuttgart W. Spemann, 1880-84. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=-9BnAAAIAAJ&pg=RA1-PA648#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 22 jun. 2024.

INÊS PARELLADA, Claudia. Tecnologia e estética da cerâmica Itararé-Taquara no Paraná: dados etno-históricos e o acervo do Museu paranaense. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 97–111, 2008. DOI: 10.24885/sab.v21i1.242.

Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/242>. Acesso em: 3 out. 2023.

JESUS, Gabriel Silva de. De Mascate a Lojista na Porta do Sertão: um comerciante de Vila de Cachoeira, Capitania da Bahia, América Portuguesa, Século XVIII. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 17, n. 33, p. 128–146, 2023. DOI: 10.61895/pl.v17i33.19714. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/pontadelanca/article/view/19714>. Acesso em: 16 mar. 2025.

KARPINSKI, Cezar. **Navegação, cataratas e hidrelétricas: discursos e representações sobre o Rio Iguazu (Paraná, 1853-1969)** / Cezar Karpinski – 2011. 375 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2011. Orientador: Marcos Fábio Freire Montysuma. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95524>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

KELLER, José; KELLER, Francisco. Relatório da Exploração do Rio Madeira na parte compreendida entre a cachoeira de Santo Antônio e a barra do Mamoré. In: BRASIL. Relatório do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1869. Disponível em: <https://repositorio-dspace.agricultura.gov.br/handle/1/229>. Acesso em: 22 jun. 2024.

KELLER-LEUZINGER, Franz. **Vom Amazonas und Madeira**: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise. Stuttgart: A. Kröner, 1874a. 150p.

KELLER-LEUZINGER, Franz. **The Amazon and Madeira Rivers**: sketches and descriptions from the notebook of an Explorer. New York: D. Appleton and Company, 1874b. 177p.

KELLER-LEUZINGER, Franz. **The Amazon and Madeira Rivers**: sketches and descriptions from the notebook of an Explorer. Londres: Chapman & Hall, 1874c. 177p.

KELLER-LEUZINGER, Franz. **The Amazon and Madeira Rivers**: sketches and descriptions from the notebook of an Explorer. Londres: Chapman & Hall, 1875a. 177p.

KELLER-LEUZINGER, Franz. **The Amazon and Madeira Rivers**: sketches and descriptions from the notebook of an Explorer. Filadélfia: J. B. Lippincott and Company, 1875b. 210p.

KELLER-LEUZINGER, Franz. *Voyage d'Exploration sur l'Amazone et le Madeira. Le Tour du Monde*, 1874, p.369-416. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34402b/f372.item.r=franz%20keller>. Acesso em 10 Jan. 2023.

KELLER-LEUZINGER, Franz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2014. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21627/franz-keller-leuzinger>. Acesso em: 06 de março de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

KELLER-LËUZINGER, Franz. **Os Rios Amazonas e Madeira**: Esboços e relatos de um explorador. Tradução, apresentação e notas de Adriano Gonçalves Feitosa. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KOHL, Frank Stephan. **Amazonasbilder 1868. Produktion und Zirkulation von Tropenfotografien aus dem kaiserlichen Brasilien** / Frank Stephan Kohl – 2012. 264f. Tese (doutorado) – Philipps-Universität Marburg. Orientador: Karl Braun. Disponível em: <https://archiv.ub.uni-marburg.de/ubfind/Record/urn:nbn:de:hebis:04-z2015-0469/Description#tabnav>. Acesso em: 14 jul. 2023.

KOHL, Frank Stephan. Albert Frisch and the first images of the Amazon to go around the world. In WOLFF, Gregor. Explorers and Entrepreneurs behind the Camera. The stories behind the pictures and the photographs from the Image Archive of the Ibero-American Institute. Berlin: **Ibero-Amerikanisches Institut**, 2015. p.26-35. Disponível em: https://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Ausser_der_Reihe/Fotoband_ENGL_f%C3%BCr_Web.pdf. Acesso em: 15 Jul. 2023.

LEITE, M. L. M. **Livros de viagem (1803/1990)**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

LIMA, Rita de Cássia Pereira e CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Campo e grupo: aproximação conceitual entre Pierre Bourdieu e a teoria moscoviciana das representações sociais. **Educação e Pesquisa** [online]. 2015, v. 41, n. 1 [Acessado 17 Junho 2023], pp. 63-77. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022015011454>>. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022015011454>.

LÖSCHNER, Renate. **Deutsche Künstler in Lateinamerika: Maler und Naturforscher des 19. Jahrhunderts illustrieren einen Kontinent**. Berlin: D. Reimer; 1978. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/servlets/MCRFileNodeServlet/Document_derivate_00000206/Deutsche_Kuenstler_in_Lateinamerika.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.

LÖSCHNER, Renate. **Bilder aus Brasilien im 19. Jahrhundert. Im Blick von Alexander von Humboldt**. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut, 2001, 146 S. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/304709679.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2024.

LOVATO, Lêda A. A contribuição de Franz Keller à etnografia do Paraná. Boletim do Museu do Índio, Antropologia. Museu do Índio. Rio de Janeiro. 1974. Nº 1. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/contribuicao-de-franz-keller-etnografia-do-parana>. Acesso em: 09 Jun. 2022.

MANNONI, Octave. **Próspero and Caliban: The Psychology of Colonization**. Translated by Pamela Powesland. New York: A. Praeger, 1964.

MARINHO, Marco Antonio Couto. Trajetórias de Vida: um conceito em construção. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, [S.l.], v. 13, n. 17, p. 25-49, nov. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15710>. Acesso em: 12 Ago. 2022.

MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. O "Areópago brasileiro": O Instituto Politécnico Brasileiro e a formação do campo da engenharia civil. *R. IHGB, Rio de Janeiro*, a. 181(482): 129-160, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1QJ57jXQtJTAK1I2QGuSLHvU1bP4eRGY7/view>. Acesso em: 21 Ago. 2023.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, 1 ed.

MESSERLI BOLLIGER, Barbara E. Der dekorative Entwurf in der Schweizer Keramik im 19. Jahrhundert. *Keramik-Freunde der Schweiz. Mitteilungsblatt*, 1991, 106:7-100. Disponível em: < https://www.zora.uzh.ch/id/eprint/76835/1/kkf-002_1991_0_262_d.pdf>. <http://doi.org/10.5169/seals-395179>. Acesso em: 25 Mai. 2023.

MEYER, Johann Heinrich. **Journal für Buchdruckerkunst, Schriftgießerei und die verwandten Fächer**. Braunschweig: Druck und verlag von Joh. Heinr. Meyer, 1879, XLVI. Jahrgang. No. 35.

MIGNOLO, Walter D.; BRUSSOLO VEIGA, Isabella. Desobediência Epistêmica, Pensamento Independente e Liberdade Decolonial. **Revista X**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 24-53, fev. 2021. ISSN 1980-0614. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142>>. Acesso em: 22 mar. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v16i1.78142>.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias* [online]. 2007, n. 17 [Acessado 11 Agosto 2023], pp. 240-264. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222007000100010>>. Epub 26 Jul 2007. ISSN 1807-0337. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222007000100010>.

MANTOVANI, André Luiz. **Melhorar para não mudar**: ferrovia, intervenções urbanas e seu impacto social em Ouro Preto-MG, 1885-1897. 2007. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12993>. Acesso em: 20 jun. 2025.

NENEVÉ, Miguel, COOPER, Martin e PROENÇA, Marilene: **Olhares sobre a Amazônia / Looking at the Amazon**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

NEVES, J. G. .; FONSECA, M. G. .; ABRANTES, C. T. . PRODUZIR CURRÍCULOS INTERCULTURAIS NA PERSPECTIVA DA LEI 11.645/2008: os Karipuna de Rondônia e suas lutas pelo direito de existir. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v.

16, n. 1, p. 1–23, 2023. DOI: 10.15687/rec.v16i1.62951. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62951>. Acesso em: 20 jun. 2024.

NOGUEIRA, Max Deulen Baraúna. **Guerras Indígenas na Região das Tupinambaranas: Mura x Munduruku (1768-1795)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas. Manaus. p.127. 2015.

PIAIA, E.; WEDIG, J. C.. Violações coloniais e as reivindicações por direito de povos indígenas: vivências na Terra Indígena Mangueirinha. **Revista Katálysis**, v. 26, n. 2, p. 314–320, maio 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2023.e90305>. Acesso em: 18 abr. 2025.

PRADO, M. L. C.. A pena e a espada: a Revue des Deux Mondes e a intervenção francesa no México. **Varia Historia**, v. 30, n. 54, p. 613–630, set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752014000300002>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: Relatos de Viagem e transculturação**. Bauru, EDUSC, 1999.

PRUSSAT, Margrit. Marc Ferrez (1843-1923). Photographer, artist and entrepreneur in 19th century Brazil. In WOLFF, Gregor. Explorers and Entrepreneurs behind the Camera. The stories behind the pictures and the photographs from the Image Archive of the Ibero-American Institute. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut, 2015. p.16-25. Disponível em: https://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Ausser_der_Reihe/Fotoband_ENGL_f%C3%BCr_Web.pdf. Acesso em: 15 Jul. 2023.

QUE REPÚBLICA É ESSA? PORTAL ESTUDOS DO BRASIL REPUBLICANO. 2018. Disponível em: <http://querepublicaeessa.an.gov.br/conheca-nosso-acervo/98-percival-farquhar.html>. Acesso em: 31 out. 2023.

QUEIROZ, P. R. C.. Pequena Ferrovia, grandes problemas: A E. F. Mate Laranjeira (1911-1959). **História (São Paulo)**, v. 41, p. e2022008, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2022008>. Acesso em: 20 jun. 2025.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). Epistemologias do Sul, 2009. Disponível em: <https://ayalaboratorio.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/quijano-anibal-colonialidade-do-poder-e-classificac3a7c3a3o-social.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2025.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008, 2ª ed.

Relatório da EFMM. Apócrifo. Acervo documental da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré no Museu da História Rondoniense, onde realizamos pesquisa in loco em fevereiro de 2023.

RIAUDEL, M. O rio palimpsesto: o Amazonas de Júlio Verne, das fontes à ficção. **Revista USP**, [S. l.], n. 13, p. 66-73, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i13p66-73. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25599>. Acesso em: 27 nov. 2023.

RIBEIRO, Norton; AMORIM, Ricardo e ABAD, Vera. **Breve histórico sobre a imigração germânica em Petrópolis**. [2021] Disponível em: <https://web2.petropolis.rj.gov.br/bauern/paginas/historia>. Acesso em: 26 Nov. 2022.

RICON, Leandro Couto Carreira. **Historiografia e Romantismo na Alemanha no Contexto da Unificação: Leopold von Ranke, Richard Wagner e a interpretação política-nacionalista na Confederação Germânica** / Leandro Couto Carreira – 2017. 325 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-IH-UFRJ), 2017. Orientador: José Costa D'Assunção Barros. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5039273. Acesso em: 05 Mar. 2025.

RINKE, Stefan. Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2014, v. 21, n. 1 [Acessado 23 Novembro 2022], pp. 299-316. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702014005000007>>. Epub 17 Fev 2014. ISSN 1678-4758. <https://doi.org/10.1590/S0104-5970201400500007>.

SAID, Edward W.. **Cultura e Imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W.. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANGLARD, Gisele. De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 2003, v. 10, n. 1, pp. 173-202. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100006>>. Epub 06 Jan 2004. ISSN 1678-4758. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100006>. Acesso em: 2 ago. 2022.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. *Horizontes Antropológicos* [online]. 2000, v. 6, n. 14, pp. 143-176. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832000001400007>>. Epub 05 Nov 2010. ISSN 1806-9983. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832000001400007>. Acesso em: 17 Jul. 2023.

SILVA, L. A. G. DA .. Bibliotecas brasileiras vistas pelos viajantes no século XIX. *Ciência da Informação*, v. 39, n. 1, p. 67–87, jan. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652010000100005>. Acesso em: 05 jun. 2025.

SOUSA, D. M.; RODRIGUES, D. S.; SILVA, S. C. As faces insólitas da lara. *Téssera*, Uberlândia, MG, v. 4, n. 1, p. 46-60, jul./dez. 2021. DOI: [10.14393/TES-v4n1-2021-63535](https://doi.org/10.14393/TES-v4n1-2021-63535). Disponível

em: <https://seer.ufu.br/index.php/tessera/article/view/63535>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SCHMELTZ, J. C. E. *Catalogus Van's Rijks Ethnographisch Museum. Deel III / Catalogus der Bibliotheek*. Leiden: Boekhandel en drukkerij voorheen E. J. Brill, 1909. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d1/Catalogus_der_Bibliotheek_%28IA_catalogusderbibl00schm%29.pdf. Acesso em: 21 Mar. 2024.

SILVA, Marcelo Werner da. A moralidade em uma cidade tropical: Belém no século XIX em Viagem do naturalista inglês Henry Walter Bates. **Novos Cadernos NAEA**, v. 19, n. 3, p. 127-140, set-dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v19i3.2592>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SMITH, Herbert H. **Brazil the amazons and the coast**. New York: Charles Scribner's Sons, 1879. Primeira Edição. Illustrated From Sketches by J. Wells Champney and Others. Disponível em: <https://fauufpa.org/wp-content/uploads/2017/01/brazil-the-amazons-and-the-coast-por-herbert-h-smith.pdf>.

TAVARES, Amanda; GOMES, Vitor. A Casa Leuzinger e o olhar germânico sobre a paisagem brasileira. In: FERREIRA JÚNIOR, Maurício Vicente; CARDOSO, Rafael (org.). **O olhar germânico na gênese do Brasil**: Coleção Geyer – Museu Imperial. Petrópolis: Museu Imperial, 2022, p.97-105. Disponível em: https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/05/virtual_OlharGermanico_72dpi.pdf. Acesso em: 10 Jan 2025.

TRAGINO, Arnon. O leitor, a leitura, o livro e a literatura na Estética da Recepção e na História Cultural. **Revista Mosaicum**, Teixeira de Freitas, v. 9, n. 18, p. 24-34, jul./dez. 2013. Disponível em: https://literaturaeeducacao.ufes.br/sites/grupoliteraturaeeducacao.ufes.br/files/field_anexo/O%20leitor%2C%20o%20livro%2C%20a%20leitura%20e%20a%20literatura%20na%20Est%C3%A9tica%20da%20Recep%C3%A7%C3%A3o%20e%20na%20Hist%C3%B3ria%20Cultural%20-%20artigo%203.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

TRAGINO, Arnon. *Livros, leituras e leitores: a literatura do Espírito Santo no vestibular da UFES*. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/90b098da-bd6b-4ce5-b8f0-c7a0179ad300/content>. Acesso em: 30 nov. 2023.

UCHIMURA, G. C.; FARIA, J. R. V. DE .; PAZELLO, R. P.. Botocudos, atingidos e extrativismo: ensaio sobre a estranha ordem geométrica da territorialização do capital nos territórios de Barra Longa (MG). **Revista Direito e Práxis**, v. 14, n. 1, p. 486–516, jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2023/73119>. Acesso em: 18 abr. 2025.

VERGARA, M. DE R.. Ciência, fronteiras e nação: comissões brasileiras na demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 5, n. 2, p. 345–363, maio

2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222010000200009>. Acesso em: 20 Ago 2024.

VERGARA, Moema de Rezende. A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação. **Almanack**, Guarulhos, n. 6, p. 81-94, dez. 2013 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332013000200081&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 Set. 2020. <https://doi.org/10.1590/2236-463320130606>.

VERNE, Júlio. A Jangada: 800 Léguas pelo Amazonas. São Paulo: LPM, 2020. Tradução de Elisa Rodrigues e Julia Ferverza. 336 p.

WANDERLEY, Andrea C. T. O fotógrafo, desenhista e engenheiro alemão Franz Keller Leuzinger (1835-1890). 2021. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=franz-keller>. Acesso em: 04 nov. 2021.

WANDERLEY, Andrea C. T. Série “Avenidas e ruas do Brasil” XIII – A Rua Buenos Aires no Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=27660>. Acesso em: 17 Mar. 2025.

WANDERLEY, Andrea C. T. Série “1922 – Hoje, há 100 anos” VII – A morte de Gastão de Orleães, o conde d’Eu (Neuilly-sur-Seine, 28/04/1842 – Oceano Atlântico 28/08/1922). 2022. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=11397#comment-210422>. Acesso em: 15 jan. 2022.

WANDERLEY, Andrea C. T. Expedição Thayer. No dia mundial do meio ambiente, um pouco da obra do paisagista francês Auguste François Marie Glaziou no Brasil. 2025. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=expedicao-thayer>. Acesso em: 20 jun. 2025.

WELPER E. Etnografia e ficção nos relatos de viagens para a América do Sul publicados na revista Globus (1862- 1910). **Indiana - Estudos Antropológicos sobre América Latina y el Caribe**, vol. 35, n. 1, p. 191-204, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=247056190008>. Acesso em: 20 maio 2025.

ZOUEIN, Maurício. **A ideia de civilização nas fotografias, cartões postais e álbuns oficiais dos governos do Amazonas e Pará entre 1865 e 1908** / Mauricio Elias Zouein – 2016. 225 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, 2016. Orientadora: Andréa Casa Nova Maia. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/34/teses/844061.pdf>>. Acesso em: 13 Set. 2020.

**APÊNDICE A – RELAÇÃO DE PERIÓDICOS CONSTANTES NA HEMEROTECA
DIGITAL COM OCORRÊNCIAS SOBRE FRANZ KELLER-LEUZINGER, SUAS
EXPEDIÇÕES E EDIÇÕES DE VOM AMAZONAS UND MADEIRA**

Nº	Periódico	UF	Período de circulação	Termo de busca	Notícia sobre Franz Keller e suas expedições	Notícia sobre o livro de Franz Keller	Notícia sobre as “xilografuras /desenhos” que compõem a obra	Notícia sobre o relatório da exploração do rio Madeira	Notícia sobre Franz Keller vinculado à EFMM
			Ano da notícia						
1.	Diário do Rio de Janeiro	RJ	1821 a 1858 /1860 a 1878	Franz Keller	1	--	--	--	--
			1855, 1863, 1867, 1869, 1870, 1871	Francisco Keller	9	--	--	--	1
2.	Annaes da Assembléa Legislativa Provincial do Rio de Janeiro: Relação dos Deputados á Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro	RJ	1836 a 1888	Francisco Keller	1	--	--	--	--
			1862						
3.	Novo e Completo Indice Chronologico da Historia do Brasil	RJ	1842 a 1889	Francisco Keller	1	--	--	--	--
			1865, 1876	Franz Keler	1	--	--	--	--
4.	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro	RJ	1844 a 1885	Francisco Keller	3	--	--	--	--
			1865, 1885						
5.	Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal	RJ	1848 a 1868	Francisco Keller	9	--	--	--	--
			1855, 1862, 1864, 1865, 1866, 1867	Franz Keller	1	--	--	--	--
6.	Jornal do Commercio	RJ	1850 a 1859 / 1860 a 1869 / 1870-1879 / 1880 a 1889	Francisco Keller	5	--	--	--	--
			1861, 1867, 1869, 1874, 1886	Keller	4	2	--	1	1
7.	Ilustração Brasileira	RJ	1854 a 1877	Keller	--	--	2	--	--
			1876						
8.	O Correio da Tarde: Jornal	RJ	1855 a 1862	Franz Keller	1	--	--	--	--

	Commercial, Político, Litterario e Noticioso		1855						
9.	Relatório: Companhia Uniao e Industria	RJ	1855 a 1880	Francisco Keller	1	--	--	--	--
			1857	Keller ⁴⁴¹	2	--	--	--	--
10.	Boletim do Expediente do Governo: Ministerio do Imperio	RJ	1859 a 1862	Francisco Keller	3	--	--	--	--
			1861, 1862						
11.	O Moderado	RJ	1862	Francisco Keller	1	--	--	--	--
			1862						
12.	Diario do Povo: Político, Litterario, Noticioso e Commercial	RJ	1867 a 1869	Francisco Keller	2	--	--	--	--
			1867						
13.	Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro	RJ	1867 a 1906	Francisco Keller	8	--	--	1 ⁴⁴²	1
			1869, 1874, 1876, 1888, 1889						
14.	A Nação : Jornal Político, Commercial e Litterario	RJ	1872 a 1876	Keller Leuzinger	--	1	--	--	--
			1874						
15.	Lux	RJ	1874	Franz Keller	1	--	--	--	--
			1874						
16.	Anais da Biblioteca Nacional	RJ	1876 a 2018	Franz Keller	1	--	--	--	--
			1880 (2), 1881 (2), 2002 (1 Keller)	Keller	--	4 ⁴⁴³	--	--	--
17.	O Vulgarizador	RJ	1877 a 1880	Keller	--	2 ⁴⁴⁴	1	--	--
			1877						
18.	Revista Maritima Brasileira	RJ	1881 a 2012	Keller	1	--	--	--	--
			1927						
19.	Relatórios do Ministério da Agricultura	RJ	1890 a 1927	Keller	2	--	--	--	--
			1911, 1921						
20.	O Cruzeiro: Revista	RJ	1928 a 1985	Franz Keller	1	--	--	1 ⁴⁴⁵	1
			1959						
21.	Revistas do IPHAN	RJ	1937 a 2002	Keller	4	--	--	--	--
			1946, 1997						

⁴⁴¹ É muito provável que o “Keller” mencionado nessas 2 ocorrências seja o “Joseph Keller”, pai de Franz, por ser o engenheiro chefe mencionado em outras notícias desse periódico, inclusive, assinando ao final dos relatórios entregues.

⁴⁴² A notícia publicada pela edição 18 da revista em questão, datada de 1888, não menciona o relatório da expedição, mas traz dados que o compõem.

⁴⁴³ Todas estas ocorrências são sobre a edição londrina da obra de Keller (*The Amazon and Madeira Rivers*), sendo que uma delas ainda fala que a obra foi publicada no *Le tour du Monde*.

⁴⁴⁴ São publicações seriadas de trechos do “Encontro com os índios Caripunas” que constam na obra *Os rios Amazonas e Madeira*.

⁴⁴⁵ A notícia publicada pela edição 51 da revista em questão, datada de 1959, não menciona o relatório da expedição, mas traz dados que o compõem. Ademais, a notícia é praticamente um resumo da história da EFMM, desde sua idealização até sua construção.

22.	Última Hora	RJ	1951 a 1984	Franz Keller	--	--	1	--	--
			1983						
23.	O Jornal	RJ	1960 a 1974	Franz Keller	1	--	1 ⁴⁴⁶	--	--
			1962						
24.	Jornal do Brasil	RJ	2000 a 2009	Franz Keller	3	--	--	--	--
			2000 (2), 2005 (1)						
25.	Pedro II	C E	1840 a 1889	Francisco Keller	2	--	--	--	--
			1867						
26.	O Cearense	C E	1846 a 1891	Francisco Keller	1	--	--	--	--
			1865						
27.	Diário de Pernambuco	PE	1850 a 1859 / 1860 a 1869	Francisco Keller	2	--	--	--	--
			1867						
28.	Jornal de Recife	PE	1858 a 1938	Francisco Keller	5	--	--	1	--
			1865, 1869, 1870, 1882, 1883						
29.	O Publicador	PB	1864 a 1869	Francisco Keller	1	--	--	--	--
			1867						
30.	Amasonas	A M	1866 a 1900	Francisco Keller	4	--	--	--	--
			1868, 1869						
31.	Jornal do Rio Negro	A M	1867 e 1868	Francisco Keller	1	--	--	--	--
			1867						
32.	Correio Paulistano	SP	1862 a 1869	Francisco Keller	2	--	--	--	--
			1865						
33.	Jornal do Pará: Órgão Oficial	PA	1867 a 1878	Francisco Keller	1	--	--	--	--
			1867						
34.	Diário de Belém: Folha Política, Noticiosa e Commercial	PA	1868 a 1889	Keller	1	--	--	6 ⁴⁴⁷	--
			1868, 1869						
35.	Dezenove de Dezembro	P R	1854 a 1890	Francisco Keller	32	--	--	--	--
			1865, 1866, 1867, 1870						
Total					119	9	5	10	4

Fonte: Próprio autor.

⁴⁴⁶ A edição 12679 desse periódico, datada de 12/09/1962, menciona que Franz Keller possui desenhos sobre a formação do Brasil, que serão publicados em um livro pela editora Cultrix.

⁴⁴⁷ Essas 6 ocorrências trazem a transcrição seriada do Relatório da Expedição ao rio Madeira. A conclusão do relatório não fora publicada nesse periódico.

APÊNDICE B – ACERVO COM AUTORIA ATRIBUÍDA A FRANZ KELLER-LEUZINGER

Por meio de pesquisas em plataformas internacionais, localizamos a biblioteca digital estadunidense *Internet Archive*⁴⁴⁸, na qual constam a versão norte americana da obra *The Amazon e Madeira Rivers*, bem como as seguintes produções com autoria atribuída a “Franz Keller”:

N.º Ordem	Título	Editora/País	Publicação	Idioma	Páginas
1.	Weihnachtsfeier ⁴⁴⁹	Pustet – Alemanha	1873	Alemão	23
2.	Doaraschleah von oigene und frende Hecka eine Sammlung von Gedichten in schwäbischer Mundart ⁴⁵⁰	Kösel – Alemanha	1873	Alemão	107
3.	Erdhörle' os 'm Wald Gedichte in schwäbischer Mundart ⁴⁵¹	J.Kösel – Alemanha	1900	Alemão	153
4.	Ueber Perkobaltmolybdate ⁴⁵²	Iseli – Suíça	1904	Alemão	39
5.	Franz Keller to Hans Martin Sutermeister 1974 ⁴⁵³	Não consta	1974	Alemão	1

Fonte: Próprio autor.

Parte da produção científica e artística de Keller foi elaborada durante sua estadia no Brasil, mas acabou ficando quase desconhecida no país, ao passo que outras obras foram produzidas depois que ele voltou para a Alemanha. Entre os trabalhos realizados no Brasil, há diversos diários de viagem, relatórios e pareceres técnicos, alguns escritos por ele sozinho e outros em parceria com seu pai, todos

⁴⁴⁸ Disponível em: <https://archive.org/search?query=creator%3A%22Franz+Keller%22>. Acesso em: 10 fev. 2024.

⁴⁴⁹ *Festa de Natal* (tradução livre). De acordo com o prefácio deste livro, ele contém músicas e peças teatrais com temática natalina para o público infantil..

⁴⁵⁰ *Doaraschleah von oigene und frende Hecka, uma coleção de poemas em dialeto suábico* (tradução livre). De acordo com o catálogo *WorldCat*, trata-se de um livro.

⁴⁵¹ *Erdhörle' os 'm Wald Poemas em dialeto suábico* (tradução livre). Este livro de poemas foi publicado após a morte de Franz Keller. Como não consta o sobrenome “Leuzinger”, é possível que sua autoria seja de um homônimo.

⁴⁵² *Sobre o molibdato de percobalto* (tradução livre). De acordo com o catálogo *WorldCat*, o referido texto é uma “tese, dissertação”. Embora o tema da tese/dissertação seja inerente à engenharia civil, área de atuação de Franz Keller, ele faleceu em 1890 e, portanto, ou se trata de uma publicação póstuma ou é de um homônimo.

⁴⁵³ *Franz Keller para Hans Martin Sutermeister 1974* (tradução livre). Trata-se de uma carta escrita por Franz Keller para um amigo chamado Hans Martin Sutermeister. Ao final do texto epistolar, consta o ano de 1974 escrito à caneta, que poderia ser interpretado como sendo o ano de sua composição. Entretanto, considerando que seu destinatário (Hans Martin) nasceu no ano de 1907, fica clarividente que o autor da referida correspondência não é o “Franz Keller-Leuzinger”, pois este, reitera-se, morreria em 1890.

conservados como manuscritos em arquivos brasileiros. Com base no pouco que se pode confirmar, devido à escassa bibliografia disponível no Brasil, apenas os seguintes textos teriam sido impressos (Viktor Hantzsch, 1906, p. 107-108)⁴⁵⁴:

Quadro 5. Ensaio nos volumes de 1865-1869 do Relatório da Agricultura oficial.

Nº Ordem	Título	Ano
1.	Relatório concernente aos projetos de melhoramento da navegação no rio Parahyba entre o Campo-Bello e a barra do Pirahy.	1863
2.	Relatório sobre a exploração dos vales do Parahyba e Pomba.	1865
3.	Relatório sobre as explorações dos rios Tibagy e Paranapanema.	1866
4.	Exploração do Ivahy.	1866
5.	Relatório da exploração do rio Iguassú feita em 1866.	1867
6.	Relatório da exploração do rio Madeira na parte compreendida entre a cachoeira de Santo Antônio e a barra do Mamoré.	1869

Fonte: Próprio autor com base em dados de Hantzsch (1906).

⁴⁵⁴ Original em alemão: Die wissenschaftlichen und künstlerischen Arbeiten Keller's sind theils in Brasilien entstanden und insoweit bei uns nahezu unbekannt geblieben, theils nach der Rückkehr in Deutschland geschaffen worden. Zu den ersteren gehören zahlreiche Reiseberichte, Denkschriften und Gutachten, die er theils allein, theils in Gemeinschaft mit seinem Vater entwarf und die sich handschriftlich in den brasilianischen Archiven befinden. Gedruckt scheinen, soweit sich bei dem überaus mangelhaften Zustande der brasilianischen Bibliographie nachweisen läßt, nur folgende zu sein: einige Aufsätze in den Jahrgängen 1865—1869 des amtlichen *Relatorio da Agricultura*, vor allem: *Relatorio concernente aos projectos de melhoramento da navegação no rio Parahyba entre o Campo-Bello e a barra do Pirahy* (1863), *Relatorio sobre a exploração dos valles do Parahyba e Pomba* (1865), *Relatorio sobre as explorações dos rios Tibagy e Paranapanema* (1866), *Exploração do Ivahy* (1866), *Relatorio da exploração do rio Iguassú feita em 1866* (1867), und *Relatorio da exploração do rio Madeira na parte compr. entre a cachoeira de Santo Antonio e a barra do Mamoré* (1869); sowie zwei Aufsätze in dem von dem Präsidenten André Augusto de Padua Fleury herausgegebenen *Relatorio da provincia do Paraná* aus dem Jahre 1866: *Esboço hydrographico de uma parte da provincia do Paraná contendo o curso dos rios Ivahy, Paranapanema e Tibagy* und *Relatorio da exploração dos rios Ivahy, Tibagy e Paranapanema*. Verschiedene Karten, Pläne und Zeichnungen Keller's, die er entweder allein oder mit Beihülfe seines Vaters angefertigt hatte und die theils der brasilianischen Regierung gehörten, theils aus dem Privatbesitze des Kaisers Dom Pedro II. stammten, waren 1881 im Original oder in Reproduction in der historischen Ausstellung zu sehen, welche die Nationalbibliothek zu Rio de Janeiro veranstaltete. Da sie voraussichtlich niemals nach Deutschland gelangen werden, erscheint es angebracht, sie hier in aller Kürze aufzuführen. Von den Karten sind folgende zu erwähnen: *Mappa topographico dos rios Parahyba e Pomba entre S. Fidelis e Meia-Pataca com o traço do caminho de ferro projectado* (1864) und *Mappa topographico do valle do rio Madeira entre as cachoeiras do Guajará-Merim e S. Antonio* (1868), — von den Plänen: *Planto do rio Ivahy desde Colonia Thereza até a barra do Corumbatany* (7 Blatt); *Planto do rio Tibagy desde cachoeira dos Marreco's até a barra* (3 Blatt); *Curso do rio Iguassú entre barra do rio Negro e passo de Iguassú na estrada de Palmeira a Palmas* (10 Blatt); *Curso do rio Iguassú entre ponte de S. José dos pinhaes e barra do rio Negro* (10 Blatt); *Planto do Paredão no rio Parahyba a meia legoa abaxo da cachoeira do Salto* (1 Blatt, 1863); *Rio Ivahy: Ruinas de Villa-Rica do Espirito Santo* (1 Blatt, 1865) und *Rio Paranapanema: Planto das ruinas da redução jesuitica de S. Ignacio* (1 Blatt, 1865), — endlich von den Zeichnungen, die theils als Originalaquarelle, theils in photographischer Nachbildung vorlagen: *Vista do Paredão no rio Parahyba a meia legoa abaxo da cachoeira do Salto*; *Rio Ivahy: Vista da barra do Corumbatany*; *Rio Tibagy: Vista do aldeamento de São Pedro d'Alcantara e da colonia militar de Jatahy*; *Rio Paranapanema: Vista do aldeamento do Paranapanema*; *Rio Paraná: Vista d'um braço do rio Paraná, juncto a margem esquerda, logo abaxo da barra do Paranapanema, olhanda-se rio acima*; *Caça da anta no rio Ivahy*; *Embarcações em uso no rio Amazonas*; *Embarcação em uso no alto Parahyba*; *Interior da cabana d'um aggregado no valle do Pomba*; *Interior d'um rancho de Indios Cayoás no aldeamento de São Pedro d'Alcantara*; endlich *Resultados ethnographicos e archeologicos da exploração do rio Madeira* (Abbildungen von Indianern und indianischen Felsenmalereien).

Quadro 6. Dois artigos no livro publicado pelo presidente André Augusto de Pádua Fleury.

Nº Ordem	Título	Ano
1.	Relatório da província do Paraná a partir do ano de 1866: Esboço hidrográfico de uma parte da província do Paraná contendo o curso dos rios Ivahy, Paranapanema e Tibagy .	1866
2.	Relatório da exploração dos rios Ivahy, Tibagy e Paranapanema.	1866

Fonte: Próprio autor com base em dados de Hantzsch (1906).

Diversos mapas, plantas e desenhos⁴⁵⁵ elaborados por Keller, alguns em colaboração com seu pai, integraram a exposição histórica realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1881. Esses materiais, exibidos tanto em originais quanto em cópias, eram de propriedade parcial do governo brasileiro e parcialmente do Imperador Dom Pedro II. Considerando que dificilmente chegarão à Alemanha, é relevante apresentar aqui um breve registro deles. Dentre os mais notáveis, destacam-se os seguintes mapas (Viktor Hantzsch, 1906):

Quadro 7. Mapas, plantas e desenhos elaborados por Franz Keller.

Nº Ordem	Título	Quant. de Página	Ano
1.	Mapa topográfico dos rios Parahyba e Pomba entre S. Fidelis e Meia-Pataca com o traço do caminho de ferro projetado.	--	1864
2.	Mapa topográfico do vale do rio Madeira entre as cachoeiras do Guajará-Mirim e Santo Antônio.	--	1868
3.	Planta do rio Ivahy desde Colônia Thereza até a barra do Corumbatahy (7 páginas).	7	--
4.	Planta do rio Tibagy desde cachoeira dos Marrecos até a barra.	3	--
5.	Curso do rio Iguassú entre barra do rio Negro e passo de Iguassú na estrada de Palmeira a Palmas.	10	--
6.	Curso do rio Iguassú entre ponte de S. José dos Pinhaes e barra do rio Negro.	10	--
7.	Planta do Paredão no rio Parahyba a meia légua abaixo da cachoeira do Salto.	1	1863
8.	Rio Ivahy: Ruínas de Villa-Rica do Espirito Santo.	1	1865
9.	Rio Paranapanema: Planta das ruínas da redução jesuítica de S. Inácio.	1	1865
10.	Vista do Paredão no rio Parahyba a meia légua abaixo da cachoeira do Salto.	--	--
11.	Rio Ivahy: Vista da barra do Corumbatany.	--	--
12.	Rio Tibagy: Vista do aldeamento de São Pedro d'Alcantara e da colônia militar de Jatahy.	--	--
13.	Rio Paranapanema: Vista do aldeamento do Paranapanema.	--	--
14.	Rio Paraná: Vista d'um braço do rio Paraná, juncto a margem esquerda, logo abaixo da barra do Paranapanema, olhando-se rio acima.	--	--
15.	Caça da anta no rio Ivahy	--	--
16.	Embarcações em uso no rio Amazonas	--	--
17.	Embarcação em uso no alto Parahyba	--	--
18.	Interior da cabana d'um aggregado no valle do Pomba	--	--
19.	Interior d'um rancho de Indios Cayoás no aldeamento de São Pedro d'Alcantara;	--	--

⁴⁵⁵ Alguns dos quais eram aquarelas originais, outros eram reproduções fotográficas (Hantzsch, 1906).

20.	Resultados ethnographicos e archeologicos da exploração do rio Madeira (Imagens de índios e pinturas rupestres indígenas)	--	--
-----	---	----	----

Fonte: Próprio autor com base em dados de Hantzsch (1906).

Há algumas publicações de textos curtos de Franz Keller em uma revista ilustrada alemã intitulada "Die Gartenlaube: illustriertes familienblatt"⁴⁵⁶:

Nº Ordem	Título	Editora/País	Edição	Ano da Publicação	Idioma	Páginas
1.	Bei den Coroados-Indianern ⁴⁵⁷	Ernest Keil, Leipzig - Alemanha	20	1874	Alemão	320-322
2.	Die weißen Flecken unserer Landkarten ⁴⁵⁸	Ernest Keil, Leipzig - Alemanha	28	1875	Alemão	476-479
3.	Palmeta und Pineta. Ein tropisches Vegetationsbild ⁴⁵⁹	Ernest Keil, Leipzig - Alemanha	26	1878	Alemão	428-430
4.	Ein Straßenbau und die Anlage einer deutschen Colonie in Brasilien ⁴⁶⁰	Ernst Ziel ⁴⁶¹ , Leipzig - Alemanha	17 ⁴⁶²	1884	Alemão	283-285
5.			18 ⁴⁶³			299-302
6.	Das französische und deutsche Kunstgewerbe ⁴⁶⁴	Ernst Ziel, Leipzig - Alemanha	45	1884	Alemão	744-746
7.	Kiel und seine Umgebung ⁴⁶⁵	Ernst Ziel, Leipzig - Alemanha	10	1885	Alemão	164-166

Fonte: Próprio autor.

⁴⁵⁶ O Gazebo: Revista ilustrada da família (tradução livre). Um semanário ilustrado, destinado ao consumo familiar. Fundado em 1853 por Ernst Keil (1816-78), durou até 1918, quando perdeu sua identidade em uma fusão. W. Raabe, Th. Storm, L. Schücking e E. Marlitt estavam entre seus colaboradores. <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/oi/authority.20110803095843840>.

⁴⁵⁷ Entre os índios Coroados (Tradução livre). Disponível em: [https://de.wikisource.org/wiki/Seite:Die_Gartenlaube_\(1874\)_320.jpg](https://de.wikisource.org/wiki/Seite:Die_Gartenlaube_(1874)_320.jpg). Acesso em: 10 jun. 2022.

⁴⁵⁸ Os espaços em branco em nossos mapas (tradução livre). Disponível em: https://de.wikisource.org/wiki/Die_wei%C3%9Fen_Flecken_unserer_Landkarten. Acesso em 10 jun. 2022.

⁴⁵⁹ Palmeira e pinhão. Uma imagem de vegetação tropical (tradução livre). Disponível em: https://de.wikisource.org/wiki/Palmeta_und_Pineta. Acesso em 10 jun. 2022.

⁴⁶⁰ A construção de uma estrada e o estabelecimento de uma colônia alemã no Brasil (tradução livre).

⁴⁶¹ Sucessor de "Ernst Keil" em Leipzig.

⁴⁶² Disponível em:

[https://de.wikisource.org/wiki/Ein_Stra%C3%9Fenbau_und_die_Anlage_einer_deutschen_Colonie_i_Brasilien_\(1\)](https://de.wikisource.org/wiki/Ein_Stra%C3%9Fenbau_und_die_Anlage_einer_deutschen_Colonie_i_Brasilien_(1)). Acesso em: 12 jun. 2022.

⁴⁶³ Disponível em:

[https://de.wikisource.org/wiki/Ein_Stra%C3%9Fenbau_und_die_Anlage_einer_deutschen_Colonie_i_Brasilien_\(2\)](https://de.wikisource.org/wiki/Ein_Stra%C3%9Fenbau_und_die_Anlage_einer_deutschen_Colonie_i_Brasilien_(2)). Acesso em: 12 jun. 2022.

⁴⁶⁴ As artes decorativas francesas e alemãs (tradução livre). Disponível em:

https://de.wikisource.org/wiki/Das_franz%C3%B6sische_und_deutsche_Kunstgewerbe. Acesso em: 12 jun. 2022.

⁴⁶⁵ Kiel e seus arredores (tradução livre). Disponível em:

https://de.wikisource.org/wiki/Kiel_und_seine_Umgebung. Acesso em: 13 jun. 2022.

Em pesquisa ao acervo digital da *British Library*, dentre outros textos de autoria de Keller-Leuzinger já mencionados, foi localizado o livro intitulado *The Poll for Members of Parliament for the Borough of Maldon; Taken on ... the 31st Day of July, 1847*⁴⁶⁶, como sendo de autoria dele e de seu pai, Joseph Keller. No entanto, nas referências da obra para citação, consta apenas o nome de José Keller (grafado em português mesmo) como único autor. Tendo em vista que essa obra fora publicada quando Franz Keller tinha apenas 12 (doze) anos de idade, trata-se evidentemente de um lapso da biblioteca britânica atribuir ao Keller filho a autoria da obra.

Na sequência, vejamos as obras publicadas por Franz Keller e Joseph Keller, de acordo Lovato (1974, p.40-42):

1863 – "Relatório concernente aos projectos de melhoramentos da navegação do rio Parahyba, entre Campo Bello e Barra do Pirahy". *Rel. do Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro*. An. M, 10 p.

1865 – "Relatório sobre a exploração dos vales do Parahyba e Pomba ... em junho a setembro de 1864". *Rel. do Ministério da Agricultura*. An. P. 35-51

1866 - "Relatório da exploração do rio Ivahy, Tibagy, e Paranapanema". *Rel. do Presidente da Província do Paraná*. Rio de Janeiro, An. A e B, 26 p, 2 mapas.

1866 - "Relatório da exploração do rio Ivahy", *Rel. do Ministério da Agricultura*. Rio de Janeiro, na. M: 9-26.

1866 - "Relatório dos eng. Kellcrs [sic] sobre as explorações dos rios Tibagy e Paranapanema", *Rel. do Ministério da Agricultura*. Rio de Janeiro, an. N 25 p., 7. tabelas.

1867 - "Relatório da exploração do rio Iguassú, "feita em 1866". *Rel. do Ministério da Agricultura*, Rio de Janeiro, an. P, 31 p. I mapa.

1869 - "Relatório da exploração do Madeira na parte compreendida entre a cachoeira de Santo Antônio e barra do Mamoré", *Rel. do Ministério da Agricultura*. Rio de Janeiro, an. X, 61 p.

1875 - "Report". In: EXPLORATION made in the Valley of River Madeira from 1749 to 1868. Publ. for the *National Bolivian Navegation Co.* (CEHB, 958)*

MAPAS E ILUSTRAÇÕES

- 1- "Esboço hidrográfico de uma parte da Prov. do Paraná contendo os cursos dos rios Ivahy, Paranapanerna e Tibagy". "Nivelamento geral dos mesmos rios". F. e J. Keller. Repr. no Rel. do Pres. da Prov. do Paraná, 1866. (CEHB, 255).
- 2- "Planta do rio Ivahy desde a Colônia Thereza até a Barra do Corumbatahy", J. e F. Keller, Repr. em dez. de 1880. 7 fl. (CEHB, 14658)**
- 3- "Planta do rio Tibagy desde a Cachoeira dos Marrecos até Barra". Dos eng. J. e F. Keller. Repr. em dez de 1880. 3 f.

⁴⁶⁶ Votação para membros do Parlamento do distrito de Maldon, realizada no dia 31 de julho de 1847 (tradução livre).

- 4- "Curso do rio Iguassú entre a barra do rio Negro e Passo do Iguassú, na estrada de Palmeira a Palmas". Dos eng. J. e F. Keller. Reprod. a pantografo em janeiro de 1881. 10 fls. (CEHB, 14658).**
- 5- "Curso do rio Iguassú entre Ponte de S. José dos Pinhais e Barra do rio Negro". Por J. e F. Keller. Reproduzida a pantografo em janeiro de 1881. 10 fls. (CEHB, 14658**).
- 6- "Caça da anta no rio Ivahy (Paraná)". Reprod. por anônimo, segundo desenho de Francisco Keller. s. d. (CEHB, 17904).***
- 7- "Embarcações em uso no rio Amazonas (Coberta, Batelão, Igarité, Montaria)."*** (CEHB, 17905).
- 8- "Embarcações em uso no Alto Parahyba (de Barra do Pirahy até Campo Bello)".*** (CEHB, 17906).
- 9- "Interior da cabana d'um agregado no valle do Pomba".*** (CEHB, 17907).
- 10- "Indio Caripuna; Inscrições em pedra (a margem do rio Madeira)". Reprodução feita por anônimo da oficina Leuzinger, (CEHB, 19230) Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional.***
- 11- "Indio Cayowá na caça do veado (Paraná)".*** (CEHB, 19232).
- 12- "Índia Cayowá (Guarani) no Aldeamento do Paranapanema".*** (CEHB, 19233).
 - Catálogo de Exposição de História do Brasil. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1882, 9 (2 v.).
 - Os mapas indicados com CEHB, 14658 fazem parte da "Colleção de plantas das linhas telegraphicas construidas no Império do Brasil pela Repartição Geral dos Telegraphos".
 - Reproduções feitas por anônimos, segundo desenho de Francisco Keller, sem data.
- 13- "Interior da cabana do cacique Libanio (Cayowá) no Aldeamento de S. Pedro d'Alcântara (Tibagy, Paraná)".** (CEHB, 19234).
- 14- "Mappa topographico do valle do rio Madeira entre as cachoeiras do Guajará-Merlm e Sto. Antônio", levantado pelos engenheiros José e Francisco Keller e o Ajudante J. M. da Silva nos mezes de Junho-Dezembro 1868, projectado e desenhado por Francisco Keller. Om, 961 x Om, 549. (Orig. a aquarela) (CEHB, 1989).
- 15- Não consta informação.
- 16- "Rio Paranapanema, Planta das Ruínas da Reducção Jesuítica, de S. Ignácio". José e Francisco Keller, 1865. Om,140 x Om,173. (Orig. a aquarela) (CEHB, 2882).
- 17- "Mappa topographico dos rios Parahyba e Pomba entre S. Fidelis e Meia Pataca com traço do caminho de ferro." Levantado e desenhado no ano de 1864 pelos engenheiros José e Francisco Keller. 2 fls. (Orig. a aquarela) (CEHB, 14500)
- 18- "Planta do - Paredão - no Rio Parahyba a meia légua abaxo (sic) da cachoeira do Salto". Levantado, proj.º e des.º na segunda exploração do rio Parahyba entre Campo Belo e Cachoeira em Julho até Dez. 1863 pelos engenheiros José e Francisco Keller. (Desenho orig.). (CEHD, 17223).
- 19- "Vista do - Paredão - no rio Parahyba a meia légua abaixo da cachoeira do Salto". Aquarela pelos engenheiros José e Francisco Keller. S.d. (1863) (CEHB, 17224).
- 20- "Resultados ethnographicos e archeologicos da exploração do rio Madeira, emprehendida por ordem do Governo Imperial pelos engenheiros José e Francisco Keller". Série de 2 fls. pintadas a aquarella por Francisco Keller. 1869. (CEHB, 19229).

- 21- "Exploração do rio Madeira pelos engenheiros José e Francisco Keller". s. d. (CEHB, 19231).
 - "Os índios Moxos, nossos remeiros, ao almoço".
 - "Primeira entrevista com os índios Caripunas".
 - "Salto do Theotonio".
- 22- "Rio Ivahy. Vista da Barra do Corumbatahy (Ruínas da Villa Rica do Espírito Santo)". Aquarela por J. e F. Keller, 1865. (CEHB, 17273).
- 23- "Rio Tibagy. Vista do Aldeamento de São Pedro d'Alcântara e da Colônia Militar do Jatahy". Aquarela por J. e F. Keller, 1865 (CEHD, 17274).
- 24- "Rio Paranapanema. Vista do Aldeamento do Paranapanema (Ruínas da Redução Jesuística de S. Ignácio)". Aquarela por J. e F. Keller. 1865. (CEHB, 17275).
- 25- "Rio Paraná. Vista d'um braço do rio Paraná, junto á margem esquerda, logo abaixo da barra do Paranapanema, olhando-se rio acima". Aquarela por José e Francisco Keller, 1865. (CEHB, 17276).
- 26- "Interior d'um rancho de Indios Cayoás no Aldeamento de S. Pedro d'Alcantara", em oval. Aquarela por José e Francisco Keller, s.d. (1865) (CEHB, 17908).

APÊNDICE C – IMIGRANTES KELLER TRABALHANDO NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX

Periódico	UF	Período	Edição	Data	Ocorrência	Link	Página
<i>Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro</i> (Almanak Laemmert)	RJ	1844 a 1885	06	1849	Carlos Keller como assinante do almanaque.	http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/3110 .	593
			07	1850	No "Registro Geral dos Negociantes", consta a Empresa "Keller, Lutz & C.", situada na rua "Sabão 44 A.	http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/3590 .	454
			10	1853	Um sapateiro denominado Jacob Keller	http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/6565 .	695
			12	1855		http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/8677 .	784
			13	1856		http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/9847 .	823
			15	1858	Endereço de um indivíduo denominado "Th. Keller"	http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/13255 .	1533
			16	1859	"Th. Keller" como secretário da Sociedade Filantrópica Suíça.	http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/13729 .	470
			19	1862	T. Keller como vice-cônsul do consulado da Suíça	http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/18389 .	218
					Endereços da empresa Keller, Lutz & C. e de F. Keller.	http://memoria.bn.br/docread/er/313394x/19644 .	1473
			34	1877	Theóphilo Keller como secretário de um círculo de leitura suíço.	http://memoria.bn.gov.br/docreader/313394x/42188 .	563
B42	1885	Eduardo Keller e Francisco Keller na lista de fazendeiros e lavradores de Pirassununga.	http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/61135 .	1080			
<i>Jornal do Commercio</i>	RJ	1860 a 1869	2	01/01/1860	Novo endereço da casa comercial "KELLER, LUTZ E C.", "sob a firma social de Lutz, Honegger e C.", da qual "Gustavo Lutz e Werner Honegger" são "socios solidarios", e "João Keller Lambertz" compõe a nova sociedade.	http://memoria.bn.br/docread/er/364568_05/8 .	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

Há várias outras menções que o *Almanak Administrativo do Rio de Janeiro* faz ao sobrenome “Keller” no período de 1862 a 1885: Três “Jacobs Kellers” das classes sociais mais baixas ou intermediárias: um sapateiro, um dono de padaria e um negociante de fazendas, secos e molhados (ano 1862, edição 19, p.987)⁴⁶⁷; “Jacob Keller”, “Felippe Keller” e “Felippe Jacob Keller” que podem ser a mesma pessoa (ano 1868, edição 25, p.1118)⁴⁶⁸; “Fellipe Keller” como uma pessoa de classe social importante, visto ter sido condecorado por Dom Pedro II como um dos “Cavaleiros da Ordem da Rosa”; “Felippe Jacob Keller”, um “Proprietário” (de terras?) no município de Cantagallo (ano 1885, edição B00042, p.473)⁴⁶⁹; “Jacob Keller” surge na relação de “Lavradores” (ano 1885, edição B00042, p.679)⁴⁷⁰; “Felippe José Keller” como administrador do cemitério da Província do Rio de Janeiro (ano 1878, edição 35, p.1100)⁴⁷¹; “Guilherme Keller” como engenheiro (ano 1863, edição 20, p.1141)⁴⁷²; “J. Keller” é citado na relação de “Professores de Música e de diversos instrumentos” (ano 1881, edição 38, p.790); “Julius Keller” é listado na relação de “joalheiros, ourives e relojoeiros” e de “professores” (ano 1883, edição A40, p.723; ano 1883, edição A40, p.848); “Paulo José Keller” como “Andador” da “Irmandade de N.S. da Conceição” (ano 1883, edição C40, p.341).

⁴⁶⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/19158>. Acesso em: 12 Ago. 2022.

⁴⁶⁸ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/28511>. Acesso em: 12 Ago. 2022.

⁴⁶⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/60528>. Acesso em: 12 Ago. 2022.

⁴⁷⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/60734>. Acesso em: 12 Ago. 2022.

⁴⁷¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/44754>. Acesso em: 12 Ago. 2022.

⁴⁷² Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394x/20820>. Acesso em: 12 Ago. 2022.

APÊNDICE D – ALGUMAS CRIAÇÕES ARTÍSTICAS FEITAS COM BASE EM DESENHOS DE FRANZ KELLER CONSTANTES NO SEU NECROLÓGIO

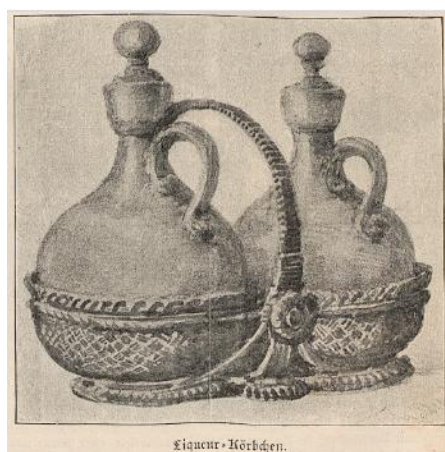
Figura 62. Jarra com tampa Knorr e Cálice de vidro com suportes de estanho⁴⁷³



Fonte: Gmelin (1891, p. 25).

De acordo com a descrição de Gmelin (1891, p.25), “a primeira é feita de vidro amarelo escuro com uvas verde-azuladas no gargalo e no botão da tampa”, ao passo que “o segundo (de acordo com um antigo Munter) é feito de vidro esverdeado claro com ornamentos dourados e botão da tampa dourado. Aproximadamente 1/3 do tamanho real”⁴⁷⁴.

Figura 63. Cesta de licores⁴⁷⁵

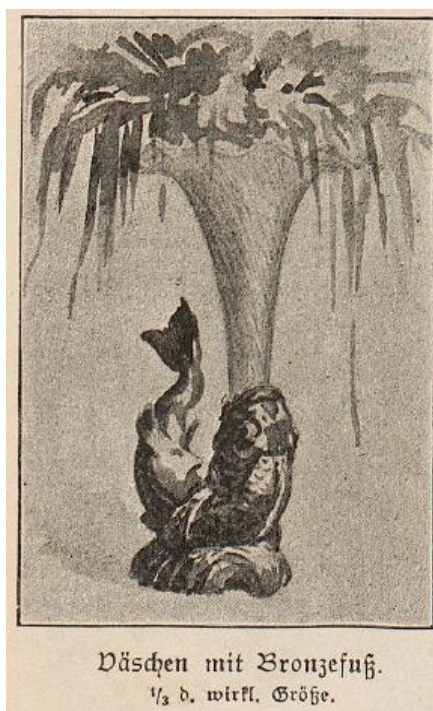


Fonte: Gmelin (1891, p. 25).

⁴⁷³ Original em alemão: Knorrendeckelhumpen und Glaspokal mit Zinnmontirung.

⁴⁷⁴ Original em alemão: Ersterer aus tiefgelbem Glas mit blaugrünen Trauben am Halse und auf dem Deckelknopf; letzterer (nach einem alten Muster) aus hellgrünlichem Glas mit Goldornamenten und vergoldetem Deckelknopf. Ungefähr $\frac{1}{3}$ d. wirkl. Größe.

⁴⁷⁵ Original em alemão: Liqueur Körbchen.

Figura 64. Vaso com pé de bronze⁴⁷⁶

Fonte: Gmelin (1891, p. 26).

Figura 65. Vaso com pé de bronze⁴⁷⁷

Fonte: Gmelin (1891, p. 26).

⁴⁷⁶ Original em alemão: Väschen mit Bronzefuß. 1/3 d. wirft. Größe.

⁴⁷⁷ Original em alemão: Väschen mit Bronzefuß. 1/3 d. wirft. Größe.

Figura 66. Taça dupla em majólica com cravação em prata, banhada parcialmente de ouro⁴⁷⁸



Fonte: Gmelin (1891, p. 26).

Figura 67. Xícara de marfim para uso com kit de costura; o dedal é colocado sobre o botão da tampa⁴⁷⁹



Fonte: Gmelin (1891, p. 27).

⁴⁷⁸ Original em alemão: Doppelschale in Majolika mit Fassung in Silber, mit theilweiser Vergoldung. Ungefähr $\frac{2}{3}$ der wirfl. Größe.

⁴⁷⁹ Original em alemão: Elfenbeinbecher für Einsatz mit Nähzeug; der Fingerhut wird über den Deckelknopf gestülpt. - Halbe wirkliche Größe.

**APÊNDICE E – QUANTITATIVO DE DESENHOS POR ELEMENTOS PRÉ-
TEXTUAIS E CAPÍTULOS DA EDIÇÃO BRASILEIRA DE VOM AMAZONAS UND
MADEIRA (KELLER-LEUZINGER, 2021)**

		Capítulo I p.57-93	Capítulo II p.95-130	Capítulo III p.131-143	Capítulo IV p.145-165	Capítulo V p.167-208	Capítulo VI p.209-245	Capítulo VII p.247-286
Prefá- cio	Introdu- ção p.29-56	Do Rio de Janeiro às corredeiras do rio Madeira	As corredeiras dos rios Madeira e Mamoré	Vida nos acampamentos e nas canoas	Pesca e caça nas províncias do Amazonas e Mato Grosso	A vegetação da mata virgem às margens do Amazonas e Madeira	As tribos selvagens do Vale do rio Madeira	Os índios Mojos da antiga missão jesuíta na Bolívia
Abacaxis, cajus, bananas etc... P.s/n	Coroa de palmeira com flores e frutas P.29	Grupo de cipós (lianas), cercando uma pequena palmeira P.57	Tronco com orquídeas, bromélias e samambaias P.95	Embaúba (<i>Cecropia</i>) com bromélias P.131	Imbé (<i>philodendron</i>) P.145	Cafeeiro repleto de sementes P.167	“Árvores samambaia s” P.209	O mamoeiro (<i>carica papaya</i>) e a cana de açúcar P.247
--	--	Entrada da baía do Rio de Janeiro, vista do Corcovado P.59	A cachoeira do Teotônio, no rio Madeira P.96	Local de descanso à sombra de um gigante da floresta P.132	Floresta submersa P.147	Seção transversal do assoreamento de uma margem de rio, fenômeno denominado “terras caídas” P.169	Canoa de casca de árvore dos índios araras P.212	Missa solene em Trinidad P.265
--	--	Os picos enrugados da Serra dos Órgãos. P.61	Uma das menores cachoeiras do caldeirão do inferno P.100	Toujours perdrix! P.135	Pirarucu (<i>sudis gigas</i>) P.150	Margem assoreada do rio Madeira, com palmeiras javari semissubmersas P.172	Nosso primeiro encontro com os índios Caripunas P.218	O mistério da trindade explicado por um ilustrador jesuíta P.267
--	--	A entrada da baía do Rio de Janeiro P.64	Folha de palmeira P.104	O café-damanhã de nossos remadores P.137	O lamantim, ou peixe-boi (<i>manatus americanaus</i>) P.152	Árvore de raízes tubulares P.173	Retrato de um jovem índio Caripuna P.221	A antiga missão de Exaltación de la Santa Cruz P.269
--	--	Jangada nas ondas P.67	As corredeiras do ribeirão, vistas de cima P.107	Preparativos para a caça de jacarés P.139	Pescando com o covó P.155	O grotesco formato de uma espécie de figueira P.176	Índio Caripuna caçando P.231	Índio Mojo da antiga missão de Trinidad P.273
--	--	Os diferentes tipos de solo P.71	Figuras entalhadas nos rochedos do rio Madeira P.111	Matando um jacaré P.141	Índio mojo retornando de uma pescaria P.158	Estrutura comum das raízes de palmeiras; raízes aéreas da paxiúba P.178	Beija-flor defendendo seu ninho contra uma cobra P.245	Índio Mojo de Trinidad P.276
--	--	Uma funerária dos índios Manáos (igaçaba) P.73	Planta da antiga missão de Exaltación P.127	Araras brigando P.143	Uma anta nadando, caçada por cães P.160	Nosso acampamento debaixo das palmeiras P.179	--	Mariano, dos Mojos de Trinidad P.278

--	--	Igarapé do Espírito Santo, ou Igarapé do Correio, em Manaus P.78	Utensílios indígenas P.130	--	Índios Caripunas com a anta abatida P.162	Diferentes cortes transversais dos caules de palmeiras P.181	--	Capitão Pay, cacique dos Kaiowás P.282
--	--	As embarcações dos rios Amazonas, Negro e Madeira P.81	--	--	Papagaio morto, tucano e aves aquáticas P.165	O primeiro assentamento de um seringueiro no rio Madeira P.184	--	Capitão Vei-bang, cacique dos Coroados P.284
--	--	Casa de um próspero seringueiro P.87	--	--	--	Caule bifurcado de uma palmeira P.187	--	Instrumentos de catequese de índios usados pela Companhia de Jesus P.286
--	--	Caça de tartarugas no rio Madeira P.90	--	--	--	Preparo da borracha P.189	--	--
--	--	A sararaca e o veneno usado P.92	--	--	--	Galho de uma seringueira (<i>siphonia elastica</i>) P.191	--	--
--	--	Arpão, rede de pesca e caniços P.93	--	--	--	Foz de um afluente do rio Madeira, com índios flechando peixes P.199	--	--
--	--	--	--	--	--	Ninhos de pássaros suspensos p.208	--	--
1	1	13	8	7	9	14	6	10

Fonte: Próprio autor

APÊNDICE F – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA PESQUISA REALIZADA NAS DEPENDÊNCIAS DO MUSEU DA MEMÓRIA RONDONIENSE⁴⁸⁰

Figura 68. Museu da Memória Rondoniense, antigo Palácio do Governo em Porto Velho-RO



Fonte: Foto de Loide Gonçalves/g1⁴⁸¹



Fonte: Próprio autor (2023).

⁴⁸⁰ Pesquisa realizada no acervo da EFMM durante os meses de janeiro e fevereiro de 2023, com o auxílio da bibliotecária Micaele da Silva Costa, responsável pelo acervo do Centro de Documentação Histórica de Rondônia desse Museu.

⁴⁸¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2022/10/08/saiba-como-visitar-o-museu-com-o-maior-acervo-de-rondonia.ghtml>. Acesso em: 31 jan 2023.

**ANEXO A. CARTA DE FRANZ KELLER RESPONDENDO A GEORGE CHURCH
SOBRE SUAS DÚVIDAS QUANTO AO RELATÓRIO DA EXPEDIÇÃO DOS
KELLER AO RIO MADEIRA (CHURCH, 1875, P. 73-75)**

APPENDIX.

[TRANSLATION.]

Carlsruhe, 30th November, 1870.

Dear Friend and Colleague,

I wish, first, to try to answer the official part; that is to say, the technical questions, in your kind letter of the 21st instant, concerning the project of the Madeira Railway.

Before commencing, however, I shall beg you to call to the notice of our English colleagues that, for my part, I am far from treating our work as a complete work, but that I defy any one to do it more completely in the same space of time and under the circumstances in which we have done it.

It was necessary, then, to make that exploration in the manner in which we have made it, or else not to do it at all.

To your first question I must answer – Banks of large gravel are rather scarce, and it is only fine sand that is found in large quantities, and almost everywhere, on the whole line.

A cubic mètre might cost, with an average transport of 1,200 mètres, 3-4 francs.

To the 2nd – The quality of land is, as everywhere in Brazil, red clay, mixed, more or less, with sand, and covered with a bed of soil of a thickness of 30-40 centimes.

The price of 7 milreis, or 20 francs a cubic fathom (*braça cubica*), or 2 francs a metre, is that of the "União e Industria" line.

To the 3rd – In consequence of the formation of the soil, which on the banks of the affluents always consists of alluvium, I have no doubt, although we made no special researches with this view, that iron screw-piles – more simple and economical, in this case, than in any other kind – can be employed.

These affluents have not a strong current, and do not drift many trees. They come principally by the Beni, which, happily, we have not got to pass.

The width of these affluents varies from a few mètres to 150 mètres. Of this latter and considerable size there is, however, only one.

To the 4th – The rocks of the banks of the Madeira in the cataracts belong to metamorphic formations, and resemble gneiss, mica-schist (Glimmerschiefes) and granite.

They are very hard, and the extraction of these stones would be very costly, but their quantity is luckily very small, the track of the railway coming close to the foot of the hills in a few places only.

It will be more profitable in all cases to construct all works of any importance of iron, and to avoid as much as possible stone-constructions.

Close to the mouth of the Mamoré only, stone more easily worked is found – a kind of ferruginous sandstone (pedra canga), of which the walls of the Fort do Principe da Beira, in Matogrosso, are built.

To the 5th – The forests of Madeira are – like all the forests of tropical America – very rich in building-woods, which greatly surpass in quality those of temperate climates.

If there were no iron, covered wooden bridges might be constructed that would prove more durable than even the *covered* oak bridges among us, which last almost for centuries.

But the building of the bridges of the "Companhia União e Industria," where at first we tried to use wood (in trellis, etc.), showed us that the cost of the transport of selected woods, the opening of roads across the forest, which is full of thorny brakes, and the high wages of European carpenters, made a wooden bridge come almost as dear as an iron one.

As to sleepers it is another thing, for neither long tracks for their carriage are required, for good carpenters to prepare them.

To the 6th – In this alluvial soil it is not difficult to find clay fit to make bricks.

To the 7th – Although the right bank of the Madeira, at San Antonio as well as Guajará, may be below the level of extraordinary floods, the difference is not great, and it seems to me more profitable to make the few embankments necessary for the station on the very edge of the river, than to place the station five hundred or more mètres from the bank.

To the 8th – At San Antonio, at least, it will be easy to place the station so that there shall not be too much current along the jetty or quay during high water; and even

at Guajará there is nothing to fear on that account, since a more favourable location can always be found higher up by prolonging the railway.

About the topographical plan, it should be remembered that if it be wished to speak of the average height of the two banks, the left, or western bank, is rather more hilly and elevated than the opposite one; but, even if it were the contrary, the *local* formation of the bank, the *width, depth, and fall of the river*, are the data for determining whether, during the floods, the current at a given point will be strong or not.

Generally speaking, absolutely nothing can be said on this point, unless it be that the current on one side is, on the whole, quite as strong as on the other.

I hope that these replies are fairly satisfactory; and I have only to speak about one other matter. You ask me if, on receiving a telegram from you, I can come immediately to London.

Although I am in a position to respond without delay to your summons, I should not, however, be willing to make the journey to London to no purpose, and I should like to know before coming there the offers the new Company intend to make me.

I thank you for the review that you have kindly sent me; and as to your article, so ably expressed, I have nothing to remark, except that neither my father nor I are Prussians, but thorough Germans.

Thanking you again for your photograph, which has pleased me greatly,

I am, Sir,

With the most perfect consideration,

Your Friend and Colleague,

(Signed) F. KELLER.

COL. GEORGE EARL CHURCH,
19, Great Winchester Street,
LONDON (E.C.)

TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA DA CARTA DE FRANZ KELLER A
GEORGE CHURCH⁴⁸²

APÊNDICE.

[TRADUÇÃO.]

Carlsruhe, 30 de novembro de 1870.

Caro Amigo e Colega,

Desejo, primeiro, tentar responder à parte oficial; isto é, as questões técnicas, na vossa amável carta do dia 21, relativas ao projeto da Estrada de Ferro do Madeira.

Antes de começar, no entanto, devo pedir-lhe que chame a atenção de nossos colegas ingleses que, de minha parte, estou longe de tratar nosso trabalho como um trabalho completo, mas desafio qualquer um a fazê-lo mais completamente da mesma maneira, espaço de tempo e nas circunstâncias em que o fizemos.

Era necessário, então, fazer essa exploração da maneira como a fizemos, ou então não fazê-la.

À sua primeira pergunta, devo responder – Bancos de cascalho grande são bastante escassos, e apenas areia fina é encontrada em grandes quantidades, e quase em toda parte, em toda a extensão.

Um metro cúbico pode custar, com um transporte médio de 1.200 metros, 3-4 francos.

À 2ª – A qualidade da terra é, como em todo o Brasil, de argila vermelha, misturada, mais ou menos, com areia, e coberta por um leito de terra de 30-40 centímetros de espessura.

O preço de 7 mil-réis, ou 20 francos a braça cúbica, ou 2 francos o metro, é o da faixa "União e Indústria".

À 3ª – Em consequência da formação do solo, que nas margens dos afluentes é sempre constituído por aluviões, não tenho dúvidas, embora não tenhamos feito pesquisas especiais com este intuito, que as estacas de ferro – mais simples e econômicas, neste caso, do que em qualquer outro tipo – podem ser utilizadas.

⁴⁸² Tradução nossa.

Esses afluentes não têm correnteza forte, e não fazem derivar muitas árvores. Eles vêm principalmente pelo Beni, pelo qual, felizmente, não conseguimos passar.

A largura desses afluentes varia de alguns metros a 150 metros. Desta última e considerável dimensão existe, porém, apenas uma.

À 4ª – As rochas das margens nas cachoeiras do Madeira pertencem a formações metamórficas, e assemelham-se a gnaisses, micaxistos (Glimmerschiefes) e granitos.

Elas são muito duras, e a extração dessas pedras seria muito cara, mas sua quantidade é felizmente muito pequena, os trilhos da ferrovia se aproximam do sopé das colinas em apenas alguns lugares.

Será mais lucrativo em todos os casos construir todas as obras de ferro de qualquer importância e evitar tanto quanto possível construções de pedra.

Apenas próximo à foz do Mamoré, encontra-se pedra mais facilmente trabalhada – uma espécie de arenito ferruginoso (pedra canga), com a qual são construídas as muralhas do Forte do Príncipe da Beira, no Mato Grosso.

À 5ª – As florestas do Madeira são – como todas as florestas da América tropical – muito ricas em madeiras de construção, que superam em qualidade as de clima temperado.

Se não houvesse ferro, poderiam ser construídas pontes cobertas de madeira que seriam mais duráveis do que as pontes cobertas de carvalho, entre nós, que duram quase séculos.

Mas a construção das pontes da "Companhia União e Indústria", onde a princípio tentávamos usar madeira (em treliça, etc.), nos mostrou que o custo do transporte de madeiras selecionadas, a abertura de estradas através da floresta, que está cheia de freios espinhosos, e os altos salários dos carpinteiros europeus, fizeram com que uma ponte de madeira custasse quase tão cara quanto uma de ferro.

Quanto aos dormentes, é outra coisa, pois nem trilhos longos para sua carruagem são necessários, pois bons carpinteiros os preparam.

À 6ª – Neste solo aluvial não é difícil encontrar argila própria para fazer tijolos.

À 7ª – Embora a margem direita do Madeira, tanto em Santo Antônio como em Guajará, possa estar abaixo do nível das cheias extraordinárias, a diferença não é grande, e parece-me mais proveitoso fazer os poucos aterros necessários para a estação bem na beira do rio, do que colocar a estação a quinhentos ou mais metros da margem.

À 8ª – Em Santo Antônio, pelo menos, será fácil colocar a estação para que não haja muita corrente ao longo do píer ou do cais durante as águas altas; e mesmo em Guajará não há nada a temer por isso, já que sempre é possível encontrar um local mais favorável, prolongando a linha férrea.

Sobre o plano topográfico, deve-se lembrar que, se quisermos falar da altura média das duas margens, a esquerda, ou margem ocidental, é bastante mais montanhosa e elevada do que a oposta; mas, mesmo que fosse o contrário, a formação local da margem, a largura, a profundidade e a queda do rio são os dados para determinar se, durante as cheias, a correnteza em determinado ponto será forte ou não.

De um modo geral, absolutamente nada pode ser dito sobre esse ponto, a menos que a corrente de um lado seja, em geral, tão forte quanto do outro.

Espero que essas respostas sejam razoavelmente satisfatórias; e eu só tenho que falar sobre um outro assunto. Você me pergunta se, ao receber um telegrama seu, posso ir imediatamente a Londres.

Embora eu esteja em posição de responder sem demora a sua convocação, não devo, no entanto, estar disposto a fazer a viagem a Londres sem propósito, e gostaria de saber antes de chegar lá as ofertas que a nova Companhia pretende me fazer.

Agradeço a avaliação que gentilmente me enviou; e quanto ao seu artigo, tão habilmente expresso, não tenho nada a comentar, exceto que nem meu pai nem eu somos prussianos, mas autênticos alemães.

Agradecendo-lhe novamente por sua fotografia, que muito me agradou,

Atenciosamente,

Com a mais perfeita consideração,

Seu amigo e colega,

(Assinado) F. KELLER.

COL. GEORGE EARL CHURCH,
Rua 19, Great Winchester,
LONDRES (E.C.)

ANEXO B. DECRETO Nº 3.749, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1866.

Abrindo os rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Madeira, Negro e S. Francisco á navegação dos navios mercantes de todas as nações.

No intuito de promover o engrandecimento do Imperio, facilitando cada vez mais as suas relações internacionaes, e animando a navegação e o commercio do rio Amazonas e seus affluentes, dos rios Tocantins e S. Francisco, ouvido o Meu Conselho de Estado, Hei por bem Decretar o seguinte:

Art. 1º Ficar á aberta, desde o dia 7 de Setembro de 1867, aos navios mercantes de todas as nações, a navegação do rio Amazonas até á fronteira do Brasil, do rio Tocantins até Cameté, do Tapajós até Santarem, do Madeira até Borba, e do rio Negro até Manáos.

Art. 2º Na mesma data fixada no art. 1º ficar á igualmente aberta a navegação do rio S. Francisco até á Cidade do Penedo.

Art. 3º A navegação dos affluentes do Amazonas, na parte em que só uma das margens pertence ao Brasil, fica dependendo de prévio ajuste com os outros Estados ribeirinhos sobre os respectivos limites e regulamentos policiaes e fiscaes.

Art. 4º As presentes disposições em nada alterão a observancia do que prescrevem os Tratados vigentes de navegação e commercio com as Republicas do Perú e de Venezuela, conforme os regulamentos já expedidos para esse fim.

Art. 5º Os Meus Ministros e Secretarios de Estado, pelas Repartições competentes, promoverão os ajustes de que trata o art. 3º, e expedirão as ordens e regulamentos necessarios para a effectiva execução deste Decreto.

Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, do Meu Conselho, Senador do Imperio, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em sete de Dezembro de mil oitocentos sessenta e seis, quadragésimo quinto da Independencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.

Este texto não substitui o original publicado no Coleção de Leis do Império do Brasil de 1866

Publicação:

Coleção de Leis do Império do Brasil - 1866, Página 362 Vol. 1 pt. II (Publicação Original)

(CÂMARA DOS DEPUTADOS)⁴⁸³

⁴⁸³ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3749-7-dezembro-1866-554560-publicacaooriginal-73201-pe.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

**ANEXO C. CRONOLOGIA DA ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ
REPRODUZIDA DO MURAL AFIXADO NA ENTRADA DO MUSEU ESTRADA DE
FERRO MADEIRA-MAMORÉ (MEFMM)**

1750-1800	O Tratado de Madrid determina fronteiras brasileiras.
1846	O engenheiro boliviano José Augustin Palácios formula a ideia da ligação da Bolívia ao Atlântico através do Amazonas, quando navegou os Rios Mamoré e Madeira.
1850	Tenreiro Aranha, Presidente da Província do Amazonas, determina que João Luís Alves chefiasse uma expedição com o objetivo de percorrer o Rio Madeira, a fim de estudar as cachoeiras e propor uma solução para substituir a perigosa navegação naquele trecho.
1867-1868	? Joseph Keller e Franz Keller deveriam constar aqui.
1868	Church obtém uma concessão para organizar e explorar uma Companhia de Navegação que ligasse o Rio Mamoré ao Madeira – National Bolivian Navigation Company.
1870	O Brasil concede a Church a concessão para a construção da ferrovia.
1874	A firma empreiteira Public Works abandona Santo Antônio completamente falida.
1878	A empresa norte-americana P. & T. Collins chega ao Brasil para construir a ferrovia.
1879	A P. & T. Collins abandona as obras, deixando 7 km de linha construída.
1882	O Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Brasil cria uma comissão para executar os estudos para a construção da ferrovia Lei nº 3.141.
1883	A comissão de engenheiros brasileiros, chefiada por Carlos Alberto Morsing chega a Santo Antônio com o objetivo de realizar estudos sobre o traçado de uma ferrovia.
1903	Assinado o Tratado de Petrópolis, entre o Brasil e a Bolívia, que determina a construção da ferrovia.
1905	Publicado o edital de concorrência para a construção da estrada de ferro.
1907	Percival Farquhar adquire o contrato. A Madeira-Mamoré Railway consegue o arrendamento da futura ferrovia pelo prazo de 60 anos.
1908	A May, Jeckyll & Randolph inicia a construção da ferrovia a partir de Porto Velho.
1912	Inaugurado o último trecho em 30 de abril – assentado o último dormente da linha em Guajará-Mirim.
1915	O Canal do Panamá, concluído, passa a funcionar plenamente.
1929	Os efeitos da Crise de 1929 abalam a administração da ferrovia.
1931	A Madeira-Mamoré Railway Company paralisa o tráfego e abandona os serviços. O Governo Federal assume o controle da ferrovia e nacionaliza sua administração e nomeia, Aluizio Pinheiro Ferreira, Diretor da Ferrovia. 11 de julho
1943	O Governo Federal assina o Decreto Lei nº 5.812 criando o Território Federal do Guaporé, filho da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.
1966	O presidente Castelo Branco transfere a EFMM para o Ministério da Guerra. Cabe ao 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC) a administração.
1972	Desativação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.
1979	Publicação da licitação de venda do acervo da ferrovia. – Governador Jorge Teixeira de Oliveira atendendo ao apelo da comunidade porto-velhense, consegue sustar a licitação da venda do equipamento ferroviário e designa uma comissão para realizar levantamento sobre a viabilidade de reativar 7 km da ferrovia para fins turísticos e preservação ferroviária.
1980	Início da reativação de 25 km da ferrovia, de Porto Velho a Teotônio.
1981	Inaugurado o primeiro trecho Porto Velho/Santo Antônio e o Museu Ferroviário. – É lançado no dia 10 de julho, pela Diretoria Regional dos Correios de Noroeste (Rondônia), o selo comemorativo aos 50 anos da Nacionalização da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.
1989	Tombamento da EFMM em âmbito estadual, reconhecendo como patrimônio a totalidade de sua extensão e o seu acervo.
1990	O 5º BEC inicia um processo de abandono do pátio ferroviário da EFMM.
1991	Paralisação dos passeios turísticos nos trechos reativados. Realização do carnaval na praça da EFMM.

1997	É tema de enredo no carnaval carioca, sendo retratada pela escola de samba Grande Rio.
2006	A EFMM é tombada como Patrimônio Cultural Brasileiro – homologação em 28/12/2006, através da portaria 108, assinada pelo Ministro da Cultura Gilberto Gil Moreira.
2011	O Iphan autoriza o início das obras de restauração da grande Oficina da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.
2012	Comemorações do centenário da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.
2014	A cheia do rio Madeira inunda os galpões da EFMM.
2018	O Pátio Ferroviário da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, seus bens móveis e imóveis são inscritos no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 08/01/2018.
2023	Inauguração do MEFMM – Museu Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. ⁴⁸⁴

Fonte: Próprio autor (2024).

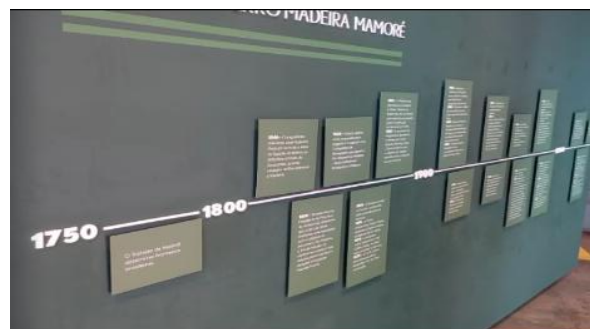
REGISTRO FOTOGRÁFICO DO MEFMM E DA CRONOLOGIA DA EFMM AFIXADA NO SEU MURAL DE ENTRADA



⁴⁸⁴ Conforme noticiado pela imprensa e prefeitura da cidade de Porto Velho-RO, o Complexo da EFMM só foi reaberto para a população no dia 04 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.portovelho.ro.gov.br/artigo/44409/primeira-etapa-complexo-da-efmm-sera-reaberto-para-a-populacao-neste-sabado-4>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CRONOLOGIA

ESTRADA DE FERRO MADEIRA MAMORÉ



1846 • O engenheiro boliviano José Augustin Palácios formula a ideia da ligação da Bolívia ao Atlântico através do Amazonas, quando navegou os Rios Mamoré e Madeira.

1850 • Tenreiro Aranha, Presidente da Província do Amazonas, determina que João Luis Alves chefiasse uma expedição com o objetivo de percorrer o Rio Madeira, a fim de estudar as cachoeiras e propor uma solução para substituir a perigosa navegação naquele trecho.

1868 • Church obtém uma concessão para organizar e explorar uma Companhia de Navegação que ligasse o Rio Mamoré ao Madeira - National Bolivian Navigation Company.

1870 • O Brasil concede a Church a concessão para a construção da ferrovia.
1874 • A firma empreiteira Public Works abandona Santo Antônio completamente falida.
1878 • A empresa norte-americana P. & T. Collins chega ao Brasil para construir a ferrovia.
1879 • A P. & T. Collins abandona as obras, deixando 7 km de linha construída.

1882 • O Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Brasil cria uma comissão para executar os estudos para a construção da ferrovia Lei nº3.141.
1883 • A comissão de engenheiros brasileiros, chefiada por Carlos Alberto Morsing chega a Santo Antônio com o objetivo de realizar estudos sobre o traçado de uma ferrovia.

1903 • Assinado o Tratado de Petrópolis, entre o Brasil e a Bolívia, que determina a construção da ferrovia.

1905 • Publicado o edital de concorrência para a construção da estrada de ferro.

1907 • Percival Farquhar adquire o contrato. A Madeira-Mamoré Railway consegue o arrendamento da futura ferrovia pelo prazo de 60 anos.

1908 • A May, Jeckyll & Randolph inicia a construção da ferrovia a partir de Porto Velho.

1912 • Inaugurado o último trecho em 30 de abril - assentado o último dormente da linha em Guajará-Mirim.

1915 • O Canal do Panamá, concluído, passa a funcionar plenamente.

1943 • O Governo Federal assina o Decreto Lei nº 5.812 criando o Território Federal do Guaporé, filho da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

1966 • O presidente Castelo Branco transfere a EFMM para o Ministério da Guerra. Cabe ao 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC) a administração.

1972 • Desativação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

1979 • Publicação da licitação de venda do acervo da ferrovia.
- Governador Jorge Teixeira de Oliveira atendendo ao apelo da comunidade porto-velhense consegue sustar a licitação da venda do equipamento ferroviário e designa uma comissão para realizar levantamento sobre a viabilidade de reativar 7 Km da ferrovia para fins turísticos e preservação ferroviária.

1980 • Início da reativação de 25 km da ferrovia, de Porto Velho a Teotônio.

1981 • Inaugurado o 1º trecho Porto Velho/Santo Antônio e o Museu Ferroviário.
- É lançado no dia 10 de julho, pela Diretoria Regional dos Correios de Noroeste (Rondônia), o selo comemorativo aos 50 anos da Nacionalização da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

1989 • Tombamento da EFMM em âmbito estadual, reconhecendo como patrimônio a totalidade de sua extensão e o seu acervo.

1990 • O 5º BEC inicia um processo de abandono do pátio ferroviário da EFMM.

1991 • Paralisação dos passeios turísticos nos trechos reativados. Realização do carnaval na praça da EFMM

1997 • É tema de enredo no carnaval carioca, sendo retratada pela escola de samba Grande Rio.

2006 • A EFMM é tombada como Patrimônio Cultural Brasileiro - homologação em 28/12/2006, através da portaria 108, assinada pelo Ministro da Cultura Gilberto Gil Moreira;

2011 • O Iphan autoriza o início das obras de restauração da grande Oficina da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré;

2012 • Comemorações do centenário da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

2014 • A cheia do rio Madeira inunda os galpões da EFMM;

2018 • O Pátio Ferroviário da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, seus bens móveis e imóveis são inscritos no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 08/01/2018;

2023 • Inauguração do MEFMM - Museu Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Fonte: Próprio autor (2024).

**ANEXO D. VOCABULÁRIO DOS DIALETOS INDÍGENAS AINDA FALADOS NO
DEPARTAMENTO DO RIO BENI – BOLÍVIA⁴⁸⁵**

	MOJOS de Trinidad, N. S. de Loreto, S. Ignacio, S. Javier	BAURÉS (Chapacoara) de N. S. de Concepción, N. S. del Carmen, S. Joaquin	ITONAMAS de S. Ramen, S. M. Magdalena, S. José	CANICHANAS de S. Pedro	MOBIMAS de S. Ana	CAYUABAS de Exaltación	MAROPAS de Reyes, S. Borja	GUARANIS
Homem	Hiro	Kiritian	Umo	Enacu	Itilacua	Cratasi	Uni	Aba
Mulher	Eseno	Yamake	Caneca	Ikegahui	Cutscha	Cratalorane	Yutscha	Cuña
Cabeça	Nutchuti	Upatchi	Utschu	Eucucu	Bamacua	Nahuaracama	Mapo	Acang
Bochecha	Numiro	Urutaratchi	Papapana	Eikokena	Kinto	Iribuju	Tamo	Tatipi
Olhos	Nuuki	Tucutchi	Icatschi	Eutot	Sora	Niyoco	Huiro	Teso
Orelha	Nutchoka	Taitatatschi	Mochtoto	Eucomete	Lototo	Iradike	Paaki	Apiçaqua
Mão	Nubupe	Umitchi	Malaca	Eutijle	Sojpan	Daru	Muipata	Mbo
Sol	Saathe	Huapuito	Apatsche	Nicajli	Tinno	Nharaman	Vari	Quaraci
Lua	Codhe	Panato	Tiacaca	Nimilacu	Yetso	Irare	Oche	Yaci
Água	Une	Acum	Huanuve	Nesse	Touni	Ikita	Jene	Y
Fogo	Yucu	Isse	Bari	Nitschucu	Vée	Idore	Tschii	Tata
Montanha	Mari	Pecun	Iti	Comée	Tschampandi	Iruretui	Matchiva	Ibiti
Arco	Eziporoku	Parami	Hualichkit	Niescutop	Tanilo	Iranpui	Canati	Guirapa
Flecha	Takirikire	Tschininie	Tschere	Itschuhuera	Tulpaendi	Irabibiki	Pia	Hui
Jovem	Amoperu	Isohuem	Tiétié	Ecokelege	Ovenionca	Mamihuasi	Huekehue	Cunumbuçu
Velho	Etschasi	Iataracum	Viayachdne	Emmara	Bijau	Iratakasi	Tschaita	Tuya
Eu	Nuti	Huaya	Achni	Ojale	Inda	Areai	Ea	Ndi-ni
Ele	Ema	Aricau	Oni	Enjale	Icolo	Are	Aa	Ae

⁴⁸⁵ Tradução de Adriano Feitosa do título em inglês “Vocabulary of indian dialects current in the Beni Department of Bolivia” (Vocabulário dos dialetos indígenas atuais no Departamento do Beni, na Bolívia) do quadro constante na 1ª edição londrina (1874). Na 1ª edição alemã (1874), o título do referido quadro é “Indianerftämme des Departamento del Beni” (Tribos indígenas do Departamento do Beni).

Medê	Peeracano	Miapatschi	Macuno	Sitchite	Caijleca	Piboloire	Eki ahue	Embocho
Comer	Pinike	Cahuara	Ape	Alema	Caiki	Panii	Pihue	Acaru
Dormir	Migue	Huatschiaé	Conejna	Agaja	Oroki	Pibilii	Ochahuan	Ake
Eu vou fazer	Pivoro	Mosi Tschacum	Itschavaneve	Huarehua	Jirampana	Orichuhueuhua	Akekia	Potari
Eu não vou fazer	Voi-pivoro	Maasi Tschacum	Huatschi- tschvaco	Nolmach éhuaéréhu	Cai- jirampanaaca	Yeitschuenhua	Oje amakia	Ndaypotari

Fonte: Keller-Leuzinger (2021, p. 287-288).